CAMILO CASTELO BRANCO
ONDE ESTÁ
A FELICIDADE?

ONDE ESTÁ A FELICIDADE?

CAMILO CASTELO BRANCO

Esta obra respeita as regras do

Novo Acordo Ortográfico

PRÓLOGO

A vinte e um de Março do corrente ano de mil oitocentos e cinquenta e seis, pelas onze horas e meia da noite, fez justamente quarenta e sete anos que o Sr. João Antunes da Mora, morador na Rua dos Arménios, desta sempre leal cidade do Porto, estava na sua casa. Até aqui não há nada extraordinário. O Sr. João Antunes podia estar onde quisesse.

A história assim começa fria e desgraciosamente. É uma espécie de Anjo do Nascimento. A descrição de uma tempestade, saraiva a estalar nas vidraças, o vento norte a assobiar nos forros, o arvoredo secular a ramalhar rangendo, e duas dúzias mais de caretas que a natureza faz à humanidade espavorida, e que os romancistas, desde Longo até nós, descrevem com invariável frase em todas as ocasiões que lhes não ocorre outra coisa... A mim também me não ocorre agora o que vinha dizendo... Penso que a minha ideia era apresentar o Sr. João Antunes da Mora.

Devia ser outra melhor. Tive-a e esqueci-a. Qualquer que ela seja, a todo o tempo que tornar, nunca virá tarde: o leitor será, então, indemnizado da pobreza, do trivial, do estilo esfalfado com que venho a depravar-lhe o paladar, afeito às apimentadas iguarias do romance, cuja cabeça vem sempre, ou deve sempre vir, sacudindo rajadas e fuzilando relâmpagos.

Seria gastar muita cera com o Sr. João Antunes esse luxo descritivo. Lamartine faz de um pedreiro um filósofo: a omnipotência do génio é o Santo António destes tempos de incredulidade: faecit mirabilia...

Quem é, pois, o morador na Rua dos Arménios? Lá vamos. O Sr. João Antunes da Mora, por alcunha o Kágado natural da Lixa, viera rapazito de doze anos para o Porto, conduzido pelo seu tio materno, o tio António Cabeda, com destino de embarcar para o Brasil. Achando-se no cais da Ribeira, com o dito seu tio, admirando o tamanho de um late, que o bom António Cabeda denominava uma nau de guerra marítima, corri grande espanto do rapaz, chegou-se a eles um homem gordo, de jaqueta de ganga amarela, e chinelos de ourelo, perguntando ao tio António se o rapaz

embarcava. À resposta afirmativa, disse o homem gordo, mandando cobrir os admiradores da nau de guerra marítima, que era dono de duas lojas de mercearia na Fonte Taurina, e muito desejava meter numa delas um rapaz que tivesse boa pinta para o negócio.

— A respeito de pinta ela aqui está como se quer — disse o tio, levantando com orgulho a cara do sobrinho, como o troquilhas que mostra os dentes de um cavalo.

— Não tem mau olho, não — disse o merceeiro. — E quer vossemecê deixá-lo comigo? O Brasil é em toda a parte. Tenha ele cabeça, e boa aquela para o negócio, que o mais em toda a parte se arranja dinheiro.

Tu queres ir ou ficar, rapaz? — perguntou o tio, atirando com a perna direita sobre o pau de lodo.

— Eu... — resmungou o rapaz, fazendo em torcidinhas a borda do barrete.

— Vá... é decidir! Isto é maré de encambar enguias. Assim, como assim, este senhor diz bem: o Brasil é em toda a parte. Queres, ou não queres?

— O que vossemecê quiser; eu antes quero ficar mais perto da minha gente. Acho que o Brasil é lá por aí abaixo muito longe.

— Está dito! — exclamou o lavrador, assentando uma palmada na espádua roliça do bacalhoeiro — o rapaz fica com vossemecê. Trate-mo bem, que ele, a respeito de ler e escrever, é como se quer: e de forças? Isso então, com licença de vossemecê, levanta-lhe aí do chão duas arrobas nos dentes... Anda lá, rapaz.

João Antunes entrou em casa do patrão, jantou com o tio e disse-lhe adeus.

Poucos anos decorridos, o sobrinho do tio António Cabeda era o primeiro caixeiro, mais tarde o genro do seu patrão, e depois o seu herdeiro. Com a avultada riqueza, herdou também o apelido de Kágado, que o fôra, desde muito, da antiquíssima ascendência de bacalhoeiros na Fonte Taurina, como consta de apontamentos curiosíssimos, que, a serem verdadeiros, recuam esta genealogia até D. Moninho Viegas, primeiro conde do Porto, de cujo serviço saíra a estabelecer-se o primeiro Kágado na Fonte Taurina. Legítimo era, pois, o orgulho que tinham do seu apelido o

Sr. João Antunes da Mora, posto que a varonia dos Kágados expirasse no seu sogro.

O Sr. João enviuvara sem descendência. A linha colateral, representada por outros bacalhoeiros de Miragaia, propusera ao viúvo o trespasse das suas mercearias, com avultoso interesse, com o fim de não saírem da família. O Sr. João Antunes anuiu, trespassou o negócio, e retirou-se com o seu grande capital à sua casa da Rua dos Arménios.

O Sr. João, segundo o cálculo dos seus vizinhos, valia o melhor de cem contos, moeda corrente, sólida, e tangível.

O capitalista precisava consumir em alguma coisa a sua imensa atividade. Por não achar expediente mais lucrativo, dava dinheiro a juros sobre hipotecas; mas, nas escrituras, o juro da lei era uma inocente mentira. O Sr. João emprestava de quarenta por cento para cima, e não cansavam fidalgos que lhe fertilizassem o dinheiro, capitalizando no título a usura enorme com que se divertiam e arruinavam. (Vejam-se os filhos desses, e contemporâneos nossos.)

O nosso homem não desmentira a pinta que lhe enxergara no olho do seu defunto tio, António Cabeda. Usurário, avarento, devoto da Senhora das Dores dos Congregados, particular amigo do bispo-governador, relacionado com famílias nobres, e especialmente com o chanceler, valendo mais de cinquenta contos desde que se retirara do negócio, o Sr. João Antunes, posto que adventício e intruso na veneranda progénie dos Kágados, era inquestionavelmente o mais maroto de todos, sem lisonja.

Nunca, porém, tão salientes sobressaem os relevos do carácter de João Antunes, como na noite de vinte e um de Março de mil oitocentos e nove. E aí está bem cabida a justificação do desazado começo deste romance, nata dos romances verídicos, milagre de literatura mercantil, como infelizmente é esta em que a desenvoltura da imaginação faz que o leitor esperto não creia as sinceras crónicas de que sou editor, eu, o menos escandaloso dos inventores.

Os contemporâneos de João Antunes e nossos, à simples intuição da época que vem datada, conhecem que a invasão francesa sucedeu, poucos dias depois daquele em que, na Rua dos Arménios, o bacalhoeiro, às onze horas e meia da

noite, aflito, impaciente, frenético, de instante a instante, coava pela fresta de urna janela de pau a sua vertiginosa cabeça.

Ao anoitecer, João Antunes recolhera-se aterrado. As notícias convergiam assustadoras de todos os pontos. Os franceses entravam em Chaves, e desciam, — torrente devastadora, não respeitando haveres, velhice, pudor, religião — linguagem da gazeta da época. Para maior consternação das almas tementes a Deus, entre as quais avultava a do Sr. João Antunes, uma participação do quartel-general de Braga em retirada dizia que o general Bernardim Freire, suspeito jacobino, fôra assassinado pelo povo, e que os fiéis vassalos, comandados pelo barão de Eben, tal derrota sofreram no Carvalho de Este, que lhe era escasso o tempo para fugirem na direção do Porto. Acrescentavam os informadores: que os bárbaros assolavam, incendiavam, desonestavam as virgens, matavam as velhas desonestadas, comiam, como antropófagos, as crianças, e, para além do mais, saqueavam. Este, sobre todos, horrível verbo do discurso arrepiador, pôs o Sr. João Antunes em miserável estado.

E, para cúmulo de infortúnio, dias antes emprestara o aterrado capitalista cem moedas, a juro de oitenta e cinco, ao fidalgo da Bandeirinha, João da Cunha Araújo Portocarreiro, tenente-coronel de Infantaria nº 6. A pressa com que o devedor partira para a trincheira do seu comando, e a desordem em que se achavam os negócios forenses foram causa de se não lavrar a escritura, imprudência nunca sucedida nas transações do usurário!

O pior era que alguns populares da Legião rosnavam que João da Cunha era jacobino, e agrupavam partido para facciosamente o prenderem, como rebelde a el-rei, nosso senhor.

E Antunes sem título das cem moedas! "Se matam o jacobino, com que documento hei de apresentar-te à viúva?" Esta fúnebre interrogação custava ao ilustre enxerto dos Kágados um estorcegão de dedos, e uma cãibra forte na perna direita, afetada por ameaços de paralisia local.

A avareza não foi capaz de estimular a natural cobardia do usurário. Antunes da Mora, nos acessos frequentes de vertigem pela desesperada sorte das suas cem moedas,

quase esteve a enfiar pelas mangas o capote de camelão, e atravessar a cidade, sem cinco réis na algibeira (o cauto João Antunes não acreditava na honradez dos fiéis vassalos, e tinha razão) até à bateria do Bonfim, para onde fôra destacado Portocarreiro, o devedor que a mente alucinada lhe afigurava insolúvel. A natureza, porém, recalcitrava: as pernas falhavam à coragem do sórdido credor, e um suor frio, acompanhado de súbita revolução de intestinos, redobrava as angústias do infeliz Gobsek, muito conhecido dos leitores de Balzac.

Porque se não deitava ele na sua cama de bancos de pinho, procurando no sonho, ao menos, realizar um título autêntico das fatais cem moedas?

Não se deitava, primeiro porque não tinha sono; segundo, porque, a serem exatas as notícias de Braga, a marcharem os franceses sobre o Porto, era necessário acautelar os farrapos da cama, únicos sujeitos ao saque; terceiro e último motivo, é porque o Sr. João Antunes esperava alguém pelas traseiras marradas, que dava no ar livre, jogando com a cabeça fôra da fresta com a rapidez de uma catapulta.

Não passou vivalma na Rua dos Arménios até à meia-noite.

O bacalhoeiro fitava o ouvido na direção de Miragaia, quando ouviu o rumor de passos. Apoiou o queixo na fresta, ampliou com a mão a concha da orelha, e esperou até convencer-se que era finalmente chegado o seu vizinho barqueiro António Correia, por alcunha o Moiro.

— Senhor João! — bradou da rua o barqueiro.

— Cá estou à tua espera, rapaz. Então que me dizes?

— Que hei de eu dizer-lhe, Senhor João? Que o levaram trinta milhões de diabos...

— A quem?

— Ao fidalgo da Bandeirinha.

— Santo nome de Deus! Lá se me vai o meu dinheiro! Vocês mataram-no de todo? O homem já não fala?

— Nem um triste pio! O caso foi assim: prendemo-lo para o trazermos ao bispo; mas, às duas por três, o bispo era capaz de o pôr no olho da rua, porque os grandes acodem uns pelos outros. Quando chegámos ao Padrão das Almas, o senhor Raimundo José Pinheiro fez uma prédica

ao povo em que dizia que o melhor era dar cabo de todos os jacobinos. Palavras não eram ditas, o Francisco Reteniz mete uma bala na cabeça ao fidalgo, e eu, como quem não quer a coisa, fui-lhe arrumando com a chanfaina pela cernelha. O jacobino pediu que o deixassem confessar, mas foi como se nada. Fervia a tapona de criar bicho, que era um louvar a Deus! Aquele lá fica estatelado no Padrão das Almas... Amanhã há de ter companheiros... A coisa não fica aqui. O Luís de Oliveira espicha. O chanceler há de levá-lo também o Diabo. Todos os presos da Inconfidência hão de ser feitos em postas na Relação...

João Antunes já não ouvia o sanguinário vizinho. A palavra "chanceler" foi como um jorro de chumbo candente que lhe caiu sobre os ventrículos do coração, tapando-lhos. Antunes não respirava: as contrações do diafragma tiravam-lhe pelos intestinos rugidores. É que todos os choques morais desta organização excêntrica feriam-lhe imediatamente com o estômago e órgãos subjacentes. Enfermidade por certo original e única! Desventura suprema para um capitalista aterrado na fatal época da invasão dos franceses! Golpes repetidos de cólera esporádica que o

miserando sofria no baixo-ventre, a cada ameaça de saque, a cada assalto imaginário aos seus cento e cinquenta contos de réis!

Mas o programa do barqueiro, a respeito do chanceler, porque é que perturba assim João Antunes?

Vamos vê-lo. Agora, sim: os pálidos terrores recuam diante do usurário. Ei-lo envergando o capote de quartos, cerzindo às orelhas a carapuça de torçal, enfiando as canelas trémulas nas fartas meias de lã. Desce precipitadamente o caracol perigoso da escada, cose à fechadura a orelha perspicaz, abre e fecha mansamente a porta desconjuntada. E, depois, perna aqui, perna acolá, o Sr. João Antunes parou na Rua de Cedofeita, à porta do chanceler-governador das justiças, Manuel Francisco da Silva e Velga Magro de Moura. (O estirado do nome é pouco de novela; mas tolere-se à lealdade do conto a impertinência dos apelidos, que constituem em Portugal a propriedade única de muitos filhos dalgo.) A porta foi-lhe aberta ao terceiro toque. O tilintar acelerado da campainha significava a perturbação do importuno, que, a urna hora da noite, quebrava o sonho tranquilo do magistrado.

A voz gosmenta do antigo bacalhoeiro era bem conhecida aos criados do chanceler. Foi-lhe franqueada a porta, e conduziram-no, sem prévia licença, ao quarto do amo.

João Antunes da Mora apresentou entre os cortinados do leito do governador uma cara pavorosa. Os pequeninos olhos, de uma cor equívoca, encovara-os a opilação da pálpebra superior, efeito do susto horrível que lhe incutira o assassino do fidalgo da Bandeirinha. Ao correr das faces, esponjosas e vermelhas, em tempos de próspera segurança, o cáustico do terror sorvera-lhe os sucos oleosos, deixando-lhe, na aridez da pele, traços de uma agonia só comparável à do avarento que vê rolar num abismo todo o seu capital!

— Que tem, senhor Meta?! — disse alvoroçado o chanceler.

— Graças a Deus que ainda está vivo! — exclamou, impando, João Antunes.

— Que ainda estou vivo?! Essa é boa! Pois esperava encontrar-me morto? Longe vá o agoiro! Sente-se aí... Que é isso?

— Sabe vossa excelência o que deve fazer já, já, sem mais preâmbulos? Fuja, senão matam-no... Fuja!...

— Matam-me! — atalhou impressionado o governador, sentando-se no leito.

— É o que lhe digo... matam-no, senhor chanceler...

— Porquê?!

— Isso é que eu não sei. Vossa excelência está condenado a ser morto amanhã corri Luís de Oliveira, e com os presos da Inconfidência.

— Mas que mal fiz eu? Quem é que me mata?

— Os mesmos que mataram hoje o tenente-coronel João da Cunha, que lá se me foi com cem moedas, sem título, nem testemunhas. Eu que lho digo... é porque o sei de um dos próprios matadores do fidalgo da Bandeirinha.

— Será por eu ter querido salvar ontem o desgraçado João da Cunha?

— Não sei porque é. A grande questão é vossa excelência fugir quanto antes...

— Isso é impossível! O meu posto de honra é este: não o largo.

— Qual posto nem meio posto de honra! Aqui não há honra nem vergonha. Cada qual salve o seu dinheiro e a sua vida das unhas da canalha, que a vossa excelência já devia ter metido na enxovia, carregada de ferros. Enfim, não há tempo a perder. Vossa excelência fará o que quiser... Eu venho buscar o meu caixãozinho.

— O seu caixão está acolá no gavetão daquela papeleira, tal qual vossemecê o lá deixou; mas diga-me: essa terrível notícia que me dá tem algum fundo de verdade?

— Já disse a vossa excelência o que sei. Se quer o conselho de um amigo, fuja; se não tem medo, não dou nada pela vida da vossa excelência.

— Isso é um terror pânico! Vossemecê ouviu isso a algum farrapilha de cáfila de ladrões, que assassinaram João da Cunha, e não se lembra que essa quadrilha amanhã há de ser amarrada com uma grilheta, e conduzida à ordem do bispo para o Castelo da Foz...

— Sabe que mais, meu senhor? Eu não queria estar entre a pele e a camisa do bispo. Mais dia, menos dia, descobrem que ele é jacobino, e matam-no. Se eu tivesse tempo, ainda ia hoje avisá-lo.

— Para que fugisse? — disse o chanceler, sorrindo.

— Está bem visto.

— Já vejo que vossemecê tem partida a mola real da cabeça. Ora, Senhor João Antunes, agora conheço a razão etimológica do apelido do Kágado. Enquanto a mim, vossemecê sonhou que me matavam, e por essa ocasião lhe roubavam o seu pecúlio. Acordou atarantado, e correu a buscar o seu dinheiro, inventando urna descosida peta para justificar o improviso da resolução. Não tinha precisão de tanto. Assim como me fez depositário do seu cofre, podia levantar quando bem lhe aprouvesse o depósito. Era escusado vir meter medo à criança de cabelos brancos. Eu chamo um meu criado para lhe conduzir o cofre.

Nada... não é preciso, senhor chanceler. Eu cá me arranjo. Oxalá que a vossa excelência não tenha de arrepender-se do desprezo com que recebeu o meu aviso.

— Não hei de ter, se Deus quiser.

— Pois Deus o queira.

— Vá, vá-se deitar descansado; ponha o caixão debaixo do travesseiro, ou, para mais segurança, adormeça de bruços sobre ele, e acorde com ideias mais alegres. Amanhã, se estiver de pachorra, apareça por aqui, contar-me-á com mais sossego o seu sonho sanguinário.

O chanceler ria-se, enquanto João Antunes gemia para erguer do gavetão da papeleira um caixão volumoso de dois palmos de altura, com outros tantos de largueza. De sobre o joelho, gemeu de novo sobraçando-o com admirável energia, e retirou-se seriamente cómico, enquanto o governador vibrava a mais sonora e conscienciosa das gargalhadas.

João Antunes atravessou incólume da Rua de Cedofeita à dos Arménios, sentando-se para resfolegar algumas vezes. Na sua rua, àquela hora, reinava um silêncio tumular, quando o barqueiro, seu incómodo vizinho, não estendia os delírios da costumada bebedeira até de madrugada.

O capitalista fechou-se por dentro; acendeu a bugia; reconheceu a identidade do caixão, analisando um a um os cartuchos das peças, e os valores em brilhantes, na maior parte penhores de empréstimos feitos às principais fidalgas do Porto. O caixão era de uma forma apropriada. Tinha uma tampa, que se abria com uma chave de segredo, para deixar ver seis pequenas gavetas, também fechadas cada uma com diferente chave: precaução estúpida, de pouca importância para o ladrão que tivesse um braço para transportar o caixão e um prego para abri-lo, muito do seu vagar. Cinco destas gavetas continham moedas em oiro e em papel. A alegria cintilava nos olhos do usurário; mas o sombrio susto contrastava em calafrios, que o não deixavam digerir plenamente o quilo da sua felicidade.

Desceu ao andar térreo da pequena casa. Era um quadrado sem pavimento, frio como um subterrâneo, sem sinal de vida, apenas trilhado pelo lavrador de S. Cosme, que de ano a ano vinha levantar os espólios acumulados e regateados. Era esse um ramo de comércio que o hábil economista taxara num cômputo infalível: o produto devolviam-lho em nabos.

No mais escuro do recinto álgido e escuro, o Sr. Antunes cavou um fosso de quatro palmos, escutando o menor ruído, e desconfiando até dos ecos surdos da enxada. Depois, mergulhou um como derradeiro olhar de profundo amor sobre o caixão, e depô-lo carinhosamente na cova, como Joung faria à sua filha querida. Calcou e recalcou a terra, cobrindo-a de lixo, de arestas de pedra, e cavacos de madeira apodrecida.

Eram três horas da manhã. O Sr. João Antunes comeu duas sardinhas de escabeche, afogou-as em meia garrafa de vinho, e deitou-se. Quando, porém, o sono parecia afagar-lhe as pálpebras roliças, acometeu-o uma ideia fúnebre — a perda das cem moedas emprestadas ao fidalgo da Bandeirinha —, e não houve mais reconciliar o sono. Rompia a manhã; rufavam os tambores das baterias do sul, erguia-se um motim sinistro de todos os lados, mistura confusa de vozes, de clarins, de estridor de carretas, de toque de sinos remotos a rebate. João Antunes lançou-se fôra da enxerga, saudou o primeiro raio de sol, que lhe resvalou nas faces lívidas, desceu ao sepulcro provisório do seu dinheiro, aplaudiu-se da perfeição com que o fizera, e

saiu, mais seguro que nunca, do seu depósito confiado às entranhas da terra.

O usurário ia tentar um desesperado esforço, aconselhado pela insónia, para salvar as suas cem moedas emprestadas ao defunto brigadeiro João da Cunha.

A casa da Bandeirinha ficava-lhe à mão. Nessa casa devia existir a viúva do desgraçado jacobino. João Antunes, indeciso, estacou minutos diante do heráldico portão dos Portocarreiros. Venceu, porém, a sordidez, e o desalmado puxou com decisão de credor a campainha. Veio falar-lhe um criado lacrimoso. O bacalhoeiro, modelando a voz em piedoso diapasão, disse que muito precisava falar à Sra. D. Maria Rira, sobre negócios de muito transcendência.

A infeliz viúva, abandonada de todos, rodeada de pequeninos filhos, mais corajosa do que é permitido a uma mulher que perdera, horas antes, um marido extremoso, precisava de alguém que a aconselhasse, que se condoesse do seu infortúnio, que lhe desse para seus filhos um esconderijo. O nome de João Antunes, noutra ocasião, ser-lhe-ia importuno; tal hóspede, sempre vil em negócios de dinheiro, precavê-la-ia contra o ardil de alguma nova

traficância. Neste momento de aflição extrema, a desolada viúva precisava de alguém, amigo ou inimigo, porque as suas lágrimas eram de condoer as feras, e as feras deviam apiedar-se da sua viuvez.

Foi, pois, recebido João Antunes numa alcova, onde D. Maria Rira, rodeada de criadas, com duas meninas nos braços, de quarto em quarto de hora, sucumbia desmaiada, e voltava à terrível consciência da vida para invocar o seu marido, a essas horas acutilado, com a face na terra ensanguentada, esperando que uma corda o arrastasse nas ruas do Porto.

— Que desgraça, senhor Mora! — exclamou a viúva correndo impetuosamente ao encontro do impassível bacalhoeiro — Que desgraça! O meu marido morto... as minhas filhinhas sem pai... o meu querido marido!...

— Conforme-se com a vontade de Deus, excelentíssima senhora.

— Não posso conformar-me com a vontade de Deus...

— Não blasfeme, Senhora Dona Maria!... A nossa Senhora das Dores dos Congregados lhe perdoe.

— Pois hei de crer que Deus permitisse a morte vil que o meu marido teve? Por quem é, Senhor, não diga que é Deus a providência deste acontecimento!... O que eu sofro! O que tenho de sofrer!

— Com vossa excelência não é nada.

— Comigo?! Comigo é tudo. Eu sou a mulher desse honrado militar que os infames mataram. Quero pedir aos homens justiça contra os assassinos! Vingança, Deus de justiça, vingança, que mataram o pai destas meninas, o marido desta viúva, que de joelhos vos pede vingança, justiça e misericórdia!

D. Maria terminou a invocação por um trémulo de todas as fibras. O escarlate sanguíneo do rosto demudou-se em repentina lividez. As lágrimas borbulharam-lhe das pálpebras cerradas, e os pasmos nervosos, contorcendo-lhe os dedos, em forma de garras, davam àquele misto de horror e lástima uma forma especial de morrer, uma trabalhosa agonia com intervalos de delírio.

João Antunes, como ninguém o mandava sentar, sentou-se o mais espontânea e acomodadamente que pôde,

murmurando em tom compassivo:

— Valha-nos a Senhora das Dores dos Congregados! Tudo são trabalhos neste mundo. Todos temos que sofrer...

— E voltando-se para as criadas, que amparavam a viúva desfalecida, perguntou no mesmo tom: — Esses fanicos costumam durar muito à senhora?

— Isto não são fanicos... — respondeu de mau humor a velha Genoveva, criada antiga da casa, e inimiga do usurário, cujas manhas ela conhecia tão bem como sua ama.

— Se vossemecê — continuou ela enraivecida — chama a isto fanicos, é capaz de dizer que a senhora está fingindo estes desmaios.

— O santinha, eu sempre ouvi chamar fanicos, ou faniquitos, a essas coisas. Eu também fui casado, e a minha mulher (Deus lhe fale na alma) também tinha esses fanicos.

— Destes? Antes ela os tivesse... Parece que Deus escolhe os bons e os que fazem mais falta para pagarem pela maldade dos que não fazem falta nenhuma...

— Que quer você dizer com isso? — interpelou formalizado o ex-bacalhoeiro, que não era literalmente estúpido.

— Já disse... Sabe que mais, senhor João? Vossemecê não vem cá a coisa boa; o melhor é que não venha afligir ainda mais minha ama. Vossemecê que lhe quer?

— O que eu lhe quero ainda me não esqueceu: você é muito confiada, — não é assim que os donos desta casa costumam pagar os favores que devem. Ah! já vejo que vossemecê vem em boa ocasião para que lhe paguem favores. Vem muito a propósito... Sabeis vós que mais? — disse ela com arremesso, voltando-se para as criadas — levem daí essa meninas, que estão a chorar, enquanto eu levo a senhora para a cama... Senhor João, venha noutra maré.

— Todas as marés são boas... Quando o senhor João da Cunha (Deus lhe fale na alma) me pediu cem moedas antes de ontem, eu não lhe disse que não era boa a maré.

— Eu volto já — disse a criada conduzindo ao colo a ama sem sinal de vida. E, voltando, assumiu ares de senhora, e

atordoou um pouco o imperturbável estoicismo do usurário.

— Então que quer vossemecê: dinheiro?

— Sendo possível, quero o meu dinheiro; não sendo possível, quero um título, ou um penhor, porque sou pobre, não tenho num ano o rendimento que a Senhora Dona Maria Rira tem num mês e passo muitas necessidades, e trabalho muito na minha agência para viver sem vergonhas do mundo e ser útil aos meus amigos, quando eles não querem o meu prejuízo. Ora aí está. O auxílio da Nossa Senhora das Dores dos Congregados me falte se o que eu digo não é pura verdade. Emprestei ao fidalgo cem moedas, e preciso saber se a fidalga está pronta a tomar sobre si o pagamento; aliás, eu provarei com todo o Porto que não sou capaz de pedir aquilo que se me não deva.

— Mas vossemecê não vê que é uma dor de coração pedir dinheiro a uma infeliz viúva no dia em que lhe mataram o seu marido?

— Enfim, morrer deste, ou daquele modo, tudo é morrer. Você diz que a viúva é infeliz; não estou por isso; infeliz sou eu, se perder o meu dinheiro; enquanto ela, se rica era, rica

fica; o marido não levou as quintas consigo para o outro mundo. Eu não digo que quero já o dinheiro; mas como há viver e morrer, e eu estou resolvido a fugir amanhã aos franceses, não sei para onde, preciso de levar um documento que a todo o tempo seja resgatado pela senhora.

— Quem lhe há de falar a ela em tal coisa?

— Falo-lhe eu, que, louvado Deus, não tenho papas na língua. Vá você lá ao quarto da senhora, e diga-lhe, se ela estiver em jeito de me ouvir, que eu preciso falar-lhe para descanso de ambos nós.

— Eu não vou lá com essa embaixada.

— Pois então esperarei que a Senhora Dona Maria me fale. Eu daqui não vou sem título ou dinheiro.

— Se houvesse aqui um homem nesta casa, vossemecê iria...

— Com que então ameaça-me!... Valha-me Nossa Senhora das Dores dos Congregados... Por bem fazer, mal haver... É o que acontece a quem dá o seu dinheiro... Pois sempre lhe digo, senhora velha criada, sem vergonha nem

temor de Deus, que tanto se me dá que haja cá homens como mulheres. Não tenho medo nenhum. É o que eu lhe digo! E não me faça ferver o sangue, que se não temos despautério, e a coisa dá de si! Olhe que eu sou capaz de lhe meter um meirinho pelas portas dentro!

Genoveva acreditava na perversidade do usurário, e receou muito mais do que as infames ameaças dele prometiam. A ousadia com que até aí lhe falava, sufocou-a o medo, por alguns minutos; mas, um rápido pensamento alentou-a de toda a sua coragem. Retirou-se da sala, onde João Antunes ficou sozinho, calculando as consequências da sua resolução, e dando-se os parabéns de ser tão patife, Genoveva voltou, e arremessou-lhe à cara um rolo de papel.

— Aí tem, seu malvado; aí tem duas ações da Companhia; são o meu salário de cinquenta anos de serviço nesta casa. Quando a fidalga lhe pagar as cem moedas, você há de restituir-me as minhas ações; e, se mas negar (que é muito capaz disso), tantos demónios o acompanhem para as profundas do Inferno quantos foram os minutos que eu trabalhei para ganhar esse dinheiro!...

— Não sou capaz de ficar com o alheio. Você não me conhece.

João Antunes retirava-se doido de contentamento. O arremesso, que lhe impeliu à cara de greda o rolo de papel, recebeu-o como se recebe a maviosa insolência de amante ciumenta, que nos dá um beijo onde nos deu o beliscão. Radioso de glória, com passo firme e pescoço ao alto, como quem volta de triunfar em perigosa empresa, o intruso na sórdida fieira, dos Kágados, por estar perto da Cordoaria, donde vinha o rugido de um grande reboliço, caminhou para lá, cosendo-se bem com as algibeiras, para não ser explorado por algum dos fiéis vassalos, que vomitavam os pulmões, bradando: “Viva a santa religião, e morram os jacobinos!”

Com efeito, a populaça, em cardumes, aglomerava-se em redor da Relação, vozeando infernalmente. Acabava de chegar à Porta do Olival um redemoinho de homens, fardados uns, outros esfarrapados, garotos, mulheres esquálidas com o peito nu, e as pernas salpicadas de lama. Uma salva de chuças, baionetas, espadas e espingardas, cruzando-se, tocando-se e baralhando-se no ar, ajuntavam

ao alarido das vozes o tinido aspérrimo dos ferros: e ao quadro da canalha infrene, ébria, terrível e omnipotente, os laivos sanguíneos da carnagem.

Era, pois, a canalha que fruía a sua hora de triunfo, de século a século. Era o tribuno de um dia aclamado nos comícios da taverna. Podem estranhar o agro desta linguagem. Acharão talvez insolência nos epítetos com que denegrimos as revoltas populares, que os de má-fé política tratam sempre de justificar com alguma causa sublime, e até corri a inviolável providência do progresso. Notem, porém, que o povo sanguinário, a que aludem essas e outras linhas de igual desprezo, não abraçava, repelia a ideia da reforma; não apregoava a liberdade, assassinava os apóstolos dela; não vinha ao teatro da rebelião trocar a existência por um sorvo do ar livre que soprava do lado da França, embora impregnado do aroma do sangue; vinha estrangular, na garganta dos raros precursores da liberdade em Portugal, a palavra tímida da redenção.

João Antunes reconhecera de longe o seu vizinho barqueiro, e o carniceiro António de Sousa, amigo do seu vizinho. Com tais proteções, afoitou-se a ver de perto o que era que

ocupava o centro daquela multidão. Mais perto viu o cadáver de João da Cunha, amarrado pelo pescoço, fraturado em todas as saliências do rosto, despedaçado, enfim, porque viera arrastado desde o Padrão das Almas.

João Antunes sentiu os seus crónicos incómodos de intestinos. Levou maquinalmente a mão ao abdómen revoltoso, como nós a levaríamos à cabeça esvaída. Quis retirar-se; mas não o ajudavam as pernas vacilantes. E já não podia recuar. Foi de envolta nas turbas, que se aglomeraram em redor dele. Achou-se à porta da Relação, e presenciou, à força, uma cena em que devia representar um papel digno doutro homem. Vai ver-se como um infame pode passar por boa pessoa. Ver-se-á também como a avareza alarga a esfera das suas funções até onde se não encontra um resto de sentimento nobre... e, contudo, é mais admirável ainda a facilidade com que as grandes infâmias se escondem.

Os chefes da anarquia eram Constantino Gomes de Carvalho, soldado pé-de-castelo da fortaleza da Foz; Francisco José Reteniz, soldado da legião; António Correia, por alcunha o Moiro (vizinho de João Antunes), e o

carniceiro António de Sousa. Eram estes os ferventes apóstolos da revolta contra os jacobinos; foram estes os fautores do memorável dia vinte e dois de Março de mil oitocentos e nove: dia de vergonha e de opróbrio para esta cidade, que deixou acutilar, no seu seio, por mãos, infames, alguns dos seus mais honrados filhos, primeiros mártires de uma ideia tão pouco aproveitada... e que tão cara pagaram a fama, que a história não conhece, quarenta anos depois do sacrilégio.

Estava o usurário suando copiosamente entre as compressas da populaça, quando de diferentes centros da multidão saíram estes brados: "Queremos os presos da Inconfidência! Morra o Luís de Oliveira! Morra o Vicente José da Silva!"

Ao prospeto facinoroso seguiu-se a execução. O carcereiro, quase de rastos, abriu as portas. O primeiro preso arrastado é o brigadeiro Luís de Oliveira. Os repelões que sofrera até à porta da cadeia foram tão originais, ou tão em harmonia corri o instinto dos "fiéis vassalos do trono e do altar", que o pobre homem vinha quase nu, enquanto o seu

casaco, calças e colete eram trocados pelos andrajos dos bravos propugnadores da independência nacional.

Abraçado a uma imagem da Virgem Mãe de Deus, Luís de Oliveira pedia de joelhos que o deixassem confessar. Uns dos amotinados diziam que sim, outros que não, até que o patriota Constantino Gomes de Carvalho, por encurtar razões, e obviar uma desinteligência facciosa, houve por bem enterrar-lhe o gume de uma espada no pescoço. Momentos depois, o brigadeiro não tinha uma feição: era uma úlcera, onde b verme esquálido da plebe cevava a ferocidade.

Após este foram assassinados dez ou doze da Inconfidência. Formou-se uma longa arreata de cadáveres: a canalha ovante rugia um alarido de imprecações, um como hino de infernal triunfo. Deram por todas as ruas da cidade o açougue em espetáculo. Passaram a Vila Nova, arremessando-os do Cais da Bica ao Douro.

João Antunes não acompanhara o préstito dos canibais. A sua situação não saberei eu dizer se era menos atribulada que a do preso arrancado pelo carrasco da enxovia, e, morto, apenas respirava o ar livre. E a razão era esta: o

usurário, aturdido com as rápidas evoluções da carnagem, esqueceu-se de que levava no bolso dos fartos calções de belbutina um rolo de papéis. Ilaqueado na rede que as pinhas de povo lhe faziam, toda a sua atividade era pouca para evadir-se a uma formal esmagadela. Lutara em vão um quarto de hora. Sentira-se três vezes escorchar na parte mais sensível dos intestinos melindrosos. Por último, consegue escoar-se por uma clareira, onde devia ser solenemente acutilado Vicente José da Silva. É então que se lembra de apalpar a algibeira...

O mais certo é que os “honrados moradores da cidade” tiraram plenissimamente a utilidade das moradias, porque não saíram de casa. Dez mil assassinos arregimentados viriam da Maia ou de Valongo? Devemos crer com a tradição e testemunho, ainda vivo, dos contemporâneos da invasão francesa que eram muito do Porto os anarquistas da invasão, E, se o não eram, o número “dos honrados moradores do Porto” como reza a sentença, era diminutíssimo...

Não encontra o rolo! Ressuma-lhe um suor frio dentre os óleos espremidos na pressão. Sente náuseas, consequência

do revolvimento subitâneo das vísceras. Leva automaticamente à cabeça esférica as mãos convulsas. Arranca do íntimo um rugido como o do macaco entalado na cauda. Descora, cambaleia, cai, não direi como o abeto das montanhas, mas como o grego Lúcio metamorfoseado em jumento, sob o peso do seu infortúnio!

João Antunes foi transportado em braços à casa de um sapateiro na Porta do Olival, ministraram-lhe aspersões de água choca de uma celha em que a sola amolecia; imprimiram-lhe valentes solavancos, capazes de ressuscitarem um morto; capitularam-no de bêbado, como hoje se capitula um bêbado de colérico, e mandaram-no ao Diabo, quando a nada se movia o bruto miserando.

Por fim, João Antunes revive, e encara em redor de si uma boa dúzia de mariolas, destacados do grosso do exército, que, a essas horas, arrastava os cadáveres, a hecatombe oferecida à pátria, à religião, e ao amantíssimo príncipe, que comia bananas no Brasil.

Mal desperto ainda, o avarento revirou os olhos pávidos em torno, e teve a imprudência de chamar ladrões dos seus papéis aos beneméritos patriotas que o rodeavam. Palavras

não eram ditas, o infeliz acordou de todo, tangido por quatro homéricos pontapés, que lhe comunicaram uma atividade nova. Casualmente, passava o meirinho geral com ordens para o carcereiro, e o padre Domingos de Queirós, sargento de artilharia. Conheceram João Antunes, e empregaram esforços de tocante eloquência para o arrancarem às unhas do povo. O triste contava ao padre-sargento e ao meirinho a ímpia espoliação que sofrera, ele, tão amante da religião!, tão fiel vassalo do seu rei!, tão devoto da nossa Senhora das Dores dos Congregados, como era público e notório!

Lágrimas e súplicas inúteis. Aconselharam-no que se acomodasse, para não perder o precioso capital da vida. Não tinha, porém, pernas que o levassem dali, onde o infando crime fôra perpetrado. Esperava ver o seu vizinho barqueiro; talvez ele, por tralhas ou malhas lhe restituísse as suas ações da Companhia, o penhor das suas choradas cem moedas. E esperou.

Às duas horas da tarde voltava a plebe, pedindo cabeças.

João Antunes viu de longe o seu vizinho; correu a encontrá-lo; mas o outro não lhe deu grande importância, posto que

muitas vezes, a título de vigilante guarda da sua casa, lhe arrancasse para vinho alguns cobres, espremidos primeiro entre os dedos avaros do merceeiro.

— Lá vai! — exclamou o barqueiro. — Eu não lho disse?

— Quem, António? — disse João Antunes.

— O chanceler, o jacobino, o herege! Morra o chanceler, que nos queria mandar arrancar na Relação por matarmos o jacobino da Bandeirinha!

— Morra! Morra o chanceler! — respondiam compactas centenares de vozes roucas, cansadas, exalando a hálito pútrido de aguardente.

Vinha, pois, o enfermo chanceler numa cadeirinha para ser supliciado no cadafalso raso, encharcado ainda de sangue das outras reses. O magistrado, que motejara o aviso do Kágado, vinha quase morto naturalmente. Perto da cadeirinha, avultava frei Manuel da Rainha dos Anjos, com o seu hábito, e com a sua veneranda fisionomia, e corri a sua tocante eloquência falando às turbas, tão depressa enfurecidas como amansadas, na sua estúpida consciência dos deveres, Dizia o frade que conduzissem o preso à

presença do reverendíssimo bispo-governador, para ser mais solenemente sentenciado à pena última, se a merecesse. Recorrera o bom do religioso à astúcia, quando viu impotente a palavra sacrossanta do seu ministério de paz.

João Antunes presenciara a cena, e teve um desses palpites que assaltam raras vezes o homem entalado nas costas do infortúnio. "Só assim poderei salvar o meu dinheiro!", rugiu ele lá dentro das soturnas cavidades que o verme da avareza lhe minara na alma.

E, chegando ombro a ombro com o barqueiro, disse-lhe ao ouvido:

— António!, queres ganhar vinte peças?

— Olá se quero!... Quer o senhor João que eu dê cabo de algum diabo-alma?

— Não: quero que salves o chanceler.

— Isso não pode ser!

— Pode... recebes hoje mesmo as vinte peças.

— Mas, senhor João, vossemecê bem vê que os capitães do povo não sou eu só; é o Constantino, o Reteniz, o carniceiro e eu...

— Pois dá-se a cada um dos outros dez peças.

— Dez é pouco.

— Doze.

— Vinte, como a mim.

— Vinte é muito: quinze.

— Espere aí que eu volto já.

O barqueiro deu um assobio com os dedos; ouviram-se apitos semelhantes; num segundo estavam todos quatro em conferência, afastados um pouco da populaça, que parecia comovida pelas instantes lamúrias do confessor do chanceler. Entretanto, João Antunes calculava... mas o parlamentário não o deixou tirar a prova real dos seus cálculos.

— Está dito: sessenta e cinco peças para rodos — disse-lhe o Moiro ao ouvido. — O homem vai ser remetido ao bispo, e de lá dêem-lhe a escapula. Sabia?

— E não fazem isso pelas sessenta peças? É uma conta redonda! — replicou jovialmente o usurário.

— Nada de regatear, senhor João! Se quer, quer; senão está ali, e está a mergulhar no Douro!

— Pois bem: está feito o contrato; mas tu nunca hás de dizer que eu te fiz esta proposta.

— Não, que se vossemecê o disser, não torna a dar um pio! Ouviu?

— Ouvi: nem uma palavra a tal respeito.

O barqueiro fez um aceno ao tribuno-chefe, que era o carniceiro. O carniceiro bradou:

— Rapazes! O jacobino vai ser remetido ao senhor bispo-governador, para ser condenado e justiçado de modo que agrade à santa religião e a el-rei, nosso senhor. Deixemo-lo ir, e vamos dar cabo de alguns hereges, que ainda estão na cadeia do outro chanceler da Relação, do abade de Lobrigos e do Penteeiro. E victo sério! Neste homem ninguém toca! Vai um dos chefes acompanhá-lo ao paço do senhor bispo. Que é do Moiro?

— Aqui estou!

— Vai tu com ele, e viva o príncipe regente, nosso senhor!

— Viva!

— E viva a santa religião!

— Viva!

— E viva o povo portuense!

— Viva!

— Morram os jacobinos, os hereges, e os fidalgos que não são cá da nossa aquela de patriotismo!

— Morram! A multidão abriu passagem à cadeirinha. Seguiam-na de perto o frade, o usurário e o barqueiro. João Antunes disse ao ouvido do frade:

— Fui eu que o salvei.

— Pois bom foi. Eu logo vi que a minha palavra era froixa para poder tanto, sem auxílio divino.

— Não diga nada a vossa reverência. Calemo-nos. Apeado da cadeirinha, o governador das justiças subiu as

escadas do paço encostado ao confessor e ao seu velho amigo bacalhoeiro.

— Bem mo dizia vossemecê, senhor João Antunes — murmurou o pálido chanceler.

— Avisei-o. Vossa excelência riu-se de mim, e quem o salvou fui eu.

— Vossemecê?!

— Sim, senhor.

— Pensei que foram as exclamações do meu padre confessor.

— Não é gente disso... Boas exclamações são o dinheiro.

— Fez bem, meu amigo... Cá em cima falaremos... Quem é aquele homem que fica ao pé da cadeirinha? Parece-me que é um dos que me prenderam.

— Tal e qual. Foi com ele que eu fiz o contrato da sua vida.

E ele vem buscar o dinheiro? Se o houver à mão.. . senão eu lho darei lá. Não será necessário... O bispo há-se ter dinheiro... É muito?

— Duzentas peças: são quatro os chefes; cinquenta para cada um.

— Dera muito mais para não passar por este sobressalto: pela vida dera tudo; e a obrigação em que me deixa o meu salvador não se paga com dinheiro. Vossemecê é um honrado homem!

D. António de S. José de Castro veio receber nos braços o governador das justiças.

— Venho para vossa excelência me sentenciar – disse o magistrado.

— Está sentenciado a ser meu hóspede — disse o bispo, sorrindo.

Pouco depois, foi chamado ao interior do palácio João Antunes, e recebeu duzentas peças e um fervoroso abraço de gratidão.

O usurário vinha pelo ar, não obstante o peso. Lucrava cento e trinta e cinco peças de comissão. Roubado em seiscentos mil réis, valor das ações da Companhia, achava-se com duzentos e sessenta e quatro mil réis de mais?, em

indemnização dos pontapés. Nunca tão lucrativo lhe correra o negócio!

O barqueiro recebeu as sessenta e cinco estipuladas, e correu a distribuí-las mas não correu tanto que não entrasse numa taverna da Porta de Carros a beber um quartilho do Alto Douro, enquanto João Antunes entrava nos Congregados a rezar a estação quotidiana à sua devotíssima Senhora das Dores. Feita a reza, entrou numa estalagem a dejejuar-se, e esteve em riscos de perder a digestão com um par de murros, por desavenças com o estalajadeiro a troco de uns quebrados no meio quartilho de vinho. Tinha magníficas torpezas o Sr. João.

E, depois, correu a casa a saudar o sarcófago do seu dinheiro. Estava ali a sua vida, o seu sangue, cuja correria ele ativou, engrossando-o com mais cento e trinta e cinco peças, que entalou por entre as outras.

Quatro dias depois das gloriosa cenas que descrevi em face dos genuínos documentos, o exército francês acampava na Agra de S. Mamede, a meia légua do Porto. Travavam-se as primeiras escaramuças, em que a guarnição da cidade é sempre sovada, por assim dizer, a bofetões do adestrado

inimigo. É deliciosa, porém, de sensato riso uma descrição dos sucessos, manuscrito preciosíssimo no seu género, estranho parto de mentira e péssimo estilo, que devemos à lucubração ociosa de um frade, e que me veio à mão por favor de um ilustre antiquário. Segundo ele, era um gosto ver fugir vinte mil franceses, comandados por Soult, por Loison, por Delaborde, por Quesnei, e por tantos outros dos que viram as pirâmides e assustaram a Europa, abalada pelo braço de ferro de Bonaparte. Eram estes os que fugiam a uma guarnição de seis mil maltrapilhos, de trezentos padres, dirigindo a artilharia, composta por meia dúzia de obuses, que até então serviram de lastro a navios mercantis, e para esse efeito faziam amontoados em armazéns de Miragaia! O bom do historiador, não podendo combinar o sucesso da invasão momentânea com rasgos de tanto patriotismo nos defensores, foge pela tangente da Providência, e diz que o Senhor nos quisera punir com o látego da sua cólera, representada no marechal Soult. Seria isso?

Seria. Não obstante, João Antunes, no dia vinte e seis, para evadir-se à cólera do Senhor, que muito respeitava depois

da Senhora das Dores dos Congregados, quis passar a Vila Nova de Gaia, e de lá farejar as vicissitudes da guerra. Certíssimo ia ele de que o seu dinheiro, sepultado quatro palmos abaixo da crusta do globo, passara ao domínio dos mundos subterrâneos, onde só um furo ao alto feito pelos antípodas, poderia empalmá-lo. Felizmente o bacalhoeiro jubilado não sabia nada de antípodas.

O pior foi que o não deixaram passar para além do rio. A plebe despótica obstruíra a passagem, quebrando a comunicação das barcas, e vociferava contra a cobardia dos fugidiços aos franceses, que não entrariam nunca no Porto. Outros, menos, felizes do que o Sr. João Antunes, fugindo ao saque, foram assaltados pelas guardas "patriotas". Devemos acreditar piamente o frade historiador: "...sendo outros logo na mudança esbulhados de parte do seu precioso (pelas sentinelas), pretextando ser necessária a revista do que levavam". Boa gente! Há destes "patriotas"...

Soult condoera-se deste punhado de imbecis, que lhe faziam negaças das destroçadas baterias. Enviou ao Porto um parlamentário, propondo uma benéfica paz. O

parlamentário foi despido das suas insígnias e acutilado. Um legítimo rancor passou por cima da miserável defesa. Os franceses entraram, como poderiam ter entrado quatro dias antes. Os “bravos” defensores reservaram os derradeiros assomos de heroísmo para a fuga, e valeu-lhes muito a reserva. Fugiam intrepidamente. Diz, porém, o frade, que pelos modos foi dos últimos a fugir, que se fizeram aí galhardias inauditas. “E justo”, conta ele, “mostrar à posteridade o valor incansável e a maior intrepidez que assaz mostrou na Bateria 14 — S. Pedro ao Lindo Vale — o padre Domingos de Queirós, natural desta cidade, e sargento da companhia dos artilheiros eclesiásticos, que fez sobre o inimigo o mais bem acertado fogo, causando-lhe notável dano, conservando-se com o mesmo valor e intrepidez até à entrada do inimigo, botando fogo à pólvora, de que se seguiu a morte a muitos, e ficar todo queimado.“ Foi pena que ficasse queimado o ilustre padre Domingos de Queirós, sargento de artilharia! Excelente pessoa! Múcio Cévola de sotaina, que se queimou espontaneamente, instando consigo, não sabemos quantos padres seus camaradas! Como tens sido ultrajado,

mártir do Gólgota, pelos que servem o azeite da lâmpada do teu templo, há dezanove séculos!...

Tentar descrever João Antunes, quando lhe disseram que os franceses entraram pela Prelada, é um absurdo.

Perdeu a cabeça. Galgava o pequeno recinto da sua casa, de ângulo para ângulo, com as unhas fincadas na cabeça hirta. A Rua dos Arménios, há pouco deserta, estava sendo passagem dos que fugiam do Cidral, do Monte dos judeus e das travessas circunvizinhas.

À ponte! À ponte! — era o grito de todos. Antunes teve um intervalo lúcido: fugir como os outros. O seu dinheiro ficava inacessível ao saque: afora o dinheiro, a velha roupa da cama, três cadeiras desconjuntadas, não lhe davam grande aflição. Um livro de assentos com algumas públicas-formas de escrituras, esse tomou-o ele debaixo do capote inseparável, e entrou na torrente dos fugitivos. A onda engrossava cada vez mais. A gritaria era uma dissonante e infernal mistura de exclamações! Crianças gritando pelas mães que se esqueciam dos filhos. Velhos suplicando de mãos erguidas aos filhos que os não deixassem. Damas mimosas vagindo a cada pisadela, que lhes esmagava o

calçado de seda. Mulheres esfarrapadas disputando, a murro, cada passo, que davam no caminho da suposta salvação, Frades e freiras, soldados e meretrizes, confundidos, embaralhados, rezando, praguejando, dando-se à proteção da Virgem, e invocando a omnipotência de Satanás.

E neste vórtice, que redemoinhava pela Porta Nobre, ia João Antunes embrulhado, revolvido, ofegante, esfarrapado, furioso umas vezes, outras contrito, fazendo promessas onerosas à Senhora das Dores, e arrependendo-se da imprudente prodigalidade; rangendo os dentes de raiva a cada apertão, e aventurando um pontapé traiçoeiro na criança, que lhe tolhia o passo; apertando ao peito o livro dos assentos e as públicas-formas das escrituras, e levantando, frenético, a gola do capote rebelde, que os empuxões lhe desaprumavam do dorso derreado... Agonia indescritível! Expiação tormentosa de todas as maroteiras dos Kágados, desde o servo de D. Moninho Viegas até ao sobrinho de António Cabeda!

A enxurrada chegara à ponte. Todos sabem como aí se fizeram três mil cadáveres. Os alçapões estavam abertos,

por descuido ou por traição. A multidão entulhou as barcas: o peso quebrou as entenas estrondosamente; as fauces do abismo engoliram massas compactas, jorros de centenares de corpos, famílias vinculadas no derradeiro abraço.

Se da aglomeração de gritos pôde ouvir-se distinto um rugido inimitável, esse rugido foi de João Antunes da Mora.

Morrera um grande maroto; mas a espécie não se perdeu.

CAPÍTULO I

Os romances fazem mal a muita gente. Pessoas propensas a adaptarem-se aos moldes que admiram e invejam na novela, perdem-se na contrafação, ou hão de em pábulo ao ridículo. Nestes últimos tempos, há muitos exemplos desta verdade, e tanto mais sensíveis, quanto a nossa sociedade é pequena para se nos esconderem, e intolerante para admiti-los sem rir-se. Homens, sem originalidade, ou originalmente tolos, macaqueiam tudo que sai fôra da esfera comum. Crédulos até ao absurdo, aceitam como reais e legítimos os partos excêntricos de cabeças excêntricas, e prometem-se dar tom a uma sociedade mesquinha, onde não aparecem o Zaffie da Salamandra, o Trêmor de Lelia, o Brúlart de Atar-Gull, o Vautrin do Père-Goriot, o Leicester de Luxo e Miséria, enfim) o homem fatal. Estes imitadores são perigosíssimos, ou irrisórios. Não topando na vida ordinária o lugar que lhes compete, querem conquistá-lo por força. E, depois, das duas uma: ou

atingem o apogeu da perversidade, calcando a honra, cuspindo na face da sociedade, e caprichando em abismarem-se com as vítimas; ou — o que quase sempre acontece — imaginam-se homens excecionais, sonhando como Obbermann, raivando como Hamlet, escarnecendo a virtude como Byron, amaldiçoando como Fausto e acusando sempre o mundo ignóbil que os não compreende.

Se vos impacientam reflexões, leitores, encurtemos o prefácio de uma apresentação.

Quero mostrar-vos o Sr. Guilherme do Amaral. Ides conhecer uma vítima dos romances.

Este rapaz, de vinte e tantos anos, é da província da beira Alta. Nasceu e viveu até aos dezoito anos na aldeia dos seus pais. Aos quinze foi a Coimbra estudar preparatórios para formar-se em qualquer faculdade. Voltando de férias, viu morrer a sua mãe, e, como já não tinha pai, emancipou-se aos dezoito. A sua casa rende doze mil cruzados. Guilherme do Amaral considera-se livre e rico.

A sua paixão predominante não era a caça, nem a pesca, nem os cavalos: era o romance. Comprou centenares de

volumes franceses, leu de dia e de noite, decorou páginas, que lhe eletrizaram o coração combustível, afeiçoou-se aos caracteres do grosso terror, como diz J. Janin; achou piegas o amor etéreo de Romeu, de Petrarca, de Bernardim, de Antony e de Rastignac...

Impregnado desta lição escandecida, olhou em torno de si, e viu-se só. Queria mundo, queria ar, ansiava nutrição para a fome de impressões fulminantes.

Resolveu deixar a pitoresca aldeia, e escreveu sobre a campa da sua mãe um adeus romântico, em estilo apocalíptico, e tal que ela, se o ouvisse, não o entenderia. Foi para Lisboa. Apresentou algumas cartas de valiosa recomendação: teve excelente acolhimento. A sua entrada nos salões impressiona os finos observadores, e não é indiferente às mulheres. Isto passa-se em 1843.

Guilherme do Amaral deve à natureza alguns favores externos, que não desmentem o molde interior em que ele ajusta a sua torcida vocação. É pálido; tem olhos grandes, negros e ardentes; não os lança com a penetração da curiosidade, ou da análise mordaz; ajeita-os a não sei que suave melancolia, espécie de dolorosa intusceção, vista

mais profunda para o íntimo de si que para as indiferentes frivolidades, que o rodeiam.

No baile, passeia quase sempre fumando na sala deserta, onde se fuma. Aí responde, na frase mais concisa, à s perguntas benévolas dos que o intitulam amigo, e ele apenas conhece, ou finge apenas conhecer. Se vem ao salão onde giram as valsas vertiginosas, encosta-se ao batente da porta, amortece a vista, inclina a cabeça sobre o ombro, franze a testa como causticada pelo aborrecimento, vê o seu relógio, onde é meia-noite, boceja como enfastiado, e retira-se ao seu quarto. Aí abre um romance, e lê até às quatro horas da manhã.

E vive assim um ano. Não tem um amigo intimo; não tem uma mulher que lhe queira; não conhece mesmo, dentre tantas, a organização especial onde o seu carácter poderia ajustar-se.

Algum dos seus conhecidos perguntou-lhe um dia:

— Quantos anos tem, Guilherme?

— Vinte e um.

— Há quantos anos vive na sociedade?

— A minha sociedade não é neste mundo.

— Se assim dissesse o pontífice, corriam melhor as coisas da Igreja... O senhor está cansado...

— Estou.

— Deve ter tido uma vida tempestuosa, terríveis naufrágios no mar das aspirações...

— Sinto-me morto; mas não sei quando vivi.

— Alguma existência anterior à atual. Há homens que têm uma vaga reminiscência de uma vida anterior.

— É possível?

— Não lhe dou como sistema a minha opinião; mas, ao vê-lo de vinte e um anos, amputado do grande corpo social, creio em todas as maravilhas da metempsicose. Ramé, em 184, julgava ser o Ramus de 1540. O pior é que morreu doido... Queira dizer-me: não ama?

— Não posso amar: ponho a mão sobre o peito, e retiro-a gelada.

— Tem por consequência uma imagem quimérica, que o furta aos amores mais ou menos sensuais deste mundo?

— Sonho uma imagem: não a encontrarei na face da terra.

— Que juízo faz das mulheres deste globo?

— Péssimo: mentira, matéria, venalidade, corrupção.

— Tem-nas experimentado?

— Não: não quero. Há em mim a preexistência de todas as desilusões. A cobra cascavel pressente-se de longe pelo ruído que faz, rojando-se. Dispenso as experiências ociosas.

— Deve parecer-lhe bem infame este mundo! Como julga os homens?

Como os julgou Vautrin, o homem estoico de Balzac.

— Vautrin é má autoridade; se bem me recordo, era um forçado das galés.

— Que importa! A desgraça desvendara-o: tinha a ciência das lágrimas: fez-se um filósofo, mais crível que Rousseau, nas longas vigílias do seu infortúnio.

— Quer adotá-lo como mestre?

— Sou absolutamente original: não estudo ninguém.

— Amou?

— Nunca: penso que já respondi a essa pergunta.

— Não tinha ainda respondido. Eu, na sua posição, recolhia-me à tebaida da minha aldeia. A vida de Lisboa deve provocar a sua intolerante indignação.

— Não vejo essa vida provocante. Até hoje, a vista do meu espírito não desceu. A águia, por enquanto, libra-se entre as nuvens. Quando descer, deixarei um rasto de sangue...

O interlocutor de Guilherme do Amaral sorriu-se. No dia seguinte, reproduzia-se nos cafés, nas praças, e nas salas o diálogo, recebido com gargalhadas. O provinciano, empalado na mordacidade sarcástica do seu conhecido, passou ao domínio do ridículo, do “desfrute”, como diziam maviosamente as mulheres, já de si indesfrutáveis. Um literato denominou-o Vautrin de cuecas; outro, Artur de feira da ladra; outro, Byron de escabeche; outro, Zaffie de tamancos; outro, Leicester empalhado. Esgotaram todos os pseudónimos da caricatura; inverteram em irrisão a funeral

seriedade do provinciano, imolando-o à zombaria das mulheres como um suplício merecido, por ousar ultrajá-las.

Um folhetim, sem personalizá-lo, escrito por certo Maxime de Trailles (vide Balzac) que então era o primeiro no estilo da zombaria, e no sarcasmo oral, — hoje, espécie de conde Talorme de Mery (vide Amor e Roma), exerce as funções diplomáticas do seu modelo... esse folhetim, acinzelado de modo que não escondia a menor feição de Guilherme, deu ao provinciano a publicidade galhofeira, para ele não tinha ainda, fôra de uma pequena roda. Para maior afronta, remeteram-lhe o jornal em carta fechada, aconselhando-o que deixasse Lisboa, e voltasse ao "ninho seu paterno" a cultivar o repolho e a batata. Os chascos, as ironias e as injúrias eram-lhe aí tão cáusticas, tão pungentes à sua vaidade, que Amaral, juvenil de mais para sacudir a farpa, sentiu-a no coração, envergonhou-se de si próprio, concentrou-se na consciência da importância que lhe davam, e arrependeu-se de ter parodiado, tanto à letra, os monstruosos moldes dos seus romances.

Estava, portanto, o aflito rapaz muito longe do cinismo indispensável para arrostar as insolências do folhetinista,

justamente aquele que lhe arrancara, num diálogo, as extravagantes teorias.

Guilherme do Amaral, os poucos dias que esteve em Lisboa, viveu-os encerrado no seu quarto de hospedaria. Ninguém o procurou durante esses dias; mas, na véspera da sua saída, quando visitava, despedindo-se, as pessoas que o apresentaram, encontrou uma, que lhe disse o seguinte:

— Faz bem saindo de Lisboa. Isto aqui não é o que a vossa senhoria imaginou de lá. As excentricidades são aqui bem recebidas; mas é necessário que o excêntrico não toque na chaga irritável desta gente. Vossa senhoria disse ao seu amigo, ou conhecido... que as mulheres eram a mentira, a venalidade e a corrupção. Disse, talvez, a verdade; mas isso não se diz a toda a gente. O excêntrico pode embriagar-se todos os dias, que ninguém por isso o ridiculariza: o mais que fazem é lamentá-lo. Pode ser desordeiro, e visitar todas as noites o corpo da guarda, que ninguém o achincalha. Pode calotear, seduzir, infamar reputações... não é por isso expulso pelo marido da mulher infamada; o que, porém, não pode, é fitar a luneta com soberano desprezo nas mulheres das salas, e dizer: “Tudo

isto me enoja.” O senhor é célebre: é, talvez, um cético, exagerando a moda; seja-o muito embora, mas não o diga aos homens, diga-o às mulheres, que, muito longe de se ofenderem, lisonjeiam-se com a esperança de o conquistarem, galvanizando-o à força de descargas elétricas, de sorrisos voluptuosos. Está cansado? Deite-se, durma, não venha à sociedade, aplique-se os tónicos gerais da solidão, que vigorizam o espírito e convalescem os desejos saciados. A sala não serve para todos. Ora, se o seu cansaço é uma ficção, um irrefletido amor de celebridade, como amigo lhe aconselho que se deixe disso. Viva como toda a outra gente.

Coma, beba, durma, ame, aborreça, seduza, infame, defenda as mulheres infamadas pelos outros, bata-se com os maridos das suas condessas de Restaud, jogue a sua casa, indemnize-se das perdas, imitando o seu censor, o signatário pseudónimo do folhetim em que a vossa senhoria é zombeteiramente pintado... Quer o meu amigo a celebridade do salão? Nada de convícios e recriminações contra as mulheres. Profundo silêncio com os homens; mas, com elas, uma eloquência lânguida, uma lamuriante

saudade por um anjo, que sonhou aos quinze anos, de modo que, bem apurada a visão, o anjo venha a ser a mulher com quem fala, e pouco depois a outra com quem falar, e depois a outra, até à dona da casa, embora tenha cinquenta anos. De cara a cara, sem testemunhas, pode-se dizer a uma mulher tudo, que afronta o seu amor-próprio: ela sofre, cala-se, e resigna-se; mas, diante de um homem, isso é muito sério. Está provado por isso que a honra não está na consciência, está na opinião pública: nós sentimo-nos desonrados quando os outros dizem que o fomos. Ao ouvido de uma mulher, diga-lhe: “Vossa excelência é mentira, é venalidade, é corrupção”; ela rir-se-á, se estiver perfeitamente desenvolvida; e, se o não estiver, cala-se por vergonha, e desenvolve-se; aos homens, nem uma palavra em desabono. Se lhe convém dizer que as suas ilusões morreram de apoplexia fulminante, diga-o sem entono dogmático, sem o pedantismo chulo de certos parvos que dão preleções de ceticismo no alcoice, encostados ao ombro nu das mulheres perdidas. Não sei que mais lhe diga. Nada de arremedos. Leia, mas não imite; e, a querer sair da natureza, invente alguma novidade, que o não comprometa com os caprichos da opinião em voga. Se é

moda ser cético, seja-o, mas vá dando provas de que acredita como S. Tomé, ao menos naquilo que toca... O meu amigo, seja feliz. Se não há nada a esperar dos meus conselhos, stulta est gloria... pior para si...

Quarenta e oito horas depois, Guilherme do Amaral, prodígio de memória, repetia, num quarto de hospedaria, no Porto, a lição do seu oficioso preceptor.

CAPÍTULO II

Não caiu em terra ingrata a semente. Guilherme do Amaral, como todos os homens sem originalidade, indefinidos na consciência própria, bisonhos da experiência das coisas, que individualiza a índole das pessoas, aceitou as teorias do cavalheiro lisbonense como boas para o uso ordinário, sem contudo saírem da esfera extraordinária.

O que repugnava ao provinciano era a vida comum, o vegetar trivial das vocações vulgares, o insosso desperdício de júbilos tolos, e de aspirações tacanhas em que a mocidade consumia o vigor do espírito entre o contentamento de vestir uma casaca elegante e as doçuras de ver à tarde o namoro na janela. Viver à feição das máximas, que o amigo condoído lhe dera em Lisboa, convinha-lhe, frisava com a sua nova índole, poupando-se à irrisão com que fôra galardoado por inexoráveis críticos, que não valiam, ao meu ver, tanto como ele, e larga

indemnização de ridículo teriam de dar-lhe, se Amaral lhes pedisse meças.

Guilherme não conhecia ninguém no Porto; mas, à mesa redonda da Águia de Oiro, encontrou rapazes de província, seus conhecidos da feira de Viseu, já relacionados no Porto, e prontos a apresentá-lo à aristocracia, à mediocracia, e à população importante dos botequins. Guilherme não rejeitou.

Dava um baile nesses dias o barão da Carvalhosa. Um cavalheiro de Viseu pediu uma carta de convite a um seu amigo, provinciano, rico, valendo o melhor de trezentos mil cruzados, solteiro, muito sisudo, e excelente partido para uma menina. O barão deu pressurosamente a carta, e foi repetir à baronesa as informações que ouvira. Ultrapassando as leis da etiqueta, foi deixar um bilhete a Guilherme do Amaral. Na véspera do baile, recebeu com a mais expansiva cordialidade o provinciano, apresentando-o à sua mulher, e às suas duas filhas, e convidando-o para o jantar do aniversário da sua filha Margarida, no domingo posterior ao baile. Tudo isto parecia uma boa estreia a Guilherme. Agradava-lhe a franqueza da sociedade

portuense; mas dispunha-se a não desmentir a melancolia do seu novo sistema, nas libações prazenteiras de um festim.

Uma hora depois que Amaral entrara no baile do barão da Carvalhosa, todas as mulheres sabiam que o provinciano era solteiro, rico, e muito sisudo.

— Dizem que é rico — murmurava ao ouvido da sua amiga uma interessante menina de olhos lânguidos, tez macilenta, e sorriso melancólico.

— Já ouvi dizer — respondeu a prima.

— Ouviste!? E será muito rico?

— Penso que sim; meu tio conselheiro falou em trezentos mil cruzados.

— Sim?! Não terá namoro?

— Penso que não, ao menos no Porto. Disse a Margaridinha que tinha a certeza de que não.

— Queres tu ver que ela...

— Tem as suas vistas? Acho que sim...

— Mas ela não namora há três anos o Henrique de Almeida?

— Que é isso? É um passatempo.

— Pensei que era um namoro sério. O Henrique de Almeida é um rapaz de talento, e boa figura...

— E que mais?

— Não tem trezentos mil cruzados; mas...

— Mas... ficas aí. Porque não namoras tu rapazes de talento, que há tantos disponíveis por aí? Eu sei de dois ou três que te fazem versos, pintando-te de modo que quem te não conhecer, julga que tu não és personagem deste mundo, e andas por aqui nos bailes mundanos fugida da corte celestial...

Sempre és, Francisquinha!... Má... eu bem sei onde queres chegar...

— É fácil de saber... O caso é que a tua palidez romântica, os teus olhos de virgem da saudade, o teu sorriso de dolorosa resignação tem enganado muita gente,

e tu, no fim de contas, és como eu, como minha prima, como deves ser... Vê como ele olha para ti...

— Ele! quem?

— O tal parvalheira.

— Ah!... Eu não lhe acho nada de parvalheira.

— Sim? Ainda bem...

— Veste com certa elegância...

— Mas não vem frisado, nem traz gravata branca.

— É o bom tom. Fica-lhe tão bem aquele desalinho... Eu gosto daquilo! E ele olha para mim?...

E muito! ó Francisquinha, eu vou erguer-me para dizer alguma coisa à minha tia; hás de ver se ele me segue com os olhos.

— Pois sim. Demorou-se alguns segundos, com a tia, mastigando uma frioleira.

— Sim? — perguntou ela de lá com os olhos.

— Sim — respondeu a prima vigilante com um gesto afirmativo,

Aproximaram-se.

— Vamos agora para a outra sala, e veremos se ele me segue.

Foram: mas Guilherme do Amaral não se deixou da postura sombria em que o deixaram encostado ao alisar de uma janela.

— Ele não vem! — disse a menina pálida, mordida na sua vaidade. — Chama o teu mano, que está ali.

O mano veio.

— Ó primo, já conhece um rapaz da província, chamado Guilherme do Amaral?

— Já me foi apresentado. Quer que lho apresente, prima?

— Não... Ele parece triste...

— É; mas muito agradável, e diz muito bem o pouco que diz. Pode ouvir-se falar. Quer que lho apresente?

— Não, primo... Ouvi dizer que a Margaridinha...

— É seu namoro? Isso é uma calunia. O rapaz veio há cinco dias de Lisboa, e não teve ainda tempo de tirar o coração da bagagem.

— Tem graça! Que diz ele das senhoras do Porto?

— Diz a verdade: que são belas, elegantes, espirituosas...

— Com quem falou ele já?

— Isso não sei: mas se ele falar com a minha prima, confirmará o justo conceito que lhe merecem as senhoras portuenses. Quer que lho apresente?

— Não! Olha que cisma! Acha que estou morta por falar com ele?!... Sabe se ele se demora no Porto?

— Não sei, minha amável prima; decerto se demorará se os seus olhos o prenderem.

— Bonito! Está de açúcar em ponto! Ora diga-me: ele não dança?!

— Não sei, prima.

— Ainda o não vi dançar... Pergunte-lhe...

— Quer ser seu par, priminha?

— Eu! Que seca! Acha que estou morrendo de amores por ele?

— Não digo tanto; mas ... confesse que simpatiza...

— Não antipatizo... é-me indiferente... Ele aí vem.

— Apresento-lho?

— Ora!... Guilherme do Amaral, passando pelo cavalheiro que conhecia a sua prima a fundo, deu-lhe um sorriso de cerimoniosa graça, com um ligeiro cortejo de cabeça às damas.

— Senhor Amaral — disse ele —, consinta que o apresente à minha prima e à minha mana.

— E uma honra que me lisonjeia muito. Vossa excelência parece que tem piedade de um forasteiro, relacionando-o com pessoas tão estimáveis — disse Amaral.

— Segue-me que não sou egoísta: quero que todos, e especialmente quem pode compreender-lhe o merecimento, sintam o prazer das suas relações. A minha prima

considero-a nesse caso; minha mana... é minha mana, e seria irrisória a sua apologia na minha boca.

— Ora o primo!

— Ora o mano!

Murmuraram ambas, requebrando-se com certa galanteria já muito velha.

— Creio que lhes fez justiça, minhas senhoras — disse Guilherme, alisando a luva da mão esquerda.

A orquestra anunciara uma polca. D. Francisca foi roubada ao grupo pelo seu cavalheiro. A prima não estava comprometida.

— Eu não aceitei par — disse ela. — e a vossa senhoria não vai dançar?

— Não, minha senhora; eu não danço. — Não! Não gosta!

O primo apresentante retirara-se. Guilherme ofereceu o braço à lânguida Cecília, conduziu-a a um sofá e sentou-se na cadeira próxima. Em frente desse sofá viera sentar-se.

O barão com duas amigas. Margarida, agitando aceleradamente o leque, revirava os belos olhos sobre Cecília, e dizia às amigas com forçada graça alguma sátira que as fazia rir. Cecília fez-se desentendida, olhando vagamente, de vez em quando, para elas, e deleitando-se mais com o frémito do leque em estudados movimentos do que, ao que parecia, com a conversação do cavalheiro.

Pelo que vejo, um baile deve ser-lhe uma coisa muito aborrecida! — replicava ela às razões que Amaral lhe dera de não dançar.

— Não aborreço os bailes, minha senhora. Gozo; mas o meu órgão do gozo é um sexto sentido, todo espiritual, todo celeste. Não preciso fatigar-me, nem comprimir ao seio as flores, que vicejam nos cabelos de um anjo, para lhe aspirar o perfume. O hálito do homem é uma profanação. De longe, recebem-se mais fortes as sensações, e o espírito está mais seu, mais desembaraçado para saboreá-las.

— E sente muito?

— Muito.

— Pelo passado, pelo presente, ou pela esperança?

— O meu passado é uma peregrinação nas trevas, procurando a luz.

— E encontrou-a?

— Não a encontrei. Sentei-me fatigado à beira do meu trabalhoso caminho, e esperei. O presente é uma ânsia do infinito, uma sede de amor, uma súplica fervente de quem pede ao céu o orvalho, que faz reverdecer a flor queimada.

— E o céu não o escuta?

— É surdo: os anjos já não pedem pelos homens...

— E a esperança? E um túmulo que vejo no meu abismo! Que ideia tão melancólica! Não pense assim! Há de encontrar uma larga indemnização aos seus sofrimentos... Vejo que tem muita, mas muito triste poesia no coração...

— E a poesia da morte, a grinalda de flores, que vem com a mortalha, a flor sem brilho que despontou sobre a sepultura... Entristeço-a, minha senhora?

— Muito! Começo a interessar-me, a compartir dos seus sofrimentos... Ainda que quisesse ser alheia às suas dores, não poderia.

— Agradeço, como se agradece uma gota de água no deserto, a sua piedade. Vossa excelência tem sofrido?

— Eu!...

— A sua palidez parece-me o colorido que deixam as lágrimas na face não aquecida ao sol da Primavera dos amores.

— Viu a minha alma, senhor Amaral.

— Amou?

— Não amei, se o amor é só possível na terra. Crê nas visões? Eu tive uma; devorei-me em mentirosas esperanças, procurando-a... Não a vi em formas humanas.

— Encontramo-nos, pois, à beira do mesmo abismo...

— É o que eu ia dizer-lhe...

— Não temos lugar neste festim servido pelo acaso, ou pela Providência. Somos almas expulsas da união dos corpos: vagaremos de esfera em esfera com os corações abertos para recebermos a metade da existência que não tivemos aqui.

E é certo que nunca a teremos?!... Impossível! Não diga isso... não queira ser o algoz de uma esperança, que me fala no coração, como o eco delicioso das suas palavras.

— E uma esperança, que mente.

— Deixe-me sonhar uma ventura, que julguei impossível até este momento... que o despertar converte em realidade de espinhos.

— Deixe-me crer que há no mundo quem possa levantá-lo desse abatimento.

— É invocar o morto, sobre que pesa uma loisa menos pesada que o esquecimento.

O cavalheiro de Lisboa era capaz de meter, num abraço entusiasta, duas costelas dentro ao discípulo, se pudesse presenciar o diálogo, que o leitor decerto não entendeu melhor que eu, nem melhor que eles.

Entretanto, Margarida, visivelmente despeitada, dizia às amigas:

— Que estará dizendo aquela tola?

— Naturalmente, umas palavras do ar que ela lá sabe, e só ela entende.

— Ó meninas! — disse a filha do barão. — Não o veem a ele, que parece que está a dormir? Olhem que modo aquele de encostar-se! Parece que se deita sobre o ombro dela!

— Aquilo são posições românticas.

— Acho-as indecentes! E ela!... Forte pateta! Como pende a cabeça enternecida... Pensa que se gosta muito daquelas gaifonas!... Tem feito aquilo com dúzia e meia de namoros que lhe tenho conhecido. A mania dela é que ninguém compreende o seu coração. Três dias antes de algum baile, não come nada, e bebe vinagre para se fazer macilenta, e dar aos olhos aquele pasmo de coelho morto. Sempre se veem coisas! Não tem nada de seu, e imaginou que arranjava marido rico e novo com aquelas momices estudadas ao espelho. Como não acha senão poetas pobres que lhe façam corte, e esses não lhe convém, vira-se para os brasileiros, e diz lá umas trapalhices, que ela sabe, a homens, que vêm perguntar ao meu pai se ela tem legítima. Pensa a tola que o parvalheira está morrendo por ela! Em

ele sabendo a peseta que ali está, há de chorar o tempo que tem desperdiçado com ela...

— Tu tens ciúmes, Margaridinha...

— Eu! De quê? Bem me importa a mim. É que me custa a ver aquela poetisa de água doce, pronta sempre a meter-se à cara de todo o homem que é rico. Aquilo é uma vergonha para o nosso sexo; pois não é assim?

— Tens razão, menina; eu, se fosse a ti, desenganava-o.

— Tomara eu ter quem lho dissesse; mas não queria de modo nenhum que se suspeitasse que eu tinha interesse nisso.

— Queres tu que o Mesquita lho diga? Eu já os vi juntos, e não há nada mais fácil ... Pode ser que ainda hoje se falem... Ah!, ele está acolá ...

A serviçal amiga pediu a um cavalheiro que chamasse o indicado Mesquita, seu conhecido namoro. Falou-lhe quase ao ouvido alguns minutos. O submisso emissário partiu, lisonjeado da comissão.

Cecília retirara-se pelo braço da prima, a quem dizia: “Aquele homem é um anjo: encontrei sobre a Terra o meu sonho; amo-o com delírio, com clemência, com frenesi.”

Mesquita sentou-se ao pé de Guilherme, que ficara, aparentemente, absorvido num dos seus espasmos adquiridos pelo hábito do arremedo.

— Parece que está triste, senhor Amaral...

— Um pouco triste. Em mim é normal esta situação.

— Quem vem de Lisboa, onde todas as damas são física e moralmente interessantes, deve achar bem fastidiosos os nossos bailes...

— Pelo contrário. Agora mesmo acabo de ouvir uma senhora que tem um sistema divino de exprimir-se.

— Dona Cecília Pedrosa?

— Penso que sim; não lhe sei ainda o nome, porém deve ser essa, porque as informações que lhe dou não podem caber a muitas, sem que eu queira menosprezar as outras. É aquela que ali vai de vestido escarlate. — justamente. E muito espirituosa; é pena que seja tão leviana.

— Leviana? Que é leviana na sua opinião, meu caro senhor?

— É uma mulher, que tem tido trinta namoros; que diz a todos a mesma página de um romance, que decorou; que namora hoje um poeta, que lhe chamou Safo, amanhã um estúpido, que lhe passou duas vezes a cavalo à porta; depois um delegado com esperanças de ser juiz; depois um brasileiro com cinquenta contos, etecetera, etecetera, e diz a todos que não foi compreendida até ao momento em que os encontrou. Todos eles, à exceção do poeta, que é a ostra do sentimento, retiram-se do melhor modo que podem, e ela fica sempre esperando o último com dinheiro, para ser compreendida. É uma tola excêntrica!

Guilherme sorriu-se, e convidou o informador a passearem na sala do fumo. Esperava este alguma expansão do provinciano a respeito de Cecília; mas o precavido Amaral nem uma palavra aventurou.

Entrava um jornalista, justamente o poeta caudatário de Cecília. Mesquita, no desempenho da sua melindrosa missão, queria desempenhar-se com destreza. Para

justificar a opinião que dera de Cecília, apresentou a Guilherme o jornalista, e perguntou-lhe:

— Namoras ainda Cecília?

— Hei de namorá-la toda a minha vida.

— Mas sempre infeliz Otelo, atraiçoado sempre!

— Que me importa a mim?! Tu não compreendes como eu amo aquela mulher.

— Delirantemente.

— Qual delirantemente! E uma especulação literária.

— Não entendo; e a vossa senhoria entende, senhor Amaral?

— Não, senhor.

— Eu lhes digo. O meu amor àquela mulher tem quatro estações em cada ano, e cada estação tem três meses. Amo-a em Janeiro, Fevereiro e Março. Cada semana, escrevo-lhe uma poesia palpitante de ternura. No fim de três meses são doze poesias. Depois, Abril, Maio e Junho, são para o ciúme: escrevo doze poesias enfurecidas, tétricas, e incisivas como o rugido do chacal ao qual roubaram a

fêmea. Julho, Agosto e Setembro, escrevo doze poesias de ceticismo, estilo híbrido, despedaçador, lancinante, cáustico, enfim, um quírie de insultos contra as mulheres. Em Outubro, Novembro e Dezembro, escrevo doze poesias de desalento, estilo lamuriante, pieguice brava, um memento de fazer chorar as mulheres dos nossos alfaiates, um adeus de Chatterton à vida, uma maldição de Gilbert à sociedade, uma coisa horrível que eu escrevo sempre depois de jantar, com o pesadelo de uma digestão laboriosíssima. No fim do ano de quarenta e oito semanas, tenho quarenta e oito poesias, que vendo a um editor por cinquenta moedas, o mínimo. Compreenderam-me agora?

Mesquita ria desentoadamente; Guilherme respondeu com um quase impercetível sorrir de desprezo, que o jornalista recebeu como recebia os desdéns desprezadores de Cecília. E prosseguiu, voltando, em desforço, as costas ao "parvalheira ignaro e soez" como ele esperava brevemente intitulá-lo numa coleção de quadras chistosas, dignas de Tolentino.

— Agora diz-me tu, Mesquita, se esta mulher não é uma preciosidade! — prosseguiu o jornalista. — Quando os

poetas, à mingua de inspiração, se calam como as cigarras em Setembro, eu canto todo o ano, e já vou no terceiro da publicação da minha atormentada existência. Sem Cecília, acredita que eu não fazia um verso, e Cecília, sem mim, acredita também tu que não teria uma quadra séria, nem uma imortalidade tão barata. Ora, é assim que se ama: tudo que não é isto, é ser inferior ao século... Plaudite cives! Temos sanduíche e vinho do século XVIII. Não se fala mais de mulheres: cedant arma!

E encastoou a luneta no olho direito para medir a profundidade do tabuleiro e a legenda das garrafas.

CAPÍTULO III

Mesquita já tardava à ansiedade de Margarida. As informações obtidas não lhe pacificaram a caprichosa curiosidade. Disse que Guilherme elogiara ardentemente a esperteza de Cecília. Alegou, como serviço, o episódio do jornalista, do qual não colhera o fruto desejado. Na opinião dele, informador, Amaral amava Cecília, fascinado pela verbosidade das bas-bleu, escandalosamente empalmada nos romances. Margarida arquejava, disfarçando com o leque o rubor, que lhe não ia mal no rosto, de um branco desbotado. Ergueu-se com a energia de uma resolução irrefletida, e desapareceu entre os grupos, encostada ao braço da sua prestante amiga. Ao passarem de uma sala para a do toucador, viram noutra, menos frequentada, Guilherme do Amaral e Cecília, de braço dado, e um ar de inteligência misteriosa na conversação, como se pudessem, sem escândalo, namorados de três anos, em véspera de noivado, passear assim juntos, sós e íntimos!

Margarida, enraivecida por tão sérios estímulos, esqueceu-se de afastar da ponta do pé impetuoso a primeira roda de folhos do vestido, e entalou-se de modo que lhe foram na ponta do sapato de cetim branco. Assanharam-se as iras. Fugiu-lhe dos lábios nacarinos uma exclamação colérica, de tal indecência, que ninguém ousaria esperá-la deles, a não ser a inseparável amiga, que não tinha nada a estranhar, nem explicações de palavras equívocas a pedir.

Na saleta do toucador estavam senhoras, trocando-se mutuamente os favores do enfeite. Esta, a quem uma espiral de cabelos encaracolados a ferro caíra nas evoluções da polca, faltava-lhe chorar, porque a trança rebelde não cedia ao afanoso encaracolar dos dedos. Aquela, amarrotada na manga perdida do vestido de rendas, ansiava querendo retirar-se do baile. Aquela outra desairada de um ombro, porque o decote do corpete de cambraia lhe fugia da linha artística da espádua, rogava pragas à Guichard. Faltava Margarida com o seu quinhão de amargura.

Não era, porém, o rasgado folho do vestido o que lhe fazia saltar o coração de encontro às barbas de baleia. Queria-se

só com a sua amiga. Passaram, por isso, ao quarto imediato, onde as criadas, de cócoras e às escuras, espreitavam, rindo sarcasticamente dos infortúnios das damas desarvoradas.

Intimou-as para que saíssem, e desafogou a boa alma comprimida nestes angélicos queixumes:

— Aquela trapalhona faz-me subir a coca ao nariz! Há de ouvir-me, ou eu não hei de ser quem sou... Eu farei que ela não torne a pôr o pé na minha casa... És minha amiga, Cristina?

— Vem a tempo essa pergunta... Que queres tu? Uma carta anónima?

Por agora não; o que eu quero é que digas à Cecília que eu preciso falar com ela em particular.

— Agora?!

— Sim; pois porque não há de ser agora?

— E aonde?

— Aí fora nessa saleta. Vais?

— Vou; ponto é que ela esteja desengajada da contradança que vai principiar.

— Depressa. Cristina encontrou Cecília na mais sentimental das atitudes, suspirando palavras, que Amaral escutava, passando com uma certa displicência as mãos pelos longos feixes da cabeleira.

Ouvido no meio segredo o recado, Cecília, com uma graciosa curva, pediu escusada vénia ao provinciano, e entrou na toilette, onde se achou sozinha com Margarida.

— Preciso que nos entendamos, Cecília — disse a filha do barão, atirando com uma perna para cima da outra, mau hábito adquirido com o exemplo da sua mãe, que nunca o pudera esquecer dos seus bons tempos de tecedeira.

— Que nos entendamos?! Faz-me rir esse ar de imperiosa formalidade com que me intimas!

— Nada de palavrões; fala como a outra gente; eu não leio nem decoro novelas.

— Pior para ti, menina, que não tens gosto, nem memória. Ora diz lá, sem te azedares: que temos de

misterioso, para que nos entendamos melhor do que nos temos entendido até aqui?

— Quero falar-te a respeito desse sujeito, que tu não tens largado esta noite.

— Que eu não tenho largado! Acho muito licenciosa a frase! Eu não agarro ninguém, menina!

— Nada de risotas. É preciso que saibas que tal homem não velo a minha casa para te dar um rendez-vous.

— Nem eu quero imaginar que a tua casa tenha servido de rendez-vous a alguém. Seria rebaixá-la muito! ... Queres tu dizer, Margarida, que o tal sujeito é teu namoro?

— Não sei se é, nem se não é.

— Queres, pois, que eu lho pergunte? Não tenho a menor dúvida. As amigas servem para as ocasiões.

— Estás a gozar comigo?

— Não estou a zombar contigo. Isto em mim é ignorância do fim a que queres chegar.

— Pois a bom entendedor meia palavra basta. Não te faltam namoros antigos. Andam nessas salas às dúzias;

escusas de andar à pesca de homens com as tuas caramunhas românticas.

— À pesca de hoyiens. Dás-me honras de Cleópatra, que dizem que pescava imperadores romanos...

— Aí vens tu com a tua ciência, e a tua ciência não te vale de nada. Pensas que os homens ficam a morrer de amores quando te ouvem, e são os primeiros a rir-se.

— Paciência, menina! Que hei de eu fazer-lhe! Ainda bem que a tua ignorância os faz chorar de pena...

— Cuidas que o Guilherme te dá grande importância? Não há muitas horas que ele esteve a rir-se de ti na sala, onde se fuma, com outros rapazes.

— Ora vejam que mau! Sou ridícula aos olhos dele?

— És.

— Pois então que receias da competência, Margarida? A gente tem ciúmes de quem nos prevalece em merecimentos. Eu, pobre mulher, de quem um homem escarnece, poderei ensaiar a estúpida vaidade de to usurpar?... Não me entendes? Eu me explico doutro modo...

— Não é preciso; eu não sou tão ignorante como tu me fazes. O que te digo é que percas as esperanças...

— De quê? Da conquista?

— Sim.

— Estão perdidas, minha querida amiga; mas ainda assim, quero ver morrer a minha ilusão com heroísmo. já agora que me picas o amor-próprio, hei de ver até que extremo sou vítima da zombaria de Guilherme...

— Queres dizer que o namoras? — atalhou a inconsequente caluniadora, batendo com o leque no joelho.

Quero dizer que me ofereço voluntariamente ao sacrifício. Parece-me que o nosso Páris é melancólico. Simpatizo com ele, desejo-lhe bem, e, se posso ser-lhe um motivo de riso, consigo roubá-lo à sua tristeza, e tenho-lhe feito um bom serviço, não achas? — Acho que és uma grande tola, é o que eu sei.

— Tens razão: sou urna grande tola em te ouvir. Boas noites, Margarida.

— Hás de ouvir-me mais duas palavras...

— Só duas? Pois sim, mas não me amarrotes os punhos do vestido. A gente não se agarra assim como as mulheres da porta da rua... Margarida corou, compreendendo a pungente alusão à sua mãe.

— Eu te prometo que o teu namoro começou na minha casa, e na minha casa há de acabar.

— E que mais?

— Ele há de ter muito quem lhe diga o que tu tens sido.

— E que tenho sido eu, Margarida?

— Uma leviana, uma doida.

— Muito agradecida. Mais nada?

— Agora, boas noites.

— Pois sim, boas noites; mas não perderás muito tempo, ouvindo-me também duas palavras. Eu tinha a perguntar-te, minha ajuizada menina, quando devo entregar-te um maço de cartas, um cordão de cabelo, uma charuteira de massa e uma anel de oiro, que certo cavalheiro da província remeteu ao meu mano, para que te entregasse. Não te perturbes, menina; são fraquezas que

reciprocamente nos perdoamos: tens tido os teus acessos de leviandade e doidice, mas isso não diminui o teu merecimento. Os objetos que eu possuo são coisas que comprometem uma menina, se ela não tem bolsinho próprio para comprar uma charuteira com a bonita pintura de Susana no banho, e um anel com um brilhante de algumas moedas; mas, enfim, coisas passadas entre mulheres não transpiram de nós, que nos protegemos na nossa fraqueza. Queres isto amanhã?

— Tu pensas que me aterras com todo esse palavreado? Estou na mesma.

— Isso sabia eu, Margarida; tu não te aterras facilmente, nem tens as virtudes da Fedra.

— Da...?

— Era cá uma mulher que dizia que não era daquelas, que, vergonhosa paz tendo no crime, sabem ter um rosto que não cora jamais.

— Estás-me insultando?

— Não, menina. Para que ergues assim a voz?

— Posso erguer a voz, que estou na minha casa.

— Mas eu é que não tenho obrigação de ouvir-te...

— Mas tens obrigação de ter vergonha.

— E tenho-a mais mortificadora do que tu.

— Do que eu?

— Olha que vamos descendo ao nível de regateiras... Adeus.

A melhor parte do diálogo fôra ouvido não só pelas criadas, vizinhas da saleta, mas por um rancho de senhoras, que pararam, perplexas, quando entravam.

Cecília chamou o seu pai, que jogava o bóstone e saiu pelo braço de um cavalheiro, encarregado das honras do baile.

Passando por Guilherme, que fumava no corredor da saída, parou, desligou-se do condutor, e disse-lhe a meia voz:

— Se me escarneceu, fez mal, que eu não lhe merecia o escárnio; se o caluniam, não lhe digo que se justifique, porque o tempo há de justificá-lo. Boas noites.

Amaral pasmou, e emudeceu; depois saiu. Um quarto de hora passado, sabiam todos os homens e mulheres a descompostura que as duas damas se deram, por causa do “parvalheira melancólico”.

O jornalista tirava apontamentos para uma sátira, que fez as delícias da maledicência, e quase o expulsou dos bailes do barão. Este, sabedor da “ pouca-vergonha”, como ele classicamente denominava o sucesso, deu ao diabo os bailes e as mulheres. Margarida retirou-se, incomodada, para o seu quarto, às três horas da manhã. Às cinco, finalmente, disseram os jornais que todos os hóspedes se retiraram penhorados das atenções dos donos da casa. Mentiram descaradamente. Cecília não tinha razões para ir penhorada das ditas atenções.

O caso é que o “melancólico parvalheira” recebeu nessa noite o diploma de leão. Até as velhas disseram que o queriam conhecer; mas já era tarde... em relação a elas, e em relação ao movimento do planeta.

CAPÍTULO IV

Os dois últimos capítulos, que já lá vão a grande aprazimento do leitor, e, mais ainda, da leitora, são uma excrescência neste romance: dispensavam-se bem, se eu não quisesse historiar o miserável processo de que resultou a magnífica e estrondosa nomeada de Guilherme do Amaral.

Quão diversas de Lisboa as coisas lhe corriam aqui! Nem de rastos o expulso pelo escárnio da capital pagará as obrigações que deve àquele bom homem, que lhe ensinou um novo sistema de vida.

Se quereis saber no que ficaram as desavenças de Margarida e Cecília, lede as quatro páginas seguintes; — se vos não importa, passai-as em claro, e achareis adiante descrições rasgadas, arrojos de génio, coisas, enfim, que não saberíeis nunca, se eu vo-las não dissesse, ingratos!

Guilherme do Amaral, pagando a visita ao irmão de Cecília, pediu explicação do intrincado problema em que ela o deixara. A refletida dama deu-se uns ares de mártir, contando com maviosas lágrimas parte do diálogo corri a sua imaginária rival. Guilherme, que já sabia parte do escândalo, fez-se imbecil, não atinando com o pomo da discórdia. Esta ficção melodramática não agradou a Cecília. Queria-o mais explícito, ou ao menos ouvir-lhe uma frase honestamente romântica, que se parecesse com uma declaração. Amaral não se decidia por uma nem por outra. Cecília aventurou uma pergunta perentória:

— Qual de nós lhe é indiferente, Amaral?

— Nenhuma, minha senhora.

— Ama a ambas?

— Não amo nenhuma... Respeito-as ambas; mas não posso, como Prometeu, roubar do céu o fogo, que incendeia o coração sem vida, ermo e tenebroso como a eterna noite do túmulo.

— Essa linguagem...

— Não é nova para vossa excelência. já me defini. Aproximamo-nos pelo infortúnio, não nos poderemos vincular pela felicidade. Quando se ofereça ocasião, muito ao meu pesar, será esta a linguagem persuasiva que empregarei com a senhora dona Margarida, com todas as senhoras, que tiverem a piedade estéril de tocar na mortalha de um cadáver. Eu sou o símbolo da desesperança sobre a terra. A Jericó, prometida ao proscrito expulso de Israel, não sorrirá aos meus olhos ávidos. Morrerei, como Jersey, chamando a mulher fantástica das minhas dolorosas visões.

Que valentia de estilo! Que cinzel de mestre nos arabescos desta farandolagem! Que roldana tão certeira no polimento desta elocução de bilros!

E Cecília gostava muito disto: foi isto o que a decidiu. Se até ali as suas paixões eram brincadeiras, ou artifícios de habilidosa especulação, a coisa agora era séria. Umas mulheres vence-as a gentileza, outras a valentia, outras o talento, outras o dinheiro, outras a estupidez, outras a bondade. Cecília venceu-a o estilo.

Repudiada cortesmente, de dia para dia, aumentava-se-lhe a palidez natural, entristecia-se, definhava-se, ermava, consultava as estrelas, ouvia suspirosa, alta noite, o monótono murmurar da fonte vizinha, e lia de preferência Antony, Jocelin, Raphael, e Amaury. Deu preocupações à sua família, e tomou leites de jumenta com águas de Entre Ambos-os-Rios. Com três meses deste bem indicado tratamento, e banhos do mar, restabeleceu-se, isto quanto ao corpo. A alma, porém, segundo dizem os ideólogos, é um ente muito mais melindroso nas suas enfermidades.

A alma de D. Cecília entrou em próspera convalescença, logo que um cavalheiro do Porto, chegado de uma longa viagem, se declarou cansado da vida, enojado da sociedade, e capaz de se aplicar um tónico de ácido prússico. Graças ao estilo com que estas coisas eram ditas, a ilustre enferma entendeu que era aquele o homem dos seus sonhos, de que resultou sonhar-lhe nos braços, mas honestamente, porque toda e qualquer senhora pode sonhar nos braços do seu marido.

Tenho a satisfação de anunciar que foram felizes uma eternidade de oito dias. Atualmente não se entendem, e

continuam ambos a sonhar, cada um na sua cama, com visões encantadoras, que se vão realizando todos os dias, menos pavorosas que as de Macbeth...

Agora, D. Margarida. Esta fez todos os mornos imagináveis para fazer-se entender de Amaral, no jantar do seu aniversário. O provinciano, porém, tinha o desplante de encará-la com a mais estoica indiferença, por duas frívolas razoes: primeira, porque era espadaúda, campesina, carnosa de feições, com ameaças de obesidade, e comia muito. Segunda, porque era ingenuamente estúpida.

Não é o mel para a boca dos Amarais. Nem ele soube compreender esta mulher, nem, depois dele, veio outro que a divinizasse como ela merece. Como quer que seja, Margarida teve o bom senso de não apaixonar-se. Tiraram-na disso as suas amigas, e parece que uma carruagem, e um camarote de assinatura no teatro lírico, concorreram muito para o evacuamento de uma hidropisia de amor, que ameaçou vinte e quatro horas a sua existência preciosa. D. Margarida está ainda solteira, realizando os proféticos receios de Guilherme: engordou, fez-se vermelha, e não inveja os braços proverbiais de Júlia Grisi. Vê-se no teatro,

comendo rebuçados, rindo desentoadamente, pendurando-se no parapeito do camarote, como a sua mãe, outrora, sobre o tear, e persistindo na constância de dizer muita parvoíce a respeito de qualquer coisa. É uma senhora verdadeiramente feliz com os seus trinta anos.

Agora, comecemos pelo princípio. Um homem de medíocre esperteza, estreando-se brilhantemente como Guilherme do Amaral, não dava de mão a duas aventuras lisonjeiras, que vinham roubá-lo à obscuridade.

Quem quer que fosse esse homem, praticava uma necedade, que viria a custar-lhe cara. Cecília e Margarida eram mulheres que davam reputação; mas não estavam no caso de servir a imoralidade de um conquistador. Casar com qualquer das duas não era glória para o provinciano. Seduzi-las como quem seduz uma mulher do povo, era um comprometimento muito grave, uma desonra, que lhe importaria o ódio e a vingança, e, pelo menos, a fuga, deixando um rasto de infâmia.

Amaral era um modelo de bom juízo, desde que desfivelou a máscara que os lisboetas lhe apuparam.

Não eram aquelas as mulheres que lhe convinham. O prestígio, que elas lhe davam, aproveitou-o sem desonestar-se. Fez-se conhecido, celebrizou-se, estremou-se do lixo vulgar: era isso o que ele queria. Colocara-se num ponto da escala donde tinha de descer. Desceu, sem risco de fraturar uma perna. Achou onde nutrir a alma de Epicuro, conservando livre para a quimera a alma de Platão. Houve-se de modo que ninguém lhe pediu contas, porque os que deviam saldá-las tinham-se remido da dívida muitos anos antes... E, por isso, se andava mal com Deus, não acontecia o mesmo com as mulheres e com os homens. Era benquisto, piedosamente consolado nas suas tristezas, imitado (mas só na parte moral) por muitos, e recebido ao pé das senhoras, que sabem o que dizem e o que fazem, com certa confiança de que ele não abusava diante de gente. Isto é verdade.

E assim viveu um ano, sem pisar um calo à moralidade pública, matrona respeitável, que respeita muito pouca gente, e nunca teve pecha que pôr no carácter imaculado do seu benjamim.

E assim correu vagaroso um ano. Guilherme aborreceu-se, e planizou uma viagem. Aborreceu-se, porque as fezes do

prazer são a saciedade, e o verdadeiro prazer não o conhecera ele. O gozo era-lhe fácil; mas o gozo de um dia é a véspera do enojo; é a gulodice do mel, que vem do estômago encruado ao paladar em hálito azedo. Não encontrou, entre tantas, uma amiga; e quem não conheceu a mulher amiga, põe a mão sobre o coração, e não encontra aí a flor, que se rega nas lágrimas, quer de alegria, quer de recíproca tristeza.

Amar é um sentimento profanado por aquela palavra vulgaríssima. Amaral não amara ninguém. Valido da impostura hábil, venceu resistências froixas; as vencidas, porém, caíam como as ninfas de Camões, na ilha dos Amores: “Deixavam-se ir dos galgos apanhando.”

Se, abandonadas, faziam trejeitos de damas doloridas, isso era o ciúme, o pudor retardado, o fastio, que se demorava nelas mais do que nele, ou hábito de ninguém se conformar com a sorte decretada em cima. Nunca ele viu o que são lágrimas de mulher abandonada, quando mais de rastos se humilha aos caprichos do homem, que faz o salto da fuga com o pé sobre o coração da que fica para calar a vergonha, e morrer nessa luta desigual. O que ele viu foi

aquilo por onde devia terminar a sua carreira de homem apostado a tirar, segundo as circunstâncias, urna vantagem real dos desejos nobres, outra da impostura, e a derradeira do cinismo. Começara a colher flores nas lagoas pontinas: saiu inficionado.

O sangue, que lhe vinha do coração nobre aos pulmões viciados de podridão, corrompera-se. O coração deu-lhe um abalo, quando se viu pobre das sensações íntimas que vão entalhar uma ação nobre, uma imagem santa, uma data gloriosa na consciência. Entristeceu-se. O que dantes era artifício, dava-o a natureza demudada agora.

Foi por isso que Amaral resolveu uma viagem de alguns anos.

CAPÍTULO V

Era uma noite, vinte e oito de Junho de 1845, véspera do milagroso apóstolo S. Pedro.

Sabeis como, nesta religiosíssima cidade do Porto, se festejam todos os santos da corte celestial, e particularmente Santo António, S. João e S. Pedro. Este, mais prestante que todos, pela importante missão de claviculário da bem-aventurança, gloria-se de ser festejado anualmente na cidade da Virgem com uma porção fabulosa de estoiros, um inferno indescritível de fogueiras, e o consumo sobrenatural de pipas de vinho, fritadas de linguiça, postas de pescada, e bebedeiras sem cifra conhecida no Bezout.

S. Pedro de Miragaia é, incontestavelmente, de todos os Pedros santos o mais querido. Aquele espaçoso areal não basta para os jorros de povo, que afluem das ruas sobranceiras. Surgem, como por magia, as fileiras de lâmpadas variegadas; os mastros de palha e alcatrão, que

fedem e abrasam; as orquestras militares, que consomem metade do tempo vozeando nas trompas estridulosas, e outra metade nas libações homéricas, fornecidas pela liberalidade dos mordomos; as tendas gratas à gastronomia suja da farrapagem, que as atulha, dando vivas ao santo, e praguejando obscenidades e insolências contra a taverneira tardia no ministrar da meia canada por cabeça; finalmente, o areal de Miragala é um misto de todas as regalias que entusiasmam o populacho, azando-lhe ocasião para que naquelas caras sobressaiam todas as linhas grotescas de uma alegria estúpida.

No longo quarteirão de casas, que se estende ao longo do arraial, vereis nessa noite caras suportáveis, que o reflexo meio fantástico da iluminação vos afigura belas. Vereis outras, realmente belas, colocando-se de modo que a projeção tíbia da luz as favoreça, na exposição noturna, aclarando-as aos olhos do paciente amador, que passeia em baixo sorvendo pelos pés a humidade da areia.

Entre estes, mencionada noite, podíeis ter visto Guilherme do Amaral, só, com os olhos mergulhados além nas trevas do rio Douro, absorto, recolhido nesses esconderijo de

tristeza, que o homem de algum senso íntimo leva consigo a toda a parte. Como ele, ajuizado desprezador desses júbilos boçais, viera ter a Miragaia, não o saberia dizer. Achava-se aí, sem saber ao que viera, e sentia não ter asas de querubim ou de hipogrifo para transportar-se ao deserto da Líbia, ou pelo menos ao seu quarto da Águia de Oiro.

Neste pensamento, cuja impossibilidade o incomodava, caminhou pela primeira travessa escura e despovoada que se lhe ofereceu. Atravessou um beco de aspeto pavoroso e nojento trilho: desembocou numa rua, que o conduziu a outra, na direção oposta da Águia de Oiro, para onde queria caminhar.

Achou-se bem, apesar do fétido nauseento que ressumava das fisgas das portas. Não via ninguém, ninguém o via, nem o mais ligeiro sussurro: era caminhar na escavação de uma rua de Pompeia, pela vista, e no aqueduto de despejos de uma cidade, pelo cheiro. O romanesco tem seus caprichos sórdidos. Amaral não trocava aquela atmosfera enjoativa pelos perfumes de nardo e rosas do toucador de alguma das suas numerosas admiradoras.

No extremo dessa rua parou, suspenso pelos gritos de quem chorava não longe dele. Avizinhou-se de uma porta, e observou que os gemidos saíam de uma casa térrea. Distinguiu estas palavras:

— Minha mãe, minha querida mãezinha do meu coração! Encostou-se ao batente da porta. Ouvia sempre a mesma exclamação, não respondida por nenhuma outra.

Bateu como o cabo do chicotinho três vezes na porta. Foi-lhe imediatamente aberta; mas a pessoa que abrira a porta recuou, surpreendida, em ar de fechar-lha na cara.

Não tenha medo, menina — disse cortesmente Guilherme, sustendo com a mão a porta.

— Pensei que era o meu primo... — replicou trémula a mocinha.

— Ouvi gritar, e julguei que podia fazer algum serviço à pessoa que chorava tanto.

— Era eu...

— Pois que tem, menina?

— Minha mãezinha, que morreu agora de repente!

— Sim? Talvez seja algum ataque de apoplexia... Se me dá licença, eu entro para examiná-la.

— Faz favor de entrar. Deus nosso Senhor o oiça ... se a vossa senhoria fosse cirurgião...

— Não sou cirurgião; mas se ela estiver viva, darei as providências para que não morra sem os últimos recursos.

— Amaral atravessara um quadrado de vinte palmos, pouco mais ou menos, dividido doutro por uma esteira de enfardar costais, em forma de biombo. Era aí dentro que, sobre um leito de pau-cerdeira, limpamente enroupado, com a sua coberta de chita escarlate, jazia, com a face para abaixo, e o corpo inclinado para o soalho uma mulher. Guilherme sondou-lhe o pulso e a testa: voltou-a de rosto, ergueu-a ao alto, e sentiu-a hirta, gélida e inteiriçada.

— Que me diz, meu senhor? — exclamou a filha, erguendo as mãos.

— Digo-lhe que está morta, e sinto que tenha morrido uma mãe, que merece tão sentidas lágrimas a sua filha. Menina, olhe que a dor do coração não se alivia gritando: bastam as lágrimas. Agora o que importa é tratar de

enterrar a sua mãe. Ora diga-me: vossemecê é sozinha? Não tem pai nem irmãos?

— Não, senhor: tenho um primo que é fabricante, e vem por aqui algumas vezes: mas logo hoje anda no arraial de S. Pedro, e eu não tenho por quem o mande chamar.

— Que queria a menina ao seu primo?

— Queria ver como há de ser isto: tenho medo de aqui ficar sozinha; não sei o que hei de fazer... Tenho medo de endoidecer...

— Pois não há de endoidecer, menina; tudo se faz do melhor modo que é possível. Vossemecê não tem nenhuma vizinha que a receba em casa?

— Tenho, sim, senhor; mas foi para o arraial fritar peixe.

— Como se chama ela?

— Chama-se a tia Ana do Moiro.

— Espere um pouco, tenha paciência, não se assuste; e feche a sua porta que eu vou chamá-la.

O senhor é mandado por Deus... mas ela não deixa o arraial para vir cá.

— Há de deixar... Guilherme saiu vivamente impressionado. Era uni quadro novo, uma excitação de sentimentos, que vibravam pela primeira vez. Os olhos da alma iam-lhe todos preocupados no lance angustioso de uma filha, abraçada ao cadáver da sua mãe, seu arrimo partido num instante, olhando em redor, para contemplar-se ouvida pelo silêncio do desamparo. Se, todavia, pudesse abstrair os olhos do espírito daquela cena, e fixar os do rosto na filha dessa mulher morta, teria visto uma linda rapariga.

A passo rápido chegou a Miragaia, e perguntou a uma taverneira se conhecia a senhora Ana do Moiro.

— E aquela que acolá está dando um prato de peixe àquele senhor de chapéu branco.

Amaral, quando a peixeira lhe perguntava se queria pescada ou solha, respondeu:

— Vossemecê há de conhecer umas suas vizinhas, que são mãe e filha...

— A tia Rosa carpinteira?

— Não sei se é essa; é uma que tem um primo fabricante.

— Primo não, sobrinho; primo vem ele a ser da prima, isto é, da filha da tia Rosa, que se chama Augusta.

— Pois então é isso, vinha eu dizer-lhe que a tia Rosi morreu agora de repente.

— Morreu?! Ora essa! Que me diz o senhor? Pobre mulher!

— O que eu queria era que vossemecê fosse fazer companhia à filha na sua casa.

— Ia, ia, assim me Deus salve... Mas não posso deixar cá o meu arranjo!...

— Eu ainda não lhe disse tudo. Entregue vossemecê o seu arranjo a alguém, que eu dou-lhe meia moeda.

— Dá? Olhe lá o que diz!...

— Eu sei o que digo; receba-a já, aqui tem cinco pintos, e venha comigo.

A filantrópica Ana do Moiro, espantada com semelhante caso, entregou à filha a direção do fogareiro em que rugia a

sartã, e seguiu Guilherme.

— Eu vou admirada com isto! É a primeira vez que vejo o senhor! Vossa senhoria, ainda que eu seja confiada, costumava ir a casa da tia Rosa, Deus lhe fale na alma?

— Não, senhora. Foi hoje a primeira vez...

— Sempre há coisas! E como vossa senhoria dá este dinheiro sem mais nem ontem! Aqui há coisa, e se houver, oxalá a rapariguinha, a ter de ser má, cala em mãos de quem lhe saiba dar o merecimento.

— Vossemecê está enganada; eu não me importa saber os merecimentos da rapariguinha.

— Não que isto é um modo de falar. Cada qual lá se entende, como o outro que diz... Ora a pobre tia Rosa! Ainda hoje esteve a cantar à porta, e parecia estar para muito... A gente anda neste mundo bem enganada!

— Que modo de vida era o dela?

— Vivia pobre; mas era muito arranjadinha. Ela dobava seda, e a filha faz alças de homem a quatro vinténs a dúzia. O pai era carpinteiro, e levava muito bem a sua vida; mas já

está no reino da verdade. O que lhe valia a elas era não pagarem renda: a casinha é delas: mas agora, se não tiver quem lhe dê algum arranjo, a rapariga vende a casa.

— A rua é esta? — perguntou Guilherme.

— É, sim, senhor. Bem se vê que a vossa senhoria não anda afeito a estes becos.

— Como se chama esta rua?

— É a Rua dos Arménios. Vivo aqui há perto de cinquenta anos, e já aqui viveu o meu pai, Deus lhe perdoe, que era barqueiro, e chamava-se António, por alcunha o Moim. Não o conheci; mas isso é que era um homem! Teve uma rixa com os franceses, má raios os partam, matou dois à navalhada, mas por fim também o mataram... É aqui...

Guilherme do Amaral não prestava a menor atenção às desventuras genealógicas da peixeira, procurando do lado direito a casa da mulher morta.

Bateram, e entraram. A filha do antigo assassino do fidalgo da Bandeirinha entendeu que era da tarifa carpir sobre o cadáver da sua vizinha, e fez que choramingava, abraçada a Augusta, com o mais estúpido fingimento.

— Deixem-se agora de choradeiras — disse Amaral. A menina vai para casa da sua vizinha. De manhã mandem dizer ao pároco que morreu esta mulher. Não sei se a menina precisa de dinheiro: mas acho que sim. Aqui lhe deixo com que possa suprir as suas precisões, e sinto não poder consolá-la da perda da sua mãe. Tenha paciência, menina. Este golpe sofri-o eu já, e sei que se não cura senão com o tempo. Ande, vá com a senhora Ana. Eu amanhã virei, ou mandarei saber se precisa de alguma coisa.

— Mas eu queria saber a quem devo tantas esmolas... disse ela, soluçando.

— De que lhe servia saber quem eu sou? Nem a menina me conhece, nem que me conhecesse estava em melhor situação para agradecer-me.

— Eu poderei pagar-lhe com o meu trabalho, se Deus me der vida e saúde.

— Pois converta o trabalho em bem seu. Adeus. Amaral saíra, experimentando os gozos da consciência, esses momentos únicos em que o homem se conhece abrasado de

uma faísca divina, esse galardão obscuro, íntimo, todo do coração, que só a caridade nos dá.

A vizinha foi a primeira, na ausência de Amaral, a tocar no dinheiro.

— Ui! — exclamou ela, quando o viu, antes de lhe tocar.

— Que é? — perguntou Augusta.

— Duas peças!

— Valha-me Deus!... — disse a órfã pendendo a cabeça para o seio. — Tudo isto me parece um sonho... Será aquele senhor um como há tantos casos de mandados de Deus!

Será, será, o Diabo o jure! — disse a filha do Moiro, associando o testemunho do Diabo à obra de Deus. — Arrecada esse dinheiro, que tens para um pouco de tempo, rapariga. Eu se fosse a ti, comprava um cordãozinho, que é dinheiro que tens na gaveta, depois de pagar algumas dívidas da tua mãe.

— Minha mãe, graças a Deus, só devia a vossemecê dezoito vinténs.

— Ainda bem! Não sabes quanto me consola cá por dentro não teres outras dívidas a pagar...

— O que eu vou fazer deste dinheirinho é mandar dizer missas por alma dela.

— Deixa-te disso. A tua mãe era uma devota do senhor S. Pedro, que é amanhã o seu dia, e há de abrir-lhe as portinhas do céu... Deixemos aqui uma candeia cheia de azeite, e vamos para minha casa. Anda daí.

Augusta regou de lágrimas a face da sua mãe. Abraçou-a, beijou-a, chamou-a ainda como quem espera um milagre, alucinada a imaginação com a crença do enviado de Deus. O cadáver, porém, não estremecia entre os braços convulsos da crédula jovem.

Fecharam a porta, e saíram. Enquanto Augusta chorava inconsolável em casa da vizinha, a previdente peixeira cansava a invenção na descoberta do melhor emprego às duas peças.

CAPÍTULO VI

Dois dias depois, Guilherme do Amaral foi à Rua dos Arménios, com a intenção de estudar de dia a suposta miséria daquela casa, que não pudera ver à luz mortiça da candeia, e mais ainda para cumprir a promessa que fizera de socorrer mais algumas necessidades da órfã. Não há intenções mais puras!

Era meio-dia; estava fechada a porta, e aberta apenas uma fresta da pequena e única janela ao rés da rua. Guilherme parou em frente. Augusta viu-o, e correu a abrir-lhe a porta, como a um parente, ou a pessoa ansiosamente esperada.

— Faz favor de entrar? — disse ela, corando. — A casa não é própria; mas...

— Todas as casas são boas, quando vive nelas o contentamento, ou a esperança de gozá-lo um dia. Como está, Augusta?

— Obrigada a vossa senhoria; eu ontem passei o dia na cama, e levantei-me agora, porque me dizia o coração que a vossa senhoria viria.

— Pois dizia-lhe o coração que eu viria aqui? Augusta baixou os olhos e sorriu-se de um modo que tornava mais sensível o pejo.

— Porque se não senta? — disse Amaral, disfarçando.

— Estou bem, meu senhor.

— Sente-se, Augusta: sou eu que peço, ou que mando. Augusta sentou-se, levantando os olhos a medo para o que já lhe não parecia um enviado de mandados superiores.

— Que tenciona fazer? — prosseguiu o hóspede, reparando na rara beleza daquela obscura mulher.

— Eu, senhor?

— Sim: tenciona viver sozinha, sem parentes...

— Eu não tenho senão um primo, que também é órfão; mas cada um vive na sua casa.

— Eu sei que o seu modo de vida é fazer alças. E, sim, meu senhor. Foi a tia Ana que lho disse?

— Foi.

— Quanto ganha por dia nesse trabalho?

— Fazendo serão, ganho três vinténs.

— E vive com isso?

— Até aqui vivia, porque a minha mãe ganhava quatro vinténs a dobar seda: daqui em diante será o que Deus quiser.

— Mas isso não lhe chega... A menina se tivesse uma casa onde pudesse servir como criada de sala, levava muito melhor a sua vida.

— Não duvido que sim; mas eu quero viver e morrer onde viveu e morreu a minha mãe e o meu pai, que Deus tenha na sua santa glória. Diz-me o coração, que se eu sair da minha casinha, hei de ser desgraçada. Conheço muitas raparigas, que foram servir, e poucas deram boa saída. Quase todas andam por aí, hoje numa casa, e amanhã noutra, e, quando Deus quer, mais pobres e infelizes do que saíram da sua miséria atrás dos ganhos.

— Uma das coisas que me admiram, não é tanto o seu bom juízo, como a menina estar ainda solteira. Quantos anos tem?

— Vinte, meu senhor. E não tem querido casar-se? Augusta fez-se da cor da cereja, e não respondeu.

— Não tem de que envergonhar-se — disse Guilherme, empenhando-se na conversa com vivo interesse, a que o coração... ou a fantasia já não era estranha. — Eu não quero ser seu confessor; isto foi uma pergunta que não deve magoá-la.

— Vossa senhoria não me magoou; mas... não sei se a gente deve dizer tudo o que sente.

— Pelo menos, aquilo que nos não envergonha pode dizer-se a toda a gente; e o que nos envergonha, ou se não diz, ou se diz a um confessor.

— Eu não tenho querido casar com o rapaz que me quer, há mais de quatro anos.

— É algum oficial de ofício? Desculpe-me a liberdade com que pretendo saber os seus segredos.

— E fabricante.

— Talvez o seu primo, em quem me falou já...

— Foi alguém que lho disse?

— Nada, não, menina: botei-me a adivinhar. Gosta dele?

— Gosto dele; mas não quero casar; queria que ele fosse meu amigo, que olhasse por mim como sua prima e mais nada.

— Não lhe tem amor, é o que quer dizer...

O diálogo foi interrompido por passos, que subiam os degraus da escada.

— Posso entrar, Augusta? — disse uma voz.

— É o meu primo — disse ela sobressaltada.

— Diga-lhe que entre... pois porque se assusta?

— Entra, Francisco... — disse a rapariga com receio.

O fabricante, vendo o estranho hóspede da sua prima, levou a mão ao boné, fez menção de retirar-se.

— Venha cá, senhor Francisco... — disse familiarmente Guilherme. — Aqui não há nada que o faça sair.

— Este senhor — disse a descorada Augusta — é aquela pessoa que eu te disse, Francisco...

— Ah! já sei... Tu dizias que era uma alma vinda do Céu, e eu sempre acreditei que era pessoa deste mundo... — disse o artista com boçal desembaraço, mas também com graça.

— E muito deste mundo, senhor Francisco; mas quem devia aqui estar, quando morreu a sua tia, era vossemecê. Quem tem uma prima solteira não a deixa pelas patuscadas do arraial.

— Aconteceu ir espairecer até lá nessa noite; mas enfim, a vontade de Deus foi levar a minha tia, e quem cá fica não se deve matar.

Augusta fez uma visagem de aborrecida a esta resposta disparatada. Amaral compreendeu-a, e julgou descobrir naquela mulher uma coisa, especial, um instinto não vulgar, reprimido pelas circunstâncias. Esvoaçou-lhe por lá um pensamento, que o fez refletir alguns segundos, enquanto o fabricante dizia a sua prima o lugar em que, pouco mais ou

menos, a sua mãe fôra sepultada, e o padre a quem encomendara cinquenta missas por alma dela.

— Mandou dizer cinquenta missas por alma da sua mãe? — interrompeu Amaral.

— Mandei, sim, meu senhor, do dinheiro que a vossa senhoria me deixou, e ainda tenho muito com que possa mandar dizer algumas por alma do meu pai...

— É boa maneira de gastar o dinheiro... — disse o fabricante ironicamente.

— Eu acho que é bem empregado o dinheiro que nos serve de suavizar a saudade, desempenhando a obrigação em que os vivos ficam para com as pessoas que nos morreram. Fez a menina muito bem.

Augusta abaixou a cabeça com certo ar de inteligência. Francisca abrira a boca ao arrazoado de Guilherme, sinal significativo de que o não entendera.

E, voltando-se para ele, Amaral continuou:

— Então vossemecê é fabricante?

— Sim, senhor. Trabalho em Lordelo nos teares, há cinco anos.

— Quanto lhe fica por dia?

— Dois tostões; pouco é.

— E hoje deixou o trabalho?

— Não, senhor. Temos hora e meia de sesta no Verão, e eu venho sempre ver a minha prima.

— Deve ser muito amigo dela, e ajudá-la a viver com as suas posses.

— Isso é que ela não quer... já quis mandar vir dispensa para nos casarmos, e ela não diz que não, mas também não diz que sim.

— Mas um primo para ser bom à sua prima não precisa de ser seu marido.

E o que eu lhe tenho dito... — atalhou Augusta com satisfação, vaidosa de ter já dito o que era agora repetido por Amaral.

— Eu não duvido — replicou o fabricante —, mas como casados era outra coisa: assim não podemos viver juntos...

— Podemos, podemos... — interrompeu Augusta.

— Este senhor que diga se uma rapariga como tu pode viver com um rapaz sem dar que falar.

Amaral sorriu ao requerimento imbecil do seu testemunho, e respondeu:

— Eu acho que pode...

— Mas... — disse ele — onde há lume logo fumega. Eu tenho-lhe amor de raiz há quatro anos, perto de cinco, e se ela estivesse comigo, e viesse algum conversado falar-lhe namoro, não sei o que seria, dava por paus e por pedras, e as más-línguas tinham de dizer que eu tinha má vida com a minha prima.

Se tu te calasses, fazias bem melhor... — disse Augusta muito envergonhada, e com um gesto natural de aborrecimento, que agradou muito a Guilherme; porque nem as estudiosas mulheres da sala exprimiriam melhor um nojo fingido.

— Isto que eu digo não tira nem põe: foi a respeito de dizer este senhor que te ajudasse a viver.

— Mas vossemecê pode ser-lhe útil sem viver de companhia com ela; poupar uma quarta parte do seu salário, que junto ao da sua prima chegaria para ela se sustentar; e, quando lhe aparecesse um casamento proveitoso, deixá-la casar, visto que ela não quer ser sua mulher. O casamento quer-se feito livremente.

Francisco amuara, escovando a copa do boné com a mão. Augusta fixara em Amaral os seus negros olhos, húmidos de lágrimas de reconhecimento, e ao mesmo tempo cativos daquele pasmo de fascinação, que a mulher inocente não sabe esconder com o leque, ou neutralizar com o sorriso desdenhoso.

Amaral não precisava ser tão penetrante como era para espionar a secreta inquietação da prima do artista. Uma mulher deve ter sido enganada dez vezes para saber enganar um homem de medíocre esperteza; e Augusta não sofrera nunca uma só das deceções, que habilitam a impostura, envenenando a ingenuidade. Os lábios, se falassem, poderiam mentir, porque o pudor tem disfarces; mas, silenciosos, não. O que mais a denunciava eram os olhos, onde o alvoroço íntimo, o fogo súbito, que a

queimava dentro, se refletia em brilhos de uma alegria espontânea, em languidez de pejo, que reage contra as expansões indiscretas da candura.

Amaral cedia, neste momento, ao orgulho, e perguntava-se se não era aquela a sua primeira conquista gloriosa. Seria fácil em demasia, crendo-se amado? Não era, não. Só cabe aos tolos a convicção de que despedem torrentes magnéticas dos olhos, prostrando corri elas as vítimas, que os recebem. Bom é que a irrisão os moleste, para que eles não sejam, sobre a Terra, a única espécie perfeitamente feliz. Ora, Guilherme do Amaral não era daquele grande número de que faz menção a sagrada escritura; poderia pelo contrário e sem lisonja, reputar-se um génio, o Bentham da Deontologia do coração, o Herschel das mais apuradas lentes, para da grande distância que vai dos olhos ao coração da mulher, ler tudo o que lá dentro se esconde a elas mesmas.

Por divertir a conversação de um assunto em que não era honesto fazê-la durar, Guilherme, olhando em redor de si, disse com benigno sorriso:

— Quem vê esta casa de fôra não imagina como ela está asseada, fresca, e encantadora por dentro.

— Casa de pobres — atalhou Augusta, recebendo o reparo com modéstia, mas gloriando-se de merecê-lo.

— Casa de pobres — disse Guilherme —, mas de pobres que não devem invejar o luxo dos ricos salões, onde o descontentamento e muitas vezes a vergonha é a alfaia negra no meio desse brilho.

Amaral falava nesta ocasião para si. Augusta adivinhara a ideia sem conhecer a frase. Francisco não entendeu frase nem ideia.

— Minha mãe — disse a costureira — era muito amiga do asseio. Este paninho vermelho que enfeita a cómoda custou muito barato; eu é que fiz a franja branca, que lhe dá graça. Estas cadeiras fê-las o meu pai, que era carpinteiro, e todos estes móveis foram arranjados por ele. Tínhamos ali, onde estão as esteiras, um tabique; mas haverá um ano que ele caiu, e nunca o pudemos mandar erguer.

— Esta casa — perguntou Guilherme — não teve por cima outro sobrado? O teto dá ideia disso por ser liso...

— Já teve, mas houve aqui um fogo que queimou o andar de cima.

— Desde que a menina aqui está?

— Não, meu senhor, eu lhe conto o que o meu pai contava. No tempo dos franceses morava aqui um homem com fama de muito rir... Quando eles entraram no Porto, como vossa senhoria há de ter ouvido dizer, muita gente afogou-se na ponte, que por sinal lá está o painel das alminhas. O homem que morava aqui foi um dos que se afogaram, ou então mataram-no os franceses, porque nunca mais apareceu. Como ele tinha fama de ser rico, entraram aqui dentro os franceses, mas dizia o meu pai que eram portugueses...

— E até o principal — interrompeu o fabricante acho que era um barqueiro, pai daquela Ana, que a vossa senhoria foi buscar ao arraial.

— Seria; mas a gente não deve fazer carga à sua alma com uma coisa que não se sabe ao certo — atalhou

Augusta. — Fosse quem fosse, o caso é que os ladrões, não achando nada, desesperaram-se e botaram fogo ao enxergão. Quando acudiu gente já não podiam valer ao andar que tinha a casa; ardeu todo, menos o sobrado. Passado muito tempo, o meu pai, que morava aqui perto, tratou de saber quem eram os herdeiros de tal homem, e comprou muito barata esta casinha, com tenção de compor este baixo, porque não tinha dinheiro para levantá-la como ela era. Botou ao chão as paredes do andar de cima, e solhou esta loja, que era térrea, e abriu aquela janela, porque era muito escura. Aqui nasci, e sempre que pude, desde pequena, arranjava papel de cores para tapar a caliça da parede que já é muito velha.

— E deve ter soberba da sua bonita casa, Augusta disse Amaral, erguendo-se. — Eu estou sendo aqui de mais, e por isso retiro-me.

— Já?! — perguntou ela com inocente familiaridade.

— Não quero estorvar o seu primo de empregar os meios com que se amansam as meninas cruéis — replicou ele, sorrindo, e surpreendendo nos olhos dela todos os segredos do coração.

— Nós não temos nada a dizer — murmurou Augusta, engasgando-se, e torcendo entre os dedos a ponta do lenço preto do pescoço.

— Isso é verdade... — disse o fabricante com maliciosa inocência ou alvar ingenuidade. — A gente conversa em coisas que não valem dá cá aquela palha. Enquanto ela costura nas alças, eu sento-me ao pé, e estamos horas sem dizer nada um ao outro. De há tempos para cá, deu em se fazer muito séria comigo, e não me dá palavra. Enquanto a mim, anda aqui mandinga de casório entre nós...

— Jesus me valha! — atalhou ela. — Não faça caso, meu senhor... Este meu primo não é escorreito, e, começando a taramelar, não pensa o que diz, nem se lhe dá de mentir. É bom rapaz; mas tem uma língua que chega além do rio... Com que consciência dizes tu que eu... Valha-me Nossa Senhora! E a ti também...

Estas palavras, ditas em boa graça, exprimiam zanga e aborrecimento. O fabricante, se dissesse bocadinhos de oiro, seria sempre, ao pé de Guilherme, um grosseirão. Compará-lo era aborrecê-lo; ouvi-lo, depois do hóspede, era para Augusta uma quase vergonha de ter tal parente. Estas

grandes e pequenas impertinências que ela sentia contra o fabricante rudemente falador eram indícios manifestos de uma grande ou pequena miséria, chamem-lhe como quiserem, à qual as marquesas de Luís XIV, e a costureira de alças da Rua dos Arménios, chamaram amor. Mas o amor de Augusta, assim de improviso, explica-se? Perfeitamente; é uma palavra que se explica por outra: mulher. Será: porém, o amor não é assim para todos os homens. “Aqui estou eu”, diz o leitor, “que tenho consumido a mocidade sem deparar uma dessas mulheres de fibras flexíveis que se dobram sob a mão magnética da minha vontade. “ Pior para o meu amigo: mas nada de instaurar-se em regra, particularmente em relação a mulheres, que são todas excetuadas. Guilherme do Amaral tinha um condão. Não era obra diabólica de magia negra ou branca, nem manhas cavilosas de sedutor professo. Era a omnipotência da fascinação. Não sabem o que é isto? E um fluido, que atua independente da vontade, e faz que uma se lance cegamente nos vestígios ensanguentados de outra vítima, atrás do mesmo algoz, como as mulheres de Henrique VIII; com a relevante diferença que o monarca inglês transmitia a cadeia magnética pelos diamantes da coroa: e o homem

fatídico, o rei tirano dos espíritos, exerce num olhar profundo a sua atração infernal.

E onde se afere a intensidade do seu magnetismo é na presteza com que escraviza a mulher cultivada até à negação de todo o idealismo, e a mulher inocente até à ignorância dos meios de furtar-se ao domínio desse homem.

E estes monstros existem? Sim, minhas cautas senhoras. Existem. Não lhes digo que se acautelem, porque seria inútil.

Por consequência, Augusta... Nada de consequências intempestivas! Eu não autorizo ninguém a lamentar primeiro que eu a minha galante costureira da Rua dos Arménios. É tão linda! Mal diria João Antunes da Mora, por alcunha o Kágado, quarenta e cinco anos antes, que aquele saguão infecto deveria ser habitado pela cara mais fragrante, mais engraçada, mais travessa, mais inteligente que eu tenho na minha galeria de mulheres, cuja imortalidade está ao meu cargo!

O capítulo seguinte pode lê-lo toda a gente.

CAPÍTULO VII

Tinham decorrido quatro horas de aturada cogitação na vida de Guilherme do Amaral, quando ele, juiz suficiente de si próprio, decidiu que amava a pobre costureira de suspensórios. Estas quatro horas foram as decorridas desde que ele se despediu da Rua dos Arménios, onde o deixámos no anterior capítulo, até que se vestiu para assistir a um jantar de despedida, que lhe era dado pelo marido de D. Cecília.

Aí, como é de estilo, depois de esgotadas as saudações à ilustre dona da casa, voltaram-se as atenções, um pouco alcoolizadas, para Amaral. Alguns maridos suspeitos foram os primeiros a recitar as virtudes do provinciano. Damas insuspeitas aceitaram a opinião dos seus maridos com estrepitosos aplausos. Combinavam-se perfeitamente.

Velo, depois, o sentimentalismo da esfalfada etiqueta carpindo a saída de um mancebo, a todos os respeitos, lustre e ornamento da boa sociedade. Era tudo pretexto

para beber: bailava a lágrima nos olhos rúbidos dos convivas, ao mesmo tempo que o férvido champanhe os ressarcia dos líquidos perdidos pelas glândulas lacrimais.

Um deputado, com a cara ainda iluminada da auréola oratória, conquistada em lides parlamentares sobre o fabrico de azeite de purgueira (vide o Diário do Governo de 1843), de pé, arfando as paridas ventas ao resfolegar da inspiração, cabelos hirtos, e olhos injetados de sacro fogo, falou assim:

— Damas e cavalheiros! Silentium orecundius, É muda a expressão, fala o silêncio!, traduziria eu, com a consciência de ter dito o mais que pode dizer-se na presente conjuntura... — Engasga-se, e crava os olhos num cupido pintado no teto — pode dizer-se na presente conjuntura... se... se... — Uma dama imprudente funga um froixo de riso contagioso... — se a voz da amizade, da honra, e do dever me não inspirassem no momento solene deste angustiado adeus. — “Apoiado!”, exclamação do barão da Carvalhosa, e careta de aplauso ao vizinho. Sim, senhores: o cavalheiro que a fortuna nos deu, a fortuna caprichosa no-lo rouba! — Sensação; silêncio apenas quebrado pelo silvo agudíssimo

de um sorvo de pitada. — Em verdes anos, não o conhecereis mais prudente, mais cauto, mais instruído, mais respeitador dos sãos costumes, mais... mais...

“Mais honrado!...“, aditamento dum... Orgon, representante do de Molière — justamente mais honrado que esse de todos nós querido, de todos nós respeitado, de todos nós... — “Bom é que não diga de todas nós”, observação maliciosa, à parte, de uma dama que conhecia perfeitamente as outras — de todos nós saudade pungentíssima, e gloriosíssima recordação! — “Apoiado! apoiado!”, palavras do barão da Carvalhosa, secundadas por vários comendadores, que não adormeceram ainda. — Sim, senhores! O cavalheiro Guilherme do Amaral, a todos os respeitos benemérito dos nossos encomiásticos elogios, vai partir!!!! (Quatro pontos de admiração que ele tinha no rascunho, estudado quinze dias, à razão de duas horas por dia.) O modelo exemplaríssimo dos mancebos, que nas suas virtudes nos afigura uma senilidade precoce, vai partir! — Guilherme recomenda, em oração mental, o orador ao Diabo — O tipo da inteireza, da retidão, da probidade... vai partir! E nós ficamos! Ficamos, sim! Ficamos nós!... E que

não haja um íman que o prenda! E que não haja um grilhão suavíssimo que o algeme! E que não haja… que não haja…

“Um bacamarte!...“, murmúrio de um jornalista malcriado sem graça nenhuma, que não haja... — “Uma comissão revisora de speeches!...“, o mesmo insolente a meia voz para uma dama que tem o mau gosto de rir-se — que não haja um amigo que o restitua aos seus amigos!... — Estrondosos bravos e arrotos. — Pois bem; cumpra-se o destino! Ficaremos para saudá-lo todas as vezes que nos reunirmos com a efusão cordial com que eu proponho um brinde ao nosso meritíssimo amigo Guilherme do Amaral!! — Gritaria caótica; bebem prodigiosamente: um comendador, por desculpável engano, leva aos lábios a taça da água morna, onde lavara os dedos. Duas senhoras, a rir, estalam quatro colchetes. O orador está radioso.

Amaral, atenuado o calor do entusiasmo, ergue-se com o copo em punho. Um “psiu” unânime estabelece o silêncio momentâneo das orgias ilustradas. As damas, todas olhos e ouvidos, não pestanejam. Os homens gordos desapertam os coletes compressores para saborearem com todas as comodidades as delícias do orador à barra. O deputado,

com ares protetores, estende o braço como a pedir a religiosa mudez das respirações. O próprio barão da Carvalhosa não ousa levar ao nariz a voluptuosa pitada, que inutiliza, para não quebrar com o sorvo estrídulo o silêncio universal.

— Vivamente impressionado — diz Amaral com a mais cómica seriedade — pela tocante eloquência do senhor conselheiro, inveja de Demóstenes, e honra da pátria, mal posso articular as notas confusas de um hino de reconhecimento, que o coração egoísta fecha em si, e não confia aos lábios profanadores. – “Bravo, ótimo!”, exclamação do deputado, que bate solfa com a cabeça a cada acentuação silábica do orador patusco.

— Se a inspiração é mãe de ideias grandes, quantos embriões perdidos nas mágicas entranhas dela! Quantas emoções divinas afogadas pela rudeza da palavra humana! Quantas expansões do íntimo arrefecidas no gelo dos lábios! É que a língua humana não está feita ainda. Bem disse o ilustrado cavalheiro, que me precedeu, num sonoro verso: “É muda a expressão, fala o silêncio!” E, demais, a minha posição é especialíssima. Eu sou o devedor de tantos

credores; e dívidas de amor só as paga o amor, o amor silencioso, o amor cuja linguagem balbuciam os anjos, o amor, que faz seu ninho nas fibras íntimas do seio, e aí morre, quando o peso de urna pedra fria lhe esmaga o santo asilo.

— “Belíssimo, inimitável, originalíssimo!”, troveja o deputado, arrancando aos convivas que, com honrosas exceções, não entenderam nada, um rugido de admiração. — É esse amor que impele o homem; todos os cálculos da cabeça abortam, não vingam se os não sanciona beneplácito da força motriz, que roda os eixos desta máquina quebradiça, chamada vida. A prova desta asserção vou dar-vo-la, senhoras, para as quais ela não é precisa, porque o amor em vós é o espírito vital; e a vós também, cavalheiros, mais ou menos combalidos da podridão deste século, donde a inspiração fugiu espavorida, e tanto para longe, que poucos a reconhecem se ela desce do céu ao regaço da humanidade. — Uma senhora velha chora, e a filha, que está em frente, ri-se. D. Cecília pisa o pé de uma sua vizinha, que se apoquenta na persuasão de que a pisadela foi um choque do seu pé com o principal joanete

do barão imediato. O orador prossegue no seu descabelado improviso. — Quereis, pois, a prova? Ouvi-a. Não há ainda um quarto de hora, que eu de fugida traçava o vasto roteiro das minhas viagens. Perguntava eu a mim mesmo em que palmar da Ásia, em que floresta do novo mundo, em que oásis do deserto, em que latitude do oceano, ou em que necrópole dos impérios devastados, de hoje a um ano, recordaria as saudosas pessoas, que vieram a azedar-me, num festim de risos, as lágrimas ocultas, que eu verteria depois... — Sensação. Alguns que devem aos vinhos secos o sexto sentido da poética sensibilidade, têm os olhos aguados: vê-se que Virgílio não mentira quando disse: sunt lacrimae rerum, posto que eu emendaria: sunt lacrimae vini.

— Lágrimas de cálida saudade me cairiam da face sobre o fuste de alguma coluna de Nínive. De lá volveria, como o israelita nas margens do saudoso rio, para o ocidente os olhos melancólicos à maneira do proscrito que não conhece os homens, que o encaram, a lua que o ilumina, a brisa que o não refrigera, as flores que o não incensam com os perfumes da pátria! – “Que diabo diz ele?!”, pergunta um

comendador ao membro municipal seu vizinho. Resposta: “Não entendo patavina.” — Vede quão amargo me seria este adeus ao canto do globo, onde se acoitam, como pedestais deste belo céu, todas as graças, todas as maravilhas da criação, todos os êxtases do amor do poeta, da admiração do artista, das abstrações do filósofo! Eu não devia deixar a pátria, especialmente o Porto, onde vivi os doces e fugitivos instantes da minha juventude, já agora fanada como a flor esquecida na haste, aos ardores do sol, sem gota de água reanimadora! — “Que tremenda estopada!”, observação judiciosa do jornalista, ansioso por fumar. — Não devia... e, contudo, Deus me é testemunha — “Legítimo clássico!”, reflexão, a meia voz, do deputado a uma espécie de barão, que o não entendeu. — Deus me é testemunha que eu seguia de rastos o meu destino, e, neste instante, emancipo-me da tutela ignóbil do destino, para declarar com a ufania que me dá a consciência, de proceder como devo, que não tenho? coragem. de vos deixar; serei vosso, se vos mereço; não irei ressequir ao sol de estranhas plagas as flores de amizade com que fui coroado aqui! A vós, senhoras, que tendes o condão de soprar uma cintila em cinzas apagadas! A vós, senhores,

que vos honrais lisonjeando a amizade... uma ovação sincera, uma saúde fervorosa!

— De pé, de pé! — gritaram uns.

— Sobre as cadeiras! — urraram outros.

— Exceto as damas! — disse Guilherme.

— As damas inclusive! — bradou um parvo.

O deputado pede a palavra: não o atende ninguém. O jornalista, aproveitando a desordem, acendeu o charuto. A velha, que chorava, afetada do contágio, fez bravuras com uma perna ferida de gota. As damas, imprudentes nas libações, não curavam já da simetria dos boucles, Aquela cena preliminar de uma orgia não lhes parecia nova, nem excessiva. Pareciam feitas para o festim, como as mulheres da corte de Baltasar. Uma queria pedir a palavra, se a não pisam dolorosamente nesse momento. Outra pedia familiarmente ao criado um copo de champanhe...

E Guilherme do Amaral, que não perdera um só episódio, nem bebera coisa que lhe anuviasse os olhos penetrantes, dizia, na sua consciência: “Isto faz nojo! A boa sociedade é isto! Eis aqui a taverna servida com cristais da Saxónia!

Mais alguns copos de vinho, e estes homens despirão as casacas, e estas mulheres agitarão no ar os tirsos de bacantes! “.

Este fragmento era uma reminiscência do sistema que em Lisboa tão mau pago lhe dera. Lá, estas convulsões de ódio ao género humano eram ditas em voz alta. No Porto, o escarmentado rapaz reduzia isso a monólogos, e tinha juízo. Não se fiava de nenhum amigo, não tivera um só lapso arriscado, uma dessas facilidades gratas à vaidade, que molestam a reputação da mulher, já sentenciada, e destroem a reputação do homem, frivolamente jactancioso. Ela não perdeu nada, e ele perdeu tudo! Isto é um absurdo, e, porque o é, creio nele, como Santo Agostinho: quod absurduin, credo.

O homem que mais de perto tratava Guilherme era o indecente jornalista-poeta, que tive a ousadia de apresentar-vos no baile do barão da Carvalhosa. Como Amaral poderia relacionar-se com tal carácter, não sei, nem ele o sabia.

O facto, porém, deve ter uma tal ou qual explicação. O cantor de Cecília, sua fecunda inspiração de quarenta e

oito poesias por ano, era um falador, que não impacientava: riqueza e nervo de pensamentos, crítica, sarcasmo, riso fulminante, ironias apimentadas, que faziam saltar a língua aos que lhas provavam, experiência comprovada a preço de todas as suas quimeras, desenvoltura tolerada ao seu talento, ou imposta à força pelo terror da sua pena molhada em fel... seriam estas as qualidades que atraíram Amaral? Foram; nem o poeta tinha outras que lhe granjeassem estima, ou desprezo, visto a olho nu, e não estudado vagarosamente.

O provinciano principiara por onde devia acabar: antes de sair da sua aldeia, falava da sociedade, como se recolhesse ao lar dos seus avós, pedindo aos deuses penares o tesouro da paz, que perdera nas tormentosas borrascas do grande mundo. Todo ele, portanto, era uma falsificação; todos os seus pensamentos e palavras (as obras excetuam-se) um artifício. Não sabia do coração mais do que os romances lhe ensinaram: não entrara no âmago disto, a pôr o dedo sobre a úlcera; não se provara em medições de formidável sofrimento, essas que são a envenenada iguaria, que abunda na mesa do poeta, quando ele é desse pequeno

número, que se atravessa na torrente dos factos, apregoando teorias de uma moral abstrusa e inexequível.

Se praticasse com o Mentor de Lisboa, alguns dias mais, saberia muito, não ouviria com tanto empenho as preleções baratas do jornalista. E ninguém, como este, poderia dar-lhas tão importantes.

A desilusão não era um cálculo, nem a imoralidade uma vocação no autor das quarenta e oito poesias. Descreu, porque era mentira tudo o que lhe prometera a infância; teve razão para descrer. Desmoralizou-se, porque precisava comungar no orçamento social; não era silfo para viver do ar, nem abelha que se desjejuasse no pólen das flores: teve razão de desmoralizar-se. E quem mais logicamente explicava a sua desmoralização era ele. Vencia e convencia, a ponto de Guilherme do Amaral, em rasgos de sinceridade, confessar que a corrupção do poeta era de todas a mais racional.

E era este justamente o jornalista que, no jantar dado a Amaral, capitulara de estopador o discurso do seu nobre amigo que lhe afinava a ânsia de fumar.

O provinciano, para não perder nada, reparou no jornalista, durante o quarto de hora de delírio que se seguiu à sua estirada proposta. Viu-o sentado fôra da mesa, com as pernas em cruz, deliciando-se orientalmente no fumo, e torcendo para Guilherme um lance de olhos muito expressivo de zombaria, e um riso de escárnio, mais picante ainda pela “atitude” do charuto ao canto dos lábios.

Os convivas passaram à sala próxima, onde o café era servido. Guilherme deu o braço à dona da casa, a poética Cecília, casada de sete meses, que teimava em dizer que não brotara ainda a flor ideal do seu sonhado jardim. Diria muitas outras coisas, se o maligno poeta se não postasse ao lado dela, recitando, em aparente abstração, uma quadra, muito conhecida, da sua cantara intitulada A Bacante, coisa repulsiva, que parecia escrita sobre a sórdida banqueta de uma taverna. Cecília erguera-se, e um poeta ocupou a cadeira vaga ao pé de Guilherme.

— Fizeste fugir Cecília, com algum epigrama dos teus... — disse Amaral, risonho.

— Nada, eu não faço epigramas às donas da casa onde janto, senão na véspera, ou no dia seguinte. Estava

recitando, na mais santa idealização dos meus êxtases, uma poesia íntima. Se ela fugiu, foi decerto à tua prosa.

— És um cínico de alto quilate! És o Carlos Herrera dos meus romances.

— E tu serás o Dom Basílio dos meus. És um assombro! Como tu podes contar com o voto de toda esta gente para a próxima legislatura, isso é que eu não sei como se faz! Quem te deu o privilégio da virtude na imoralidade, Amaral? Fala franco!

— Pois eu sou imoral?

— Tu és um génio! És o Escoro subtilíssimo da caricatura! És capaz de provar a todos estes maridos que trazes cilícios sobre os rins! Sê uma vez sincero; indemniza-me de tantas sinceridades que tenho tido contigo; quero só uma; responde: como estavas tu por dentro, quando disparavas aquela metralha de ironias a esta gente no teu brinde? Se vais mentir, cala-te.

— Não minto; respondo: ria-me.

O jornalista deu-lhe um abraço, de pé, exclamando:

— És um grande homem! Se o mármore não fosse o galardão póstumo dos tolos, tinhas uma estátua em vida. Serás feliz até à morte! Vê que estou inspirado, profetizando o teu destino. O último dia das tuas velhacadas será a véspera da tua beatificação. Mestre! Não posso recuar; se pudesse, seria o teu discípulo premiado... Vou tomar café... Não viste ainda uma salva de prata com charutos de contrabando?... Ela aí vem...

CAPÍTULO VIII

Pois se Guilherme do Amaral, segundo a sua crível confissão, ria interiormente, quando reconsiderava a viagem, que as saudades dos generosos portuenses não consentiam, como se explica esta mudança? Há por ventura um motivo sério que a explique?

Há, não pode deixar de haver. Amaral retirava-se saciado do Porto, enjoado seriamente deste delicioso burgo, que devia ser simbolizado por um João Antunes da Mora de greda, a rir de um pobre forasteiro, que abre a boca, espreguiçando-se, até deslocar as maxilas. A demora do paquete impacientava-o até ao momento em que saiu da Águia de Oiro, e maquinalmente se deixou ir entre o enxurro da plebe, que desaguou em Miragaia, na véspera de S. Pedro.

Quando visitou, segunda vez, a órfã da Rua dos Arménios, as suas tenções de viajar eram as mesmas; os preparativos continuavam, e a esperança de se ver barra fôra,

exclamando: fuge crudeles terras, fuge litus avarum, era insofrida.

Foi, pois, Augusta, a pobre costureira de suspensórios, a filha do defunto carpinteiro, que passou uma esponja sobre o mapa-múndi, que o viajante prometia trilhar em dez anos de peregrinação, atrás de um desenjoativo. Era muito; mas realmente era!

Amaral viu esta mulher como até ali não vira alguma, a olho nu, sem a impossível formosura ou a monstruosa deformidade das novelas, sem os ensaios prévios da sedução, sem o doble artifício que o desejo da celebridade lhe ensinara, privando-lhe de liberdade a natureza ingénua, crente e expansiva.

Um amor natural e espontâneo, gerado na simplicidade do coração, alimentando-se de si, sem ostentar-se às emulações dos outros, abastardar-se no jogo de pequenas misérias, que são a iguaria apetitosa da mulher saciada, esse amor ainda Guilherme o não sentira, e muita vezes perguntara ao espírito em liberdade se ele existia fôra da inocência, ou somente nos arrobamentos das almas propensas ao fantástico.

A esta pergunta respondera Augusta, a mulher simples, a frescura dos vinte anos com toda a seiva dos quinze, os lábios de rosa sem a mácula de um beijo, os olhos de uma ternura voluptuosa, como ela se mostra sem os atavios do fingimento, olhos donde não caíra ainda uma lágrima sobre uma ilusão desvanecida.

A índole móvel de Amaral recebeu como facto o que era apenas urna impressão nova, exagerou a felicidade em perspetiva, porque o coração, faminto do verdadeiro amor, rejuvenescia da velhice prematura, oferecia-se para os júbilos da afeição ingénua, cheio de vigor, imaculado do lodo em que a impostura o atascara, abrindo-se aos anélitos do ar puro, do santo amor que se nutre de esperanças, e adora o reflexo do seu objeto no céu, no lago, na flor, na madrugada, no silêncio, nas trevas, e nos sonhos mais luminosos que o dia.

O que ele viu em Augusta era tudo o que podia ser, e o mais que não podia ser. O génio, apurado pelo desejo, enfeita a natureza de matrizes, que ela não tem. A mulher, observada por um desses infelizes parias, que vivem longe de nós por excursões no deserto da aspiração, transfigura-se, diviniza-

se, é o querubim de um dia, a luz efémera de uma bem-aventurança impossível sobre a Terra.

Foi assim que a costureira, única, pela inocência, entre todas as mulheres, que Amaral conhecera, se lhe afigurou. Era no acaso feliz de encontrá-la que Amaral se entretinha, acumulando esperança sobre esperança, quando o jornalista, pontual conviva ao almoço, entrou no quarto.

A verdade é expansiva; a mentira retrai-se, esconde-se até aos olhos dos depravados. Amaral sentia o que sentiria aos quinze anos, estreando-se na carreira das paixões, por um amor sublime. Queria, agora, um amigo, um confidente, um homem, que ele tivesse associado à sua hipocrisia, para convertê-lo à verdade das afeições puras. Mais perto de si vivera só o poeta; mas já foi dito que Amaral, integérrimo observador do sistema que trouxera de Lisboa, não tirara nunca a máscara diante de homem nenhum. O poeta arrancara-lha muitas vezes: surpreendeu-o nas emboscadas traiçoeiras; conhecia-o, e dava-lhe uma distinta prova de estima, espionando-o, sem denunciá-lo à vindicta pública. Era uma virtude. Oú diable Ia vertu ta-t-elle se nicber!

Guilherme, desde a noite do dia anterior, na sala de Cecília, entendeu que devia grandes obrigações ao jornalista, língua viperina, satírico inexorável contra todas as virtudes impostoras, mas tolerante com as dele. Em tal homem, este facto incrível era um direito legítimo à confiança, e, da parte de Guilherme, uma ingratidão negar-lha.

— Vem cá — disse Amaral ao jornalista —, senta-te aqui na cama. Vamos conversar como dois poetas da tua força moral, ou da minha.

— Visto que vamos falar seriamente, chega-te para lá, que me quero deitar. A inteligência concebe melhor na postura horizontal. Diz lá.

— Como explicas tu o meu plano de não viajar desde ontem? — interrogou Amaral, dando-se no sorriso fátuo uns ares de homem incompreensível para o resto do género humano.

— Do mesmo modo que o teu plano de viajar amanhã. Isso não me faz pensar um momento. Deduzo que não és um homem trivial. Tencionar executar é a qualidade inerente aos espíritos-ostras, que se agarram muito tempo

à mesma ideia. Dou-te os parabéns por nunca saberes o que farás. O talento é assim.

— Há outra explicação mais razoável na minha mudança.

— Impressionou-te alguma das mulheres do jantar de ontem? Faz-me justiça. Eu conheço aquela gente há um ano...

— O mesmo dizem elas ao teu respeito... Eles... não. Pois que é?

— O amor.

— O amor! A quem?

— Não conheces: é uma mulher do povo, uma costureira.

— Conheço muitas costureiras, particularmente as da Guichard, as da Theodorina e as da Andrillac...

— Não é dessa gente: é uma costureira que trabalha na sua casa, e ganha três vinténs por dia.

— Isso é um capricho de um homem cansado. Não é preciso que me descrevas a mulher: imagino-a mais viçosa

e linda do que ela é realmente; afigura-se-me de uma candura estúpida, capaz de desmaiar se tu lhe ofereceres o teu guarda-chuva na rua. É tudo isto; mas o que tu sentes por ela é um capricho de vinte e quatro horas.

— Será?! Mas, se eu te disser que sinto em mim, pela primeira vez, os elementos de uma paixão séria?

— Resisto à prova, qualquer que ela seja, e digo-te que essa rapariga nem ao menos há de marcar na tua vida uma época de sentimento. Essas mulheres têm um trono de vinte e quatro horas, e aos pés uma voragem, onde caem sem deixarem de si sequer uma lembrança. O profeta da experiência fala-te pela minha boca indigna. Eu já tive alucinações semelhantes.

— Tu estavas corrupto quando te alucinaste: não tinhas uma fibra inteira no coração. Eu não amei ainda, tenho o coração robusto, o meu amor não é uma alucinação; a primeira que descer até lá, deve ter uma grande superioridade sobre mim, e sobre todas as outras: há de perpetuar-se na minha existência, há de entrar como elemento do meu ser, há de encher este vácuo glacial que sinto na vida.

— Aí estás tu com as frescas reminiscências do último romance! Enquanto a mim, vens de ler as pieguices amorudas de algum roué parisiense com a inocentinha grisette... Diz-me cá: tu podes suportar uma mulher estúpida vinte e quatro horas?

— Eu não suporto a mulher estúpida e má; mas o anjo da simplicidade e do amor tem sempre tesouros do coração a dar-me, e tantos que eu não dou metade deles por toda a tua ciência, e a das mulheres espirituosas, no teu conceito. Não quero ciência, quero amor: dispenso os dotes da cabeça que corrompem o coração.

Pois bem: eu tenho dito em poesia tudo isso e muitas outras coisas. Aconselho aos enjoados dos esplendores da sociedade, e dos seus amores sensuais, a cataplasma angélica de uma rapariguinha patriarcal, toda pejo, toda acanhamento. Mas a ti, homem problemático, digo-te que te mente o coração, se é que tu não lhe mentes a ele. Aí vai uma profecia: nenhuma mulher, Aspásia ou Julieta, encherá o vácuo glacial que te incomoda... Aí vem o almoço...

O tabuleiro foi colocado no meio da cama; o jornalista flanqueou-o com as pernas em anfiteatro, passando para os

pés do leito; o provinciano, com as dele, fez um triângulo, e, nesta solene e grave postura, continuaram a discussão dos profundos segredos da alma.

— Eu tenho imaginado delícias com esta mulher! dizia Guilherme. — Sei que me ama, sem ela mo ter dito: é destes peitos transparentes que deixam estudar o coração... E um prazer que faria a soberba de um parvo, mas que produz em mim urna sensação de glória... Vinte anos, a virgindade da alma, a beleza, um terreno inculto com os embriões de todas as flores no seio... a minha linda cativa!

Estás delicioso; mas o chá é péssimo... Onde mora a pequena?

— Aqui! — respondeu Amaral, pondo a mão no seio, e sorrindo.

— Bonito! Fala sério: quero ver a costureira — atalhou o vare com a boca túmida de costeleta.

— Não a profanarás com os olhos.

— Enquanto tu a divinizarás com as mãos... Que péssima distribuição de gozos! Tenho notado que precisamos mais

de uma boa organização do amor que da organização do trabalho... Queres mais costeleta? Não está má... chega-me essa pimenta... Com que então, a rapariguinha só pode viver à sombra, como o lírio do vale!... Confias muito pouco nela, ou em ti, ou em mim!... És um ingrato! Nunca concorri contigo... tendo mil e uma ocasiões de...

— Muito agradecido, meu generoso amigo... devo-te finezas que não se pagam com a simples denúncia da morada de uma rapariga...

— Já a tens sob a tua paternal proteção?

— Não; vou tratar disso.

— Dás-lhe uma linda casa de campo.

— Justamente.

— Rodeada de florestas druídicas, onde virão gemer as brisas da tarde: uma fontinha, fazendo um terceto sonoroso com a rã e a cigarra; um sofá de cortiça enramado de hera e coberto das melenas virentes do chorão... E ela, de ombro nu, colo de cisne, e braço de Diana caçadora, em rosca voluptuosa à roda desse bem-aventurado pescoço... E, depois, o leito nupcial de contrabando... cortinados

brancos, suspensos nos bicos de dois pombos, transparentes com as pinturas mitológicas dos amores e das graças, uma luz quebrada, um perfume de madressilva colhida por dedos de ágata; um tapete que ensurdece os passos, passos de fada, o fantástico poisar da ondina, mais ligeira que um sonho de manhã; e por fim... uma carga de aborrecimento de tanta felicidade... o desejo implacável de outra vida... de outra asneira.

É um fragmento do teu folhetim de hoje? É o folhetim da vida, meu caro Amaral! A verdade está, severa e nua, debaixo destes enfeites do estilo. O que tem feito mal a muita gente não é a mentira; é o invólucro das palavras artificiosas com que se doira a algema que as verdades lançam ao pulso do homem. Em verdade, em verdade te digo, como se diz no Oriente, que de hoje a um ano não serás mais feliz, e terás feito uma desgraçada. Deixa a rapariga. Essas mulheres não servem para nós.

— “Para nós!” O plural é absurdo. já te disse que estou morto, e tenho o vigor de todas as crenças, creio na virtude, espero do verdadeiro amor uma felicidade duradoura, dou a esta pobre costureira o meu coração, e

ela há de restituir-mo sem as manchas com que me retiro da sociedade magnificamente torpe, torpissimamente faustosa.

— Aí te vem a cólera dos advérbios... Não te irrites.

Faça-se a tua vontade. Retiro a censura... Pode ser que um homem excêntrico depare a ventura fôra da esfera onde gravitam os homens. A costureira será a flama de um alquimista moral. Procura o absoluto do coração, como o herói de Balzac, mas não te arruínes como ele. Encontrarás, talvez, a verdade abraçando uma tolice. Aquele dentre vós que se crê sábio abrace a loucura para encontrar a sabedoria: são palavras de S. Paulo, que encontrei, e embuti hoje como pude no meu folhetim, em que falo de Catulo e Jeremias a propósito da Norma...

CAPÍTULO IX

Desembaraçado do poeta, Guilherme do Amaral foi à Rua dos Arménios. Augusta, como sempre, estava sozinha. A familiaridade com que Amaral lhe estendeu a mão impressionou-a; não recusou a sua; mas o rubor dizia quanto aquele uso lhe era estranho, e a liberdade custosa.

— Porque cora assim, Augusta? Um aperto de mão é um sinal de amizade, uma ação inocente, que qualquer menina faz diante de um pai... Eu quisera não ser para Augusta um homem tão estranho que a fez corar, se lhe aperta a mão. Não me responde? Esse seu silêncio é arrependimento de abrir a sua porta a um homem que não conhece?

— Não, senhor, eu por agora não tenho de que me arrepender...

— Nem espero que venha a ter; e para que não seja injusta comigo, arrependendo-se por alguma suspeita, devo desde já dizer-lhe que sou um seu verdadeiro amigo... Não

acredita que eu seja seu amigo? Olhe para mim, Augusta; não a quero ver assim envergonhada; ou está comigo como se está com um irmão, ou eu não torno aqui.

— Porquê? Eu não sou capaz de dizer a vossa senhoria palavras que o magoem... Sou-lhe muito obrigada...

— “Obrigada!” Ofendeu-me, Augusta, quando me prometia não me magoar! “Obrigada!” A que favores!

— Não são pequenos...

— Basta! A tal respeito nem mais uma palavra. Augusta dispensa os meus serviços, e os serviços que eu posso fazer-lhe não a obrigam a receber-me na sua casa, se o seu coração lhe repreende a confiança que me dá. O que nos prende não são os serviços, é a simpatia, é o desejo de tomar como nossos os sofrimentos ou os prazeres de uma outra pessoa. Eu sinto por Augusta o que só pode sentir um pai por uma filha; desejo-lhe a sua felicidade; queria elevá-la até onde a sua ambição a elevasse; queria, enfim, dar tudo o que tenho, e ser mais do que sou para ouvir-lhe dizer: “Guilherme, devo-te o céu, que me deste neste mundo. “

Augusta não ousava fixar Amaral. Sentia um sobressalto no coração, semelhante ao efeito de um susto. Frios e calores iam e vinham ao belo rosto, que acusava fielmente as emoções de dentro. Gostava e sofria, desejava e não desejava aquelas palavras, umas graves como as do amor paternal, outras suavíssimas de certa doçura que não vêm nas palavras de um pai. Não se lembrava que estava só, e, contudo, parecia-lhe que tais palavras era mau ouvi-las uma rapariga, sozinha. Felizmente, Guilherme cedeu ao impulso da inspiração. Não era o fingimento que o auxiliava na expedição da frase. O espírito frio tem a habilidade de aquecer a palavra submissa à impostura. Nele, não, pelo menos nesse instante. Disse o que nunca disse da abundância do coração, que pela primeira vez falava, na sua linguagem nativa, embalsamada com os perfumes próprios, vestida simplesmente, grata aos ouvidos, não viciados pela música dos conquistadores por estilo.

— Eu dou liberdade à minha alma, Augusta — prosseguiu ele, tomando-lhe a mão. — Repare bem na firmeza das minhas palavras... Esta segurança só a dá o amor e a honra. Eu amo-a, Augusta; mas este amor não

pede sacrifícios, nem inventa seduções, nem sal do caminho da verdade, para esconder-se nos atalhos da impostura. Amo-a há vinte e quatro horas, como se a conhecesse, amando-a, desde criança. Se me disser que este amor não pode ser recompensado, beijo-lhe esta mão com reconhecimento, e digo-lhe: fez bem, Augusta, em desenganar o homem que poderia fazer mais infeliz do que é...

— Vossa senhoria não vê que eu sou uma pobre? — disse ela, retirando a mão trémula.

Que tem a riqueza com o coração, Augusta? Pois só poderia amar-me sendo rica?

— Ninguém procura uma rapariga pobre... Isso era bom se o senhor fosse um oficial de ofício. Dizia a minha mãe que uma rapariga que quer ser mais do que é, por mais que seja, ficava sempre menos do que era.

— E pensa que eu tenho a vaidade de dizer-lhe que pode valer ainda mais do que vale? Não, Augusta: a menina, sendo o que é, não pode invejar mulher nenhuma. Se soubesse o que tenho sido, julgava-se neste mundo

primeira entre todas as mulheres. Amava-me com dedicação, porque diria, vendo-se tão amada, que nenhuma outra poderia impressionar-me tanto... Augusta, temos um belo futuro. Seja minha, diga-me que dá ao meu coração todo o domínio sobre a sua vontade.

— Eu não entendo o que a vossa senhoria diz... — atalhou a costureira, assustada, afigurando-se o perigo da sua imprudência.

— Não me entende? Diga antes que me não ama... Não me pode amar, Augusta?

A rapariga baixava os olhos em significativo silêncio, quando o pontual fabricante entrou, pedindo licença já com um pé dentro da casa. Augusta estremeceu. Guilherme fixou-o com superioridade e aborrecimento.

Francisco, embaçado com a repetida surpresa, gaguejou um cumprimento à prima, sem dirigir sequer um gesto ao hóspede, e sentou-se com grosseira liberdade. Guilherme sofria no seu orgulho, e sentia-se, como se diz, falsamente situado na presença do artista silencioso e da costureira

vexada. A fisionomia dela exprimia aflição; a do primo, cólera comprimida.

Amaral era pouco inventivo em conflitos sérios. Não lhe ocorreu uma frivolidade com que sair-se do aperto. Vê-lo assim era julgá-lo imbecil provinciano, pilhado nas tralhas de uma esparrela! Ergueu-se, fez um gesto de cabeça a Augusta, e disse, olhando com a sobranceria do desprezo sobre o fabricante:

— Passe muito bem, menina. Não há notícia de um desenlace tão prosaico em cena que prometesse tanto! Augusta abaixara a cabeça, cortejando-o, sem responder-lhe. Francisco, corri os cotovelos sobre os joelhos, embrulhava um cigarro, e assim permaneceu até que o hóspede saiu.

— Que te quer este homem, Augusta? — perguntou Francisco sem aspereza.

— Que me há de querer? Passou por aqui, e entrou.

— A falar a verdade, esta rua não está afeita a ver destes passeantes... A apostar que tu não sabes o que ele te quer?

— Eu não...

— Ele ainda to não disse?

— Não me disse nada.. . que me há de dizer ele?!

— Ainda és de bom tempo... Achas que estes petiscos dão ponto sem nó? Eu logo vi que as duas peças levavam água no bico... pudera não... já não há quem dê nada por serdes vós senhor quem sois... O que eu te digo é que te guardes, Augusta...

— Bem guardada estou eu... Bem digo eu que me não conheces, Francisco.

— Isso são lérias, rapariga... Quem me avisa meu amigo é... Eu que te digo isto, é porque me bacoreja no peito que este homem não vem cá somente para saber da tua saúde.

— Pois deixá-lo... está enganado comigo...

— Todas assim o dizem, Augusta, e ao lavar dos panos é que são as contas.

— Então que queres que lhe diga? Que não torne cá?

— Acho que era o mais acertado.

— Isso é que eu não faço; não sou malcriada nem ingrata. Um homem que acudiu às minhas aflições, quando eu aqui estava com o corpo morto da minha mãe nos braços, à porta fechada, e demais a mais foi chamar a tia Ana do Moiro, e me deu uma esmola de três moedas, hei de mandá-lo sair da minha casa? Isso é ação que eu não faço por coisa nenhuma... Deus me livre!

— E se ele te disser que te quer bem, e te seduzir como estes senhores fazem às raparigas pobres como tu?

— Se me seduzir!... E tu sabes que ele me quer seduzir?!

— Acho que sim.

— Porquê?

— Porque és nova e bonita, e vales bem as três moedas.

— Não digas isso! Tu tens muito má língua! Nenhum homem pode falar com uma rapariga sem ser para seduzi-la!... E se ele for meu amigo?

— Ah! Tu já assim estás?... Boa vai ela!... Não te faças desgraçada, Augusta. Vê lá o que fazes... Olha que ele não casa contigo...

— E eu já disse que ele queria casar comigo?!

— Pelo domingos se tiram os dias santos— Tu já tens lá no coração a moléstia... Enquanto a mim, o homem já te encheu a cabeça de teias de aranha... Estás servida... Para boa sorte te criou a tua mãe... Se ela fosse viva, não vinha cá este homem... Hás de dar-lhe muito gosto com este namorado... Lá virá o tempo em que torças a orelha, e não hás de tirar sangue...

— Acomoda-te, Francisco! Não me aflijas! Eu ainda não fiz nada porque perca.

— Mas podes fazer...

— A graça de Deus não me há de abandonar...

— O mal é teu, Augusta. Parece mesmo que o Diabo as arma! Quero casar contigo para te ganhar o pão, e tu fazes-te fina; aparece um patavina que te dá duas peças de mão beijada, e tu recebe-lo em casa, pensando que o santo rapaz anda por este mundo a dar peças às raparigas pobres... Andará, andará; mas o pior é o resto...

— Santo nome de Jesus, que me fazes perder a cabeça! Que hei de eu fazer?

— Queres tu que eu lhe diga que não venha cá?

— E tu sabes onde ele mora?

— Sei. Vi-o no domingo entrar para uma hospedaria na Batalha, e perguntei se ele morava ali; disseram-me que sim.

— E que mais soubeste dele?

— Soube que era um fidalgo da Beira, muito rico, tem lacaios, e dá-se-lhe excelência lá na hospedaria.

— Mas não é casado?... — atalhou com veemência a costureira.

— Boa vai ela! já te lembras se ele casará contigo! Pois não!... Vão-se ler os banhos domingo... pois não leste!...

Augusta, acaba com isto enquanto é tempo... Queres que eu lhe diga que não venha a tua casa?

— Não...

— Não! Então fala assim de uma vez para sempre... Gostas do paralta?

— Não gosto nem deixo de gostar... As coisas fazem-se doutro modo... Eu bem sei o que hei de fazer. Não se te importe a minha vida...

— Não vai a arrenegar, rapariga... Estás no teu direito. Assim como assim, o que eu te digo são palavras que leva o vento... Tu te arrependerás... Fica-te com Deus...

O fabricante ia sair, quando a prima o segurou pelo braço, chorando.

— Vem cá, Francisco; não sejas meu inimigo.

— Agora sou!... Se eu não fosse teu amigo, dizia-te que fizesses tolices e comesses a isca que ele te deu no anzol das tais duas peças... Pensa, e faz o que quiseres. Amigo hei de eu sê-lo teu até à morte... Quando me procurares hás de achar-me... Se não queres casar comigo, porta-te bem, que te não hão de faltar maridos; mas pano com nódoa não vale a quarta parte... Adeus, Augusta; são horas de ir para o trabalho...

A costureira, sozinha, chorou muito. E que lágrimas! As primeiras, as primícias do fel que paga o primeiro amor! Coitadinha, a fascinação era invencível! O primeiro raio de

sol desabrochou de repente a flor toda, todos os perfumes lhe vieram do selo, não escondeu um só polmo do seu néctar à primeira abelha que lhe tocou.

Mas a profecia, rudemente inexorável, do fabricante, era-lhe um agoiro de perdição infalível. A generosidade de Guilherme pareceu-lhe um meio de perdê-la e as visitas posteriores e as palavras que lhe ouvira, uma hora antes, tudo vinha confirmar as suspeitas de Francisco. Vejam quão pouco basta para matar a inocência!

Mulher, como todas, Augusta queria suspeitar as intenções de Guilherme; mas não queria que os outros lhas descobrissem. Queria ter de lutar contra a tentação; mas não queria que o seu primo a adivinhasse. Assim é pois que a consciência transige com a consciência, e muitas vezes é a opinião de estranhos que lá desperta a inquietação e o remorso.

Um hora a chorar e a pensar devia preceder uma resolução qualquer. Augusta fechou a sua porta, e entrou na da tia Ana do Moiro.

— A que vens, Augustinha? Vens com olhos de chorar? É o mafarrico do teu primo, que te persegue? Manda-o ao Diabo; Deus me perdoe, se peco.

— É outra coisa, tia Ana... Vossemecê não disse muitas vezes a minha mãe...

— Deus lhe fale na alma...

— Que lhe queria comprar a casa?

— Disse, e não se me dá de ficar com ela pelo que disserem os louvados. E tu queres vendê-la?

— Eu digo-lhe, tia Ana: preciso de três moedas; se eu lhas pagar dentro de seis meses, com juro, fica sendo a casa minha, e, senão, vossemecê dá-me o que faltar, com a condição de eu ficar na casa, enquanto viva, pagando-lhe aluguer.

— Tudo se pode fazer: mas que diacho de razão tens tu para vender a casa?

— Preciso de dinheiro...

— Estou dando no vinte! Enquanto a mim, tu tiveste algumas histórias com aquele senhor, que te deu as duas

peças, e queres pagar-lhas.. Fala para aí, menina... Bem sabes que coisa que se me diz, é pedra que cai num poço.

Augusta não pôde estancar as lágrimas; e, como se elas não bastassem, confessou tudo à vizinha matreira, para quem as intenções do generoso protetor da rapariga eram maliciosas antes de o serem.

— Isso são arrufos, Augusta, não te aflijas! — disse a filha do Moiro, fazendo-se conhecedora do caso.

— Vossemecê está enganada... — disse a costureira, soluçando, ferida pela suposição da vizinha. — Eu não tenho dares nem tomares com o tal senhor...

— Não?! — atalhou ironicamente a peixeira. — Pois eu havia de jurar que ele te queria muito!... Há dois dias que o vejo entrar na tua casa sempre à mesma hora, e da fama já te não livras, rapariga...

— Santo nome de Jesus! já me não livro da fama? Pois falam de mim?!

Pudera não... Pois pensavas que as vizinhas não têm olhos?!... A gente não guarda cabras...

— A luz me falte, tia Ana, se eu fiz coisa porque perca!

— Pois sim, sim: mas que queres? Vão lá tapar as bocas ao mundo! Eu, se fosse a ti, tanto se me dava que falassem como que não. És tu livre? Não tens pai nem mãe; cada qual toma o rumo por onde lhe faz conta. E ele teu amigo.

— Eu sei cá se é meu amigo ou se não é!.. . Tanto se me dá que seja como que não... Vossemecê empresta-me o dinheiro? Acabemos com isto... — já te disse que sim, conta com ele, mas quero que me digas o que foi isso. Assim como assim tudo se sabe...

— Eu lhe conto, tia Ana. O tal sujeito chama-se Guilherme, não é do Porto, está numa hospedaria na Batalha e é fidalgo.

— Cáspite! Ainda o queres melhor?!

— Deixe-me contar-lhe... Ele disse-me que era muito meu amigo, que me tinha amor de pai, e que me queria fazer feliz.

— Olha a tolinha! E tu não...

— Eu não lhe disse que sim nem que não... Disse-me uma palavras que me fizeram chorar, e, não sei porque era... ao mesmo tempo gostava de ouvi-lo falar assim. Tinha-lhe medo, e não queria que ninguém estivesse ao pé de mim; era uma coisa que eu não sei dizer-lhe o que era. Só a lembrança dele me fazia esquecer a minha mãe. Parece que adivinhava quando ele vinha; o coração tremia-me e subia-me um calor à cara que nem de febre. Quando ele me disse hoje que me tinha amor, eu senti uma alegria cá dentro, que me fazia endoidecer. Então depois, entrou o meu primo, e ele esteve um bocado sem dizer nem palavra, e saiu com má cara. O Francisco começou a dizer-me que o que ele queria era seduzir-me, e abandonar-me... Sempre chorei, tia Ana!

— Deixa-o falar... O Francisco o que ele queria sabemo-lo nós... Às vezes, Augusta, estes homens ricos casam com raparigas pobres, e são muito amigos delas. Só do meu conhecimento há três casadas hoje no Porto com figurões: uma, que era criada de servir das senhoras Lacerdas, é baronesa; outra, que tinha um estanquinho na Rua do Príncipe, está casada com um figurão, que é assim a modo

destas coisas do Governo; outra, que me comprou muito peixe fiado, quando o amigo andava lá por fôra na emigração, anda de carruagem, e faz que me não conhece... Coisas do mundo... Mas diz o que queres fazer agora?

— Quero dar-lhe as três moedas, e não quero que ele torne a minha casa.

— Então não gostas dele?

— Gostava, se ele me quisesse para bom fim; mas, como diz o meu primo, estes senhores não casam com raparigas como eu.

— Pois faz como quiseres, Augusta... não te digo uma nem duas. O dinheiro vou dar-to já, se o queres.

— Pois se faz favor... Olhe lá, tia Ana, será melhor mandar-lho?

— Como quiseres; se tu queres, levo-lho eu.

— Pois sim... Mas seria melhor que ele o recebesse da minha mão... Não vá ele tomar como desfeita...

— Pois sim...

— E ele, depois, decerto não tornará a minha casa.

— Se tu o impontas, como há de ele tornar? Só se não tiver vergonha.

— Mas eu não queria fazer-lhe desfeita...

— O rapariga, eu não te entendo, assim me Deus salve! Queres que ele venha ou não venha?

— Queria que ele não viesse; mas não se me dava que ele fosse meu amigo,

— Como há de ele ser teu amigo sem te ver? Longe da vista,, longe do coração.

— Eu queria que ele...

— Diz lá o que querias; não morras embuchada. .. a gente entende-se pelas palavras...

— Queria que ele viesse a minha casa, de vez em quando; mas não queria dever-lhe nada...

— Pois então paga-lhe as três moedas; mas olha que ele não tas aceita.

— Não que então mando-lhas.

— Isso é outro caso, mas depois não esperes por ele mais...

— É o mesmo... Dê-me o dinheiro...

— Vê lá, menina; não dês um pontapé na fortuna... Olha que ela vem uma vez, e nunca mais torna...

— Que fortuna?!

— Se ele te quer fazer feliz, anda para diante...

— Não me dê esses conselhos, tia Ana... Tenho medo que a minha mãe venha do outro mundo repreender-me...

— Faz o que quiseres, Augusta.

A costureira saía da casa da vizinha com as três moedas, quando Guilherme do Amaral, pela terceira vez, batia à porta dela. Augusta, se não fosse vista, escondia-se: tal era a perturbação e o tremor instantâneo. Era tarde para fugir. Foi, sem ver o caminho que trilhava. A tia Ana, da janela, fazia um aceno familiar com a mão a Amaral, que lhe correspondeu. Neste aceno dizia ela mimicamente: “Conte comigo se eu for necessária.”

A tia Ana negociaria a honra de Augusta como o seu pai negociara a vida do chanceler.

Augusta, erguendo apenas os olhos para Guilherme, que lhe cedera cortesmente o passo da porta, entrou na sua casa, esquecendo ou ignorando a delicadeza da primazia na entrada ao hóspede.

— Dá-me licença, Augusta? — disse ele com acanhamento impróprio.

— Faz favor de entrar...

— Eu venho restituir-lhe a paz que lhe roubei, menina. Quis fazê-la feliz, e não pude. Entrei nesta casa com a tenção de ser bom, e retiro-me talvez, deixando, em vez de amizade, ódio; em vez de saudade, esquecimento. Nunca eu ouvisse os seus gritos, Augusta, quando aqui vim guiado a esta rua por um acaso. Foi para ambos nós infelicidade vê-la eu. Para mim porque a amo com paixão; para Augusta que me queria, talvez, amar e não pode. Alguém tomou posse do seu coração primeiro que eu. Não tenho ódio a quem a merece, seja quem for. Se é seu primo, seja feliz com ele...

— Meu primo! — atalhou ela estremecendo de emoção. — O senhor está enganado comigo...

— Pois se não é seu primo, seja quem for...

— Não é ninguém.

— Ninguém? Para que mente, Augusta? Não tem necessidade de enganar-me... É outro amor que a não deixa ver o muito que a estimo, a felicidade que lhe preparo, e o desprezo em que tenho todas as coisas deste mundo desde que a conheço. Augusta, diga que me não pode amar porque ama outro...

A costureira deixou ver em todo o seu esplendor o brilho dos olhos inteligentes, fixando-os no rosto insinuante de Guilherme.

— Vai dizer-me a verdade... — continuou ele. — Vai dizer-me que não pode ser minha, porque é doutro.

— Não sou de ninguém, já lho disse...

— Mas o seu primo, há pouco, mostrou-se ofendido de me encontrar aqui...

— Meu primo não tem nada comigo... O senhor já sabe que ele quer casar comigo, e eu não caso com ele...

— Nem com outro?

— Com outro? Isso não sei... é consoante o coração me disser...

— E de mim, não lhe diz nada o seu coração...

— Do senhor?... Se eu fosse rica, ou o senhor pobre como eu...

— Quereria ser minha?...

— Mulher... decerto queria...

— Então, não lhe sou tão aborrecido como eu pensava...

Nunca foi... E ama-me?... Não me responde? já sentiu por outra pessoa o que sente por mim?

— Nunca!

— jura-me que nunca?

— Por esta luz que me ilumina.

— Então porque me não diz que é minha? Porque me não segue? Porque não sai desta casa para outra em que se

veja senhora de tudo, que faz a felicidade deste mundo?

— Sair daqui?!...

— Pois que dúvida tem em deixar uma casa que não é digna de si?...

— As coisas não se fazem assim depressa... Antes disso...

— Diga... “antes disso”... o quê?

— Vossa senhoria bem pode entender-me... Eu quero viver com honra... e, quando sair daqui, há de ser para entrar na igreja...

— Já?

— Pois o senhor para que fim me quer?

— Para adorá-la... e no futuro...

— Bem mo diziam a mim... O senhor o que quer é fazer-me infeliz... Pois isso, não. Enquanto puder trabalhar, hei de viver com honra como a minha mãe viveu; em me faltando as forças, pedirei uma esmola.

— Isso quer dizer que me não ama...

— Então que hei de eu dizer ao senhor? Se amar é botar uma rapariga a perder, mau amor é o seu...

— E eu quero pô-la a perder? Augusta, não se fie nos embustes do seu primo. Confie-se em mim, e deixe à minha vontade a nobre recompensa de a fazer minha esposa, quando algum tempo se tiver passado... Antes de ser minha mulher, queira que eu conheça bem o seu génio; e, se ele se conformar com o que eu imagino que a menina é, então a farei senhora de tudo que é meu, aos olhos do mundo, porque aos meus olhos já o é...

— E se o meu génio lhe não agradar?

— Há de agradar.

— Mas suponha que não? Quantas pessoas parecem aquilo que não são!...

— Se essa desventura acontecesse, Augusta, nunca precisaria trabalhar...

— Porquê?

— Dava-lhe um dote com que poderia viver independente...

— Agora é que eu entendi tudo — atalhou ela, como despertando à beira de um abismo. — Tenho visto o que o senhor quer... Eu não me vendo... Tenho vinte anos, mas sei, por ouvir dizer, o que vai pelo mundo. Vivo bem na minha pobreza, não invejo ninguém, e por isso não aceito os seus favores, porque não preciso deles.

— Não seja ingrata, Augusta... Eu nunca lhe fiz favores, mas deve agradecer-me os desejos de ser-lhe útil...

— Já me fez favores que eu muito agradeço. Deixou-me três moedas de oiro, mas elas aqui estão; perdoará serem em prata...

Amaral recuou diante da mão que lhe oferecia o dinheiro.

— Ofende-me cruelmente, Augusta! Eu não lhe mereço isto!

— Não é pelo ofender... Então precisava, e agora não preciso... Faz favor de aceitar?

— Não aceito.

— Pelo amor de Deus, receba este dinheiro...

— Não me trate assim, Augusta! Se tem escrúpulos de honra em aceitar esse dinheiro, dê-o pela minha intenção aos pobres; mas, por quem é, antes me diga que me despede, eu não voltarei; o que não posso sofrer é que me empurre como um vil credor pela porta fôra...

— Eu não o mando sair, senhor — interrompeu ela comovida, com as lágrimas a fio.

— Pois que maneira é esta de tratar uma pessoa que, se lhe não fez bem, também lhe não fez mal? Disse-lhe que a amava: isto ofendeu-a?

— Não, senhor...

— Disse-lhe que a queria fazer feliz com o meu amor e com a minha riqueza, pouca ou muita... Isto ofendeu-a?... Responda, Augusta...

— O senhor quer fazer de mim sua amiga, e não sua esposa.

— Minha amiga! Que feliz eu seria se a pudesse fazer minha amiga...

— Quer amar-me de um modo que eu não possa aparecer com a cara descoberta... Todos hão de dizer:... “Aquela rapariga é a amiga de fulano... “

— E que digam? Que lhe importa o que disserem, se Augusta vive só para mim? Se eu tivesse de ser maltratado pelo meu pai, pela minha família, pelo meus amigos, por todo o mundo, bastava-me o amor de Augusta, para eu desprezar tudo que a não respeitasse... Pois a menina persuade-se que só o casamento faz a felicidade e a honra de uma mulher? Está muito enganada, e tem razão, porque não sabe nada do mundo. A mulher casada não é feliz quando se não conforma com as inclinações do marido, e vive num contínuo inferno de portas adentro. A mulher casada não tem honra, quando, obrigada por um mau marido, esquece os seus deveres, ou julga que não tem nenhuns com um marido que falta aos seus. Entendeu-me, Augusta? Nunca ouviu falar como eu falo?

— A quem havia eu de ouvir essas palavras? Eu não conheço senão o meu primo, e oxalá que... não conhecesse mais ninguém...

— Pois bom é que me caiba a mim abrir-lhe os olhos para ver as coisas como elas são; a não ser eu, poderia ser que outro lhe deixasse a experiência, e também o remorso. Eu não. Digo-lhe isto, com a certeza de que não será minha. Quisera poder preveni-la contra as tentações de algum sedutor que venha, depois de mim, inquietar a sua doce tranquilidade. Ora pois, Augusta, eu vou retirar-me, e a menina fica feliz...

— Feliz!... Eu nunca mais posso ser feliz... Por isso é que eu digo que oxalá eu nunca conhecesse senão o meu primo... Esse não me fazia bem nem mal...

— E eu que mal lhe fiz!...

— Não sei, senhor Guilherme...

— Quer dizer que a ofendi, sim?

— Fez-me infeliz ... Eu nunca mais posso ter descanso... não o tornando a ver...

— E um anjo, Augusta! — exclamou Guilherme, beijando-lhe a mão e calando a impetuosa eloquência do júbilo, que ela não compreenderia.

E talvez compreendesse. Amaral desconfiava que não. Bem se vê, durante este estirado diálogo, como ele procurava nivelar a frase à curta capacidade de uma costureira. Não sabia o provinciano que há fenómenos de inteligência na mulher, uma espécie de adivinhação, luz súbita que lhe aclara o entendimento, enquanto lhe soam aos ouvidos incultos as palavras de um arfante, magicamente harmoniosas.

Entre parêntesis: eu disse uma vez, a uma rapariga do campo, coisas monstruosas de ternura em estilo de drama. Creio mesmo que misturei na minha alocução lancinante um fragmento dos Dois Renegados, tragédia em voga. A rapariga fixava-me uns olhos pávidos de penetrante inteligência. E entendeu-me, creio eu. Querendo explicar o fenómeno, lembro-me que fiz, de outra vez, parar uma doninha, escutando-me um arpejo de violão! Segredos da mulher e da doninha. Hú mihi? qualis erat!...

CAPÍTULO X

Cedendo a mão ao casto e fervoroso beijo, Augusta sentiu aquecer-lhe o sangue o fogo daqueles lábios. Não tinha ânimo de retirar a mão, nem Guilherme vontade de largá-la. Se era muito conceder, ela não se mostrava arrependida; se era pouco do muito que havia a gozar, ele não pedia mais. Era esse o mútuo enlevo de duas almas, que deviam assim unidas tocar o céu, se nesse instante a morte as despisse do invólucro material, pérfido agente de todas as loucuras. Mas a morte não ousaria tanto, ao vê-los tão embriagados nas momentâneas delícias da vida. O que ela faria era passar, sorrindo da brevidade do gozo humano e da sede insaciável da alma, enquanto não desata os nós, que a prendem à fonte das águas impuras cá de baixo.

E os lábios sôfregos de Guilherme continuavam a libar não sei que doçuras da mão extraordinariamente delicada da costureira. A ansiedade de delícias novas impacientava-se. Como a abelha, que salta de uma em outra flor, o sequioso

amante buscou pascer a fome do ideal nos lírios do colo alvíssimo. Ao movimento inesperado, Augusta fez um sinal de despeito; mas não fugiu. Cingida na cintura pelo braço convulsivo, tremeu como o braço que a cingia, mas por sensação diversa. Ao sentir no pescoço o roçar áspero de um bigode, e a calidez cáustica dos beiços, fez um esforço impetuoso, soltando-se dos braços e, desta vez, fugiu, escarlate como a romã, meigamente ressentida, como a Haidée num dos contos de Byron, que não cito textualmente, porque não é das coisas mais moralizadoras que eu conheço.

Augusta! — disse Amaral, sem persegui-la. Não me voltes as costas! Olha para mim... Não achas tão agradável o “tu” na boca de um homem que te ama? Trata-me assim também. Ora diz: “És o meu Guilherme... e eu sou a tua Augusta.” Não queres dizer? Má! Também a não quero tratar por tu...

— Trate-me como quiser; mas eu... não devo...

— Deves, Augusta. Eu não sou só teu irmão, nem teu amigo; sou mais que o teu marido, sou teu, de alma e

coração, teu por toda a vida, embora não sejas minha. Não és?

— Sou... uma infeliz, se o senhor quiser que eu seja...

— Eu! Poderei eu fazer-te infeliz? Hás de ainda arrepender-te do que me dizes... Quando não tiveres nada a desejar nesta vida, olharás com tristeza para isto que foste antes de me conhecer. Augusta! De hoje em diante não há mulher nenhuma que não inveje a tua sorte. Há muitas que ao verem-te, linda como és, hão de morder-se de raiva. Os teus vestidos serão os mais ricos, a tua casa a mais asseada, os teus desejos os mais depressa adivinhados, Eu hei de adorar-te como mulher a quem devo a felicidade, que todas as outras me roubaram. Serás o meu anjo-da-guarda. Nunca sairei de ao pé de ti. Nasceste mulher, hei de fazer-te senhora. Antes de um ano abrirás um livro ao pé de mim, e lerás os infortúnios dos amantes infelizes, enquanto nós nada teremos que nos assemelhe na nossa sorte à deles. Passado um ano, não te conhecerás. Educada pelo meu amor, serás tudo o que pode ser um mulher de alto nascimento. Entrarás numa sala, e as que te não conheceram na Rua dos Arménios perguntarão donde veio

mulher tão bela, e tão espirituosa. Será então que os teus olhos, cheios de lágrimas de reconhecimento, virão encontrar nos meus o orgulho de te possuir...

No seu arrebatamento, Guilherme esqueceu-se que falava com uma costureira, e por pouco não se perde na nevoenta fraseologia com que apaixonara Cecília, com que embriagara Margarida, e com que aturdira muitas cabeças vertiginosas.

Coisa espantosa! A costureira entendeu-o, sem dicionário! Repetiria, pouco mais ou menos, as expressões sumptuosas que a encantavam! Iria, como as pedras de rojo ao som ida lira de Anfião, atrás daquele harmónico de palavras, ainda mesmo que elas fossem as flores onde se esconde a víbora.

Mas não eram. Guilherme do Amaral nunca fôra tão sincero. O seu coração, crença, esperança e orgulho estavam nesse prospeto de ventura, talvez mentiroso como todos os prospetos com grande recheio de promessas.

Se ele se enganar, a culpa não é dele: culpai a inconsequente natureza. Se ela mente, como pode ser responsável a vítima! Não basta ao homem ser atraiçoado

por ela! Quem perde senão o pobre sonhador de venturas impossíveis! Julgam-no mau, porque o infeliz não encontra o gozo duradoiro, que a imaginação lhe impõe? Condenam-no, porque ele se devora em paixões incessantes, e envelhece na mocidade? Injuriam o sequioso viajante no deserto, porque não encontra uma gota de água?

CAPÍTULO XI

O jornalista era um profeta. Os antigos videntes fê-los a santidade; a corrupção faz os profetas contemporâneos. No homem gasto, vão-se as ilusões, e fica a experiência. Ora a experiência é o sexto sentido, a intuição luminosa do futuro, a presciência das induções infalíveis de um princípio imoral. E a única superioridade dos corrompidos sobre os puros.

O leitor recorda-se daquelas íntimas confidências de Guilherme ao seu comensal, num almoço na Águia de Oiro.

O poeta ia adiante dos projetos do provinciano, delineando a arquitetura romanesca da casa em que a sedutora costureira contaria por palpitações do coração os minutos da encantada existência do seu efémero amante.

Para averiguarmos a importância profética do jornalista, procuremos Augusta. Na Rua dos Arménios, não. A tia Ana do Moiro, conversando com o Francisco fabricante, diz que

Augusta fechara a porta, levara a chave. No dia imediato àquele em que lhe pedira e restituíra três moedas. O fabricante chorava como uma criança ao pé da filha do barqueiro, que não tinha jeito nem vontade de consolá-lo. Para ambos era claro que Augusta se entregara à descrição de Guilherme; todavia nenhum sabia onde ela estava. O artista, instigado pelo ciúme e pela cólera, fôra à Águia de Oiro informar-se do hóspede; mas os criados disseram-lhe, o mais laconicamente que puderam, que o Sr. Amaral saíra da hospedaria.

Eu tenho obrigação de contar o que o fabricante não sabia, nem a Sra. Ana do Moiro, nem os serventes da hospedaria.

Sabem onde é o Candal? É essa pitoresca colina que se levanta por detrás das ruínas de um castelo, donde Gaia, a formosa moira, espreitava a frota do godo, seu querido roubador, segundo a mitologia deste maravilhoso torrão do Ocidente. Como estendal de fadas, de longe braqueiam as risonhas casas, olhando soberbas para o Porto, com o garbo de camponesas, frescas e toucadas de flores, sem inveja aos peristilos de pórfido, aos mosaicos das alterosas paredes, às opulentas gradarias de bronze. De cada

quebrada do monte sobranceiro rebentam jorros de água argentina, que se desenrolam sobre a imensa alcatifa de esmeralda, que vem do sopé dos edifícios, tão límpida, a sujar-se nos becos imundos de Vila Nova, taverna que dá vinho para todo o mundo, asquerosa como nenhuma outra taverna do mundo.

Fujamos daqui para o alto. Lá, sim. De cada copa de madressilva julgais ver, rociada de orvalho, surgir urna dríade, encostada à urna das águas, que rumorejam entre os silvados. O poeta sobe de lá nos êxtases do idílio a todos os céus da imaginação rejuvenescida. Os cânticos de Sintra, cantados cá, parecem seus. Os amores famosos de dois poetas, que além choraram, Bernardim e Camões, concebem-se aqui, explicam-se, entram no espírito como um quinhão de dor suave, e da saudade lúcida dos amores de outro tempo. Não sabeis o que é o Candal, se o não vedes assim.

Por lá passara um dia Guilherme, quando o Sol se atufava no mar, deixando sobre o oceano larga esteira de prata, em cintilantes escamas. Era essa, pois, a hora da saudade, a do

meditar anelante, a hora da poesia, que desce do céu ao coração de todo o homem.

Amaral, sem testemunhas, com os seus instintos, não falsificados à feição da celebridade, que se procurava, era poeta, era sonhador, despia a face da máscara abrasadora, sorvia o ar puro da natureza, sentia-se convalescer da dolorosa enfermidade do tédio, e ansiava outro mundo melhor que o seu.

Foi no Candal que ele sentiu mais lúcida a intermitente da poesia. Parara, contemplando o ocaso do Sol, que durante dois anos não saudara, desde que esquecera essa hora, tão misteriosa na sua aldeia. A emoção, que primeiro lhe acordara a sensibilidade entorpecida, foram saudades da sua mãe, imagem santa, que vinha pedir-lhe uma lágrima tardia. Depois, uma a urna, as saudades da sua vida infantil; o prado mais querido, a árvore de mais doce sombra, o regato de mais plácido murmúrio, a flor valida, a montanha das tradições medonhas, o velho rafeiro que lhe lambia as mãos, o escabelo de pedra no átrio da velha capela onde lera o Renê, o seu mais predileto livro dos quinze anos. Depois, desce à vida do homem prematuro.

Encontra uma tediosa uniformidade de cenas: amor sem paixão; impostura de insensato, que se quisera destacar do vulgo, dando-se a importância de herói de um medíocre romance. Teve vergonha de si: viu-se miserável, ignóbil, e mais trivial que todos os fátuos do seu conhecimento.

Deste lodaçal levantou-se agarrado às asas do querubim da esperança. Alteou-se até Deus, deixando em baixo o ateísmo que abraçara sem convicções de ateu; que abraçara, porque era incompatível a virtude com a sua mentirosa personificação. De lá, observou a terra a olho nu, e viu que a felicidade não era uma quimera de infelizes?. Imaginou a mulher amada, reclinando-se nos braços do amante, do amigo sincero, do benquisto dos homens, dela e de Deus. Mas a mulher arriada, onde estava ela? A que zona, a que torrão do Globo levaria o poeta o eco da sua invocação?

As mulheres do seu mundo passaram-lhe diante dos olhos, e ele voltou a face enojada para não vê-las. Eram frívolas, transfiguradas como ele, destras na impostura, recebendo a mentira pomposa com mais amor que a verdade nua. O desalento enturvou-lhe o espírito, a luz de um momento

empalideceu, como o clarão da Lua, que então se erguia sobre as cumeadas da cidade caraira. Amaral descera o monte de Gaia, triste e abatido, como o amigo, que volta de acompanhar ao cemitério o que lhe era confidente nas lágrimas.

Parou ainda, volvendo a face para o local onde tantas reminiscências amargas, tantas esperanças doces se enlaçaram, destruindo-se.

“Foi ali...”, disse ele. “Nunca me esquecerá o sítio nem a hora.. . Se eu for menos infeliz um dia, virei aí recordar a hora de hoje. “

Isto passara-se a vinte e oito de Junho, justamente na véspera do arraial de Miragaia.

Impressionado pela coincidência da meditação com o encontro de Augusta, Amaral, supersticioso como aqueles que veem além do que é palpável, atribuiu a influxo providencial o mero acaso dessa costureira, que chorava, abraçada ao cadáver da sua mãe. Sem o precedente do Candal, Guilherme não seria tão acessível à formosura real, e ao idealismo romanesco de Augusta.

Amando-a, e tentando-a, julgou fácil convencê-la. Fantasiou, como já vimos, o que há de melhor na vida, o amor verdadeiro, o amor sem emboscadas, a perfeição do amor. Não sabia ele que além da perfeição está o fastio: não lera esta verdade eterna proferida por uma mulher: “O amor só vive pelo sofrimento; cessa com a felicidade; porque o amor feliz é a perfeição dos mais belos sonhos, e tudo que é perfeito, ou aperfeiçoado, toca o seu fim.”

O leitor, assim elucidado, explica a existência de Augusta no Candal, se me dispensa de lhe dizer que foi aí transportada numa sege, dois dias depois que a Sra. Ana da Rua dos Arménios a vira sair e não voltar.

A casa em que ela vive é a que mais perto alveja de Guilherme, na tarde das suas tristezas cismadoras. É uma bonita casa. Não alardeio cópia de conhecimentos em alvenaria; deixo o sestro das descrições arquitetónicas aos que se contentam com prender a admiração de algum mestre de obras.

Sei que era, e é, muito vistosa a casa, com as suas quatro janelas de transparentes azuis e escarlates, com as suas cornijas pintadas de azul-celeste, as portas azuis também, o

pátio não espaçoso, mas copado de acácias, de mimosas e amoreiras, que o assombram, debruçando-se sobre os muros da quinta, que circuita o pequeno edifício. No jardim há a miniatura da floresta, a frescura dos caramanchões, a álea dos loureiros antiquíssimos, as japoneiras com as últimas camélias, os rainúnculos, as pompónias, a rosa de todas as cores, o mirro, a tulipa: variado matiz do branco, que diz candura; do escarlate, que diz paixão; do azul, que diz fidelidade; do amarelo, que diz glória; do verde, que diz esperança.

E todas as flores falavam assim ao coração de Guilherme, quando, atarefado com a realização das suas esperanças, dava ordens sobre ordens para que a casa se mobilasse do mais elegante, e do mais rico. O dinheiro é milagroso, no nosso tempo, como a vara de Moisés em tempos melhores. A casa foi magicamente alcatifada, cortinada, mobilada, perfumada... era uma azáfama de homens, rapazes e mulheres, que a impaciência de Guilherme julgava ativos como ostras!

Em dois dias formara o Éden o provinciano, que mostrou um gosto superior ao que devia esperar-se. Entrou a Eva, e

com ela o inseparável Adão, sem lesão de costela, nem receios de ser “mistificado” por alguma cobra das selvas vizinhas, descendente de outra que Milton fez falar melhor que um deputado dos nossos.

Augusta já não parece a mesma. Lucrou muito com a mudança. Um pouco avelada das vivas cores do rosto, isso sim; mas, por isso mesmo, mais interessante. Vão-lhe bem os olhos pisados, e a morbidez do olhar. O vestido de lustrina preta, que lhe cai em folhos sobre o verniz do sapato, não parece vestido em tal corpo pela primeira vez. Ana, elegância, donaire, flexibilidade, tudo isto, ou lho ensinou a arte, ou viera da natureza, para quando o acaso lho prosperasse. Como ela veste uma luva da cor do leite, menos alva que o antebraço, comprimido em pulseira, que lhe talham relevos de graciosas roscas! Nem mais garbosa uma andaluza lançaria dos ombros a mantilha! Cai fatigada sobre uma cadeira de estofos, com a graça imperial de uma duquesa, extenuada de galopar no rasto de uma lebre! Como é que se faz tanto de uma costureira em quarenta e oito horas!

A omnipotência do instinto: não conhecemos outra resposta.

Achais fútil a razão? Tendes olhos e não vedes. Ide aos salões. Se não conheceis os modelos da elegância, informai-vos. Lá achareis fenómenos mais curiosos que o de Augusta. A mão que, há poucos anos, agitava um abano diante de uma fornalha, vê-la-eis agitar um leque, abri-lo e fechá-lo, comprometê-lo num olhar travesso e num sorrir malicioso... enfim, "são coisas deste mundo", como dizia a Sra. Ana do Moiro.

Agora, devemos ouvi-la. Seria mais pasmoso ainda que a sua expressão mudasse na razão direta do apuramento das formas! Faltava-nos ver esse prodígio filológico.

— Gostas da tua casa, Augusta? — perguntou Guilherme.

— Da minha, ou da nossa? — corrigiu ela com meiguice.

— Da nossa...

— Gosto muito... Não sei para que é tanta riqueza!

— Para ti.

— Para mim? Eu vivo bem com pouco... O que eu quero é o teu amor, e mais nada.

— O meu amor é tudo que vês... Menti-te?

— Não... perdoa-me.

— Já me pedes perdão?!

— Hei de pedir-to sempre, Guilherme...

— Mas tu estás triste!...

— Não se chora de alegria?

— Como tu és linda! Vê-te àquele espelho...

— Ora!... Não brinques comigo... Eu sou linda somente aos teus olhos... Quem o feio ama, bonito lhe parece...

— Esse anexim não é do bom tom; não o tornes a dizer.

— Que é anexim?

E um dito do povo... Tu já não és povo.

— Pois emenda todas as tolices que eu disser, sim?

— Amanhã de manhã tens aqui um mestre de primeiras letras; de tarde vem outro de piano: quero que estudes

muito, sim?

— Todo o tempo que tu quiseres.

— Se em seis meses souberes escrever, dou-te dez mil beijos...

— Está dito... dez mil beijos, e um já por conta...

— Dois, três, quatro... fico-te devendo, no caso de não faltares ao contrato, nove mil novecentos e noventa e seis beijos... Depois, hás de aprender a falar francês; depois, italiano; e, se tiveres boa voz, hás de ser uma perfeita cantora.

— E terei eu habilidade para aprender tanta coisa?

— Tens. Tu não sabes o que és. Há três dias que vives comigo: és outra mulher. Eras um pérola perdida. Em seis meses aparecerás na sociedade, e rirás da ignorância de muitas mulheres, que lá passam por espirituosas.

— Pois tu queres tirar-me daqui?

— Não; mas quero que te vejam, porque tenho orgulho de ser feliz...

— E eu não queria que ninguém me visse.

— E eu não queria que “alguém” me visse... “alguém”, e não “ninguém...“

— Não torno a dizer assim, Guilherme. Não deixes passar nenhuma... “nenhuma” não, alguma asneira...

— A palavra “asneira” não é bonito em boca de senhora; é melhor dizer: “erro”...

— Bonito! Assim é que eu gosto... Tens muita paciência em me ensinar...

E que eu quero fazer de ti a primeira entre todas. Hás de sê-la. O último amor que desampara o homem é o amor combinado com o orgulho. Quero estar prevenido para me alimentar desse, quando os outros me faltarem...

Augusta não o entendera. Não importa. A ideia era um pouco confusa. Acha-se mais inteligível na ampliação de Madame de Girardin.— “Ama-se com todos os amores: amor de natureza, amor de coração, amor de orgulho... é preciso não esquecer este último... Amar com orgulho, ter vaidade do que se ama, é apenas um luxo, mas é um luxo que muito bem parece... “

CAPÍTULO XII

— Tem tido notícias do seu amigo Amaral? — perguntou D. Cecília ao jornalista, na praia dos Ingleses, em S. João da Foz — Visitou-o?! Eu pensei que ele não deixava ver a ninguém a romântica costureira.

— Segue-se que o meu amigo deposita nela uma ilimitada confiança.

É bonita, como se diz? Não posso dizer-lhe que é bonita, porque este adjetivo anda por aí em concordância com muitos substantivos, que o não merecem. É mais que bonita. A imaginação não associa um composto de feições assim! Rafael dava um traço negro sobre a cabeça de todas as suas madonas, se visse Augusta.

— Sim?! Ora vejam!... É espirituosa?...

— Isso é outra coisa: o talento é a arte que a desenvolve; a formosura é um dom natural. Não tem tempo ainda de ser espirituosa; mas será, com dois anos de estudo, um

prodígio. Há três meses que vive com Guilherme, e escreve, e lê com admirável correção. Não conhece a música; mas inventa harmonias ao plano. Adivinha tudo. Conversa sem pretensão naquilo que sabe. Os ares são de uma perfeita senhora, afeita desde criança à convivência com as ilustrações, e ao estudo dos bons modelos na arte de prender os espíritos. A gente esquece-se de que esta mulher foi uma costureira de suspensórios, três meses antes.

— Faz-me rir o seu entusiasmo! Os poetas têm coisas! Uma costureira assim era capaz de fazer a sua felicidade, não era?

— Não, minha senhora.

— Não?!... Excentricidade! Que mais ambiciona? Os amores de uma costureira aqueceram o vácuo glacial do seu amigo, que de certo era mais difícil de contentar que a vossa senhoria.

— Mais difícil, não... Eu tenho-me contentado com bem menos... Vossa excelência não ignora que eu vivi muito tempo palpitando na esperança do seu amor...

— Não sei a que vem a reflexão... Não se fala de mim... O que devo observar-lhe é que os instintos do senhor Guilherme do Amaral são bem rasteiros!... Desceu muito da sua posição, abismou-se na lama. Uma senhora terá repugnância em estender-lhe a mão... Dava-se tanta importância!... Vejam no que deu todo aquele orgulho!... Inacessível a tanta gente boa, e tão fácil à sedução de uma costureira.

— Inacessível, não, minha estimável senhora dona Cecília. Guilherme era acessível a toda a tentação: deixava-se ir ao convite dos olhos provocadores da “gente boa”. E, pelo conhecimento que tenho do meu amigo, protesto contra a calúnia. Amaral desempenhou, como cavalheiro que era, lealmente todos os encargos da boa sociedade com a boa gente. se a vossa excelência não foi, atendida na sua concorrência ao mercado...

— Que diz?!

— Digo que Amaral a não atendeu, porque tinha virtudes do século catorze, misturadas à corrupção do dezanove. Não obstante... (não se agonie, minha senhora; estamos conversando na mais santa intimidade), não

obstante, o meu amigo nem sempre resistiu às numerosas tentações. Adormeceu, como Homero, algumas vezes; teve fraquezas ingénitas à degenerada raça humana, que não parece ser a única degenerada, porque todas as outras raças fazem, com mais escândalo, o que a nossa tem a virtude de acautelar. Devemos ao bom senso das senhoras as precauções, que nos poupam a uma degradação completa.

— Não entendo... Vossa senhoria está desmanchando em prosa ininteligível uma poesia libertina... Quer dizer que a costureira do seu amigo vale mais que as pessoas delicadas, que receberam mais ou menos cordialmente o senhor Amaral?

— Entendo que sim...

— A grosseria não parece sua. E minha, e não vendo a originalidade. Dê-me licença, que vou tomar o meu banho. já me chamou três vezes a banheira...

— Tenha uma pouca de crueldade com a sua banheira, senhora dona Cecília; mas, para satisfação de ambos nós, conceda que eu dê uma sucinta explicação da minha

grosseria. A costureira vale mais que as cordialíssimas admiradoras de Guilherme, porque a costureira não tinha uma cordialidade elástica, pronta a estender-se na mão de cada qual que puxava por ela. Amou um homem único, e esse homem queria um amor único, um coração virgem, um rosto que exprimisse, no fogo do rubor, a primeira emoção. A costureira... não sonhou tipos, nem sabia que os tipos sonhados desfilavam depois, vestidos de fraque e bota de polimento, diante da fantástica sonhadora, sempre à espera do último. A costureira era uma mulher simples, com a cabeça, e o coração, e o estômago no seu lugar. Pensa, ama e come como a “boa gente”; mas a boa gente não pensa nem ama como ela. Quem puder entender que entenda.

— E um caos a sua explicação! Não tive a glória de entendê-lo. Pois, então, simplifiquemos: vossa excelência não vale a costureira, ainda mesmo com o suplemento das minhas poesias, que são cento e quarenta e quatro.

Cecília, vermelha de cólera, voltou as costas ao jornalista, que, sentado numa pequena cadeira de pinho, ficou esboçando na areia uma cabeça com um enorme nariz. Depois foi pedir fogo ao marido de Cecília para acender um

charuto. Voltou a sentar-se, e fez profundas considerações sociais, que publicou no folhetim do dia imediato, com grave desfalque da sua já abalada reputação de homem honesto.

Ainda assim, era ele o único homem recebido em casa de Guilherme.

A primeira vez que viu e ouviu Augusta, abraçou o amigo, exclamando com sincero entusiasmo: "Tinhas razão! Renego das minhas teorias. A felicidade duradoira é possível com esta mulher. Deves amar muito a tua obra. A alma que ela tem é tua: deste-lha. Enamoras-te, cada vez mais, de um novo dote que lhe dás. Pigmalião amava a sua estátua; tu amas a mulher que estremece debaixo da tua mão a cada retoque do teu génio criador. És feliz! És o segundo Jeová desta criação. A natureza deu-lhe o primor do corpo; tu, o primor da alma. Quando esta mulher te enjoar, suicida-te, porque não há mais nada para ti.

Estas palavras valeram muito à reputação do poeta. Desde este dia, Amaral foi seu amigo, amigo sem reserva, sem desconfiança, Dois grandes sentimentos simultâneos: o

amor de Augusta, a amizade do literato; pode ir mais longe a ambição do homem rico, aos vinte e dois anos?

Amaral não tinha outra. Todo absorvido na sua obra, como dissera o poeta, nada o distraía da atmosfera de rosas em que o sol de todas as manhãs o saudava com os sorrisos benéficos de Deus. De mês a mês, vinha ao Porto receber a avultada mesada, que se arbitrara. Não visitava ninguém. Fugia para a sua Augusta, que vinha sempre esperá-lo e abraçá-lo com frenesis de alegria, no alto de Vila Nova.

O jornalista concorria duas noites de cada semana, e respirava ali — dizia ele — o ar balsâmico da verdadeira poesia. Falando coisas de literatura com Guilherme, Augusta ouvia-os calada, mas dizia, nos olhos penetrantes, que os entendia. Em coisas do coração, Amaral escolhia assuntos do último livro lido por Augusta, e ele interpretara nos lugares obscuros, ou fingia ignorar nos que deviam ser mistério para uma leitora ignorante. Augusta, nessas análises, convidada por Amaral, falava pouco e com timidez; mas ouvi-la momentos era apurar o prazer de ouvi-la sempre. Os gabos animadores do jornalista, recebia-os

corando, e os elogios secretos do amante, agradecia-os com lágrimas.

Em tardes serenas passeavam a cavalo. Augusta era sempre bela; mas sobre o selim, instigando com a espora o cavalo a graciosos corcovos, era inimitável. Amaral revia-se na “sua obra”, com orgulho de artista, e ternura de amante. Como transparecia radioso o rosto dela pelo amplo véu azul-ferrete! Que gentileza, se o cavalo galopava, e o véu, solto ao vento, deixava ver o seu sorriso de confiança e alegria!

Rossi-Caccia cantava então no Porto. Amaral queria dar uma impressão nova a Augusta, que nem de teatro lírico ouvira falar na Rua dos Arinénios.

— Iremos amanhã ao teatro — disse ele.

— Iremos...

— Não recebes com prazer esta resolução?

— Recebo com prazer todas as tuas vontades, Guilherme.

— Vi-te empalidecer agora...

— Não é nada...

— Dou-te a escolher: queres ir, ou não ir?

— Não ir.

— E dás-me a razão?

— Dou ... Em parte nenhuma posso ser mais feliz do que sou aqui ... Para que hei de eu ver coisas novas, se vejo tudo o que desejo?

— Mas as impressões novas não tolhem o gozo das antigas.,.

— A tua vontade, Guilherme.

— Eu desejava que ouvisses uma das primeiras cantoras da Europa... Desejo eu mesmo ouvi-la; mas não sem ti.

— Iremos... Que tempo se está no teatro?... Três horas?

— Pouco mais ou menos. — São três horas, que não passarão tão depressa como as nossas daqui... Não importa, vamos ao teatro...

Foram. Apenas se ouviu correr a chave de um camarote, estando o pano em cima, convergiram as atenções para a

segunda ordem. Augusta foi saudada com uma bateria de binóculos. Viram aparecer uma bela mulher, vestida de preto, sozinha, sentar-se, e não mais tirar os olhos do palco.

— Quem é? — perguntava D. Cecília a D. Margarida, sua vizinha de camarote. (Tinham-se reconciliado no jantar de despedida de Guilherme.)

— Não sei... será da província...

— É vistosa!

— Daqui parece-o.

— Eu só lhe vejo o perfil.

— Também eu. Pela imobilidade parece parvalheira.

— E todos os óculos da plateia voltados para lá!... Que espanto!

— Será ela ...

— O quê? ...

— Alguma ...

— Nada... não vinha ao teatro italiano para a segunda ordem...

— Mas sozinha... Estas reflexões de uma adorável “inocência” foram cortadas pela aparição de Guilherme do Amaral. O ciciar dos camarotes fez o contralto do rumor, em basso profundo, que correu na plateia. O provinciano, que adquirira nome de excêntrico, fixava o óculo na atriz, e voltava para Augusta o rosto afetuoso da amabilidade de um namorado. Camarotes e plateia eram-lhe indiferentes. Nem por lá passeou um desses olhares que não dizem nada.

— Não admiras o descaramento, Cecília?! — disse a filha do barão da Carvalhosa.

— É incrível!... Está toda a gente espantada!...

— Será da beleza da costureira...

— Qual beleza! Ela não é nem metade do que diziam...

— E muito amarela.

— Amarela, não, é pálida; mas aquele penteado!... Quem usa agora de cachos!?

— E não a achas tão estreita dos ombros?

— Acho... o que lhe faz o seio é o algodão...

— A mão é grande,

— Está feito!... Isso não tem ela mau... mas a maneira de pegar no óculo não desmente a antiga costureira de suspensórios...

— Mas olha os tolos, que não tiram de lá a vista!...

— Hão de dizer bonitas coisas na plateia...

— É uma falta de respeito à opinião pública...

— Uma imoralidade.

— Um caso novo...

— Está desacreditado o tal leão de costureiras.

— É digno dela... Descera o pano, e abriu-se a porta do camarote de Guilherme. Era o jornalista, a quem o amigo cedeu o lugar. Nada mais urbano, mais reverencioso que a postura do poeta conversando com Augusta.

— Está satisfeita, minha senhora?

— Estou bem.

— Gostou da Rossi-Caccia?

— Não posso compará-la porque é esta a primeira vez que entro num teatro; mas o juízo de Guilherme é muito favorável à cantora.

— E o seu coração precisa de juízos alheios?

— A julgá-la pelo coração, não julgo nada. Guilherme disse-me o enredo da história, e sensibilizou-me. A música não pode tanto como as palavras dele. Eu li não sei aonde que o amor da música era um sinal dos espíritos cultivados. Eu não posso dar esse sinal.

— Até o excesso da modéstia lhe fica bem... É de crer que a vossa excelência continue a frequentar o teatro.

— Por vontade de Guilherme.

— E por sua, não?

— Não, senhor. Tenho saudades do nosso gabinete. Este barulho atordoa-me... Tanta gente faz-me uma impressão dolorosa.

— Já viu os camarotes?

— Ainda não, nem me interessam. São senhoras que me não conhecem, nem eu conheço.

— E tu, Guilherme, conheces estas senhoras?...

— Não sei: não as vi ainda. Dá-me esse óculo. Amaral, de um relance fugitivo, conheceu as principais famílias. Encontrou as lentes voltadas para o seu óculo, e sorriu-se para o poeta, que o entendeu às mil maravilhas.

Augusta reparou no sorriso, e corou. Compreendê-lo-ia? Finda a ópera, o jornalista deu o braço a Augusta. Amaral mandara chegar a sege. A turba da espionagem importuna, que se acotovela ao pórtico, abriu alas para a passagem de uma mulher, cuja beleza produzia a impressão do espanto, do respeito, da ternura, e até do susto. Há mulheres que fazem isto.

Na porta travessa, onde tocam as carruagens, estavam grupos de senhoras, que Amaral cortejou ligeiramente, quando subia à carruagem para tirar uma banqueta de veludo-carmesim, onde Augusta poisou o pé esquerdo na garbosa subida. O jornalista dera-lhe a mão, erguendo bem sonora a voz:

— Tenha vossa excelência uma feliz noite. Adeus, Amaral... até amanhã.

Dentro da carruagem, Augusta apertou ao coração Guilherme, murmurando em tom de súplica:

— Seja esta a primeira e última vinda ao teatro, sim, meu anjo?

— Porquê, filha?!

— São as primeiras horas de tristeza que sofro na tua companhia. Conheço que vivo só para ti, e nada do que me rodeia me pertence. Se amas o teatro, vem tu... não te prives de algum prazer; e, quando voltares a casa, encontrarás nos meus braços amor e contentamento.

— Mas que impressão foi essa?! Ofendeu-te o olhar de alguém?...

— Não sei se alguém me olhou... eu não vi ninguém; sei que o sangue me faltava no pulso, e me subia em ondas à cabeça. Eu estive para pedir-te, no segundo acto, que nos retirássemos. Estava doente, sentia um desgosto profundo, uma vontade de chorar, que não sei como ta explique... uma coisa semelhante ao pressentimento de grande infortúnio para ti... para mim, não...

— Efeitos do nosso último romance...

— Não, meu querido Guilherme, os romances não me dão nem me tiram a tranquilidade...

Apenas apearam na sua silenciosa casinha do Candal, Augusta correu ao seu gabinete de leitura, lançou-se sobre uma cadeira, e exclamou:

— Ai!... Que desafogo!... Sou outra vez feliz!... Achei a vida!...

Guilherme, com um beijo, confirmou-lhe a restauração da perdida felicidade.

CAPÍTULO XIII

Augusta olvidaria de todo o fabricante? Respondendo a todas as perguntas que me fazem, não respondo a esta. É certo que ela nunca falou em Francisco, e Guilherme meditava tudo o que dizia para não despertar lembranças da Rua dos Arménios.

O que posso afirmar é que o fabricante não olvidou Augusta.

Já sabem as baldadas diligências que ele empregara, farejando o esconderijo da prima. Não era simples curiosidade de estranho, ou zelo de parente: era o amor, capaz de uma loucura, e o ciúme, capaz de uma vingança, como elas costumam ser nesta espécie de indivíduos.

Eram passados oito meses de inúteis averiguações, quando Francisco lobrigou, na Rua das Flores, Guilherme do Amara]. O primeiro abalo que este encontro lhe fez foi um ímpeto de raiva, que, em lugar deserto, importaria uma boa

facada. Depois, a reflexão reagiu, e o artista, coberto com a esquina da Ponte Nova, esperou que Amaral saísse de uma ourivesaria, para expiar-lhe os passos.

Não esperou muito segundos. Amaral saíra, e o fabricante seguira-o de longe, até vê-lo entrar numa sege de praça no Largo de S. Domingos. A sege trotou para Vila Nova, e o fatigado artista, além da ponte, já a não viu voltar para a Rua Direita (direita como a linha reta de um ébrio). Recuperadas as forças, foi muito do seu vagar seguindo o trilho dos cavalos; mas as lajes da calçada não denunciavam nada.

Perguntando a um barqueiro se vira ali passar uma sege, soube tudo que desejava. A sege, disse o barqueiro, levava um fidalgo que morava no Candal, e era patrão de uma sua filha, criada de cozinha.

O fabricante disfarçou como pôde a sua curiosidade, e seguiu o caminho do Candal. Perguntou a um lavrador onde morava um fidalgo chamado Guilherme, viu a casa, rodeou-a por longe, e voltou para o Porto. Se se demorasse até noite, poderia ver passar para o Porto, na mesma sege, Augusta e Guilherme,

Nessa noite o fabricante não dormiu. Era chegada a hora de uma vingança oito meses meditada. Na incerteza de sair-se bem da tentativa, Francisco entendeu que devia adiá-la para a noite seguinte, a fim de confessar-se, com a louvável esperança de entrar puro no Céu, dado o caso infausto de ser morto, matando. (Este entendia o sacramento da penitência à maneira dos que se confessam para minorar as penas do suicídio. Não são estes, contudo, os que molestam mais a religião, nem os padres que os absolvem. O que faz mal são os romances e as bulas.) No dia seguinte, Francisco não foi à fábrica, e fez saber ao patrão que se despedia por algum tempo. O patrão, seu amigo e protetor, procurou-o, e encontrou-o chorando.

— Que tens, Francisco? Porque te despedes da minha casa?

— Não há remédio, patrão... Cada qual vem a este mundo com a sua sina.

— Mas que tens, homem? Eu, já há muito que ando desconfiado de ti! Dantes eras um rapaz alegre, contente sempre, e, há meses a esta parte, vejo-te assim a modo de cismático! Que diabo tens?

— São os meus pecados, patrão.

— Diz lá, homem; tudo se remedeia, quando há amigos para as ocasiões.

— O meu mal não tem remédio... Assim como assim, vou-lhe contar tudo. Eu não lhe disse, há mais de três anos, que queria casar com uma rapariga, que era minha prima?

— Disseste, e depois nunca mais falaste nisso.

— É porque ela andou a empatar o casamento, até que, haverá oito meses, fugiu de casa com um casaca, e está com ele.

— E agora que lhe queres?

— Quero dar cabo dele.

— És um asno, homem! Que te importa a, ti a rapariga! Faltam ele mulheres!

— Não há nenhuma como ela; por mais que eu queira não a posso varrer da lembrança; quando estou a comer, e me lembro dela, fica-me o bocado arrancado na garganta; tenho passado noites em claro; aborrece-me tudo; não sei como trabalho; nem me presta a féria... Tinha-lhe um amor

de raiz, mesmo amor cá de dentro. Assim me Deus salve, que não lhe tenho a ela raiva!

— E ele que culpa tem? Um cão, quando lhe botam um osso, aboca-o...

— Não diga isso, patrão, e perdoará!... A ele é que eu tenho alma de lhe trincar os fígados... Foi ele que lhe entrou pela porta dentro com três moedas, como quem vai comprar urna vaca. Estes homens ricos que se servem do dinheiro para fazer a desgraça da gente pobre merecem um tiro. Ela estava, mansa e queda, na sua casa; para que veio ele roubar-ma? Porque tinha dinheiro, e eu precisava ganhá-lo para comer. Uma rapariguinha não tem culpa de se deixar cair na rede; eles é que são os malvados, que não têm pena de botar a perder uma mulher...

— E tu casavas corri ela agora?

— O que seria, isso é que eu não sei, patrão... Tenho-lhe uma paixão de morrer. Está-me a parecer que casava com ela, se pudesse dar cabo do tal tratante!

— Pois então, rapaz, digo-te que não tens vergonha nenhuma!... Pois tu casavas com urna rapariga que andou

por lá a correr fadário?!

— Deixe-me, patrão... Eu já não regulo bem da cabeça... Aquela mulher dá comigo doido... A minha vontade era meter esta faca no pescoço...

— Está quieto, rapaz... Não sejas asno... Anda daí comigo.

— Para onde me leva?

— Vamos à fábrica... lá falaremos. Tenho lá dois teares de pano, que só tu podes governar. De hoje em diante ficas sendo meu contramestre, ganhando oito tostões por dia. Amanhã, se quiseres casar com a filha do Manuel da Severa, ou com a Felizarda do Cabeço de Cima, não te dizem que não. Podes-te estabelecer, quando quiseres, que eu dou-te abono e dinheiro para meia dúzia de teares... Anda daí, Francisco...

— Não vou. Assim como assim, a minha sorte foi tirada de baralha. Não me importa ser rico, nem pobre... Há de ir por diante a minha ideia...

— Qual ideia?

— Hei de esfregar aquele pandilha que me roubou a minha prima.

— E se eu te prender como regedor? Francisco abriu os olhos raiados de lágrimas e sangue para a fisionomia severa do patrão.

— Pois vossemecê tinha alma de me prender?!

— Olá, se tenho! Pois eu não te hei de livrar de fazeres uma asneira?! Queres ir acabar a uma forca? Pensas que se mata um homem como quem mata um cão?! E se ele primeiro te meter uma bala na cabeça? Ora não sejas cabeçudo! Anda comigo, e já!

Francisco saiu maquinalmente; entrou na fábrica, sentou-se ao tear, trabalhou meia hora; mas o patrão, reparando na desordem em que ele trazia os fios das canelas, mandou-o sair e andou por lá explicando-lhe as obrigações de contramestre.

Ao fim da tarde, perdeu-o de vista um instante. Procurou-o; mas não houve encontrá-lo.

Francisco — dissera uni operário — descera, com a clavina do patrão, para as bandas do Oiro, e passara para além do

rio num barco.

O jornalista, conforme prometera a Guilherme na saída do teatro, foi ao Candal passar a noite.

Quando parou o cavalo em frente da casa, ouviu o rumor de um vulto, que a escuridão não deixava ver entre uma toiça de carvalhos.

Afirmou-se, e não só descobriu a massa escura do quer que era, que se movia, mas ouviu o estalar de um perro de arma de fogo.

Não disposto a morrer sem explicação prévia, o poeta exclamou:

— Olé! Veja lá que não se engane! Se quer conhecer-me, aproxime-se.

— Não é preciso — disse o fabricante —, pode passar.

O jornalista bateu no portão: um criado recebeu o cavalo: e Augusta, abrindo urna janela, disse para fôra:

— És tu?

— Pela pergunta — disse o jornalista — vejo que Amara] não está em casa.

— Ah! É vossa senhoria? Queira subir.

— É admirável!... Guilherme a estas horas por fôra! — disse, já na sala, o jornalista, um pouco enfiado, como quem não está afeito ao estalido dos ferros.

— Recebeu uma carta da província — disse Augusta — pedindo-lhe uma procuração por causa de uma demanda, e quis que ela fosse no correio de amanhã. Por enquanto não me dá grande preocupação, porque saiu ao escurecer.

— Eu sinto muito dar-lhe preocupação com esta saída, minha senhora...

— Que é?

— Decara desta casa está um homem, que aperrou uma arma, quando eu parei como lhe fiz saber que não seria eu a pessoa esperada, o homem disse-me que podia passar. Receio que a espera seja para Guilherme.

— Santo Deus! Que hei de eu fazer?!

— Mandar um aviso a Guilherme.

— Mas quem pode ser esse homem?! Guilherme não tem inimigos...

— Quem sabe, minha senhora! Todos os homens distintos têm inimigos...

— E a voz desse homem.

— Pareceu-me a voz de um homem grosseiro, de um assassino comprado... Se vai mandar recado a Guilherme, aconselho-lhe que o criado saia pela porta da quinta; não, não vá o assassino tolher-lhe o passo.

— Diz bem... Augusta, trémula e pálida de susto, mandou o criado, cuja vontade era espreitar o vulto, do muro da quinta, e mandar-lhe para lá duas balas. Augusta não aprovou a lembrança.

Quando ela dava esta ordem, achava-se presente o hortelão, que disse ter visto, pouco depois do anoitecer, um homem, de clavina, subir pelo lado de Santo António de Val Piedade. Era um rapaz de vinte e tantos anos, com jaqueta e boné, assim a modo de artista — acrescentou ele.

Augusta exclamou um "Ah!". Foi grito de uma lembrança súbita. Terrível, como o remorso, devia ser o sentimento, que a fez soltar esse grito! Mais do que vergonha e medo, a

lividez súbita, que lhe assomou ao rosto, assustou o jornalista.

— Que é, senhora dona Augusta? Não há nada a recear. Guilherme entrará pela porta travessa, e dará, antes de entrar, providências para que o assassino seja preso.

— Vossa senhoria dá-me licença que eu me retire por alguns momentos...

— Oh! minha senhora... O que lhe peço é mais ânimo... Tenho já remorsos de assustá-la...

— Não deve tê-los.. . Devo-lhe um favor impagável... Eu volto já...

Augusta, furtando-se à vista dos criados alvoroçados, desceu ao pátio, abriu o portão e foi direita à toiça de carvalhos caraira. A transição repentina para a escuridade tornava-lhe mais tenebrosa a noite. Um baixo socalco da tapada estorvou-lhe o passo, ao sair da estrada: teimou em saltá-lo e caiu. Erguendo-se, ouviu rumor na folhagem, e destacou da massa escura da selva um vulto, que parecia mover-se, recuando.

— Francisco! — murmurou ela.

O vulto retirava-se, dando-lhe a certeza de que se não enganara. Augusta deu alguns passos, repetindo:

— Francisco, meu primo... não me fujas, é Augusta que te chama...

O fabricante parou, parvo de surpresa, pasmado, como o leitor e eu, menos boçais que o fabricante, ficaríamos em semelhante conflito. E Augusta, cheia de resolução, foi ao pé dele:

— Porque não me respondes, Francisco?

— Que queres de mim? — disse o fabricante, mais comovido que ela.

— Para que é esta arma? Que vens tu aqui fazer?

— Venho mostrar ao senhor Guilherme que um pobre também sabe vingar-se como se vingam os ricos.

— Vingar-se... de quê? Que mal te fez o senhor Guilherme? Se alguém te fez mal, fui eu...

— Tu eras uma rapariga inocente... não soubeste o que fazias... Ele é que te botou a perder...

— E que tens tu com a minha perda!?

— Que tenho eu com a tua perda? Sou teu primo, e devo defender-te na falta do teu pai.

— Defender-me de quê?

— De estares aí de portas adentro com esse homem, que te há de atirar com dois pontapés qualquer dia para o meio da rua.

— E, se me atirar à rua, eu vou pedir-te alguma esmola?

— Ainda que ma não peças, hei de eu dar-ta, para te não ver andar por aí esfarrapada.

— Cala-te! Tu não sabes como eu sou amada por Guilherme...

— Faz ele muito bem; o amor eu lho darei...

— Pois tu pensas que eu consentia que lhe pusesses as mãos?

— Isso é o que veremos... Se não for hoje, será outro dia...

— Tu queres matar-me, Francisco! Vens de propósito fazer-me desgraçada... Pensas que me fazes tua amiga praticando uma infâmia! Se ferisses Guilherme, eu era

capaz de te cravar um punhal no coração. Tenho um primo assassino!... Que vergonha! Sal deste lugar... De hoje em diante aborreço-te como um malvado, que me quis privar do único bem que tenho nesta vida... Sai daqui, indigno, quando não chamo os criados, e mando-te entregar à justiça como um malfeitor, que espera com uma arma um homem que nunca lhe fez mal.

— Então foi para isso que vieste cá? — atalhou o fabricante com mansidão.

— Pois que pensavas? Querias que eu te viesse pedir perdão? De quê? Que direito tens sobre mim? Quem te encarregou de zelar a minha honra? Pois tu queres comparar-te ao homem que eu amo, miserável! Ousaste vir aqui com uma arma para o matar covardemente? Não posso ver nas tuas mãos isto...

Augusta, sem grande esforço, arrancara-lhe da mão a arma, e arrojara-a a alguns passos com pasmosa energia.

O fabricante estacara, imóvel, estátua do idiotismo, diante de tanta coragem, e fulminado pela torrente de epítetos que saíam de uns lábios frementes de raiva.

— Sai daqui! — prosseguiu ela, empurrando-o.

— Vê lá o que fazes, Augusta! Não me empurres, porque eu não te trato mal!

— Não me tratas mal?! Queres matar o meu único amparo, o homem que eu adoro de joelhos, o anjo que me dá o Céu nesta vida... e dizes que me não tratas mal?

A apóstrofe impetuosa foi interrompida por passos, perto, e luzes, que vinham de um e doutro extremo da estrada.

— Foge! — exclamou ela. — Foge, que te prendem!

— Deixá-los prender.. que me matem até.. eu não dou um passo para fugir...

— Foge! Foge! Francisco!...

— Não fujo, já te disse. Ao clarão dos archotes, vira Augusta homens armados, e, à frente deles, Guilherme com um par de pistolas aperradas.

— Quem está aqui? — exclamou Amaral.

— Sou eu! — disse Augusta com resolução.

— Tu!... E quem é esse homem?

— Aproxima-te, e conhecê-lo-ás. Guilherme levou-lhe à cara uma lanterna, quando dois criados lhe lançavam as mãos. Ficou perplexo, procurando a explicação nos olhos de Augusta.

— Este homem não trazia uma arma de fogo?

— Trazia — disse o fabricante — atirou-ma para ali esta esta mulher.

— Retirem-se, e deixem-nos — disse Amaral aos criados, e voltando-se para o artista:

— Que vinha você fazer aqui com uma arma?

— Guilherme! — atalhou Augusta com a veemência de uma súplica — não perguntes nada, eu te contarei tudo. Deixa-o ir, que ele não torna aqui...

— Isso ainda eu o não disse... — acudiu o fabricante.

— Então que quer? — disse Amaral.

— Não quero nada...

— Quer que o mande sossegar alguns anos numa enxovia?

— Lá isso... como o senhor quiser...

O jornalista vinha animado do melhor espírito contra o assassino, ignorando todos os precedentes da estranha aventura. Guilherme pediu-lhe que se retirasse. O poeta retirou, perguntando-se se andava ali paródia da Linda de Chamounix.

— Vá-se embora, homem... — disse Amaral. — As suas balas não me podem ferir... Entenda que deve a vida à sua prima; mas não lhe prometo poupá-lo se tentar segunda vez esta loucura. Eu vou-lhe buscar a sua arma... Aqui a tem... Retire-se...

O fabricante recebeu a arma. Amaral, com as pistolas na mão, seguia-o nos menores movimentos. A precaução era inútil. Francisco seguiu vagarosamente o caminho que trouxera, dizendo:

— Adeus, Augusta. Teria dado cinquenta passos, e ouviu-se a detonação de um tiro. Guilherme correu com Augusta na direção do fabricante. Encontraram-no prostrado, escorrendo sangue.

— Donde lhe atiraram? — perguntou Guilherme.

— De parte nenhuma... Fui eu que me matei. Chegaram os criados. Amaral mandou transportar aquele homem a sua casa, e recebeu nos braços Augusta desfalecida.

O poeta, que também viera, dizia consigo:

— Horrível mistério! Um romance para o futuro!

O heroísmo dramático do fabricante parece a paródia de algum feito estrondoso, praticado por herói de romance. A Margarida, de Emília de Girardin, tem um conde que se mata assim, pouco mais ou menos. O artista, porém, se não foi original, não sabia, decerto, que plagiava. No que ele foi mais feliz que os suicidas do nosso conhecimento, é que não morreu.

Transportado a casa de Guilherme, foi observado pelo jornalista, que sabia de tudo, inclusivamente de cirurgia. Observou que a bala não ferira a laringe nem a faringe, nem as ramificações arteriosas ou venosas de mais melindre. Atravessando o músculo esternoclidomastóideo, a bala saíra por debaixo da maxila inferior, sem, por grande fortuna do artista, lhe lesar este importante instrumento da

mastigação! O facultativo confirmou o prognóstico do poeta, e Francisco entrou em curativo.

Augusta era a sua enfermeira: só ela entrava no seu quarto. O fabricante, proibido de falar, encarava a sua prima com os olhos sempre rasos de lágrimas. Às ligeiras perguntas dela sobre o seu estado, o convalescente respondia corri o acanhamento do pejo, É que o luxo do quarto que lhe deram, e o luxo no trajar da prima, e as excelências, que ouvia dar-lhe no quarto próximo, concorria tudo a vexá-lo por ousar apresentar-se como primo de Augusta, e rival do fidalgo, senhor de toda aquela riqueza. E, depois, o amor com que a sua prima velava a sua doença, as frequentes visitas do cirurgião, a generosidade dela em não mais lhe falar na sua loucura, a importância que lhe davam, a ele, pobre fabricante, em paga de uma intenção homicida, estes estímulos não feriram debalde a sua gratidão. Francisco esquecia o seu velho amor, e sentia-se em dívida de respeito e amizade ao generoso amante de Augusta, que nunca viera ao seu quarto.

Quando, corri vinte dias de curativo, se ergueu do leito, disse-lhe Augusta que o senhor Guilherme vinha falar-lhe.

Francisco fez-se vermelho. Tinha vergonha de encarar o homem que lhe pagara com benefícios a intenção premeditada de matá-lo.

— Senhor Francisco — disse Guilherme com afabilidade —, tenho muito prazer com o seu restabelecimento. Não venho repreendê-lo. Vossemecê fez o que muita gente faz com melhor inteligência do que a sua para conhecer o que são loucuras. Quis mostrar-lhe que a sua prima não é infeliz, nem se faz má com a mudança de fortuna. Sei que lhe disse a ela que tinha vontade de sair desta casa logo que tivesse forças para trabalhar. Eu venho dizer-lhe que pode aqui viver como se esta casa fosse sua.

— Muito obrigado, senhor Guilherme; eu não tenho serventia nenhuma, por isso tanto faz dizer como não dizer que estou pronto no seu serviço. Sou um rapaz criado no trabalho, tenho o meu ofício, e para lá torno.

— Mas, se vossemecê quiser habilitar-se para ser mais que um simples operário, eu dou-lhe os meios para estabelecer-se no comércio, ou na indústria... Eu tenho quem me ofereceu já esse favor; agradeço a boa vontade da vossa excelência, mas não preciso, nem quero ser mais do

que o meu pai. Vou estabelecer-me, se Deus quiser, com uma fábrica de tecidos, e não me faltará pão.

— Como quiser; mas vá na certeza de que tem um amigo em mim, e em Augusta uma protetora.

— Eu bem o sei; e a vossa excelência perdoará as minhas loucuras… A gente nem sempre regula bem.

— Não tenho que perdoar-lhe. Bem castigado foi por si próprio. Voltou contra si a pontaria da arma que devia matar-me. Não falemos mais nisso...

CAPÍTULO XIV

Este episódio alterou a desculposa felicidade de Augusta. A sua alegria perdeu muito da intimidade espontânea. Os sorrisos já não lhe vinham da consciência como um beneplácito à sua posição de mulher engrandecida pela desonra. O amor imenso, a sujeição forçada à continuação do crime, não lhe eram incentivos, como são em tantas de igual estado, para obedecer cegamente à fatalidade, habituar-se à culpa, sufocando o tardio grito do remorso.

Era uma mulher muito original, com virtudes muito inconsequentes, não era? Pois melhor lhe fôra — transigir com o vício, remediar-se com o irremediável, seguir enfim o sistema da submissão aos factos consumados. É o que faz muita gente melhor que a sensível costureira.

O que ela não sabia fazer, como muita gente faz, era fingir-se, estereotipar a graça no rosto, captar, como a escrava do harém, com blandícias contrafeitas, o sorrir voluptuoso do seu senhor.

Amaral sentira a diferença, e debalde interrogava o silêncio resignado de Augusta.

— Donde vem — dizia ele — uma melancolia que não está no teu génio?

— Eu sou feliz, Guilherme...

— Ninguém o dirá... Se eu tivesse feito coisa que te afligisse até provocar-te arrependimento de seres o que és, não estarias mais triste...

— Pois vês em mim algum sinal de arrependimento?...

— Todos os sinais. Eras outra antes da ida ao teatro, ou antes dos acontecimentos com o teu primo...

— O teatro não me podia fazer mudar... os acontecimentos com o meu primo, não admira nada que me deixassem uma triste recordação.

— Tudo isso passou, Augusta... O teu primo está bom e feliz... Estes homens têm crises morais, que se não demoram muito. Falta-lhes a inteligência, que é a pedra onde se afia o gume da dor. Têm o trabalho como distração, e as necessidades pequenas, todas satisfeitas, como

recompensa... Pois devo eu crer que a tua tristeza sejam saudades ou compaixão do teu primo?

— Nem saudades, nem compaixão, Guilherme. Se há alguém que mereça compaixão...

— És tu?!

— Não, não sou eu... — emendou ela, abraçando-o. Perdoa-me esta loucura... Sou muito ditosa contigo; não quero compaixão senão de ti...

— Qual é o sofrimento que a merece, filha?

— Não sofro... não sofro...

— E, contudo, choras!

— Pois que queres? Uma mulher, por mais feliz que seja, tem necessidade das lágrimas como do ar... chora-se insensivelmente, quando se é feliz, como se respira, quando se dorme...

— Não me satisfaz a explicação... Eu quero saber porque choras... — Não sei, meu amigo.

— Que desejas? Nada para mim, que nada tenho a desejar... tudo para ti... quero que sejas muito feliz.

— Não o parece... os teus sofrimentos não me podem dar alegria.

— Eles passarão... E, contudo, não passavam... Augusta esquecera os livros, a música, as flores, os passeios a cavalo, e até o instintivo engenho (o, sobre todos, mais precioso talento em mulheres) com que se vestia para surpreender o amante com atrativos novos. Guilherme não merecia isto. A consciência, ao mesmo tempo que o não acusava, instigava-o a ter com Augusta uma explicação mais explícita. Antes, porém, desse acto custoso, consultou o jornalista, confidente inalterável das suas mais escondidas tenções.

— Como explicas a tristeza de Augusta?

— Enquanto a mim, aquilo é efeito de algum romance...

— Não é.

— Se me dás a certeza de que não é...

— Dou.

— Então, tudo se explica. Dás licença que eu dê a minha opinião.

— E boa a pergunta!

— A mulher quer que tu cases com ela.

— Ora!...

— É o que te digo.

— Especula, por consequência?

— Não especula: cede a um sentimento honesto. A inteligência, que lhe apuraste de mais, desenvolveu-lhe ambições, que ela nunca teria. Entrou na consciência da sua desonra. Quer reabilitar-se como as heroínas dos romances, em que certas mulheres até ao penúltimo capítulo cambaleiam com a sua honra sobre uma corda bamba.

— Será isso?

— E, se for, que fazes?... Casas?

— Não. É tenção que nunca tive.

— Nem prometeste?

— Claramente não... se bem me lembro...

— Mas de um modo equívoco, sim; pois fizeste mal. Se tivesses lido a sátira de Boileau contra o equívoco, não caías na imprudência de o dizer.

— Mas, desde que está comigo, nunca roçámos de leve por tal assunto.

— Isso não é argumento.

— Creio que te enganas... Hoje mesmo hei de sondá-la a tal respeito.

— Pergunto eu: amas ainda muito Augusta?

— Amei-a muito, e posso dizer que a amo ainda; todavia, desde que a vejo corresponder-me friamente, tenho arrefecido um pouco... Foi mau contrariar-me...

— Contrariou-te?

— Pois que é entristecer-se quando eu me alegro? Pôr-me na obrigação de lhe perguntar o que tem de hora a hora, é enfadar-me. Bem sabes que tudo que é obrigação pesa, e eu não quero algemas. Se eu a contrariasse, pedia-lhe, ou não lhe pedia absolvição da culpa; não lhe tenho dado causa ao menor desgosto, e custa-me a representar de

humilde… revolta-me o predomínio, que ela quer exercer sobre mim… Sabes tu que todas as mulheres são semelhantes, logo que atingem um determinado grau de inteligência!?

— Ainda agora descobriste esse dogma? Isso é velho. A mulher de inteligência cultivada na escola do savoir-vivre, cal hoje, reabilita-se amanhã, recai depois, convalesce em poucas horas, e caminha sempre na alternativa com a face voltada para o Sol. As que, caídas uma vez, nunca mais se levantam, são as máquinas de pura massa de ossos e músculos e membranas: são as estúpidas, que não engenham o colete de salvação com que se zomba dos naufrágios do podre lenho, onde a virtude anda por aí à mercê das vagas, que são tu, e eu, e outros muitos do nosso conhecimento. Apre!, que me ia faltando o fôlego! Um período, deste tamanho, num livro, desacreditava-me! Em resumo, queria eu dizer, que Augusta prefere ser tua mulher a ser tua amante. Ora agora, tu optarás.

— Quero-a para amante, e é impossível que ela insista na opinião contrária.

— E se insistir? Se te entalar entre os dois bicos de um dilema?

— Prescindo da sua companhia especulativa. Estou certo que ela não prescindirá.

— Também o creio... Diz-me cá: na tua casa não entra padre nenhum com uma pouca de mais moral que os abades de Luís XV?

— Em minha casa entras só tu.

— Pois de mim está certo que lhe não inspiro o escrúpulo da incontinência nos costumes. Aqui há só a recear que ela penda para a mística. Se escrupuliza, se se fanatiza, deixa-te... Sabes tu que tenho uma suspeita muito razoável?

— Qual suspeita?

O teu amor a Augusta já não admite cristalização nenhuma.

— "Cristalização!," Não entendo.

— É porque não leste a Fisiologia do Amor, de Stendlial. Cristalização são as belezas imaginárias, as variantes formas, as luminosas cambiantes, que tu associas à mulher

que te faz pensar duas horas, fremente de esperanças e desejos. É associar o maravilhoso ao ordinário. Ora, tu já não imaginas nada a respeito de Augusta. Os cristais fundiram-se: ficou a mulher...

— Que eu amo ainda.

— Não te iludas, Amaral... Eu fui terrível profeta...

— Não profetizaste... Amo Augusta; se a não amasse, era-me indiferente a melancolia dela.

— Mas não te sentes disposto a consolá-la de modo que ela não duvide da alta estima em que a tens?

— Casando-me com ela? Pelo amor de Deus! Estás cómico! Pois realmente vens aconselhar-me o casamento?

— Eu aconselho o casamento a todo o homem que vive dezoito meses com urna mulher, e ao cabo desta eternidade de amor ainda diz sem impostura: “amo-a”. Mulher que se ama, depois da convivência de dezoito meses, ama-se toda a vida, quer seja amante, quer seja esposa, Como estou na minha hora de sinceridade, deixa-me dizer-te que não achas mulher que valha tanto como Augusta. Se te desligas dela, comparar-te-ei ao avarento que amontoou um tesouro,

e, embriagado da sua fortuna, passava as noites e os dias contemplando-o; e, no frenesi do seu contentamento, endoideceu, e, doido, arrojou o tesouro pela janela à rua.

O tesouro é essa mulher simples, imaculada, santa, perante a corrupção e a doblez de todas as que conheceste. Imaginaras um anjo; o anjo saiu das tuas mãos perfeito. Fizeste de um coração em bruto o que Fídias fizera do mármore. Nenhum homem fizera tanto, e nenhuma mulher fôra tão maleável às inspirações de um homem. O amor pode muito, transfigura muitas índoles, dá formas novas à mulher magnetizada; mas não é omnipotente, não produz o milagre que se viu e que se vê todos os dias operar em Augusta o teu amor... Tu és um ingrato a Deus e a ela, se a abandonas!

— Eu disse que a abandonava?!

— Preciso eu, porventura, que mo digas?! Tu estás sendo para mim um homem de cristal: vejo-te, sem a vista dupla do mesmerismo, as menores operações do espírito. Os teus reparos, enfastiados na melancolia de Augusta, são como os abrimentos de boca no quarto acto do melhor drama. Há um ano, a tristeza de Augusta seria para ela um

novo título à tua admiração: chamar-lhe-ias poeta, rêveuse, natureza privilegiada, espírito que entendia o idioma dos arcanjos. Hoje, esse rosto assombrado já te não parece tão belo, e as lágrimas do coração silencioso incomodam-te.

— E incomodar-me-iam em qualquer tempo, admitindo a tua explicação do casamento.

— Pois é a explicação que mais honra Augusta. Não te parece bem natural este desejo numa mulher, que tu elevaste às alturas da tua inteligência? Eu acho até muito lógica essa nobre ambição. Há um ano, Augusta era ainda a mulher do amor, e só do amor-paixão; hoje, há ali o espírito que se dá em troca doutro espírito; a inteligência esposando a inteligência; a ideia clara do dever e da honra dominando os arrebatamentos da paixão, e ensinando-lhe o que é a, plenitude da felicidade sobre a Terra.

— E o casamento?

— Deve sê-lo quando a mulher é Augusta, e o homem, a não ser o que tu devias ser, é aquilo que eu penso que seria.

— Pois tu casavas?!

— Com a primeira herdeira e a primeira beleza do Globo, No; mas, na tua situação, com Augusta, sim.

— És uma maravilha!

— Olha, Amaral, não ofendes a minha modéstia; em verdade te digo que sou maravilha... Não grites a palavra ironicamente... Maravilhoso és tu também: mas para mim, és urna coisa legível como um anúncio em parangona na quarta página de um jornal... Aí vai outra profecia... O fio que te prende a Augusta pode ser amanhã cortado pela primeira Cecília que queira absolver-te dos erros passados, impondo-te a penitência de te absteres dos amores da costureira afidalgada.

— E um ultraje, que eu desmentirei...

Se há aqui um ultraje, não é a ti, é à natureza, matrona que eu respeito pelos seus disparates, pela importância que ela se dá nos seus desvarios. O "conhece-te!" do filósofo antigo é uma tolice. Quem é que se conhece? Quem pode responsabilizar-se pelos seus actos de amanhã? Não está definida a virtude nem o crime. Tu hoje levantas uma mulher do nada com o entusiasmo de um inspirado do Céu;

amanhã arrojas essa mulher ao nada com a força de um instrumento, que obedece ao braço imperioso de uma vontade superior. Não sabes se foste ontem, ou és hoje virtuoso... Somos lamentáveis, meu caro Guilherme. A depravação da raça humana prova-se em ti, e em mim, nesses que julgam beber mais puras as águas da fonte da ciência. A inteligência é a corrupção ostentando-se em toda a sua luz. O sandeu esconde-se; nós galardoamo-nos com o escândalo... Não sei a que vem esta nesga de filosofia...

Nem eu. Vinha a propósito de serem onze horas da noite, e eu não ter ainda escrito o folhetim de amanhã... Vou rabiscá-lo no teu escritório. Augusta deve ter notado a demora da nossa palestra. Pede-lhe que toque a Casta Diva enquanto eu escrevo.

Hoje escreverás sem música... Vou decifrar o enigma, que me parece indecifrável depois da tua explicação.

CAPÍTULO XV

Augusta passeava no jardim. O gosto era extravagante numa noite de Fevereiro, fria 'e ventosa. Amaral foi encontrá-la aí, encostada ao parapeito de um mirante de pedra, voltada para o mar, que, lá em baixo, rugia, enegrecido por turbilhões de nuvens.

— Achas isto encantador, Augusta? — perguntou, sorrindo, Amaral.

— E não é encantador? Eu acho...

— Não sentes frio?

— Ainda não... Estou aqui há meia hora, e não queria sair sem que tu viesses ver...

— O quê?... Creio que não vês nada, Augusta...

— Vejo as trevas... não é assim que a gente infeliz vê sempre o seu futuro?

— Isso depende da maneira de ver as coisas. Cada qual tem o seu vidro de aumento ou diminuição. Ninguém vê como deve ver. E tu que vês no teu futuro?

— A continuação do presente...

— E o presente não te é agradável?

— É; embora mo não invejem, eu também não invejo as venturas de ninguém. Mais felicidade que a que sinto, só pode dar-ma a sepultura.

— Desejas a morte?

— Desejo-a, antes de morrer no teu coração...

— E crês que podes morrer no meu coração?

— Posso; pois não posso? Que privilégio tenho eu mais que as outras?

— Não entendo... Queres dizer que eu tenho esquecido outras antes de ti?

— Quantas terás tu esquecido, Guilherme!... Não me refiro a essas; é às que tenho conhecido nos romances, onde se aprende tudo que é do coração...

— São, portanto, os romances que operam esta espantosa mudança no teu carácter!...

— Eu não mudei, Guilherme. Não me disseste tu que me querias dar um sexto sentido, que me faltava? Pois é esse sentido que me faz sofrer. Melhor fôra que nunca mo desses.

— Romanticismo, minha Augusta... Não exageres o tipo que te adaptaste. Os resultados são sempre maus... Eu sei o que é isso... A natureza não quer que a violentem com artifícios...

— Queres dizer, Guilherme, que a minha tristeza são artifícios?... Não sei com que fim!... Pensas que é amar-te menos o esconder-me aos teus olhos? Não é, não. Não posso amar-te mais, porque é impossível que outra te ame tanto...

— Outra!... Que outra?

— Eu não digo que ames outra... Não me queres entender, ou te enfastiam as minhas impertinências... Olha, Guilherme, se eu pudesse usar de artifícios, mostrava-me sempre alegre, para te ver sempre alegre e carinhoso.

Pensas que eu não adivinho que me vou tornando aborrecida? E quereria eu sê-lo?!...

— Aborrecida, nunca... Sofro, é verdade, porque me inquieta o segredo dos teus pesares... Ninguém sofre de imaginação exclusivamente: há sempre uma causa. Qual é a causa em ti? É uma pergunta feita mil vezes; nunca me respondes.

— Se eu não posso, porque a não sei... Será uma doença do corpo, que principia pela alma...

— Não explicas assim coisa alguma. A vinda do teu primo ou a ida ao teatro são os dois acontecimentos que eu tenho para datar a tua diferença de costumes, de gostos, de amizade, de tudo.

— De amizade, não, Guilherme... Não me mortifiques assim... a calúnia é terrível!

— Respondes francamente ao que vou perguntar-te? jura!...

— Não preciso jurar: respondo.

— Querias ser o que eras antes de me conhecer?

— Queria.

— Está tudo explicado... O teu sofrimento é remorso...

— Remorso, não, nem arrependimento. Depois de te haver conhecido e amado, não posso arrepender-me. Eu creio que o arrependimento de amar começa no coração, e, para isso, é preciso que ele odeie e não ame. Eu amo-te muito, Guilherme. Não quisera ter-te conhecido, isso sim. A estas horas, seria o que são as mulheres da minha qualidade: a pobre costureira sem orgulho de ser amada, sem ambições de parecê-lo; sem a crítica para comparar-se às outras mulheres, ignorando o mundo, ou vendo-o muito diferente do que ele é. É o que seria, não te conhecendo, Guilherme... E o que fui, não posso tornar a sê-lo.

— Mas que te fiz eu? Que desejos tens que eu te não satisfaça?

— Não me fizeste senão engrandecer: essa é que foi a minha desgraça. Os desejos que me satisfazes... são todos; não me queixo da menor falta... Não falemos nisto, meu filho. Princípio a ter frio, e tu?...

— Vamos, Augusta.., Parece-me que a estação da minha felicidade acabou... E mais uma mentira, uma deceção como outras muitas.

Augusta disse algumas palavras frívolas, dessas que o coração pode, apenas, balbuciar, se o comprimem angústias grandes, como, na mulher que muito ama, o pressentimento, o susto, a surpresa terrível da ingratidão, que, até esse instante, lhe parecera crime impossível.

Amaral não respondera, ou não a entendera. Entrou no escritório, onde o jornalista escrevia aceleradamente a quarta tira do seu folhetim. Guilherme ia falar, quando o escritor, sem levantar os olhos do papel, lhe fez com a mão sinal de silêncio, murmurando:

— Não me tolhas a inspiração... Encontrei uma ideia com que posso salvar a humanidade aflita. Eureka!. Espera...

Continuou a escrever alguns segundos, e depôs a pena com os júbilos radiosos de quem acabava de salvar a humanidade aflita.

— Agora, fala...

— Tens razão; és um mágico... sabes tudo o que vai no coração dos outros: Augusta lembra-se de casar comigo.

— Confessa, pois, que sou um homem impagável!...

— Não teve, ainda assim, a coragem de mo dizer em estilo chão...

— E tu tiveste a coragem de lhe dizer, em correto português, que não...

— Eu não lhe disse nada. Contristou-me... Não queria ouvir-lhe tal... De ora avante todos os sorrisos dela estão envenenados.

— E ela disse que abandonava o posto no caso negativo?

— Não... é cedo ainda para me estipular condições, e creio que nunca chegaremos a esse extremo.

— Também o creio.

— É natural que um delicado desengano a restitua à antiga tranquilidade.

— De costureira? — Não...

— Ah!, entendo... de femme entretenue.

— E, se não acerto no alvo, viveremos mal. Para evitar o espetáculo das lágrimas, terei de procurar o riso noutras partes.

— E isso, é isso.. . Os homens!...

— Sorris?

— É a maldita profecia a realizar-se. Estudos do coração... Quem te estudar, Guilherme, Stendllal ou Balzac. Eu bem sei o era preciso a Augusta para reconquistar o terreno que perdeu. O amor puro e santo da mocidade já lá vai; o amor-apetite esfriou; o amor-vaidade, o único possível em ti, já não recebe estímulos. Augusta devia perder o pejo para te arrebatar de novo.

— Perder o pejo! Que disparate!

— Não é disparate. Se ela obedecesse a todos os teus caprichos...

— Caprichos!... Quais?

— Que alimentam a lavareda do teu orgulho. Tu amavas esta mulher se os outros ta invejassem. Amava-la se ela tivesse a sagacidade de trair-te... ao menos com os olhos

num subtil disfarce... de um camarote para a plateia. Amava-la se ela hoje se vestisse o mais sedutoramente que se pode, e ferisse lume nas calçadas do Porto com as patas do teu cavalo de Alter. A cada olho desejoso que a seguisse, sentias uma palpitação de soberba. Quando de um grupo se dissesse: “Que bela mulher!”, respondias tu: “É minha!” E este “é minha”, que ninguém ouve, é uma expressão embriagante, só comparável à do avarento que abraça um cofre, exclamando: “É meu!”. A mulher, assim desejada, deixa de ser o que nos parece a nós, e é aquilo que parece aos outros. O homem que arria apaixonadamente não cura de saber o valor que os outros dão à mulher que ama. Mas este não é teu amor. Se o amor, por qualquer condescendência, declina, o amante, cego ontem, abre hoje um olho, e duvida se ela efetivamente é aquilo que lhe parecia ontem. Na dúvida, pergunta aos outros: “Que vos parece aquela mulher?” Se a delicadeza ou boa-fé responde: “É uma excelente mulher”, a cristalização continua. (Eu já te disse o que era a cristalização.) Se a má-fé ou a grosseria responde: “Não presta”, o amador indeciso odeia a indiscreta resposta, e persiste na dúvida, que é sempre de pior partido para a mulher, sujeita à alta e

baixa do mercado. Augusta não sabe estas importantes teorias; sabendo-as, e amando-as, sacrificava-te a vergonha, de todos os sacrifícios o mais penoso que a mulher faz, com testemunhas de vista. Se ela tivesse uma escola anterior à que tem, preparava-te com finura uma emoção reparadora da sensibilidade que se te consome nesta vida monótona do Candal. Tu precisavas hoje de um duelo, de um grande escândalo, por causa de Augusta. A questão é que os outros nos encareçam a mulher, que se nos vai barateando no trato de todos os dias, sem perigos a afrontar, nem intervalos de saudade a sentir. O coração apático morre de apoplexia. Isto assim não te convém, Guilherme: faltam-te ainda vinte anos para te emancipares do arbítrio das loucuras. A vida tranquila no sereno regaço de uma mulher, na tua idade, é uma anomalia. Não podes ter senão amantes; mas estas amantes devem ser mais corrompidas que Augusta.

Segue-se da estirada preleção que eu sou um grande perverso... só posso amar a corrupção.

Não digo "amar". Amar é um sentimento privilegiado de certas almas, que não são as nossas, faça-se-nos justiça.

Desejar é outra coisa. O laço que te prende a Augusta, há dezoito meses, não é amor. E a submissão do instrumento ao braço, a docilidade de Augusta obedecendo à tua vontade orgulhosa. Imaginaste que era delicioso fazer de uma costureira urna senhora, e empenhaste nisso as forças do teu espírito. de uma rapariga sem educação nem princípios quiseste fazer uma literata, e puseste nessa obra miraculosa todas as forças da tua vontade. Acabada a obra, não tinhas mais que fazer. Reviste-te nela alguns dias com amor de artista. Exausta a admiração, pensaste se seria possível idear-lhe belezas novas. Não era. O espírito avarento achou-lhe ainda imperfeições. Descoroçoaste-te, desiludiste-te, pareceu-te estulta a glória do que fizeste, porque te não servia de nada. Até aqui foste prudente como Pedro.

O pior é daqui em diante... Que tencionas fazer a esta mulher?

— Não sei... nem penso nisso. Por enquanto viveremos como temos vivido. Tu vais aos extremos, quando as coisas estão no princípio. Augusta há de reconciliar-se com o desengano: convencida de que não pode ser minha mulher,

há de desvelar-se em ser uma boa amante. Os escrúpulos, se o são, desaparecem. O amor, se ele existe, há de reagir contra as conveniências. Prezas-te de conhecer muito do coração; mas hoje adormeceste à sombra dos teus gloriosos folhetins. ..

— A propósito de folhetins, deixa-me concluir o de amanhã.

CAPÍTULO XVI

Um tio materno de Guilherme do Amaral, rico proprietário da província da Beira e deputado às Cortes Constituintes, emigrara em 1828, e casara em Bruxelas.

Em 1845, o exilado, que não sentira nunca saudades da pátria, veio a Portugal, de passeio, com a sua filha única,

O pretexto era uma viagem recreativa para Leonor; mas a causa oculta era afastá-la de um casamento inconveniente para que a sentia cegamente inclinada.

O pai demorou-a alguns dias na sua velha casa da Beira Alta, contra a vontade de Leonor, que não podia ver-se, na estação invernosa, rodeada de florestas e penedias, e guinchos lamentosos das corujas. Aí soube ele que o seu sobrinho Guilherme residia no Porto, solteiro ainda, gozando bom nome, apesar de alguns desatinos de rapaz rico.

O seu pensamento era grande. Casar a sua filha com o primo era, além de um enlace de família e haveres, cortar de uma vez o vínculo débil, ou robusto, que poderia ainda prender o coração de Leonor ao estudante belga.

Leonor, indiferente a conhecer o seu primo, em quem o pai lhe falava muitas vezes, desejava ver o Porto, e passar aqui o Inverno, mais suave, com os bailes e o teatro lírico.

Outros motivos mais fortes... sabia-os ela, A sua vontade encontrou a benevolência paterna, e a pronta execução. Vieram para o Porto. Antecipou-os uma carta, sobrescritada a Guilherme, e por ele recebida no dia imediato ao do capítulo anterior.

Dizia o seguinte:

Guilherme.

Teu tio Teotónio Vaz chega ao Porto no dia 24 do corrente. Vai hospedar-se na Águia de Oiro, e deseja abraçar-te e apresentar-te a sua filha e a tua prima.

Teu afetuoso tio.

Guilherme não mostrou a Augusta esta carta. Esta reserva é um sinal de quebra na intimidade. Amaral não se impunha já a obrigação suave dos amantes, verdadeiramente amigos; pareceu-lhe uma puerilidade mostrar a Augusta uma carta tão simples de um tio a um sobrinho.

Na tarde do dia 24, o sobrinho do Sr. Teotónio Vaz foi ao Porto, sem dizer a Augusta que negócios o chamavam, ou que horas demoraria. Primeira vez que isto aconteceu. Apeou na Águia de Oiro, e procurou o hóspede, que lhe disseram ter chegado ao meio-dia. Foi abraçado pelo seu tio, que lhe chamava, com as lágrimas nos olhos, o filho da sua querida irmã, que, em pequenino, tantos piparotes lhe dera nas orelhas! Teotónio, enternecido com a lembrança dos piparotes, estava patético! Amaral, que mal se recordava dos piparotes, custava-lhe a suster o riso diante da respeitável saudade do seu tio.

— Leonor! — disse Teotónio com a voz trémula de emoção —, vem ver o teu primo...

Leonor saiu do quarto próximo. Amaral ficou surpreendido a tal ponto que mal podia gaguejar um cumprimento. É que

a sua prima fazia acreditar na existência dos anjos: a sua aparição instantânea era uma coisa mágica, um eclipse, que escurecia todas as realidades conhecidas, uma inovação de impressões em coração gasto de recebê-las todas.

Leonor estendeu a mão afetuosamente ao seu primo. Falava pessimamente o português, mas, com tanta graça, que as damas portuguesas, se a ouvissem, estudariam o modo de falarem assim: dificuldade que algumas vencem sem estudo.

Guilherme, para evitar-lhe embaraços, falou em francês, coisa que o seu tio, com dezasseis anos de residência na Bélgica, não conseguira nunca. A conversação travou-se em assunto fértil. Vieram as comparações do clima, da civilização, do Governo, da agricultura, entre as duas nações conhecidas de Leonor.

E o mais é que a prima do nosso amigo era uma excelente faladora, e o seu pai, orgulhoso dela, fazia um aceno afirmativo, e, o que mais é ainda, uma careta célebre a cada agudeza palavrosa da menina.

Guilherme via, maravilhado, tanta beleza, e tanto desenvolvimento. Quem falava mais era ela, e sempre interessante, em tudo engenhosa, senhora de si, sem constrangimento, dando mais importância ao que dizia do que à pessoa a quem o dizia, falando como quem se escuta e se admira, correndo no pulso de jaspe, por distração, a pulseira, enquanto o primo, cada vez mais tímido, falava.

Neste momento desfizeram-se as últimas lâminas da cristalização de Augusta. A costureira passou de relance entre Leonor e Guilherme. Ia nua de todo o prestígio, desenfeitada de todos os arrebiques que a imaginação lhe dera... Pobre Augusta!... Se ao menos as tuas lágrimas remissem as mulheres da tua condição!...

Eram oito horas da noite, quando Teotónio Vaz interrompeu a incansável loquela da filha, dizendo que a sege os esperava. Foram ao teatro. Guilherme deu o braço à sua prima, e chamou a atenção dos frequentadores do vestíbulo. Entre estes estava o jornalista. Enquanto Amaral parava diante de uma cadeirinha, que tolhia o passo das escadas, o poeta disse-lhe quase ao ouvido: etecetera, etecetera. Amaral sorriu-se; e Leonor, que ouvira e

entendera, procurou o leitor de Victor Hugo com os brilhantes olhos. O poeta desaparecia entre os grupos que o rodeavam, perguntando-lhe que maravilha era aquela.

— E alguma outra costureira? — perguntou um.

— Onde vai este homem desencantar estas mulheres?! disse outro.

— Daria carta de alforria à outra?

— Quando teremos as duas no campo da igualdade.

— Esta é um anjo.

— Mas a outra é mais mulher.

— Um bocado de cada uma deve dar uma excelente infusão.

— Portanto, voto por ambas.

— Estão enganados — atalhou o poeta. — Aquela mulher é prima do Amaral. E a outra, que vocês esperam no campo da igualdade, lá irá ter... mas ao verdadeiro campo da igualdade... ao “Prado do Repoiso”.

— Ao cemitério! Estás fúnebre, poeta elegíaco!... Não pareces o Balzac da Rua de Santo António! É a vossa mania, bardos da desventura, abrir uma sepultura a cada sofrimento, sem, ao menos, perceberdes os direitos de coveiro... Estas mulheres não morrem assim... Renascem das larvas como a borboleta, e têm sobre a borboleta a vantagem de se não queimarem na chama fosfórica das paixões de lume pronto, como eu creio que são as paixões do teu ilustre amigo.

O orador riu-se do seu epigrama, e o poeta pediu aos circunstantes que se rissem por piedade daquela sensaboria pretensiosa.

Estava o pano em cima. Cada qual foi sentar-se, segundo a indicação dos camarotes. O jornalista colocou-se na melhor linha de observação para o camarote de Teotónio Vaz.

Observou ele que Leonor media com o óculo de alto a baixo todos os camarotes, não se dedignava de responder, mais ou menos de passagem, aos curiosos da plateia, atendia quase nada ao palco, e nada, em toda a extensão da palavra, ao que o seu primo parecia dizer-lhe. Primeira observação.

Notou ele mais que, no intervalo do segundo— para o terceiro acto, entrara na plateia superior um homem desconhecido, tipo francês, bem vestido, muito airoso. Que este homem fixara uma luneta em Leonor, e Leonor, desde esse momento, raro levantou os olhos do desconhecido. Segunda observação.

Terceira e última: que, à saída do teatro, o francês, que ninguém vira no Porto antes dessa noite, fôra postar-se em frente da escada que desce dos camarotes, e Leonor, ao passar, lhe dera o mais significativo e destemido de todos os sorrisos: facto escandaloso que todos observaram, exceto Guilherme, e o seu tio, que era míope.

O jornalista entrou na Águia de Oiro, entreteve um quarto de hora esgaravatando umas costeletas, e pôs de sentinela o criado para avisar Amaral, quando saísse do quarto do seu tio, que ele o esperava ali.

Saíram juntos, e entraram na Hospedaria Francesa, residência do poeta. Eles a entrarem, e o francês a entrar com eles. O francês cantava a cavatina da Semíramâ, e o indiferente Amaral assobiava com toda a gaucherie de um

provinciano um rondó do Guilherme Tell. O poeta não assobiava nem trauteava: ia triste e reconcentrado.

— Conheces — perguntou ele — esse homem que vai subindo?

— Não: pareceu-me estrangeiro.

— É o namoro da tua prima.

— Zombas?

— É o namoro da tua prima. Dizem que os olhos do amante veem tudo: os teus, hoje, cegou-os uma catarata escandalosa! Pois tu não viste nada?

— Pareceu-me que ela olhava alguém da plateia com teimosa atenção...

— Era aquele homem que foi cortejado nas escadas com um sorriso angélico, quando desciam.

— Palavra de honra?!

— Juro-te pela minha honra e pela honra das onze mil virgens, incluindo tua gentil prima.

— Não gracejes...

— Então isto é mais sério do que eu pensava!... Tu amas a tua prima?

— Com delírio... Isto é incrível... em mim! Mas a verdade... a verdade atroz é esta... A minha mulher fatal... é ela... apareceu enfim!

— Penso que vais ser punido, Guilherme...

— Punido!? Que é ser punido?

— Desprezado.

— Quem sabe? Eu não lutei ainda... Será tão poderoso o rival!...

— Este homem, enquanto a mim, segue-a... É a primeira vez que o vejo.

— Mas o meu tio há de auxiliar-me.

— Pois tu já apelas para o auxílio do teu tio contra a tua prima?! Isso é uma fraqueza, urna conquista inglória, uma ignomínia para um leão! Não caias nessa, que é pior para ti. Uma mulher detesta o perseguidor, que se serve do parapeito da sua família para rendê-la. Pela piedade, movem-se muitas; pelo rigor, algema-se uma mulher; mas a

alma fica-lhe livre. Tu és, às vezes, inferior ao que pensas de ti. Eu não quero saber como são esses amores fulminantes... sei que há monstruosidades nesse género... Vê-se uma mulher, à luz de um relâmpago, e fica a gente a apalpá-la nas trevas. O que eu não prescindo de saber é como tu te investes de um direito adquirido sobre a tua prima!

— Essa pergunta é tosca— não me parece tua.

— Não? E que hoje não conheces ninguém. Que diabo de homem tu és! Eu dava a minha reputação literária por conhecer-te! já sondaste bem o que sentes pela tua prima? Será isso vaidade?

— Não: é um amor infantil, uma paixão capaz de lágrimas e de sangue...

— Um duelo em perspetiva...

— Que dúvida... Não podem viver dois homens que amam Leonor.

— E, contudo, há apenas cinco horas que a viste...

— Que importa? já te disse que há uma mulher fatal para cada homem...

— E um homem fatal para cada cento de mulheres... Faltam-te noventa e nove... A primeira já lá vai... Deus se compadeça daquela nossa irmã. Apliquemos a Augusta o parce sepultis?

— Não falemos agora em Augusta...

— É uma hora da noite. Que lágrimas terá chorado a pobre mulher! Falemos nisto, que é patético...

— Mudemos de assunto.

— E que eu não estou disposto a falar de outra coisa.

— Muito boas noites.

— Adeus, Guilherme. Os meus respeitos à Senhora Dona Augusta. Cá te espero amanhã.

CAPÍTULO XVII

As várzeas do Candal branquejavam cobertas de neve. O frio cortava as carnes. E o Doiro rugia em baixo, alagando os muros débeis com que lhe ousam mãos fracas reprimir a fúria das enchentes.

Era essa a noite em que Augusta, desde as nove horas da noite, esperava, na janela, Guilherme. A febre da ansiedade não lhe deixava sentir o frio, que lhe pisava as faces de manchas azuladas. A maceração da alma não cedia forças ao sentimento para a maceração do corpo. A alma é avara de sensibilidade nas grandes aflições.

Augusta, naquelas longas horas, dos sentidos externos só tinha o ouvido a levar-lhe ao coração o menor ruído que se lhe afigurava ser Guilherme.

Eram duas horas quando Amaral apeou. Viu Augusta na janela, e sentiu duas sensações contraditórias: compaixão e aborrecimento. O extremo zelo aborrecia-o. A compaixão,

pior ainda neste caso que o aborrecimento, era, em Amaral, uma virtude estéril, a piedade por um mendigo a quem se diz: “Deus o favoreça.” O que ele não queria era ter de dar uma explicação da sua demora.

Augusta, sem o menor sinal de ressentida, veio ao encontro de Guilherme, exclamando:

— Que preocupação me deste, meu filho! Tiveste algum incómodo?

— Não. Porque te não deitaste?

— Era-me impossível... Se tu me tens dito que te demoravas, era melhor para meu descanso... Para a outra vez diz-me que te demoras, sim?

— Pois sim.

— Ceaste?

— Ceei.

— Com o teu amigo?

— Sim.

— Estiveste sempre com ele?

— Não... estive no teatro.

— Fizeste bem, meu Guilherme. Eu gosto que tu te divirtas, se achas prazer no teatro... Mau... porque me não disseste que ias ao teatro?!

— Porque não tinha tenção de lá ir.

— Era a Norma?

— Não: era o... era o... era o Barbeiro de Sevilha.

— Fizeste bem... Mas tu estás triste, Guilherme!... Não queres olhar para mim!... Enganas-me... Alguma coisa tens... Diz-me o que é... Bem sei que me não queres afligir, mas a incerteza é maior aflição.

Não tenho nada, Augusta... E um desses acessos de melancolia, que são próprios da minha organização.

— Serei eu a causa!... Talvez seja... A minha tristeza terá contribuído para a mudança que noto no teu génio... Não quero que sofras. Eu prometo nunca mais dizer-te coisa que te entristeça. Esquece tudo o que ontem te disse. Vivamos felizes. Eu farei tudo o que tu quiseres. Vamos ao teatro, vamos onde tu quiseres que eu vá contigo, sim?

— Eu não te convido a acompanhar-me a parte nenhuma...

— Não me convidas, mas eu é que desejo ir... Quando houver teatro, iremos ambos, sim?

— Agora... é impossível,

— Porquê, Guilherme?!

— Tenho um tio no Porto, e há certas relações... que devem esconder-se de um tio.

— Tens razão... As lágrimas, de improviso, saltaram dos olhos de Augusta. A serenidade com que ela disse: “ Tens razão... “ foi um heroísmo dos muitos que passam ocultos entre a mulher ferida no coração e o homem que lhos não compreende, ou lhos recompensa, cravando-lhe mais dentro do peito o ferro do escárnio ou do desprezo.

Guilherme, enjoado das lágrimas, ergueu-se com arremesso, entrou no seu quarto, e fechou-se. já não foi pouco generosa a tolerância de a deixar sozinha com as suas lágrimas!... Muitos há que vituperam essa fraqueza, raivando contra a facilidade impostora de chorar...

Augusta não queria acreditar que este rápido incidente fosse uma realidade. Como não tinha a experiência dos factos para convencer-se do fastio de Guilherme, consultou de relance a reminiscência dos seus romances. Viu mulheres infelizes, muitas amantes abandonadas na mais extremosa estação do seu amor, muitas sacrificadas a uma frívola reverência aos bons costumes. Assim atormentada por numerosos exemplos, creu-se aborrecida. A paixão, a vaidade, o ciúme, a vergonha coligaram-se em grupo de demónios no coração da pobre mulher. Foi essa uma noite de suplícios inexplicáveis! Amanheceu-lhe a luz de um horroroso dia no local onde Guilherme a deixara, extática, morta, imóvel, como assombrada por um raio. Aí velo ele encontrá-la, e o aspeto de Augusta impressionou-o. A desfiguração era espantosa. Sete horas de inferno araram-lhe o viço das feições, como ferro candente que por lá passasse. Lividez, maceração, e espasmo cadavérico nos olhos, os lábios talhados pelo crestar da febre, todos os sintomas de urna longa tísica no seu fim... tal era a fisionomia de Augusta.

Não se precisam virtudes para simpatizar com dores semelhantes. Saint-Preux, Don Juan e Lovelace tinham intermitentes de piedade. Porque as não teria Guilherme do Amaral, espírito medíocre, sem tipo, sem caracter, coisa trivial no mais trivialíssimo dos géneros?

— Que tens, Augusta? — disse ele afetuosamente, tomando-lhe a mão abrasada. — Não me respondes!...

— Que hei de eu responder-te, Guilherme... Tudo está acabado, entre nós... Morreste para mim...

— És louca! Que motivos te dei para me julgares morto para ti?!

— Oh meu Deus!... Precisarás tu falar, Guilherme!... Uma mulher que ama não se pode enganar... Não era preciso falares-me tão claro... Valho menos que a amizade de um teu tio em quem nunca me falaste... Que homem é esse que pode tanto, tanto, como eu nunca pensei pudesse mulher alguma!? Há seis meses querias que eu me mostrasse... contigo... em toda a parte; vencias a minha repugnância com razões fortes; dizias-me que eu era a tua

vida, e a sociedade o teu odioso inimigo ... Hoje... envergonho-te...

— Não me envergonhas, Augusta... Atormentas-me com a injustiça. Que lucras em fazer-me sofrer assim?

— Que lucro!... Pergunta-me como é doloroso ao coração arrancar estas palavras que eu me arrependo de proferir, visto que te impacientam... ou te magoam!... Guilherme, não sofras por mim... O que tu quiseres... faz de mim o que quiseres; não te constranja a minha companhia... Queres tu, filho?... Eu vou abrir-te a minha alma... Não, não, é cedo ainda... O sacrifício oferecido não teria mérito nenhum... Eu hei de ser nobre na desgraça, já que o não posso ser na sociedade... Não terei vergonha de mim própria; ao menos isso será uma consolação à mulher que te envergonha na presença de um tio...

— Outra vez!...

— Não te impacientes, Guilherme... Vem cá... Sê meu amigo, que to mereço.

E não sou eu teu amigo, Augusta?! ÉS?... Sou, sê-lo-ei sempre. Pois então não tenho razão de chorar. Perdoa-me.

Guilherme almoçou ao pé de Augusta. Não trocaram duas palavras. A situação dele era penosa, como um remorso. Raras vezes a expiação assim principia simultânea com a culpa. A “culpa”, digo eu, e, porventura, terei dito um grande absurdo. Qual era a culpa de Amaral? Amar uma mulher, que lhe desfazia a cristalização de outra.

Moralistas, dai-nos uma figa de azeviche para afugentar o demónio da tentação: trá-la-emos devotamente sobre o espírito fraco, o espírito maleável, que se presta a todas as formas, este camaleão íntimo, que varia de cor a cada novo raio de luz dos últimos olhos, que o fixam. Corrigi os defeitos do sistema nervoso de Guilherme. Transfundi-lhe um sangue mais sereno, menos irritável, nas artérias. Dai-lhe o remanso da paz no regaço de uma mulher, seja ela rainha, ou costureira. Remi-o da infelicidade, que traz consigo a inconstância. Fazei que ele não chegue aos trinta anos, detestando as vinte variedades de mulheres? que conheceu, e detestando-se por ter abusado das fáceis regalias, que o oiro, a juventude e a sedução lhe serviam em mesa de risos e venenos, como nos festins dos Bórgias. Arrancai-lhe do fundo do seio o espírito inquieto, que

principia por travessuras, e acaba em ciúmes rancorosos: insuflai-lhe lá uma alma nova, pacífica, fácil de nutrir-se, parca, e suscetível de adormecer na paz podre de uma amizade burguesa e estupidamente feliz... Moralistas, quando tiverdes descoberto o processo de encadear o espírito, devereis erguer um cadafalso para os infames voluntários que arremessarem a mulher ao abismo...

O almoço correra triste como a comunhão de um agonizante. E forte o símile; mas é exato.

Guilherme mandou arrear o cavalo, deu um abraço em Augusta, e disse:

Vou hoje jantar com o meu tio. Até à noite. Não chores, Augusta... Eu te pagarei em amor todos os teus sofrimentos. O melhor céu tem tempestades... A nossa há de passar ... Acredita que ninguém se faz voluntariamente infeliz ...

“D. João, num momento de humor sombrio, dizia-me, em Thorn: “Há só vinte variedades de mulheres, e logo que se conhecem duas ou três de cada variedade começa o fastio. “

Stendhal — Fisiologia do Apiôr, cap. LIX.

O autor conhece vinte e uma variedades.

CAPÍTULO XVIII

Amaral, no dia seguinte, encontrou o jornalista na Batalha.

Vens muito a tempo — disse o poeta inexorável no epigrama.

— De quê?

— Queres ver o francês que te mostrei ontem? Repara nesse homem encostado além à vidraça do Cruz cabeleireiro... Viste? Agora, faz um semicírculo com os olhos, e vê a tua prima por detrás de uma vidraça na Águia de Oiro... Viste? Não per turbes este inocente colóquio de duas almas, que se comunicam magneticamente. Respeito às paixões alheias!

Guilherme não sabia responder às ironias do poeta. Cravou as esporas no inocente cavalo, e, de quatro galões, entrou estrepitosamente no pátio da hospedaria. Leonor vira-o, e não se deslocou.

O Otelo foi conduzido ao quarto do seu tio, que desmontou os óculos para abraçar o seu sobrinho.

— Estava agora — disse ele — escrevendo à minha mulher, e falando de ti, corri vaidade de ser teu tio. Não imaginava encontrar-te tão belo rapaz, e tão ajuizado, segundo me contam cá os criados deste hotel, onde estiveste um ano de hóspede. A tua prima ficou simpatizando muito contigo...

— Há alguém com quem ela simpatiza mais, meu caro tio.

— Sim? Essa é boa! Porque dizes tu isso, Guilherme?

— Porque tenho olhos.

— Explica-te; eu não entendo essa charada.

— Se o meu tio tem interesse em entendê-la tenha a bondade de vir a esta janela...

— Pois que é?

— Não é necessário abri-la... Queira reparar na primeira janela do primeiro andar daquela casa caraira ...

— Não veja nada... sou muito míope... Espera ... aqui está um óculo...

Teotónio viu pelo óculo, e não se demorou na observação.

— E ele!... — disse o velho, trémulo.

— Pois conhece-o?

— Perfeitamente... É o meu demónio inseparável... o anjo mau da minha filha... Escuta-me, Guilherme... Aquele homem é um belga, um estudante, um aventureiro. Há dois anos que eu descobri o namoro da minha filha com ele.. . Maldita hora em que a tirei do colégio!... Tenho feito tudo o que se pode fazer para cortar estas relações. Tive Leonor em Paris... o demónio lá foi ter. Levei-a para Londres, ele com ela. Viajei o ano passado na Itália, o maldito sempre atrás de nós, em Veneza, em Florença, em Roma. Agora, que me julgava em terra desconhecida para o tratante, ele aí está comigo! Isto há de acabar aqui, Guilherme. Ajuda-me a salvar a tua prima da perseguição deste malvado...

— De que modo, meu tio?

— Sê franco: tu gostas da tua prima?

— Quem não há de amar aquele anjo?

— Queres ser meu filho? Queres casar com ela?

— Isso não depende só da minha vontade. O tio bem vê que não é honroso para mim aceitá-la impelida por força... Seria uma fatalidade para ambos o nosso casamento.

— Estás enganado. As mulheres têm destas criancices. “Amam por capricho, e esquecem por capricho”, diz a minha mulher, que não é parte suspeita, e tudo que diz, a respeito de mulheres, é um Evangelho, Faz-lhe a corte desenganadamente, e verás como ela se volta.

Creio que se engana, meu tio. Eu posso tentar, mas, se não venço, apesar do seu bom auxílio, posso retirar-me muito ferido da peleja. Com o amor não se luta por vaidade; e, visto que me manda ser franco, dir-lhe-ei que, desde que vi a minha prima, sinto uma confusão de ideias, uma paixão nascente, urna esperança, e um desalento... mistura terrível de céu e de inferno... que não posso — explicar-lhe.

— Pois bem; explica-te com ela, e mãos à obra. Logo que ela te pareça um pouco inclinada para ti, tira-se dispensa, e faz-se o casamento mesmo naquela igreja — apontando

para Santo Ildefonso. — Não há tempo a perder. Eu chamo-a, e daqui a pouco ficas só com ela. Explica-te, ouviste? Nada de namoros de criança. Diz a minha mulher que as mulheres gostam de clareza, quando é necessário esclarecê-las de uma dúvida...

Teotónio chamou Leonor. A menina entrou com menos afabilidade que no dia anterior. Exprimia no franzir do sobrolho o enfado com que vinha. Apenas apertou a mão do primo, sentou-se perto da janela para ser vista do belga. Duas, três palavras, um lance furtivo de olhos para a janela do cabeleireiro. Amaral mordia o lábio inferior. Teotónio bufava por detrás do lenço de assoar.

— Eu volto já — disse o velho, quando já não podia reprimir a zanga.

— Onde vai, papá?

— Vou mandar buscar uma carruagem.

— Para isso escusa ir; eu toco a campainha, e o criado vem.

— Nada... não é preciso... Eu tenho que dizer à dona da casa.

E Amaral entendia bem a cruel significação deste incidente. Leonor não queria ficar só com ele. Receava alguma liberdade de expressão. Era, talvez, uma desconfiança suscitada por palavras do seu pai...

O bom senso não abandona sempre um amante. Guilherme adivinhara.

— Parece-me que lhe sou importuno, prima...

— De modo nenhum... pelo contrário, estimei muito conhecê-lo.

— E eu dera a minha vida por não conhecê-la. Leonor abaixou os olhos: não era pudor, era uma repreensão.

— Eu não sou decerto culpada...

— Nem eu a culpo... Ainda lhe não disse que a fazia responsável pelos meus desgostos...

— Teria graça se o primo me fazia responsável pelos seus desgostos... Eu tenho o prazer de conhecê-lo desde ontem à tarde...

— Mas a vida que passou não é vida. Os infortúnios presentes e os futuros são os que se contam...

— Não entendo os seus infortúnios... O primo está brincando comigo, e eu não sei se lhe mereço o sentimento da ironia.

— Eu não brinco, Leonor... Esta liberdade fez subir o sangue ao rosto da impaciente menina: não era pejo, era cólera. Desforrou-se da ofensa, fixando com mais penetração o belga, que não saía do posto.

— Peço-lhe que, ao menos por delicadeza — disse Guilherme sorrindo com afetada graça — enquanto me dá a honra de lhe falar, dê tréguas às exigências de alguém que a contempla.

Leonor estremeceu, surpreendida. Teve um mais cálido assomo de cólera; mas a razão reagiu, e Leonor, saí da, dois anos antes, da inocente atmosfera de um colégio, sorriu-se corri o desdém das nossas damas de quarenta e cinco anos, e quarenta e cinco surpresas dessa ordem... Oh!, a França é o país abençoado das mulheres; ali, aos dezasseis anos, é-se perfeita; conhecem-se todas as evasivas nos apertos, faz-se de um olhar e de um sorriso uma arma, que dá em terra com o orgulho astucioso de um fátuo.

— Esse sorriso — prosseguiu o desarvorado conquistador é muito significativo, prima.

Eu estimarei que o primo lhe conheça a significação... Sabe que tenho a censurá-lo de muita liberdade com uma pessoa que conhece há menos de vinte horas?

— Pois censure, mas não me crimine por isso, nem me ofenda... Esse seu reparo é um insulto...

— E essas palavras, na Bélgica, em França e em Inglaterra, nunca se dizem a uma senhora. Em Portugal não há muito respeito às mulheres, salvo se um primo pode dizer o que quer a uma prima... Eu não lhe digo o que quero, nem o que penso da sua educação..

— A minha educação, primo, foi boa. Aprendi a respeitar a vontade dos outros, e, fôra do colégio, tenho uma tão respeitável como ilustrada mãe, que me manda, sobre todas as vontades, respeitar as vontades do coração dos outros...

— Compreendi-a.

— E aborrece-me por isso?

— Não posso nem devo... Lastimo-me.

— E um abuso de palavras sentimentais. Seja meu amigo, primo.

— Sê-lo-ei... mas... muito longe das suas franquezas... Receio que elas me matem...

— Werther é conhecido em Portugal?

— É, sim, prima... mas em Portugal há orgulho... Aqui não há mulher que valha a pena do suicídio. .. E as que vem de fôra...

— Também o não merecem... Certa estou eu disso...

— Dispõe da minha vontade? — disse Guilherme, erguendo-se.

— Retira-se? Eu chamo o pai. Leonor tocou uma campainha. Veio um criado.

— Diga ao meu pai que o primo vai sair.

— O senhor Teotónio Vaz — disse o criado — saiu...

— Quando?

— Agora mesmo.

— E onde esteve ele até agora? — redarguiu ela sobressaltada.

— No quarto da vossa excelência. Leonor lançou os olhos de revés para a casa caraira, e não viu o belga. Assustou-se... Guilherme apertou-lhe a mão com hipócrita cordialidade, e saiu.

Suspeitoso de que o seu tio procurava o seu demónio, encaminhou-se para lá: chegando ao pátio do cabeleireiro, viu-os. Era tarde para recuar: quis disfarçar-se, subindo, no momento em que o belga proferia com altivez estas palavras:

— Não tem direito algum a privar-me que eu viaje onde viaja a sua filha. Um passaporte legal garante-me passagem em toda a superfície do Globo. Hoje estou aqui: de hoje a um ano estarei com os antípodas.

Guilherme parara. O francês perguntou:

— O cavalheiro quer alguma coisa? Creio que não é chamado aqui. Amaral titubeou na resposta:

— Se não sou chamado... apresento-me, sem o ser...

— É o meu sobrinho... — disse Teotónio Vaz.

— Estimo muito... — replicou o belga —, mas nem por isso tem direito a intervir no nosso encontro.

— Tenho o direito a pedir-lhe uma satisfação à menor palavra insultuosa que dirija ao meu tio — redarguiu Amaral.

— E eu as mais santas disposições para dar-lhe a satisfação, posto que não sou capaz de insultar ninguém – disse serenamente o belga.

— Mas que tem o senhor com a minha filha? — replicou Teotónio, cruzando os braços.

— O que tenho com a sua filha? Uma aliança do coração, que não prejudica a honra do pai nem a da filha.

— Mas este senhor — atalhou Guilherme —, que é pai, repele essa aliança... não a quer...

— Não tem remédio senão aceitá-la.

— Não tenho remédio! Essa é muito interessante! É a maior bestialidade que tenho ouvido!...

— Não é uma bestialidade tão grande como a faz, cavalheiro. O amor não se amolda a vontades estranhas. O senhor, como pai, tem livres os direitos de tiranizá-la; eu, como homem, posso amá-la eternamente... Não quero mais nada... Vivo deste amor, à antiga, é assim que amavam nossos vigésimos avós.

— Olhe que eu não me rio, senhor! Falo muito sério... É preciso que se retire quanto antes de Portugal... quando não...

— Queira terminar a ameaça...

— Quando não... tenho ao meu favor a lei... o senhor é meu perseguidor...

— Não tenho esse mau gosto, cavalheiro... O perseguido, se aqui há vítima e algoz, sou eu...

— E um homem sem honra... — atalhou o velho, batendo as duas maxilas em convulsiva raiva. Homem sem honra, só pode chamar-me um doido, ou um infame. O doido vitupera impunemente; mas o senhor não tem senão os cabelos brancos a protegê-lo.

— Meu tio não recorre à proteção dos cabelos brancos... Eu sou seu sobrinho... Não dou, peço reparação e pronta.

— Como queira, e quando queira. Moro na Hospedaria Francesa, quarto número nove.

O belga saiu com uma cortesia e um sorriso de melíflua urbanidade.

— Vem comigo a casa... — disse Teotónio, tomando o braço do sobrinho.

— Não vou...

— Porque não vens? Não quero duelos.

E impossível não o haver...

— Não quero, já te disse... Guia-te pela minha cabeça... Eu sei tudo que passaste com a minha filha... Vem, e faz de conta que não tivemos este encontro.

— Eu tenho dignidade, meu tio!...

— Bem o sei... basta seres o filho do meu irmão... és da nossa família; mas os brios, guarda-os para outras ocasiões... O nosso caso não se leva à pancada... Guia-te pela minha cabeça. ..

— Pois bem... se temos alguma coisa a dizer, subamos para a sala do cabeleireiro.

Subiram, e fecharam-se.

— Eu vou — disse Teotónio — imediatamente retirar-me de Portugal. No primeiro paquete, embarco para Inglaterra. Tu deves acompanhar-nos.

— Eu!...

— Guia-te pela minha cabeça. A tua prima há de ignorar a nossa saída, e o infame perseguidor não saberá tão cedo o nosso destino...

— E depois?

— Minha filha, em se desenganando, ama-te; e, ao primeiro sinal, casas.

— Meu tio parece uma criança? Pois entende que ela pode esquecer esse homem!? Não sabe nada do coração humano.

— Sei mais do que tu. Guia-te pela minha cabeça. Eu estive com a minha mulher no mesmo caso em que estás com a minha filha. Amava um outro; esse outro era um

espadachim, e desafiou-me. Qual desafio nem meio desafio! Se eu fôra tolo! Que diabo de vitória era a minha se ele me passasse o peito com um florete! Ponto é ter a gente um pai do seu lado, e uma pouca de prudência... Guilherme, vens connosco?

— Não posso resolver-me já...

— Podes, não tens a quem pedir licença...

— Resolvo até à noite.

— Depois de amanhã parte o paquete. Não há tempo a perder... Espero-te para jantares comigo. . . Nem uma palavra suspeita do que passamos a Leonor... Entendes? Guia-te pela minha cabeça...

CAPÍTULO XIX

O jornalista, durante esta cena, estivera, na: mais tranquila beatitude de espírito, fumando um charuto, encostado ao último frade (de pedra: nada de equívocos anacrónicos) da Rua de Santo António. Presenciara os gestos, e adivinhara tudo.

Quando Guilherme saiu, a primeira pergunta do jornalista foi esta:

— Quem são os teus padrinhos?

— Vamos a tua casa... — disse Amaral, acendendo um charuto, com os olhos fitos, por debaixo da aba do chapéu, nas janelas da Águia de Oiro, onde a sua prima não estava.

No corredor da Hospedaria Francesa, onde já dissemos que morava o poeta, encontraram-se com o belga, que dava a um criado, que o não entendia, este recado:

— Se aqui vierem procurar-me, diz que me não demoro: ou que esperem, ou que voltem às duas horas.

E, reparando nos dois que entravam, continuou:

— Naturalmente procuram-me.

— Não, senhor — disse o poeta. E seguiram seu caminho. O belga também seguiu o seu, assobiando.

Guilherme não era desmedidamente corajoso. O ânimo frio com que o rival o interrogara aquecera-lhe um pouco a face. Forte em muitas coisas, a sua organização não se dava o melhor possível com os ímpetos de bravura. Poderia bater-se em duelo cinquenta vezes: isso não provava mais do que bater-se uma só, e todo o homem se bate por causa de uma mulher, ou dá um tiro na própria cabeça.

Quem o conhecia bem era o jornalista.

— Que temos? — perguntou este, saltando para cima da cama, seu sofá de receção, e encruzando as pernas em atitude de califa.

— Temos a realização das tuas fatais profecias.

— Já me não lembra a última...

— Minha prima detesta-me.

— Que ingenuidade! E tu adora-la?

— Não sei bem o que sinto.

— Em todo o caso, não a detestas...

— Não.

— Aí está o que eu não ousaria profetizar... Ainda há falta de brios, Guilherme... Metade da tua alma está afetada de lepra. Desces às dimensões do pigmeu... Como se pode amar assim?

— Não sei: há uma palavra que explica tudo: “expiação”.

— Nada explica. Todo o homem tem arbítrio, consciência e amor-próprio. O mais vil de todos faz um esforço, e salva-se do vexame e da ignomínia.

— Vexame e ignomínia!... que palavras tão estrepitosas!... julgas-te sempre em plena exaltação de folhetim descabelado! Onde está aqui o vexame e a ignomínia?!

— Na covardia com que te ajudas de um pai para violentar a vontade de uma mulher... E pueril a pergunta...

— Tens frases duras... Não sei se admire mais a tua rudeza, se a minha resignação!... Deixa cair a máscara, tartufo...

— Eu sou teu amigo, Amaral — prosseguiu o poeta, vindo sentar-se gravemente ao lado de Guilherme. — És o primeiro homem a quem falo assim, é s o primeiro e o último para quem não sou dissimulado. Arquiva os diferentes assuntos que temos discutido, e, mais tarde, estuda o carácter deste homem de reputação odiosa... Adiante. Que há? Um duelo, não é assim?

— Não há duelo. O meu tio não quer que eu me bata.

— É um excelente tio; e tu um excelente sobrinho. Aqui não há ironia. E depois?

— Meu tio vai para Inglaterra, e quer que eu o acompanhe.

— Vais?

— Não sei ainda. Promete-me Leonor, já desenganada das esperanças que pôs no belga.

— E convém-te essa mulher?

— Se me convém!... Não devo mentir-te... Eu amo-a... Sem a contrariedade, amá-la-ia menos. Paixão, orgulho, demência, sinto tudo...

— Recebo a demência como explicação. Factos consumados não se remedeiam. Casado com a tua prima, serás feliz?

— Feliz!... Quem é feliz?

— Ninguém; mas infeliz com desonra nem todos os maridos o são.

— Queres dizer...

— Que as mulheres, casadas por violência, nem sempre têm as virtudes cristãs da Angélica de Balzac. É pena que eu tenha de observar ao homem feito na grande sociedade o que se diz a um provinciano inexperto. julgas-te com méritos superiores aos do Cristiano de Bernard? Não receias ser humilhado aos olhos da tua mulher pela astúcia

de um Gerfaut? Desculpa as reminiscências do romance, porque é lá que tu bebeste as sãs e as péssimas doutrinas do teu código moral.

— Eu acho imortal o interrogatório...

— Pois vela a face com o alvo amicto do pudor, meu angélico amigo. E esta a hora solene das verdades duras. Esperas fascinar a tua prima antes ou depois de ser tua mulher? Tem a bondade de responder.

— Antes: a pergunta é ociosa e sandia.

— Paciência... eu sou o sandeu... julgue-nos o futuro. Argumentemos na mais cândida boa-fé... Não amas a tua prima, Amaral. Deixa-me lisonjear a tua vaidade com esta ideia. A minha suspeita faz-te honra. Não podes amá-la já, nem a amarás jamais. já, não: porque o homem verdadeiramente amante desconfia sempre de si, receia sempre a sua inferioridade para merecer recompensa da mulher que, muitas vezes, não exige grandes méritos nem grandes provas... Não a amas, porque a viste ontem, foste hoje repelido, hás de sê-lo amanhã, e, contudo, é tão fátuo o teu orgulho que te prometeste vencer a resistência... e

vencê-la como? Associado à astúcia, ao capricho, ou à violência do pai. Não a amarás jamais. Concedida a hipótese de que a tua prima vai ser tua mulher, a só ideia de que a possuis por estratagemas cavilosos, e indignos do homem generoso e honrado, ser-te-á uma acusação da consciência, que te não doe hoje, mas há de pungir-te o ânimo frio, depois da posse. Casado, não poderás amá-la por hábito. Estás passando por uma crise decisiva. É uma febre, uma congestão moral, que a reflexão não cura, porque as circunstâncias tanto apressam o desfecho que te não deixam refletir. Tens uma única evasiva. Refaz-te de valentia de ânimo: sê varonil, e diz: “Não quero ser vil! Hei de ser honrado por amor de mim! Desprezo a mulher, que só pode entregar-se-me forçada por um assédio de violências, de que eu serei o instrumento desonroso na mão do pai.”

Guilherme estava abalado. Nunca o jornalista lhe parecera tão severo, nem tão respeitável. Se quisesse replicar-lhe com uma dessas zombeteiras liberdades próprias de mancebos, não poderia. A palavra, não autorizada pelos anos do poeta, mas solene de seriedade, de comoção e de

entusiasmo, soava-lhe como conselhos de um velho, como austeras reflexões de um pai amigo, ou de um irmão extremoso.

Amaral erguera-se com o ímpeto da aflição, que sacode maquinalmente o corpo, e nos obriga a andar léguas, no pequeno âmbito de uma sala, sem nos cansarmos, sem nos percebermos.

O poeta não quis acumular sensações no espírito do seu amigo. Calou-se, enquanto ele, atirando em feixes os cabelos para o alto da cabeça, ia e vinha de ângulo a ângulo do quarto.

— E Augusta?!... — murmurou Amaral, como se a pergunta fosse feita à sua consciência.

— Que dizes? — perguntou o jornalista, fingindo não ter ouvido.

— Nada...

— E Augusta?!, pergunto eu, se nada disseste... — replicou, sorrindo, o poeta.

— Isto é uma fatalidade!...

— Escreve Anátema nessa parede, como o alquimista de Notre Dame. Eu serei o Victor Hugo decifrador desse terrível enigma... Se não queres discutir passeando, como os filósofos peripatéticos, senta-te aqui...

— Vou sair.

— Vais para o Candal?

— Não: hoje janto com o meu tio.

— Mas são duas horas... é muito cedo.

— Tenho alguns passos a dar.

— Aprestes de viagem?

— Penso que sim...

— Por consequência, perdi o meu latim... O demónio da loucura pôde mais que a razão de um jornalista consciencioso... Estou vencido, não é verdade?

— Nada de valentias hipócritas! Não posso... não posso vê-la ir... O meu orgulho é atrozmente ferido. Nunca experimentei o ciúme: nunca me vi de pior partido em frente de um rival: é vergonhoso ceder essa mulher, sem ter esgotado todos os recursos. Hei de vencer! Hei de

fasciná-la! Hei de obrigá-la a pedir-me que lhe não fale nesse homem esquecido, e desprezado... e, depois, se a minha vaidade quiser mais larga vingança, desprezo-a!

— A quem?

— A ela... a minha prima!

— E quantas covardias, para alcançar esse incerto triunfo?

— “Covardias!... “ pois sim, covardias, se assim o queres; mas triunfo “incerto... “ não!... É certíssimo... tenho a consciência do que posso.

— E Augusta?

— Não sei.

— Essa pobre mulher deve ter um tal ou qual peso nas tuas considerações... Que figura faz ela? Um empecilho, que se afasta com a ponta do pé, não é assim?

— Não. Augusta não é mulher que se afaste com a ponta do pé... As que se afastam assim, caem num abismo. Augusta não cairá. Se quiser ser virtuosa, pode sê-lo, sem renunciar às regalias que tem. A casa onde vive ficará

sendo a sua casa; os criados que me servem serão os seus criados; terá tudo que ambicionar, porque eu tenho o dinheiro com que se assegura um futuro abundante a uma mulher.

— E entendes que Augusta está assim paga e satisfeita?

— Se não estiver assim paga e satisfeita, como queres tu que eu salde as minhas contas?! Queres que eu case com ela!? Ora, meu amigo,. guarda a tua moral para os folhetins, e não me faças blocos de virtudes, que te não vão bem à fisionomia. Parece que queres fazer de mim um piegas! Vai impor a responsabilidade do matrimónio aos teus numerosos conhecidos, que aumentam todos os dias a estatística da prostituição! Vê lá quantos desses, ao cabo de dezoito meses, garantem às mulheres, que seduziram com um capote e um vestido, a subsistência brilhante de toda a vida!... É sentir muito ao vivo as dores alheias!... Eis-me aqui sozinho, no momento mais crítico da minha vida! Quando esperava de ti os alentos, que um simples conhecido me não negaria, encontro, no meu único amigo, ironias, diatribes, vaticínios ofensivos à minha vaidade de homem, e, no fim de tudo, propõe-se-me como remédio

eficaz o casamento com uma costureira a quem não prometi solenemente casamento e com quem devo casar pelo simples facto de que ela quer ser minha mulher! És importantíssimo! As costureiras deviam cotizar-se para te mandarem de presente uma grosa de camisas!

— E olha que preciso delas, meu caro Amaral... Acabas de fulminar-me!... Não tenho que te responda... A costureira deve ser imediatamente expulsa, porque teve a audácia de lembrar-se de ser honrada. E não só expulsa! Voto que seja afogada, como Messalina, pelo alçapão de uma catraia! A costureira é urna mulher infame, que teve o descoco de reputar-se credora da tua amizade, pelo simples facto, tão glorioso para ela, de tu a tirares da Rua dos Arménios, onde tinha o péssimo gosto de viver com honra, trabalhando no ridículo exercício dos suspensórios! Voto que a costureira seja queimada como Joana d'Arc! A costureira...

— Tapa lá a torneira do espírito — interrompeu Guilherme, vestindo as luvas, em ar de retirar-se. — A ironia é insulsa e parvoinha como os teus folhetins moralizadores, em que o bom senso encontra os tours de

force de um conde de Almaviva, embuçado no capote de D. Basílio... Até à noite... Se tiveres a benevolência de me esperar no Guichard, às oito horas, falaremos...

Às oito horas, Amaral e o jornalista, apartados dos grupos ruidosos, que fomentavam, no Café Chichard, a derrota de uma companhia lírica, tiveram o seguinte diálogo:

— Em poucas palavras, diz-se tudo. Não posso demorar-me, que tenho de acompanhar a minha prima ao teatro. Acho-a doutros humores. Enquanto a mim, Leonor persuade-se que eu pacifiquei o pai e o belga. O meu tio parece confirmar a minha suspeita com a sua alegria. Esta ou outra razão, seja qual for, fez nela urna incrível mudança desde manhã até tarde.

— Pode ser um disfarce...

— Será; mas o que eu quero é que ela me dê tempo... A grande questão é familiarizar-me. Nem todas as mulheres sucumbem ao improviso de uma impressão: aquela é das que demoram muito a cristalização, como tu lhe chamas.

— Mandas-me concluir do teu humorístico programa: que vais para Inglaterra, depois de amanhã.

— Justamente.

— E hoje vais dar a Augusta o abraço de despedida...

— A esse respeito, falaremos depois do teatro... São oito e um quarto. Até logo.

Amaral e o jornalista entraram na sege. Apearam à porta da Águia de Oiro; um subiu, e o outro foi para o teatro.

CAPÍTULO XX

Quarenta e oito horas depois, o jornalista, sinceramente melancólico, ao anoitecer, entrava em casa de Augusta, no Candal.

— A senhora — disse uma criada — está na cama.

— Doente?

— Bem doente. Vossa excelência não viu no Porto o senhor Guilherme?

— Vi...

— E recebeu hoje uma carta para lhe entregar?

— Recebi; mas não lha entreguei.

— Não?! Porquê?

— Diga à senhora dona Augusta que eu preciso muito falar-lhe; que se não levante, se não pode; a familiaridade com que me trata, dispensa-nos de cerimónias.

O poeta esperou. Augusta erguera-se impetuosamente, e viera procurá-lo à sala. Vinha desfigurada. O roupão escuro aumentava o sinistro misterioso da fisionomia. Os cabelos, negros como o ébano, luzentes como os olhos, caíam-lhe até à cintura. A pavidez, a imobilidade, esse torpor cadavérico dos olhos, que se cravam na visão impalpável da febre, assustaram o poeta.

— Onde está Guilherme? — perguntou ela, apenas entrou na sala.

— Senhora dona Augusta... sente-se...

— Diga onde está Guilherme... — disse ela com impaciência. — Porque não entregou a minha carta?

— Só respondo às suas perguntas quando a vir mais tranquila.

— Que flagelo, meu Deus!... Por quem é, senhor... Responda-me: Guilherme morreu?

— Não, minha senhora.

— Está doente?

— Também creio que não.

— “Crê”... ou sabe de certo?

— Creio, porque há três horas que ele saiu do Porto.

— Para onde?

— Foi-lhe necessário ir a Inglaterra...

— Sem mo dizer a mim?!... Oh, santo Deus, que perdi o amor de Guilherme!

Augusta caíra sobre uma cadeira, soluçando.

— Senhora dona Augusta... não perdeu o amor de Guilherme... Foi uma saída repentina, que o não deixou vir despedir-se.

— Não me iluda, senhor... Há três dias que daqui saiu Guilherme. .. Nem mais uma palavra, nem um bilhete... Que desprezo! Que lhe fiz eu para isto?... Diga-me... seja sincero comigo... Se eu não valho nada para vossa senhoria, abandonada por Guilherme, compadeça-se de uma pobre mulher... Explique-me este horrível segredo... Eu sei tudo amanhã... que importa sabê-lo hoje?! Sou uma infeliz... abandonada, é verdade?

— Não, minha senhora: a prova de que não é abandonada...

— Qual é?... Diga, diga, pelo amor de Deus!... E que a vossa excelência fica sendo o que era nesta casa: senhora de tudo, com os mesmos criados, e, para assim se conservar, receberá pontualmente uma mesada de cem mil réis...

— Isso nada explica... Não pergunto se estou pobre; pergunto se estou abandonada... se não devo esperar aqui mais Guilherme...

— Pudera iludi-la, dizendo-lhe que sim; mas eu não sei se Amaral fica em França com a sua prima...

— A sua prima? Que prima?

O jornalista, inconsiderado, já não podia engolir a palavra imprudente. Augusta instava:

Que prima é essa? E uma filha desse tio, chegado há pouco da Bélgica.

— Tenho compreendido tudo... — disse com estranha serenidade a costureira. — De que serve o resto do

segredo!. Agora, se não quer dar-mas, dispenso as suas explicações. Está tudo claro como a luz do Sol. Guilherme é da sua prima: pertence à sua prima. Sou livre, livre sim, embora arraste o grilhão da desonra... Que tem isso?... Que mais queria uma costureira?...

E sorria-se; mas que sorriso aquele! O suor escorria-lhe da cara sobre as brasas vivas da face. Tremia toda ela. As convulsões do coração denunciavam-se nos arquejos do peito. Os braços caíam-lhe prostrados a cada arremesso com que afastava da testa os cabelos desatados. O jornalista fixava-a como objeto de estudo; mas o coração doía-lhe, e o respeito compassivo a tamanha angústia emudecia-o. O sorriso de Augusta era a crispação que vem aos lábios, do fogo íntimo, o prenúncio, quase sempre infalível, de demência fulminante, e, raras vezes, a ironia pungente com que os infelizes recebem os reveses. O poeta não sabia optar entre estes dois sentimentos. Augusta avultava-lhe na imaginação, excitada pelo belo horrível, como ente extraordinário, heroína deslocada neste século de trivialidades, tipo fértil de observações, e futura inspiração de um drama.

Augusta erguera-se de improviso: não queria chorar na presença do jornalista, e sentia borbulharem-lhe nos olhos torrentes de lágrimas. Contê-las era sufocar-se, morrer sem um gemido surdo, cair sem glória, morrer sem penitência. Ergueu-se a custo, apertou a mão ao amigo de Guilherme, e pediu-lhe desculpa, sorrindo ainda com a graça que vos entristece, e vos deixa no coração uma imagem para toda a vida.

O jornalista quis estorvar a saída, apertando-lhe a mão, sem largá-la. Augusta fez um esforço senhoril, vencendo a resistência da mão trémula, que a segurava.

— Que vai fazer, senhora dona Augusta?

— Vou recolher-me à cama... Sinto-me pior do corpo que do espírito... Quero viver... devo amparar-me, e necessito de repoiso... Adeus.

Este adeus tinha o trémulo de um último adeus... O poeta ia replicar, quando ela saiu apressadamente. Aterrado, acusando-se da pouca habilidade com que se houvera na explicação do sucesso, o jornalista deixou o Candal, acumulando na imaginação todas as desgraças, desde a

demência ao suicídio. Nessa noite quis escrever sob a pungente impressão, e não pôde. Era, portanto, verdadeira a sua pena!

A meia-noite, o poeta ouviu o rumor de cavalos que saíam do pátio da hospedaria. Perguntou ao criado quem saíra, e soube que o estrangeiro partia para Vigo, e fizera tirar passaporte para Inglaterra. Sem colher mais informações, por julgar inútil averiguá-las, soube que duas horas antes um criado da Águia de Oiro viera trazer ao belga um bilhete de uma senhora, que lá se hospedara quatro dias; o qual bilhete, escrito a lápis, e aberto, o criado vira, mas não entendera, porque era em francês, com duas linhas somente.

Eram onze horas do dia imediato, e o jornalista recebeu três grossas chaves e o seguinte bilhete:

Il. Sr. — Queira V. S.a ser o depositário dessas chaves, que pertencem à casa do Sr. Guilherme do Amaral, Os criados foram pagos e despedidos. De V. S. a, agradecida veneradora Augusta.

O poeta fez entrar no seu quarto o portador. Era um dos criados.

— Como se entende isto? — perguntou ele.

— Eu sei cá! A senhora, ontem à noite, pagou-nos e disse-nos que às nove horas da manhã deveríamos sair todos, menos eu.

— E depois?

— Deixe-me tomar fôlego, pelas almas, que eu não sei o que digo, nem o que vi!... Uma coisa assim!... Não se acredita o que eu vi!...

— Pois que foi?

— A senhora andou a pé toda a noite, e fez-me ir buscar a um sótão do forro uma caixa de pinho, que eu nunca tinha visto, e fechou-se com ela no quarto. De madrugada andou a passear no jardim: sentava-se, ora aqui, ora acolá, e chorava que parecia morrer! De tudo que ela dizia, só pude, por uma fresta da cozinha, ouvir-lhe duas palavras: “Era aqui...” Não sei o que ela queria dizer com isto; mas o

caso é que se sentava no tal sítio, e dava uns gritos abafados, que me cortavam o coração. As oito horas as duas criadas mandaram-lhe pedir licença para se despedirem. A senhora veio à sala, e abraçou-as: parecia já outra; não tinha nos olhos sinal de ter chorado. As criadas perguntavam-lhe se tinham dado motivo para serem despedidas, e ela respondia que não, que lhe perdoassem, e que fossem boas. Valha-me Deus! Eu não pude ter mão em mim! Fui-me ter corri ela, e disse-lhe: "Vossa excelência que tem?" "Não tenho nada, Gregório; sou uma criada de servir, que acabou o seu ano. " Assim me Deus salve que tudo isto me parecia um sonho!...

— E depois?

— Deixe-me descansar... eu estou cá por dentro mais aflito do que ninguém pensa... Depois que os criados se despediram, a senhora disse-me que chamasse um carreteiro. Fui pedir a um lavrador que me emprestasse o seu criado. Quando voltei, a senhora dona Augusta tocou a campainha, e eu fui ao seu quarto. Ai, senhor! Quando entrei não sei como não caí com a cara no sobrado!.

— Pois que era?!

— A senhora dona Augusta estava outra!...

— Pálida, descorada ...

— Não era só isso ...

— Pois quê?

— Estava vestida como uma criada de servir! Tinha um vestidinho de chita, umas chinelas, um lenço de algodão na cabeça, e um capotinho redondo...

— Sim?! — atalhou o poeta estupefacto.

— E tal e qual... Deu-me para chorar... Não podia vê-la assim... “Oh senhora”, disse eu, “isto que é?” — “É uma criada que se retira sem soldada”, disse ela a sorrir-se, que parecia uma santa. “Pois a senhora vai assim à rua?” — “Vou como vim”, respondeu ela, caindo a soluçar sobre a borda do leito. Santo nome de Jesus! Tenho cinquenta anos, e não me consta uma coisa assim! Pois o senhor Guilherme será um malvado, que atire assim à rua um anjo como a minha ama? Diga-me, senhor, se me sabe dizer: isto que é? Que demónio entrou naquela casa? Onde está meu amo, que me quero ir ter com ele, e sou capaz de lhe partir a cabeça numa parede?!

Mas, diga-me, senhor Gregório: Dona Augusta, depois, saiu?

— Mandou-me pôr às costas do carreteiro a caixa de pinho, que por sinal não pesava nada, e saiu, entregando-me esse bilhete e as chaves. Perguntei-lhe o que devia fazer aos dois cavalos, que ficam na cavalariça: respondeu-me que a vossa senhoria daria ordens a esse respeito. Quando chegámos ao cais de Vila Nova, despediu-se de mim, entrou num barco, pagou ao carreteiro, e pediu-me a minha palavra de honra de a não seguir, nem dizer o caminho que ela levou.

— Desembarcou na Ribeira?

— Já disse a vossa senhoria que lhe dei a ela a minha palavra de honra de não dizer onde a senhora dopa Augusta desembarcava.

— Mas eu interesso-me na sorte dela, e o senhor Gregório deve dizer-me o que viu.

— Isso é que eu não digo nem ao próprio senhor Guilherme. A palavra de um homem não se quebra.

— Viu se ela foi para as bandas de Miragaia?

— E o senhor a dar-lhe... E escusado... não digo nada. Que me diz vossa senhoria a respeito dos cavalos?

— Não sei... hei de pensar.. .

— Não que é preciso trazê-los já, ou então ir para lá alguém tomar conta dos animais.

— Vá o senhor Gregório...

— Perdoará, mas não vou... Não tenho alma de entrar mais naquela casa, enquanto lá não estiver a senhora dona Augusta.

— Mas quem há de ir?

— Isso não é comigo: vá quem o senhor quiser, menos eu. Não quero ser criado de tal amo: quem põe fôra de casa uma senhora daquele modo é capaz de me dar um tiro à falsa fé. As chaves aí estão: vossa senhoria fará o que lhe parecer. Não quero saber de mais nada.

— Mas ajude-me a dar algum expediente a isto... Aquela casa não pode ficar assim abandonada: está cheia de objetos de valor, e pode ser roubada...

— Queimada seja ela... que me importa a mim? Fui despedido...

— Mas não o foi pelo legítimo dono da casa.. .

— Pois diga-me onde ele está, que me quero despedir... Foi para a província?

— Não: foi para Inglaterra.

— Pois que tenha por lá muita saúde. .. Para tratar assim aquela boa senhora, escusava sair do Porto... Fosse ela minha filha, ou parenta, cego eu seja se o não perseguisse até nas profundas do Inferno! Eis aqui para que um pai cria uma filha... Quem tem a culpa sei eu... Se houvesse uma lei que trancasse na Relação os sedutores, não se viam por aí tantas raparigas perdidas... Enfim, Deus lá sabe o que faz... O meu senhor, não o enfado mais; o que tinha a dizer está dito. Tenha vossa senhoria muita saúde, e se escrever ao senhor Guilherme diga-lhe que ainda há homens de carácter, capazes de dizer nas bochechas de qualquer fidalgo a verdade nua e crua.

O criado saiu. Simultaneamente a estes tocantes esclarecimentos do compassivo criado, Augusta abria a

porta da sua casa da Rua dos Arménios.

Dezanove meses eram corridos depois que aquela porta se fechara. Nem ar nem luz entrara ali. Da couçoeira da porta e das fisgas das janelas pendiam grandes teias de aranha sobrepostas. A lingueta da fechadura ferruginosa não corria forçada pelo braço débil de Augusta. O galego que levava a caixa de pinho venceu a resistência, e entraram.

Augusta, apenas respirou o ar represado, recuou para a rua, mandando abrir a janela. Parecera-lhe respirar o miasma que ficara no leito da sua mãe alguns dias depois que a levaram morta.

A esse tempo a filha do barqueiro, que ouvira ranger a chave, viera à janela, e conheceu a costureira.

— És tu, Augusta? — exclamou ela pasmada. Augusta, antes de responder, fez um esforço, que lhe custou uma angústia indefinível, uma vergonha semelhante às dores sem nome.

— Sou eu... — balbuciou ela, sentando-se no degrau. A Sra. Ana do Moiro saltou para a rua, cruzou os braços

diante da costureira, deu três balanços solenes à cabeça e murmurou:

— Quem te viu e quem te vê, rapariga!

— Pois não sou a mesma? — disse Augusta, convertendo em inocente pergunta o grito atribulado que lhe viera do coração, onde a estúpida peixeira enterrara um punhal.

— A mesma! Vê-te a um espelho, rapariga! Estás magra, amarela, e recosida como a pele de um bacalhau! E a dizerem-me que te viram muito linda e muito asseada aí para os Carvalhos, com um criado de farda a cavalo, e com um figurão ao teu lado!... Com que então, deixou-te o tal pandilha?...

— Senhora Ana, peço-lhe por piedade que me deixe... respondeu Augusta, entrando em casa e pagando ao carreteiro da caixa.

— Ó menina, não chores; eu sou sempre a mesma amiga... Enfim, isto não a vai matar. O que te sucedeu a ti, sucede a muito boa gente. Como te ficaram as boas mãozinhas que tens para a costura, não te há de faltar que

fazer. O teu primo ainda não casou; e tomara ele que tu o quisesses, mesmo com o teu erro...

— já lhe pedi que me deixasse, senhora Ana. Peço-lhe pelas dores de Maria Santíssima que me não diga nada... faça de conta que eu não estou aqui...

— Pois eu venho dar-te ânimo, e tu mandas-me por fôra da tua casa?! Boa vai ela!

— Não preciso de ânimo... Tenho muito ânimo, senhora Ana. Agradeço-lhe as suas boas tenções, mas acredite que me mortifica...

— Pois então, adeusinho... A Sra. Ana saiu, rosnando: “E como ela vem espevitada!... Pensará ela que ficou sendo fidalga por... “ As reticências também ela as pôs na língua, até ao momento propício de traduzi-las em linguagem muito chá à primeira vizinha, que o demónio da maledicência lhe deparou.

Augusta fechara a porta. Vai dar-se nesta mulher o que não pode ser dito, e só adivinhado pela experiência de lances semelhantes. Com as costas voltadas para a luz, Augusta permaneceu imóvel alguns segundos, de pé, com os braços

pendidos e as mãos enlaçadas. Fixava os olhos como espavoridos no fundo escuro, onde pendia ainda a esteira que formava o tabique do quarto da sua mãe. É de crer, porém, que o não visse, nem visse diante de si a mistura confusa de recordações cruéis convertidas em imagens, umas de remorso, outras de condenação, que lhe apontavam aquelas quatro paredes, como célula de expiação e leito de agonia.

Depois, passou a mão esquerda pela testa banhada de suor frio, e com a direita procurava perto de si um encosto. É que lhe tremiam as pernas, e fugiam-lhe os sentidos. Sentou-se, e encostou os cotovelos aos joelhos e a face às mãos. As lágrimas vieram, como um hálito de ar à extrema sufocação, por fim. Parecia reanimar-se. Lançou dos ombros o capote: foi ao pé do cântaro, tomou com a mão convulsiva a caneca de água, e depô-la, recuando o braço, como se tocasse a mão glacial de um cadáver?.

— Que sede, meu Deus! — murmurou ela. — Quem me dera uma gota de água...

Recaiu, prostrada, na cadeira. Tremores nervosos vinham-lhe, de instante a instante, como aqueles abalos que

precedem o adormecer, e causam o penoso sentimento da deslocação das entranhas.

A humidade do pavimento regelara-lhe os pés, e, apesar da febre, o frio generalizara-se. Augusta envolvera-se no capote e sentara-se sobre a cama, abraçando-se com os joelhos. Era, assim nessa postura, a imagem da demência tranquila. Dir-se-ia que ela viera já demente do Candal para a Rua dos Arménios, ou que as ideias aturdidas não tinham a lucidez precisa para ver a razoável situação do seu infortúnio. E que não proferia uma palavra, não soltava um grito, não procurava um instrumento de suicídio, não caía de joelhos invocando a piedade do Senhor.

Urna hora assim devia preceder a execução de uma terrível ideia.

Augusta saltara do leito, e, cambaleando, fechara o postigo e trancara a porta. Era completa a escuridade e o silêncio subterrâneo. Fora-lhe assim compreensível o terror das antigas emparedadas! Deitou-se. Cruzou as mãos sobre o peito, e disse no fundo do seu coração:

“Meu Deus, em desconto dos meus erros, aceitai as minhas dores; tenho sofrido mais, muito mais do que poderia gozar, se fosse sempre feliz; agora abreviai a minha agonia; espero aqui a morte, não a demoreis pela vossa misericórdia. “

E cerrou os olhos. Mas o turbilhão das imagens febris fulgurava no seio da escuridade. Ao lampejo desses orbes de lume, que se aglomeram nas trevas, se fechais os olhos e os comprimis, iluminava-se o vulto de Guilherme do Amaral, qual o vira, pela primeira vez, naquele quarto. Augusta, então, erguia-se com ímpeto, abrindo os olhos e estendendo os braços para a escuridão. O delírio era instantâneo. A razão espancava-a com o flagelo da realidade. A costureira recaía na atroz certeza do seu infortúnio, e deixava cair a cabeça de encontro à parede gélida, que lha não refrigerava.

“Não me ouvis, meu Deus?... “ murmurava ela, erguendo os braços, ajoelhando-se e caindo com a face sobre as mãos, banhada de lágrimas. “Minha santa mãe, pedi no céu a minha morte! Resgatai uma filha... “

Augusta soltara um grito, quando o coração orava assim uma serene prece.

Este grito era o despertador das angústias, dos frenesis, por assim dizer, adormecidos na atrofia em que a deixara o jornalista, vinte e quatro horas antes.

E, quando assim a dor ia reassumir toda a sua energia, bateram à porta de Augusta.

CAPÍTULO XXI

Depois que o severo Gregório saíra, deixando as chaves da casa abandonada, o jornalista formara entes de razão, e deduzira de todos que a heroína, superior ao que ele a imaginava, passava do Candal para a Rua dos Arménios.

Amador da tragédia, e curioso investigador de tudo que pudesse aumentar o seu grosso cabedal de experiência, o poeta, neste caso, não era só observador: entrava de coração no enredo do futuro romance, que devera ser de lavra sua, se o não encarregasse a pessoa menos hábil que ele.

E, portanto, o jornalista saiu logo, procurando a Rua dos Arménios, que nunca vira. A única pessoa encontrada a jeito a informá-lo era a Ana do Moiro, que, da janela para a rua, traduzia literalmente a uma vizinha as reticências que, ainda agora, deixaremos em jeroglífico à penetração dos leitores.

O jornalista, cortejando primeiro a Sra. Ana para captar-lhe a atenção, pediu-lhe o favor de lhe dar umas informações. A peixeira desceu à porta da rua, dizendo que o não mandava subir, porque a sua casa não era própria para fidalgos. A filha do barqueiro tinha o bom senso de dar diplomas gratuitos de foro grande a todo e qualquer cidadão enfardado numa quinzena, que era o invólucro favorito da época. Com tais diplomas, a Sra. Ana, se não tirava nem aumentava nada a condição dos agraciados, também lhe não aumentava “o ridículo”, nem lhe tirava da algibeira os direitos de mercê. A Sra. Ana, portanto, era a única pessoa de quem eu receberia um título.

Tem vossemecê a bondade de me dizer — disse o jornalista — se conheceu, há cerca de dois anos, nesta rua, uma costureira chamada Augusta?

— Se conheci!... Olhe... vê acolá aquela casinha sem sobrado, com uma porta pintada de verde? É a casa dela.

— E sabe dizer-me se Augusta terá aparecido aqui desde que abandonou aquela casa?

— Eu digo-lhe: a rapariga desde que saiu de casa com um sujeito, que a seduziu, a primeira vez que voltou lá foi hoje.

— Sim?! Vossemecê tem a certeza de que ela veio cá hoje?

— Pois se eu estive com ela, há de haver hora e meia!

— Muito obrigado... E sabe dizer-me se ela estará em casa?

— Está, sim, senhor. Tenho estado sempre à janela, dei fé de ela fechar o postigo, e não voltou a entrar nem sair ninguém.

Agradecido... Aqui tem vossemecê uma pequena recompensa do serviço que me fez.

Ana aceitou sem repugnância um cruzado novo; mas não prescindiu de saber quem lho dava.

— Então vossa senhoria conhece Augusta?

— Conheço...

— E conhece também o senhor Guilherme, que tão mau pago lhe deu?

— Pois vossemecê conhece o senhor Guilherme?

— Está bom se conheço! Sei todas estas coisas desde o seu princípio. Foi ele quem me foi chamar ao arraial de Miragaia, na véspera de São Pedro, para vir estar com ela, quando lhe morreu a mãe... Ora diga-me, ainda que eu seja confiada, o senhor Guilherme deixou a rapariguinha?

— Não, senhora...

— Então foi ela que lhe fugiu?

— Também não... Se vossemecê me dá licença, não me demoro mais...

— Pois vá, vá com Deus; eu não me importa saber a vida alheia; e, se for necessário alguma coisa, estou aqui pronta. Nós somos uns para os outros.

O jornalista colou o ouvido à fechadura da porta, e não ouviu rumor algum. Voltou-se para a janela da peixeira, e disse-lhe, por acenos, que não ouvia nada. A Sr.? Ana, frenética e serviçal, desceu para a rua, e veio confirmar ao poeta que Augusta estava em casa, dando-lhe como prova o estar a chave por dentro.

Foi nesse comenos que Augusta soltara um grito, e o jornalista batera na porta.

— Estará ela a matar-se!... — disse a vizinha.

— É muito possível... — confirmou o literato, batendo com mais força, sem ouvir outro grito, nem alguma resposta.

— O mais acertado — acrescentou a peixeira — é arrombar o postigo; com dois murros vai dentro.

— Entendo que sim. Palavras não eram ditas, a filha de António Correia fazia pé atrás, e imprimia tal choque nas rótulas do postigo que nem as portadas internas resistiram ao impulso. Ouviram um segundo grito...

— Ainda é tempo... — disse o poeta. — Salte vossemecê pelo postigo, e abra-me a porta.

Ana, em menos tempo do que o preciso para contá-lo, saltou dentro, tirou a tranca, abriu a porta, e correu ao fundo, onde Augusta, sentada na cama, com os braços estendidos para o clarão súbito da luz, e os olhos terrivelmente esgazeados, parecia não entender o que se passava na sua casa.

O poeta disse ao ouvido de Ana:

— Vossemecê tenha a bondade de retirar-se até que eu a chame, que talvez seja aqui necessária.

Ana saiu chofrada um pouco por não ser precisa desde logo. Custava-lhe muito não estar em momento com os sucessos.

— Que é isto?! — disse ele, tomando a mão de Augusta, que parecia não o ter ainda conhecido. — Não conhece o seu amigo?! Senhora dona Augusta...

— “Dona” Augusta... — murmurou ela, sorrindo. “Dona”, Augusta sou eu?

— E... é a mais nobre de todas as mulheres; é a mulher que se levanta da queda com majestade superior à que tinha antes de cair...

Zombaria... — atalhou ela, deixando voar nos lábios um sorriso de escárnio de si mesma.

— Zombaria?! Não, senhora! Eu creio que a mão da Providência me conduz aqui... não vim para zombar da vossa excelência.

— “Vossa excelência!... “ Pelo amor de Deus!... Não vê o que eu sou?

— E um anjo, é a mais nobre de todas as vítimas, é um ente superior, que deve existir para que os incrédulos se espantem... A minha amiga... deixe-me dar-lhe este nome... A minha amiga, receba-me no seu coração como se recebe um irmão... chore muito na minha presença, conversemos muito nos seus infortúnios... mas viva, tenha orgulho de viver... seja superior à desgraça para se não confundir com as vítimas que sucumbem ... Eu prometo restituir-lhe o amor de Guilherme...

— Não restituirá... Esse homem morreu para mim... atalhou ela acenando negativamente e pasmando os olhos num ponto imaginário. Pouco depois, uma torrente de lágrimas e soluços lhe embargam a voz. Era isto mesmo o que o jornalista queria conseguir, e esperava não conseguir tão cedo. Houve silêncio de alguns minutos. O poeta não esperava das consolações por palavras tirar o proveito que as lágrimas dão. Deixou-a chorar, até que ela, soluçando, lhe disse:

— Muito agradecida... Parece-me que estou melhor... Permita Deus que este alívio se demore...

— Há de permitir... É minha amiga?

— E devo eu ser sua amiga?... Pois sim... sou...

— Faz-me o que lhe vou pedir?

— Que é? Farei, se puder.

— Deixe esta casa logo que eu lhe dê uma outra em que viva acompanhada de pessoas que a estimem; e se, passado algum tempo, quiser tornar para aqui, tornará.

— Não posso fazer o que me pede... Não teime nesse oferecimento, que nem lhe sei agradecer, porque me está propondo um inferno, pensando que me faz bem... Isso era morrer sem ao menos poder chorar... Não, não aceito... Se é meu amigo, não me torne a dizer tal coisa.

— Que tenciona fazer?

— Preciso morrer, e morrer aqui...

— Eu morreria de pesar se a deixasse livremente cumprir essa louca tenção. Há de viver, senhora dona Augusta, porque lhe prometo de restituir-lhe Guilherme,

antes de dois meses, com a súplica do perdão nos lábios, e o coração mais nobremente apaixonado do que até aqui...

— Não queira enganar-me, porque eu não me engano... já lhe disse que esse homem morreu para mim...

— E não me deixa ser o instrumento da Providência? Não me dá tempo que eu ceda a uma força oculta, que me manda esperar pela volta de Guilherme?! O senhora dona Augusta, em nome da sua mãe lhe peço que espere, que creia na recompensa da virtude, que creia um pouco no meu poder, que me ajude a alimentar a esperança de a ver outra vez feliz com o homem que, neste momento, não sabe que mártir deixou... Não me atende?

— Queria; mas não posso: Deus, se quisesse que eu esperasse, inspirava-me... Não espero nada... Acabou tudo.

— E quererá Deus que a vossa excelência se suicide? julga que é um acto meritório a desesperação?

— Não sei, senhor ... Não me repreenda. Que pode interessar a Deus a minha vida? Como hei de eu consolar-me? Morro, porque não posso viver ... Se eu pudesse ser feliz, era-o...

— A esperança...

— Em quê?

— Em mim... Desde este momento começo a trabalhar. Sei que posso muito no coração de Guilherme... Confia em mim?

— Se eu pudesse viver... esperava!... — respondeu ela com a face iluminada por um relâmpago de esperança.

— Pois bem... — acudiu o literato com o entusiasmo das almas nobres e demasiado crédulas. — Ajude-me, minha amiga...

— Como?

— Vivendo, desejando viver, sujeitando-se à minha vontade...

— Sair daqui? Isso não.

— Pois bem, fique... mas dê-me o prazer de velar pela sua vida, melhorando-lhe, quanto eu puder, a sua situação. Eu mando-lhe para aqui uma criada.

— Não preciso... não aceito...

— Resiste ao menor desejo!... E ingratidão!

— Não diga tal, que me magoa mais do que pode imaginar...

— Consente, ao menos, que esta sua vizinha, que veio comigo, a sirva?

— Pois sim, enquanto eu não puder trabalhar.

— Deixa-me dar ordens à minha vontade?

— Não, senhor... Essa mulher virá falar comigo; eu lhe pedirei o que preciso.

— E virei aqui todos os dias vê-la.

— Não, não venha, de joelhos lhe pediria este favor se não contasse com a sua generosidade. Não me visite... Eu lhe farei saber o meu estado... Se eu me vir em perigo de vida, virá então, porque lhe quero deixar algumas palavras para o seu amigo.

— Não confia em mim!... Pensei que lhe merecia a condescendência de poder visitá-la!...

— Merece-a; mas, se o seu fim é aliviar os meus sofrimentos, creia que seria inútil a sua vinda a este

sepulcro... O que eu não puder fazer sozinha comigo, ninguém o fará.

— E não deseja que eu lhe dê notícias de Guilherme?

— Não desejo, nem quero... Se o Guilherme fosse infeliz, interessava-me saber que o era, para ao menos imaginar o modo de lhe ser útil, ou chorá-lo, se nada pudesse. Guilherme não é infeliz... As minhas lágrimas não lhe pesarão na consciência... Vá, meu amigo, mande-me a minha vizinha... Tenho muita sede... não há aqui uma gota de água.

O jornalista saiu, entrou nas escadas da Sra. Ana, deu-lhe dinheiro, todo o dinheiro que tinha, e muitas palavras afetuosas, com promessa de lhe dar todos os sábados uma igual quantia para suprir a todas as precisões de Augusta

A Sra. Ana, espantada da liberalidade do novo pretendente, segundo ela, foi desveladamente servir a costureira, começando pela limpeza da casa.

Augusta chamou-a,— e disse-lhe:

— Senhora Ana, é chegada a ocasião de lhe vender a casa: compra-ma?

— Compro, filha; mas que precisão tens tu de a vender?

— Mais precisão que nunca. Não tenho cinco réis meus.

— Estás enganada! Olha... aqui estão doze cruzados novos, que me deu o senhor que de cá saiu, e ficou de me dar todos os sábados outro tanto.

— Pois quando lhe vierem dar no sábado o outro tanto, vossemecê terá a bondade de restituir o que recebeu agora.

— Deixa-te disso, Augusta...

— Não me contradiga, senhora Ana. Compra-me a casa?

— Já te disse que sim...

— Pois dê-me hoje algum dinheiro, e mande-a avaliar quando quiser.

— Pois sim, filha.

— Vossemecê dá-me uma gota de água? Morro de sede.

CAPÍTULO XXII

O jornalista era uma bela alma. Mártir da opinião pública, raros homens tenho conhecido que tanto como ele se pagassem do galardão da consciência. Menos ainda hei visto que tão legítimo e razoável desprezo tenham votado ao tão estúpido como infame júri que por aí o condenava, absolvendo infamíssimos "virtuosos" dos muitos e tantos que por aí refervem, que eu desconfio que tu sejas um deles, leitor. Se o não és, e te julgas ofendido, deixas de ser mau para ser tolo. Como quiseres.

O jornalista vinha eu dizendo, que era uma bela alma. Sentir assim, doer-se tanto, admirar com tão patético entusiasmo o heroico infortúnio de Augusta, são virtudes muito raras no homem, que, pela sua posição em contacto com todas as desgraças, oriundas do vício, perde a sensibilidade, e chega a encará-las com a impavidez do cinismo.

Ele não. A imagem da costureira, idealizada como ele costumava idealizar a desgraça, não lhe esquecia um instante, ao seu pesar. O folhetim do dia seguinte àquele em que a vira, foi uma elegia em prosa, um abstruso elevar-se para dores fantásticas, que ninguém teve coragem de ler até final. Nesse dia escreveu dez páginas de um álbum, uma longa meditação, que naturalmente fez adormecer a dona do dito álbum, que esperava uma qualquer coisa em linhas com letras maiúsculas no princípio, dedicada a ela, formosa senhora, a ser verdade o dito dos poetas seus conhecidos, com lábios de rubim, dentes de marfim, mãos de ágata e pescoço de alabastro. Toda ela, pelos modos, era um mosaico.

Se eu pudesse haver à mão o álbum, transcreveria aqui a Meditação do amigo de Guilherme do Amaral. Transluzia desse hino uma dor sincera, uma correção a devassos, boa cópia de máximas para uso dos nossos velhos, e preciosíssimas lições para costureiras que soubessem ler, e para leitoras que não são costureiras.

É impossível. O álbum já não existe. A sua ilustrada dona casou com um homem sério, avesso a poesias e romances,

incendiário obscuro, espécie de Maomet chulo, que manda aquecer os semicúpios com os folhetins e brochuras poéticas empalmadas traiçoeiramente no toucador da sua mulher. O álbum desapareceu em faúlas no fogão, de envolta com um molho de carqueja, visto que o cônjuge irracional não podia meter o dente no primeiro, podendo muito bem metê-lo no segundo género de combustível.

Apesar destes e doutros, o poeta era um nobre coração. No dia seguinte ao do encontro na Rua dos Arménios, procurou ele a Sr. a Ana do Moiro, e soube o que se passara. Augusta repelira o dinheiro caritativo, recebera três moedas por conta da casa, tomara alguns caldos de galinha, e proibira à enfermeira falar-lhe em Guilherme do Amaral.

O jornalista mandou-lhe entregar uma carta. Eram consolações das que se recebem com lágrimas.

Dois dias depois, soube ele que essa carta fizera chorar muito Augusta: o poeta ficou satisfeito do resultado, que previra. Era o literato de opinião que todas as dores se diluem no choro, e as incuráveis são as que se recolhem ao coração, embebendo as lágrimas e o sangue. “As lágrimas represadas”, dizia ele num dos seus folhetins ininteligíveis,

“sobem ao cérebro, cristalizam e produzem a demência, ou a morte”. Os médicos riram conscienciosamente desta patologia, e não deram até hoje, da demência e da morte, por amor, outra explicação melhor. Tudo o que eles têm dito é inferior a isto.

Oito dias depois, o poeta procurou a Sr.? Ana.

— Tenho muito que lhe contar... — disse ela.

— Triste ou alegre?

— Não põe nem tira. Eu digo-lhe, meu senhor. Não sei se a vossa senhoria sabe que Augusta, antes de ir para o senhor Guilherme, tinha um casamento meio ajustado com um primo.

— Já sei.

— O bom do rapaz, depois que ela desapareceu, andava como a cobra que perdeu a peçonha. Vinha onde a mim, e chorava que era uma coisa! Parecia que morria ou endoidecia. De noite chorava em frente da porta dela, e estava ali horas e horas ao frio e à chuva, que parecia mesmo uma aventesma. Depois, não o vi um pouco de tempo, e perguntei ao patrão o que era feito dele. Disse-me

que desconfiava que se tinha botado a afogar. Rezei-lhe por alma ao deitar da cama, e vai senão quando uma tarde rebenta-me aqui o Francisco, muito amarelo, dizendo que tinha estado doente no hospital. Sempre lhe direi que ganhei um medo! “Pois tu não morreste?”, disse-lhe eu. “Não, não morri ... “

— E o mais é que não tinha morrido... Sempre acontecem coisas!

— E depois?

— Depois, meu amiguinho e senhor, passados dias, o Francisco voltou a andar por aqui de noite; mas já não fazia diabruras. .. Coitado... chorava, e mais nada! Parecia um tolinho!... Antes de ontem, à meia-noite, vinha eu saindo de casa de Augusta para recolher a minha gata, que estava a miar na rua, e dou com ele perfilado com a porta. “És tu, Francisco?”, disse-lhe eu, preparando um murro para se fosse outro, porque, como o outro que diz, eu não conheço flamengos à meia-noite. “Sou eu, tia Ana. Vossemecê foi arejar a casa de Augusta?” — “Não, rapaz; fui dar de cear à tua prima, “ — “A minha prima!”, gritou ele, e foi dito e feito! Entrou pela porta dentro que parecia um doido; foi ao

pé dela, e arregalou os olhos para a rapariga, que estava mesmo aterradinha... E quer vossa senhoria saber o que eles fizeram? Deram em chorar, chorar, chorar, que pareciam duas crianças.

— E não falavam?

— Nem um pio! Augusta deu-me de olho para que eu saísse, e ficou só com ele. Quando tornei, Francisco tinha saído. Eu ia-me deitar num enxergão, que botei aos pés da cama dela, e a rapariga disse-me: “Não se deite por enquanto que tem de abrir a porta ao meu primo.” E vai eu disse: “Pois ele vem cá ainda hoje?” — “Foi buscar a cama dele, e quer dormir aí fôra enquanto eu estiver doente.” E de feito às duas horas da noite entrou a cama do rapaz pela porta dentro, e ele deu as boas-noites a Augusta e deitou-se. O resto é que a vossa senhoria não sabe...

— Que é?...

— Ontem veio ele ter comigo, e pediu-me se eu lhe vendia a casa da prima, sem lhe dizer nada a ela, que me dava vinte mil réis de ganho. Deixei-a ir, e ele passou-me logo o dinheiro. Cá enquanto a mim o rapaz quer sustentar

Augusta à custa dele, e quer que ela pense que o dinheiro sou eu que o dou pela casa. E sabe que mais? A rapariga às duas por três casa com ele.

Esta reflexão da Sra. Ana matou algumas ilusões ao jornalista. O desfecho do drama parecia-lhe ridículo, e indigno do seu folhetim e da sua Meditação!...

— E porque suspeita vossemecê que ela case com o fabricante?

— Porque a vejo sempre a chorar ao pé dele, e o bom do rapaz bota-lhe umas olhadelas tão meigas que, pelas tralhas ou pelas malhas, dali ao casamento não vai longe. E, a falar a verdade, ela que mais quer? O Francisco é contramestre, e ganha na fábrica de Lordelo oiro tostões por dia...

— Ora diga-me: vossemecê não conseguirá que eu fale com ela?

— Não fico por isso. Eu já lhe disse que faria bem conversar um pouco com a vossa senhoria, e ela disse-me que por enquanto não. Não sei que lhe faça... deixe-a arrijar.

O jornalista retirou-se com a descosida narração da peixeira: levava o entusiasmo muito desvanecido, a admiração afroixada, e, enfim, a poesia da tragédia um pouco convertida “de lúcidos cristais em água chilra”. Não seria tão completa a deceção, se a tagarela da vizinha contasse as coisas doutro modo.

Não há dúvida que a costureira, vendo o seu primo, chorou; e o fabricante, vendo Augusta, não chorou menos. Isto é natural. Aquele homem, cinco meses antes, tentara contra a própria vida, por não podei— tentar contra a do homem que lhe roubara a mulher ali deitada no pobre leito, que ele quisera enflorar com as coroas de uma paixão santa e nobre. Cinco meses antes, Augusta velara as noites ao pé do seu primo, pensara-lhe o ferimento do pescoço, e quisera cicatrizar-lhe, em balde, com afagos e extremos de amiga, a chaga eterna do coração. Para Augusta, nada mais santo nem mais verdadeiro que o profundo amor do fabricante; para Francisco, sobre a Terra, nenhuma mulher, que valesse mais que a sua prima, ainda ingrata, ainda desonrada, ainda abandonada, ainda sem a beleza que, em menos de cinco meses, raros vestígios conservava do que

fôra. Eram, pois, bem naturais essas lágrimas, quando a mulher era Augusta, e o homem esse que vimos em menos de cinco minutos praticar, no Candal, dois arrojos de heroísmo, raras vezes reunidos: poupar a vida do rival, por amor da amante; suicidar-se, para não ver sem castigo o crime.

Quando a vizinha saíra, Augusta estendeu a mão a Francisco, e aproximou-o de si murmurando:

— Soubeste que eu estava aqui?

— Não.

— Ias passando na rua?

— Não... estava parado...

— Porque viste luz?

— Foi porque venho algumas vezes aqui.

— A minha porta?

— Sim... mas não esperava ver-te mais nesta casa.

— Eras meu amigo?

— Tu és sempre minha prima... Devo-te muitas obrigações...

— E vens agora pagar-mas?

— Não precisas de mim, Augusta; e oxalá que nunca precises, mas, se precisares, não tens outro parente; amigos terás muitos, mas amigos pelo sangue sou eu só.

— Estás vingado, Francisco.

— Eu não me queria vingar, Augusta... Se estás desgraçada, sabe Deus quanto me custa ver-te assim... Não me digas nada do que sé passou... Eu faço ideia...

— De que fui abandonada?... Pois sim, não falemos nisso... Brevemente terei de falar muito na minha vida ao confessor...

— Pois tu estás assim doente?!

— Não vês que estou quase morta?

— Pois não hás de morrer, Augusta... Não te aflijas tanto. O passado, passado. já mandaste chamar cirurgião?

— Não há cirurgia para a minha enfermidade...

— Pois que tens tu?

— E isto que vês... alguns dias a preencher.

— Dás licença que eu venha aqui passar as noites?

— Não, meu primo... fica longe a fábrica, e seria necessário aqui ficares.

— Ficarei... hoje mesmo.

— Não...

— Por quem és, dá-me este prazer. Faz agora cinco meses que tu passavas as noites a pé ao meu lado...

Francisco saíra, como disse a Sra. Ana, e voltara com a cama às duas horas da noite.

CAPÍTULO XXIII

Francisco visitava todas as manhãs a fábrica, e, por consentimento do bom patrão, voltava para a Rua dos Arménios a jantar com a sua prima. O cirurgião vinha diariamente observar o curativo de uma doença incógnita. Ignorando os precedentes, o intérprete da natureza contemplava os sofrimentos de Augusta como se o pusessem em frente dos jeroglíficos indianos para traduzi-los. Não obstante, o bom desejo que o hábil facultativo tinha de triunfar alguma vez de uma moléstia rebelde inspirou-lhe uma farmácia digna de melhores resultados. Augusta queixava-se de uma agonia no coração, um mal-estar indefinível semelhante ao deslaçar-se de todas as fibras do peito. Elucidado assim, o cirurgião aplicou-lhe uma cataplasma de linhaça com óleo de amêndoas doces no estômago, e leites de jumenta na Primavera. Excelente medicina, que lhe não fez mal nenhum!

O fabricante, sem consultar Augusta, mudou de assistente. Veio um médico dos mais nomeados, e não era injusto o nome que tinha. Apenas lhe tateou o pulso, e devassou um pouco a vida da enferma, declarou que Augusta estava no primeiro período da gestação. O fabricante pediu explicação das palavras, e empalideceu, ouvindo-a. O médico consciencioso despediu-se: não tinha nada a fazer contra o processo regular da doença: limitou-se a oferecer o seu préstimo oito meses depois.

Francisco mudara de rosto, e a costureira não sabia a causa. Interrogava-o, e ele respondia sorrindo; mas para Augusta a significação de tal sorriso era mais expressiva do que seriam as lágrimas.

— Disse-te o médico que eu morria?... Que importa!... Não estejas triste por isso...

— O médico não me disse que morrias...

— Pois então, que tens? Porque te sentas tão triste ao pé de mim? Se te aborrece esta vida, não te constranjas, Francisco... Vai para o teu trabalho, que me dás mais prazer...

— Aborreço-te aqui?

— Assim desse modo, não digo que me aborreças, mas penalizas-me... Diz-me o que tens.

— Nada, Augusta... Tenho pena de te ver sofrer...

— Isto está por pouco... já hoje tive vómitos, e lancei sangue...

— Esses vómitos, Augusta... não são o que tu pensas. Francisco saíra aceleradamente do quarto da sua prima.

— Vem cá — exclamou ela com veemência. — Olha, Francisco, eu não entendi o que disseste...

— Eu volto logo, Augusta. .. Vou à fábrica...

— Espera um momento... tira-me as suspeitas...

— Isso é fácil... A Ana do Moiro há de explicar-te melhor do que eu os teus incómodos... Alguma coisa havias de trazer do Candal...

E saiu, arrependendo-se logo das últimas palavras. Augusta compreendeu tudo, sem recorrer aos esclarecimentos da vizinha. A novidade da emoção era um misto de vergonha, de medo, de júbilo e de remorso. As faces pálidas fizeram-

se escarlates; os saltos do coração impeliam-lhe o sangue em jatos abrasadores à cara. Queria erguer-se sem saber para que fim: procurava em redor de si alguma coisa sem saber o que era; sentia ânsias de falar sem saber com quem.

— Se ele o soubesse!... — murmurou ela. — Se alguém lhe dissesse...

— O quê? — perguntava a Sr. a Ana, que entrara insensivelmente, porque Francisco deixara aberta a porta. — Que tens, Augusta? Estás tão vermelha, e com os olhos tão guichos!... Parece que vendes carradas de saúde, rapariga! Alguma novidade te deram que te alegrou... Não respondes?

Augusta a significação de tal sorriso era mais expressiva do que seriam as lágrimas.

— Disse-te o médico que eu morria?... Que importa!... Não estejas triste por isso...

— O médico não me disse que morrias...

— Pois então, que tens? Porque te sentas tão triste ao pé de mim? Se te aborrece esta vida, não te constranjas,

Francisco... Vai para o teu trabalho, que me dás mais prazer...

— Aborreço-te aqui?

— Assim desse modo, não digo que me aborreças, mas penalizas-me... Diz-me o que tens.

— Nada, Augusta... Tenho pena de te ver sofrer...

— Isto está por pouco... já hoje tive vómitos, e lancei sangue.. .

— Esses vómitos, Augusta... não são o que tu pensas... Francisco saíra aceleradamente do quarto da sua prima.

— Vem cá — exclamou ela com veemência. — Olha, Francisco, eu não entendi o que disseste...

— Eu volto logo, Augusta... Vou à fábrica...

— Espera um momento... tira-me as suspeitas...

— Isso é fácil... A Ana do Moiro há de explicar-te melhor do que eu os teus incómodos... Alguma coisa havias de trazer do Candal...

E saiu, arrependendo-se logo das últimas palavras. Augusta compreendeu tudo, sem recorrer aos esclarecimentos da vizinha. A novidade da emoção era um misto de vergonha, de medo, de júbilo e de remorso. As faces pálidas fizeram-se escarlates; os saltos do coração impeliam-lhe o sangue em jatos abrasadores à cara. Queria erguer-se sem saber para que fim: procurava em redor de si alguma coisa sem saber o que era; sentia ânsias de falar sem saber com quem.

— Se ele o soubesse!... — murmurou ela. — Se alguém lhe dissesse...

— O quê? — perguntava a Sra. Ana, que entrara insensivelmente, porque Francisco deixara aberta a porta. — Que tens, Augusta? Estás tão vermelha, e com os olhos tão guichos!... Parece que vendes carradas de saúde, rapariga! Alguma novidade te deram que te alegrou... Não respondes?

— É febre... penso eu...

— Deixa-te disso... eu falei ao senhor doutor, que veio hoje de novo, e ele disse-me que não era de preocupação a

tua doença.

— E não lhe disse mais nada?

— Não: nem sequer receitou para a botica. Sabes o que hás de fazer? Sal dessa cama, que faz doença. Dá o teu passeio pela cidade com o teu primo, e deixa-te de caldos de galinha, que não põem substância...

— Não posso... não tenho forças...

— Isso é o que te parece... Vocês, as raparigas de agora, são uns tolhiços... Eu cá nunca soube o que é estar três dias de cama... Se comesses um bocado de carne assada na brasa e bebesses um gotúrio do choco, punhas-te aí fina em quinze dias... Deixa-me dizer-te uma coisa enquanto estamos sós. Aquele senhor do dinheiro, há três dias que não mandou saber de ti, desde que eu lhe disse que tu lhe não falavas por enquanto...

— Eu desejava falar-lhe agora.

— Sim. Pois isso é fácil: eu sei onde ele mora, e vou hoje lá, se queres.

— Mas eu não queria que o meu primo o visse.

— Digo-lhe que venha amanhã entre as nove e as onze, que é a hora em que o Francisco está na fábrica.

— Pois sim... não se esqueça, não? Lá ir vou eu; mas, rapariga, eu acho que ele já não é para ti o mesmo homem, desde que sabe que o teu primo cá vem.

— Não importa: eu estou certa que ele virá, e, se não vier, paciência... escrevo-lhe uma carta...

— Pois isso era o mais acertado... Isto de homens, é para onde lhe dá... Eu bem me custa andar com recadinhos e cartinhas de namoro; mas, enfim, sou tua amiga...

— Está enganada, senhora Ana... Eu não tenho namoro com esse senhor.

— Faz-te fina!... Vocês pensam que metem figas nos olhos às velhas!... Boa vai ela!...

— Não preciso do seu favor, senhora Ana... Deixe-me...

— Não te atrigues, Augusta; eu estou a brincar...

— Não sofro tais brincadeiras... queira deixar-me, que tenho a cabeça em lume...

— Tu pareces de vidro, rapariga! Não se te pode dizer nada!... Pois, quer queiras, quer não, vou falar com o tal senhor.

— Não vá, que o não recebo. .. E digo mais.. . prescindo dos seus serviços; não torne a entrar nesta casa.

— Essa agora é mais fina!... Assim é que pagas as obrigações que me deves!?...

Augusta caíra em si. Antes que a vizinha se alegasse credora de obrigações, já a costureira se sentia mordida na consciência pela ingratidão. Demais a mais expulsava de uma casa, que já não era sua, a própria dona, que poderia expulsá-la a ela!...

— Desculpe-me... — acudiu Augusta, tomando-lhe a mão. — Eu sofro muito... não sei o digo... Perdoe-me, senhora Ana... Sou muito-digna de compaixão...

— Está bom... não chores... Isso é génio...

— Oh, meu Deus, que muito desgraçada sou!... exclamou Augusta, soluçando, escondendo a face nas mãos, e levantando-a, de instante a instante, para desafogar em gemidos a dor, que parecia sufocá-la.

— Que tens tu, menina?! — disse meigamente a peixeira, abraçando-a. — O que te fazem para chorares assim? Queres que eu vá chamar o tal sujeito?

— Vá, vá, pelo amor de Deus!... É preciso este sacrifício, e esta vergonha... vá, senhora Ana.

— Para vir amanhã?

— Hoje, hoje...

— E o teu primo?

— Não importa... que venha hoje... logo que possa, se não morro, morro sem ar, suicido-me, se Deus me não mata!...

A intrépida filha do barqueiro saiu aterrada, e, mal entrou em casa a buscar o capote, corria à desfilada, quanto as socas lhe permitiam, para a Hospedaria Francesa.

O jornalista, sem averiguar o motivo da imprevista chamada, foi à Rua dos Arménios. A portadora do convite entrou primeiro a anunciá-lo. O fabricante estava ao pé da sua prima, e fixou-a surpreendido, como quem lhe

perguntava se o sujeito anunciado era Guilherme do Amaral.

— Francisco — disse Augusta —, está aí uma pessoa a quem preciso falar. Tem paciência, retira-te alguns minutos. Não é quem tu pensas...

— Seja lá quem for, Augusta. — Eu não te pergunto quem é. Estás na tua casa; podes mandar chamar quem quiseres: basta que eu venha sem ser chamado...

— Tens razão, meu amigo... Verdadeiro, só tu... Não sou ingrata...

O fabricante passara pelo jornalista, e cortejou-o. Augusta sentara-se na cama, e humedecia os lábios para poder falar, como se o obstáculo à palavra não estivesse no coração.

— Finalmente — disse o poeta — fez-me justiça, senhora dona Augusta ...

— Fiz-lha sempre...

— Mas negou-me a sua casa...

— Quis obsequiá-lo assim, poupando-o ao desgosto de aturar uma mulher demente.

— E, agora, restaurou o perdido juízo?

— Não, senhor... Assim morrerei...

— A luz é muito pouca, mas parece-me que a vejo mais animada.

— A sofrer... decerto... tenho obrigação de me conservar... é necessário esperar com vida a conclusão dos meus infortúnios antes da morte...

— Pois não espera esquecer-se do passado, perdoando o mal que lhe fazem?

O passado nunca mais me esquecerá... Até aqui a desgraça era só minha... morreria comigo; mas... algum tempo mais... e a minha desgraça será um legado de vergonha e indigência...

— Não compreendo...

— Nem eu sei o modo de me explicar.

— Ah! — exclamou o poeta —, compreendi... E é forçoso que o filho de Guilherme do Amaral seja o herdeiro da vergonha e indigência da sua mãe!?

As palavras “filho de Guilherme do Amaral”, os olhos de Augusta cintilaram de alegria, refletindo o seu brilho vivaz no rosto risonho. Foi um relâmpago de júbilo: as trevas, porém, cerraram-se, apenas os lábios imprudentes do poeta deixaram fugir duas horríveis expressões: “vergonha” e “indigência”. O brilho dos olhos embaciara-se de lágrimas, o encarnado vigoroso das faces desmaiou até ao amarelo do cadáver. A transição assim súbita impressionara o jornalista, e impossibilitou-a a ela de responder.

— Há uma nova base para as minhas esperanças, senhora dona Augusta — continuou o jornalista, atinando com o motivo da sua vinda — : Guilherme do Amaral voltará brevemente a Portugal...

— Sabe-o já? — atalhou ela com sobressalto.

— Não o sei dele; mas agoiro-o do que sei das minhas profecias, que me não mentem nunca. Amaral está provando? uma dolorosa lição, o que o fará voltar ansioso a consolar-se no coração do anjo que deixou. Essa ânsia será redobrada, quando souber que o seio da mulher que mais amou, além das palpitações da saudade, sente os

enternecimentos de um filho, cujos primeiros vagidos serão chamar o seu pai...

— Como é doce ouvi-lo, senhor... É assim que se arranca uma infeliz aos braços da morte... — murmurou, com débil voz e entusiasmo no olhar vertiginoso, a costureira, quase levando aos lábios a mão do poeta.

— Fez bem em me chamar... — prosseguiu ele verdadeiramente comovido. — Quero ser eu o solicitador de duas causas santas: a da mãe e a do filho. Se tal é a minha infelicidade que eu nada consiga, direi que Amaral não tem no coração uma fibra pura, e é mais infame do que tudo que pode inventar-se corri o talento, mais que todos os modelos de cinismo, que ele viu nos romances da sua paixão.

— Não fale assim de Amaral... É impossível que ele não ame o seu filho... Podem cansar os carinhos da mulher, mas os da inocência, sem culpa, sem exigências, isso não... Há de escrever-lhe?

— No próximo paquete para Londres. Tive carta dele: dizia-me apenas que chegara.

— E ao meu respeito nem urna palavra?

— Talvez não tivesse tempo.. Eram só duas linhas. Amaral, a estas horas, pensa que a vossa excelência está no Candal, chorando, sim; mas esperando a volta que realmente devera esperar. Foi precipitada no seu capricho; porém, não a acuso; as almas nobres são arrojadas: traçam o quadro majestoso, e executam-no, se é preciso, com o sangue das veias.

— Pois fiz mal em sair?

— Fez; obedeceu muito depressa ao brioso desforço... Vossa excelência fê-lo mais por vaidade do que por outro qualquer sentimento. Consulte-se, e verá que a sua transição voluntária para esta situação foi uma espécie de soberba no infortúnio. Repeliu com a ponta do pé os favores do homem que lhe retirava as provas de outra paixão mais persuasiva.

— Sem ele de que me servia o luxo? Era ter sempre diante dos olhos o preço porque fôra comprada...

— Pois aí tem o que é a soberba: é estimar-se em muito mais do que o preço porque se considerou vendida... Não

falemos nisto, a não querer vossa excelência tornar para o Candal.

— Não, não quero... Pois aconselha-me esse passo?!

— Não lho aconselho; mas, se o desse, não incorria no desprezo de ninguém.

— Incorria no meu próprio desprezo.

— É respeitável esse sentimento... Não a contrario. O que eu quisera é que a vossa excelência não experimentasse a menor privação.

— Não experimento nenhuma; e de todo o coração lhe agradeço os favores, que eu aceitaria se não tivesse outros recursos.

— Basta... Volverei quando vossa excelência me ordenar, ou quando entenda que devo informá-la da gloriosa empresa que tomei ao meu cargo.

O jornalista saíra. É muito de notar a delicadeza deste homem a respeito do fabricante. Nem uma só palavra que obrigasse a defender-se Augusta das gratuitas suposições da Ana do Moiro. O poeta nunca pudera convencer-se que

Augusta fôra costureira, e estava na vulgar situação de uma costureira. Dizia ele, e ainda diz, que lera sempre na cara daquela mulher um destino superior, muito superior à sua condição. Nenhuma outra lhe impusera tanta reverência nos modos e tão pensada reflexão nas palavras!

Era poeta...

Sabeis o que é ser poeta? É querer encravar a roda teimosa das coisas deste mundo, e sair com o braço partido.

O fabricante viera sentar-se ao pé da sua prima, disfarçando a comoção, escondendo-a quando podia, a favor da escuridão do quarto. Se Augusta o visse lívido, com os olhos aguados, e os beiços contraídos, retraindo-se ao gemido e à respiração convulsa, julgar-se-ia amada, apaixonadamente amada, na posição a que descera, querida ainda, quando podia esperar apenas do seu primo extremos de piedade.

Francisco, para dizer alguma coisa, perguntou-lhe se ficara melhor com a certeza de que o seu mal não era de morte. Esta pergunta, inocentemente feita, magoou Augusta, que não respondeu. Corridos alguns segundos, o fabricante

perguntou se queria tomar um caldo. Augusta disse que não, com desabrimento. O artista soltou um suspiro trémulo, que denunciou as lágrimas, em vão represadas.

— Porque choras tu, Francisco?

— Eu não choro... estás enganada.

— Pois eu não vejo!. .. Vem aqui ao pé de mim... E, passando-lhe a mão na face, prosseguiu: — Isto que é, senão lágrimas? Não tenhas pena de mim, que eu já fui mais digna de compaixão do que sou agora... Estou muito melhor... A esperança é a medicina dos desgraçados... Não há mal que não traga um bem. Talvez dos meus sofrimentos de hoje dependa a minha felicidade de amanhã.

— Oxalá.

— Tu não conheceste o sujeito que esteve comigo?

— Não.

— Recordas-te de um homem que viste uma noite, no Candal, quando esperavas...

— Recordo... não falemos nessa noite, Augusta.

— Pois sim, não falemos, nem é preciso falarmos. Queria dizer-te que este sujeito é o único amigo de...

— Está bom... eu sei o que me queres dizer... Que me importa a mim que ele seja ou deixe de ser amigo do tal senhor?!

Não te irrites, Francisco... Eu não te quero dar satisfações da minha vida. Estou conversando; se me não queres ouvir, ou não podes, retira-te!... Valha-me Deus! Tu não acabas de entender que sou tua amiga, e que não tenho razão nenhuma para esconder de ti os meus crimes, se são crimes!... Esses teus modos ásperos não me comovem nem me assustam. O que me pesa é que tu não te convenças de que sou infeliz porque quero sê-lo, e não sei que haja alguém, neste mundo, que possa tomar-me conta das minhas ações.

— Tens razão, Augusta... Faz o que quiseres; mas não me leves a mal a amizade que te tenho. Tudo que eu te disser é para teu bem. O tempo te mostrará que eu não queria tomar-te conta das tuas ações; se quisesse, mal de mim!... Bem se te dá a ti dos meus conselhos... Faz a tua vontade, Augusta; mas não me mandes sair da tua casa,

porque eu prometo não me intrometer nas tuas ações. Faz de conta que eu estou aqui para guardar a tua porta, e chamar o médico, se te for preciso. Deus, que me trouxe a tua casa, para alguma coisa é. Enquanto não tornares a ser o que eras, és minha prima, e eu tenho como obrigação de te fazer companhia. Depois...

Augusta ouvira impassível a confissão sincera do artista, e não lhe respondera. A esperança de reconquistar o amor de Guilherme seria capaz de exacerbar-lhe a boa índole contra o seu primo, se ele não desse do seu zelo uma explicação tão humilde. Humilhada julgava-se também ela no seu orgulho de amante de Guilherme, abaixando-se a dar explicações dos seus actos ao fabricante. Posto que tornasse à condição donde saíra, não queria por isso considerar-se menos do que era, ou do que imaginava ser. Pelo contrário: o que o poeta lhe dissera, exaltando-a pelo facto de deprimir-se, é o que ela queria que o seu primo também dissesse, ainda que o não entendesse assim, porque não era poeta. A renúncia das regalias do Candal, enquanto a mim, não era virtude, examinada em todas as suas faces. Se fosse, como dizem que são as virtudes

cristãs, Augusta receberia todas as humilhações como espinhos de penitência. Estenderia a mão a receber esmolas do seu primo, e acolheria com agradecidas lágrimas todas as repreensões vindas dele, ou da filha do barqueiro. Mas bem veem que não era assim. A costureira rejeitava favores, rejeitava a proteção moral do fabricante, irritava-se à menor contrariedade da maliciosa vizinha, acolhia com exaltação as frases romanescas do jornalista, que viera visitá-la à pobre pocilga, e, até aí, a respeitara como se a visitasse no seu opulento gabinete do Candal. O poeta, sim: só ele soubera compreender a sua queda voluntária: só ele derramava flores sobre a sua miséria: só ele, com os raptos da admiração, lhe fazia sentir a grandeza do seu sacrifício.

A linguagem rude do fabricante devera, portanto, crifastiá-la mais ainda, se o temerário alimentava a louca esperança de fazer-se amado, agora que a indigência e a desonra a tornavam menos preciosa.

Eis aqui o orgulho da mulher, que não pode cair nunca da nobre altivez, que, mesmo no infortúnio, a distingue. É esta soberba cunho de superioridade. Por ela, podia vaticinar-se

à costureira um destino grandioso, qualquer que fosse a vereda por onde esse destino devesse vir-lhe ao encontro. Mulher tal não podia viver costureira; não podia, ainda que o quisesse, devorar-se obscuramente num quarto pobre da Rua dos Arménios. A presteza prodigiosa da sua educação literária, no Candal; a lucidez daquele espírito, que pudera cativar dezoito meses os volúveis desejos de Guilherme; a aspiração que vinha, agora, à menor contrariedade, reagir contra as algemas que ela própria se lançara: ai estão sobejos indícios de que o ciclo das alegrias ou dos infortúnios de Augusta não se fechara ali.

Esperemos, pois, as eventualidades.

CAPÍTULO XXIV

Londres, 12 de Fevereiro de 1847.

Meu caro...

Recebo a tua carta. Preveniste a minha ânsia. Eu desejava uma longa hora de conversação contigo. Era feliz quando a recebi, e o coração, assim, quer expansões: a felicidade dá-nos um ar de soberba, que só amigos toleram.

Falemos primeiro de Augusta. Espanta-me a resolução desesperada dessa mulher! É excecional! Se não posso amá-la, admiro-a; acho-a deslocada no século, e quisera ver bem desenhado num romance esse tipo. Vejo-a de cá pelo prisma da poesia: é um quadro histórico da minha vida, o único de que levo saudades na peregrinação que tenho a cumprir. Não sei que fúnebre poesia assombra essa heroína obscura! Se a vejo tão radiosa, tão inteligente, tão senhoril, como a vimos no Candal, e a comparo à mulher da Rua dos

Arménios... sinto esta melancolia íntima, esta coisa indefinível, que faz chorar o coração, quando os olhos, esterilizados pelo sopro glacial da experiência, já não brotam lágrimas.

Tenho dó dessa mulher! Antes a queria ver passar de amante em amante, corromper-se, esquecer-se de mim, odiar-me, até: antes isto, que imaginá-la assim, devorando-se de saudades inúteis, inúteis sim, porque não posso amá-la, não venço o fatalismo, não posso desdar os nós, como Laocoonte, das serpentes que se me enroscam no coração.

Já é tributar-lhe um grande culto, meu amigo, lamentar a mulher que não posso amar! Quantas vítimas, em igual condição, que nos não deixam sequer uma sombra na estrada lúcida dos Prazeres? Quantas esquecidas no dia imediato ao da paixão mentirosa?

É o mais que posso sentir! Não sei o que possa fazer-lhe... Impressionaram-me as tuas pungentes razões; mas queres tu impô-las ao coração, tu, homem da experiência, inexorável síndico dos mais ocultos instantes do espírito!?

Porque não aceita ela os meios amplos que lhe dou? Porque não vive rica de oiro, se lhe furtam as riquezas do coração? Porque não há de ela, com o dinheiro do seu primeiro amante, resistir às seduções de um segundo? O dinheiro reabilita, e amnistia todos os crimes.

Meu amigo, exerce a tua imperiosa influência sobre a pobre mulher. Faz que ela torne para o Candal, ou para onde queira. Aumente-se-lhe a mesada, se assim é preciso, que eu dou ordem franca Para que as tuas ordens se cumpram. Se fosse possível casar-se ela, com que prazer eu não daria, sem publicidade desonrosa para algum de nós, um dote que a tornasse mais interessante a um marido de meios, que há tantos e tão... inocentes!?... Será isto possível?

Não li sem emoção as novas razões que me dás para eu não dever abandoná-la. E, porventura, abandonei-a eu? Quantas mulheres casadas invejariam a sorte de Augusta? Todas. Quantos maridos, saciados das mulheres, lhes garantem uma subsistência brilhante, enquanto eles se afastam em busca doutras emoções? Nenhum.

A existência de um filho não aumenta as atenções que devo à mãe. Esse filho terá um futuro; protegê-lo-ei sempre,

como se fosse meu legítimo filho; amá-lo-ei desde hoje para abraçá-lo, quando possa, com fervor de pai... Que mais queres de mim?

Que te conte a minha vida? Seis dias depois que estava em Londres, encontrei o belga! Quem diria a este homem o destino de Leonor?! Preveni o meu tio. Era difícil saber em Londres a nossa residência. Vivemos nos arrabaldes, e a polícia está prevenida para se não descobrir a casa campgtre em que o meu tio espera converter o coração da filha.

E incrível o agrado com que ela me tem recebido. Escuta-me, serenamente, as inequívocas tentativas que faço. Ouve o pai em pueril acatamento, e, se não responde, também não reage.

Até hoje suspeitei que a minha prima premeditava um golpe decisivo nas minhas importunas perseguições. Enganei-me: venho de sentir uma alegria improvisa, uma demência momentânea!

Se soubesses como amo esta mulher! Basta que eu te diga que meditei um suicídio! Imagina, pois, que frenesis de

júbilo eu sentiria no momento em que ela, apertando-me carinhosamente a mão, me disse: “Primo, tenho experimentado o seu amor, e não posso ser-lhe ingrata! Diga ao meu pai que me não tenha aqui encerrada, que eu prometo ser uma boa filha, incapaz de resistir à vontade suprema do seu pai!...“ Que te disse eu? Esta mulher devia sucumbir! Não me cega a vaidade, mas descubro em mim a superioridade, que despedaça as mais robustas cadeias de dois espíritos. Se o meu amor fosse um simples capricho, a minha vingança começava hoje. Não era; menti quando to disse. Não posso ressentir-me de uma resistência que me atormentou, e está hoje sendo a minha glória, a minha ventura, o meu triunfo!

É nestes lances que se afere o verdadeiro amor. O homem devia sujeitar-se a esta dolorosa provação, queimar-se neste incendiário caminho, para sair purificado, sem as fezes das ilusões do momento, que germinam, mais tarde, o fastio.

Hei de amar sempre esta mulher. Os prazeres consecutivos, sempre novos, nunca me darão tempo a sentir nos pulsos as algemas do homem casado. Leonor é rica... e, se o não

fosse, amá-la-ia eu menos? Não. Viajaremos, iremos ao Oriente, meu sonho querido; sentar-me-ei com ela sobre as ruínas dos impérios arrasados, e errarei por lá sonhando sempre delícias novas nos braços dela. Isto é que é a felicidade. É nestes momentos que o homem crê em Deus, e reputa a criação uma obra perfeita.

A minha vida até aqui o que tem sido!? Uma deceção continuada, uma ansiosa esperança mentindo sempre, um trabalho impotente de imaginação adorando fantasias, que a realidade atroz me não dava.

O que foi Augusta? Uma aberração do natural, um artificio alimentado com oiro; mas a mulher, nua de prestígio, lá estava gélida e estéril debaixo dos europeus. O que foram essas dúzias de conquistas inglórias, que presenciaste? Fogos-fátuos, relâmpagos de um mundo de luz, todo luz, luz perene em que hoje abri os olhos...

Sorris ao meu entusiasmo? Aqui não há poesia, não há exaltação de folhetim, não guindo o lirismo do estilo às etéreas criações do talento, nutrido das frias reminiscências do coração, quais são as tuas.

O homem natural é este: sou o Adão primitivo, extasiado perante as delicias da natureza, como Buffon o descreve no Éden. Oh! o mundo é belo, e eu tenha pena dos que não podem vê-lo com eu neste momento! Amigo, quando este prisma me cair partido aos pés, também eu baterei com a face sobre a sepultura.

Adeus: parte o paquete, Alonguei-me sem te dizer que és o primeiro e único amigo de Guilherme do Amaral.

CAPÍTULO XXV

O jornalista recebera esta carta no momento em que a Sra. Ana o vinha chamar de mando de Augusta. Grande embaraço! Queria não mostrar-lha; mas escasseavam-lhe recursos de fantasia para entretê-la na quimera, que, por fim, seria desmentida, e mais cruel a desilusão. Foi, na incerteza do que faria.

Entrou melancólico, contrastando a ansiedade risonha de Augusta, que esperava uma boa nova.

— Teve carta? — exclamou ela.

— Tive ...

— Ah! ... Deixe ver. .

— Não a tenho aqui.

— Não?... Está triste!... Sei tudo... Guilherme não volta.

— Voltará; mas por enquanto não...

— Meu Deus!... — exclamou ela, desafrontando-se de um peso imaginário, que lhe carregava nas pálpebras.

— Espere, senhora dona Augusta... Guilherme é seu amigo...

— Meu amigo!... Que zombaria! — murmurou, caindo na profundeza do desengano.

— Estima-a; quer vê-la feliz, e crê que só pode sê-lo com vida honesta, sem privação nenhuma, dispondo de meios de que muito poucas senhoras podem dispor...

— Oferece-me dinheiro?... Oh!, que ultraje!

— Não é ultraje, senhora! É o mais que pode fazer um amigo, um irmão, um pai... Enquanto que ao seu filho, desde já lhe chama seu legítimo filho, tem um futuro, é preciso que a vossa excelência seja pai e mãe, e por amor dele se resigne a ser uma espécie de viúva, que chora saudades do seu esposo, mas deseja viver, deseja riquezas para comprar, com elas, riquezas do espírito para o seu filho...

— Riquezas!... Uma herança de desonra...

— Pelo amor de Deus, não tratemos de refinar o moral ao ponto de discutirmos o que é honra... Vossa excelência não tem o direito a exigir no seu favor reformas à condição humana. Poderia ter encontrado um desses que vulgarmente passam por honrados e, a estas horas, não teria amor, nem estima, nem um berço onde embalasse o seu filho. Não é isto querer medi-la pela craveira das mulheres que recebem afrontas destas, choram três dias, e, ao quarto, procuram suavizar as saudades com o primeiro que se oferece a distrair-lhas. Não, , minha senhora. Eu sou o primeiro a julgá-la merecedora doutro destino, nascida para tudo que é magnífico pelo amor, e grandioso pelos instintos nobres; mas essas virtudes, raro atendidas neste pérfido jogo de paixões vis em que nos falseamos uns aos outros, passam quase sempre desapercebidas. Vossa excelência não pode reputar-se absolutamente infeliz. Verá que há de ainda colher consolações das lágrimas que hoje semeia. A consciência da sua fidelidade à simples memória do pai do seu filho há de dar-lhe assomos de alegria. O sorriso angélico dessa criança, medrando em belezas e inteligência, à sua vista, virá com o bálsamo do amor cicatrizar-lhe as feridas que hoje sangram. Dona Augusta

será apontada como modelo das mães, e até das vítimas de uma paixão mal indemnizada. Repare que sinto o que digo. Eu juro pelos seus sofrimentos, que sou incapaz de trazer aos lábios uma consolação frívola, uma impostura reprovada pela consciência. Tenho-lhe dito o que só podem dizer amigos, e vou daqui sem pesar de me ter esquecido uma só ideia com que deva demovê-la ao fatal propósito em que está...

— Que quer que eu faça, senhor?

— Que se recolha ao Candal.

— Nunca! Nunca! Nunca!

— Augusta estremecera a cada uma dessas exclamações, como se a farpa de uma serpente lhe entrasse no coração.

— Não tenho mais que lhe diga... — murmurou com severidade o jornalista, ressentido da impotência do seu discurso, e até ferido na sua vaidade de orador persuasivo. Devo retirar-me, não é assim?

— Quando queira; mas... não me condene sem me ouvir... Eu não quero neste mundo coisa alguma senão o

amor de Guilherme: não vivo... não posso viver sem ele. O Candal seria um incessante despertador do meu perdido paraíso... Toda a minha felicidade de um dia, transformada em horrível solidão, aí, nesse mesmo quarto, nessas salas, nesse jardim, debaixo desse céu onde vivi, onde amei, onde morri... ó senhor... não posso, não posso... ia morrer vagarosamente, morrer em todos os minutos, assistir à passagem dos dias, dos anos, sem esperança, sem voz alguma, que me minta, ao menos, que me afigure possível tornar ao que fui, ao amor daquele homem... Sou menos desgraçada aqui... o meu filho morrerá no meu seio, não poderá sobreviver-me, não abrirá os olhos à luz do mundo, não pedirá uma esmola ao verdugo da sua mãe... Se não morrer... se Deus me quer punir com a vida... trabalharei para sustentá-lo, pedirei esmola para educá-lo... Educá-lo, meu? Deus!... Para quê? Não, não. Eu era mais feliz se me deixassem na escuridão da minha ignorância... Seria bom apurarem-me a sensibilidade com a delicadeza dos sentimentos... mostrarem-me a luz e fugirem-me... darem-me ambições de um ideal que eu só sabia desejar e não quereria nunca ver realizado?... Foi uma loucura... uma crueldade... O meu filho será um operário... um jornaleiro,

um homem que se encoste a uma pedra, e adormeça cansado de trabalho... Não me creia demente, senhor... É um propósito que não desmentirei... e para levá-lo ao fim preciso de viver obscura e pobre na casa onde morreram meus pais, entre estas quatro paredes onde nasci, trabalhando em suspensórios, trocando o trabalho de cada dia por um bocado de pão, velando as noites para granjear o almoço do dia seguinte, ensinando ao meu filho com fingido contentamento a alegria na miséria. Eis aqui o meu futuro. É uma tenção que me não sairá da alma enquanto a vir escrita no céu... e proferida pelos lábios da minha pobre mãe, que, há vinte meses, morreu nesta mesma cama... Que horrível lembrança!... Um cadáver a sair, e a desonra a entrar... Agora, sim... o que eu sinto... é um sofrimento horroroso... O meu Deus, meu Deus, tende compaixão de mim!...

Augusta erguera as mãos suplicantes, e o poeta em pé, com os cabelos hirtos, testemunhava trémulo, e até supersticioso, aquele lance. Queria ocorrer com palavras; todas, porém, lhe pareciam vãs e frias, Voltou com religioso tremor as mãos de Augusta, e sentiu-as de gelo. Aquela

cara cadavérica pendeu lentamente para os braços dele, e duas lágrimas, ao longo das faces roxas, caíram-lhe nas mãos já frias, como as últimas que fogem dos olhos com a luz.

Augusta desmaiara. O poeta encostou-a ao travesseiro, e correu a chamar Ana, ao mesmo tempo que o artista aparecia na extremidade da rua. Pouco depois, entrava o primeiro cirurgião, deparado às diligências ansiosas do literato. Augusta tornara a si; mas o facultativo disse que a não contrariassem, porque a demência era o desfecho natural daqueles ataques repetidos, qualquer que fosse a causa.

Dois meses depois desta cena, que ameaçava o trágico desfecho vaticinado pelo facultativo, o poeta passeava a cavalo nas pitorescas alamedas de Lordelo, e viu ao longe, a um lado da estrada, uma mulher que lhe pareceu Augusta, sentada na raiz de um pinheiro. Parou o cavalo, e afirmou-se. Na incerteza, não ousou saltar a baixa parede que o separava do pinhal. Quem quer que era, parecia fixá-lo também.

Instantes depois, o jornalista indeciso viu um homem, com um jumento à rédea, subindo do recosto de uma pequena colina em direção a Augusta. Era ela, não podia deixar de ser, porque o homem era o fabricante. Esperou.

Augusta sentara-se nas andilhas, ajudada por Francisco, que, a par com ela, erguia, um guarda-sol para lhe não darem de frente os raios ainda quentes do Sol no ocidente.

O jumento vinha saltar num portelo a pouca distância do poeta. Perto dele, o fabricante parou, e alguma coisa disse a Augusta que a fez empalidecer. Todavia, não alteraram o roteiro.

O jornalista apeou, lançou as rédeas ao pescoço do cavalo, e foi cumprimentar Augusta. O artista recebeu-o afavelmente, e foi pegar nas rédeas ao cavalo, que não quisera parar. O literato não consentira; mas o fabricante instara.

— Tenho tido o prazer de me informar das suas melhoras progressivas, minha senhora — disse o poeta.

— Estou melhor... dizem que estou.

— E eu também o digo... Vejo-a magra, e descorada; mas está em convalescença.

— Mandam-me dar alguns passeios à tarde; é um sacrifício que eu faço ao meu primo; de quarto em quarto de hora, preciso apear-me para descansar.

— Mas a vista deste belo panorama deve ser-lhe muito saudável para o espírito...

— Isto deve ser agradável para quem não sofre do corpo... A matéria, se sofre, tem impertinências despóticas sobre a alma... e a vossa senhoria como passa?

— Bem, minha senhora.

— Disseram-me, pouco depois que esteve na Rua dos Arménios, que saíra do Porto.

— É verdade, minha senhora... e naturalmente sabe que estive...

— Nada, não sei...

— Na província da Beira Alta...

— Ah! ... já sei... não falemos nisso... Li nos jornais...

— Que leu nos jornais, senhora dona Augusta?

— Vou-me recolhendo, que arrefece a tarde...

— Minha senhora, eu desejo o seu completo restabelecimento... Vossa excelência creia que eu capricho em ser pontual nas minhas afeições... Qualquer ocasião que me dê no seu serviço é urna nova prova de estima.

— Muito agradecida... Vamos, Francisco.

O fabricante não ouvira bem as palavras entrecortadas do diálogo; reparou, porém, que a sua prima de lívida se tornara encarnada, e projetava dos olhos a irradiação ameaçadora da congestão cerebral, que há um mês a não assaltava.

— Eu não to disse, Augusta? — murmurou ele.

— Não é nada: isto passa... É preciso habituar-me a encarar as testemunhas da minha vergonha...

— Não digas isso assim...

— Basta que o sinta, não é verdade, Francisco?

— Não posso ouvir-te falar em vergonha... Dava a minha vida para que te esquecesses do passado...

— Também eu a dava... só dando-a... só morrendo é que se esquece...

— Que te disse ele?... Falou-te em...

— Em Guilherme?... Não... Disse-me que estivera na Beira Alta... Foi talvez o encarregado de enviar as certidões para o casamento... Eu disse-lhe que já o sabia... Fiz bem?... Fiz... fiz muito bem... Quis que ele soubesse que me não importava... Era uma dor infame a minha saudade, se eu a sofresse... uma ignomínia, uma vergonha sobre outra vergonha... Fiz muito bem... Não sinto nada... tenho-lhe ódio... Se fosse homem... matava-o...

— Que tens, Augusta? — acudiu sobressaltado o fabricante, vendo-a vermelhecer cada vez mais, e agitar-se em ímpetos convulsivos sobre as andilhas.

— Matava-o, sim! — disse ela, como se não ouvisse a interrupção. — Deixa-me ter o meu filho... Oxalá que seja um homem... Hei de dar-lhe um punhal e dizer-lhe: “Aquele homem, que te não chama filho, cobriu de lama a tua mãe; tirou-a do regaço da inocência e lançou-a no inferno de toda a vida; arrancou-lhe uma coroa de flores, e encravou-

lhe outra de espinhos. Vinga-me, filho; lava-me com o sangue dele este ferrete da face. A tua mãe arrasta-se desonrada, há dez, há vinte, há trinta anos... Mata-o, filho e depois... e depois... "

Augusta caíra de bruços sobre os braços de Francisco. Os últimos sons daqueles lábios, que espirravam sangue, foi uma gargalhada com aquele timbre arrepiador da demência.

O fabricante lançou fôra as andilhas, montou a cavalo, tomou a sua prima nos braços e conduziu-a à fábrica do seu patrão, que era perto.

Francisco não receava a demência da sua prima. Sabia que o acesso acabava pela perda dos sentidos, recuperados meia hora depois. Assim fôra. Ao anoitecer, Augusta entrava na casa da Rua dos Arménios, e recebia das mãos da Sra. Ana um caldo confortativo. Deitara-se, e conversara com o seu primo até alta noite. Adormecera tranquilamente, enquanto ele, velando, com os olhos cheios de ternura, parecia contar-lhe as pulsações do coração que arquejava debaixo do lençol guarnecido de alvíssimas rendas.

Desde essa tarde do encontro, Augusta nunca mais saiu. Nem ela queria, nem o seu primo instava. Erguia-se às horas em que Francisco visitava a fábrica. Sentava-se a trabalhar em roupas brancas, e depunha a agulha quando o fabricante lha tirava com delicada violência. Lia dois jornais que o artista trazia de Lordelo, e parecia deleitar-se com os folhetins do jornalista, onde ela se conhecera representando sob a epígrafe: Estudos do Coração Humano. As alusões eram lisonjeiras; mas o remate do entrecho não era o seu. A mulher meio fantástica do poeta endoidecia; e ela raciocinava ainda para conhecer que a doida tivera muito pouca coragem no sofrimento. O seu primo não lia; mas, lendo, não encontraria os pontos de contacto.

Eram passados cinco meses depois que o médico prognosticara a enfermidade de Augusta. Os sintomas externos já não deixavam dúvida. O fabricante observara a sua prima que já não era fácil esconder-se aos olhos da Ana do Moiro.

— E achas que devo esconder-me?

— Parece-me que sim. Não me disseste, Augusta, que tencionavas criar o teu filho ocultamente?

— Disse... mas já me não lembra com que fim o disse...

— Eu também o não sei...

— Ah!... já me recordo... não quero que ele em tempo algum conheça a sua mãe para se não envergonhar... Tens razão, Francisco; devo esconder-me de toda a gente, menos de ti... E tu disseste-me que, a todo o tempo, farias que o meu filho conhecesse o seu pai...

— Disse, e torno a dizer...

— Pois sim; mas não repisemos este assunto... Não posso falar nisto.

— Talvez que não faças o que dizes, quando o vires...

— Não farei?... Nesse caso não quero vê-lo... Daqui a quatro meses hás de ter preparada uma ama, sim?

— Tudo está ao meu cargo...

— Pareces-me um anjo, Francisco! Como Deus te fez bom! Tu não me odeias?

— Não, minha amiga, sou sempre teu primo, teu irmão.

— Quem dirá o coração que tens!... Nunca tiveste um instante de aborrecimento ao pé de mim?

— Não: o que me custa é ter de te deixar sozinha algumas horas.

— Então, por lá, sentes muitas saudades da tua Augusta?

— Só Deus o sabe! Quando me recolho, trago o coração aos saltos de alegria por te ver... e às vezes é de medo com o susto de te encontrar pior.

— Que nobre alma!... E não te lembras que te desprezei por um homem que me desprezou?

— Não fales nisso, Augusta...

— Não sentes o prazer de te vingar, sendo a Providência que te vinga?

— Não: se Deus me ouvisse, eras tu feliz. Se te visse outra vez feliz com esse homem, não te aborrecia.

— Não vês que tenho lágrimas nos olhos?

— Mas não quero que chores... Não sei a que vêm essas lágrimas agora...

— São boas sempre: as de gratidão são doces... são as que deve chorar um filho no seio da sua mãe.. Há de ser tão santo o amor de mãe!.. Olha, Francisco... e se eu criasse o meu filho?

— Faz a tua vontade, Augusta...

— Não, não quero: toda aquela mãe que não poupa o seu filho à vergonha de ter nascido sobre umas palhas não é boa mãe.

— Eu posso fazer que o teu filho durma em cama de prata. Tenho créditos para muito mais.

— Não, meu caro amigo... Não perjuro... O juramento de uma desgraçada é mais infalível que a palavra de um rei... Disse, há de cumprir-se. Ainda que eu queira outra coisa, alguma vez, arrebata-me o meu filho dos braços, sim?

— Não sei, Augusta... O teu filho é meu sobrinho... hei de querer-lhe como se fosse também meu filho...

— Pois tu não fazes o que disseste?

— Hei de fazer o que tu quiseres no momento em que ele vier à luz.

CAPÍTULO XXVI

Ao escurecer de um dia de Agosto de 1847, entrara, na casa da Rua dos Arménios, o médico que, oito meses antes, se despedira, oferecendo o seu préstimo para oito meses depois. Não faltara à sua palavra, visto que a natureza também não faltara à sua.

A Sra. Ana do Moiro, que o vira entrar, dizia a uma vizinha que a pobre rapariga estava muito doente, e há mais de três meses que se não erguia da cama. Acrescentava que a cara não era de doença, até lhe parecia nutrida, e muito cheia do peito; mas — observava a vizinha — seria “ostrução”, ou estaria “hidrólica”.

Repararam elas que o fabricante saíra, quando o médico entrou. “Irá à botica”, dizia uma. “Mas o médico não teve tempo de receitar”, emendava a outra. “Então não seria o médico?”, replicava a Sra. Ana. “Não seria, não: o Diabo o jure!”, concluía a vizinha.

E o mais é que o artista não saía para longe da porta... Ia e vinha, parava e retrocedia, umas vezes limpava o suor, outras fitava o ouvido inutilmente na direção da porta.

— Quer vossemecê ver que o sujeito que entrou é o tal Guilherme, que pôs o Francisco no andar da rua?

— Também me está parecendo isso! Eu, se fosse vossemecê, ia até lá como quem não quer a coisa.

— Nessa não caio eu. Não me abriam a porta, e Augusta está mesmo uma espevitada da breca; por dá cá aquela palha prega um recado que leva o coiro e cabelo... Olhe... lá torna o Francisco para a porta.

— Pois olhe que não é outra coisa... é o figurão que fez as pazes com ela.

Oxalá, que a pobre da rapariga tem-lhe amor de raiz. Se vossemecê a visse aqui há tempos, quando lhe davam os fanicos!... Chamava por ele, e dizia umas palavras assim a modos de estrangeiras, que eu estava pasmadinha a ouvir-lhas. O Francisco não me deixava lá parar nessas ocasiões; mandava-me embora e eu nunca pude perceber nada do

que ela dizia; mas aquilo enquanto a mim, era paixão de alma.

— Seria o Demónio que se lhe meteu no corpo, salvo este?

— Não, tia Antónia Melra, pelos modos o Demónio não era. Bom Demónio, enquanto a mim, é o amor de raiz, que não deixa arranjar a gente a sua vida quando ele pega deveras. Olhe que eu já sei o que isso é. Quando andei de namoro com aquele granadeiro da polícia, vossemecê bem se lembra, que cheguei a tomar verdete.

— Ora, se lembro, e se não fosse a mãe de Augusta vossemecê espichava.

— Deus lhe fale na alma... foi ela que me botou pelo gargalo abaixo uma tigela de azeite... eu fiquei muito tempo na cama, que me pus mesmo um pelém. Que leve o Diabo paixões e mais quem com elas medra! Não é assim, tia Melra?

— Diz bem, tia Ana, já esse dito era muito do seu pai, Deus lhe fale na alma.

— Vossemecê ainda se lembra do meu pai?

— Ora se lembro! Era um mocetão valente como as armas! O tio António Moiro, aquilo foi uma pena matarem-no os franceses, e foi a troco de ele querer defender a casa do homem que morava...

— Onde mora Augusta:.. isso sei-o eu bem.

— Diziam que era tão rico o tal João Antunes... e nunca se soube onde ficou a riqueza! Parece-me que o estou vendo!... Era um pacabote baixo, com uma cara escaveirada, não dava os bons-dias a ninguém, e andava sempre embrulhado num josezinho de camelão... Parecia mesmo um pobre. Eu era então rapariguinha de dezasseis anos, quando foi pelos franceses, e ele chamou-me uma vez lá dentro, e disse-me, se eu lhe botasse umas costas numa camisa, que me dava os bocados de linho que não servissem. Veja vossemecê que sovina ele era... O mais certo é que os franceses o mataram, e lhe pilharam o dinheiro... Olhe, tia Ana, lá se abriu a porta de Augusta...

É o tal homem que sai... E lá está parado a falar com o Francisco. Ele aí vem... Olhe vossemecê, que está mais perto, se o conhece.

— Não lobrigo nada... O Francisco lá entrou...

Augusta está prostrada numa profunda letargia. Os braços nus escorrem um suor frio, e as faces parecem mortas. Francisco desdobra um lençol, que envolve um objeto colocado sobre uma caixa ao pé da cama. É uma criança recém-nascida, ou antes, nunca nascida, se o nascimento começa pela vida. Os lábios do artista roçam com um beijo a face angélica do pequenino cadáver. Augusta, como se o ardor daquele beijo se refletisse nas faces dela, abre os olhos espavoridos, arrevesando-os? convulsivamente.

— Augusta... — murmurou Francisco, depondo o feto no lençol.

— Dá-mo — balbuciou ela.

— Para quê?

— Deixa-me beijá-lo.

— Pois não sabes?

— O quê?

— Está morto.

— Morto! — exclamou ela, esforçando-se, até se sentar no leito. — Dá-mo, dá-mo, que é impossível que esteja morto...

— Disse-o o médico, Augusta.

— Não importa... quero vê-lo... Passou-lho aos braços. Augusta aqueceu-o, com beijos, e banhou-o de lágrimas, como se lágrimas e beijos de mãe pudessem ressuscitar um filho!...

— Está morto!... já não duvido... Senti-o morrer... bem me lembra quando foi... — E, depois de um êxtase de alguns minutos, prosseguiu, banhada em lágrimas: — Uma vez que me disseram... que me disseram, não... lembras-te quando me trouxeste aquele jornal que dizia... “Guilherme casa”... Foi então... senti uma dor agudíssima, um estremecimento nas entranhas... Eram os paroxismos desta criança... Ei-la aqui morta... Deus o quis... Não pedirás contas à tua mãe, meu anjo!... Não dirás ao teu pai que tens direito à parte do coração que a sua mãe perdeu... Não pedirás uma esmola... Não amaldiçoarás quem te lançou ao mundo... Vai, vai para o Céu, anjinho; pede ao Senhor pela tua mãe... pede-lhe que me leve junto de ti... que as minhas

aflições purificaram-me para eu poder seguir-te na bem-aventurança... Vai, meu filho... quis-te Deus... Foram as minhas lágrimas que te resgataram do cativeiro do mundo...

Augusta recaíra no letargo. O artista viera à porta, onde ouvira rumor de quem espreita, roçando a face nos rótulos do postigo. Deram-lhe de fôra um sinal convencionado. Abriu a, porta.

— E vossemecê?... Entre; mas já não é precisa: o menino nasceu morto.

— Pois pena foi que não fosse batizado... era um anjinho... — disse a destinada ama de leite, dando a razão teológica em conformidade com os melhores praxistas.

— Vá vossemecê ao quarto... arranje lá o que for necessário, enquanto eu preparo um caldo.

— E a mãe está mal?

— Penso que não, graças a Deus. Está muito quebrantada.

— Pudera não; isso não há de ser nada; ponto é que não se aflija, senão sobe-lhe o parto à cabeça.

Com este rasgo de erudição obstétrica, a sisuda aldeã foi, como experiente que era, finalizar as necessidades inerentes à puérpera.

Francisco ministrou o caldo à sua prima, que o tomou maquinalmente, e adormeceu com uma serena placidez.

Duas horas depois, voltou o médico, e disse que não havia nada a recear, prometendo tornar no dia imediato. A ama inútil retirou-se a amamentar o seu filho, a quem negava a nutrição para alimentar um filho alheio, prometendo lançar o seu na roda dos expostos.

Era dia. Francisco passara a noite contemplando o filho da sua prima, e observando o menor estremecimento da mãe.

Augusta acordara sobressaltada, pedindo o filho com gemidos que partiam o coração.

— Está ali... O que lhe queres, Augusta? O menino está no Céu. Oxalá que Deus nos tivesse chamado na idade dele.

Agora do que se trata é de o enterrar.

— Pois sim, Francisco... Vai enterrá-lo ao pé da minha mãe...

— Pois queres que se dê a saber isto ao pároco? Então para que te escondeste tanto! Isso não tem jeito... Se o levo à igreja, devo dizer de quem é filho...

— Sim?! Não quero, não quero... — exclamou Augusta com estranha resolução.

— E, se ninguém o sabe, para que há de saber-se agora que ele está morto?

— Lembras-te de alguma coisa?

— Se quisesses, enterrava-se aqui...

— Aqui?!

— Sim, Augusta. Não é pecado, porque não é cristão; sem a água do batismo é como se não fosse nada.

— E não está no Céu?

— Isso é de fé.

— Deve estar... Que importa o mais?... Pois sim... enterra-o aí... terei sempre os seus ossos comigo...

— Tu prometeste que saías desta casa para a minha de Lordelo, que comprei com essa condição... que tem que o menino aí fique?

Ficará sendo esta casa a sua sepultura... Virei visitá-la muitas vezes. Mas... não será um crime... Francisco? E se o acham enterrado?

— Quem?! Esta casa nunca mais se abre.

— Pois não abre?! Esta casa é da Ana do Moiro.

— É minha, que lha comprei eu... é tua, Augusta...

— O que tu tens sido para mim, Francisco... — disse Augusta com os olhos vidrados de lágrimas, e uma doçura de expressão encantadora para quem a ouvia, mas dolorosa como um remorso para ela.

— Não chores, senão arrenego-me... Não fiz senão o meu dever. Vamos ... mãos à obra ... Queres dar um beijo no menino?

— Sim... quero... Não posso... tira-mo dos braços, por misericórdia... Faz o que quiseres... Que vida, meu Deus!...

— Augusta, não chores assim... Queres ver o sítio da sepultura?

— Não, não... Corre-me essa cortina, Francisco...

O fabricante afastou uma troixa de roupa amontoada a um canto, e levantou uma tábua curta; depois cavou, abalando a terra com um ferro de monte, e tirou-a na pá da enxada. Mediu com o cabo a profundidade: tinha apenas um palmo. Continuou a escavação, alargando a abertura da cova. Eram já dois palmos. Estendeu o cadáver na sepultura, e pareceu-lhe que ficava muito à flor da terra. Enterrou quanto pôde a alavanca, bateu em corpo duro, mas que não dava o som de pedra. Escavou corri a sachola, com as mãos, e com o ferro desencabado para mais prestes deslocar a pedra que o estorvava, ou cavar outra cova, sendo a pedra imóvel.

O gume da sachola raspara em pau. "É algum bocado de trave velha, que ficou enterrada quando foi o fogo", refletiu ele. Mas a superfície desse pau era lisa como tábua, tinha

quatro lados, e não vacilava por nenhum deles. Quis introduzir a ponta de um ferro por qualquer dos quatro lados, não pegava em nenhum. — Isto tem a forma de um caixão! — disse ele a meia voz.

— Que é?! — perguntou Augusta.

— Não é nada... Eu falo-te já.

— Falaste em caixão...

— E cá uma coisa... E prosseguiu na tarefa com ansiosa freima. Correu a mão por um dos lados do suposto caixão: encontrou uma argola. Estremeceu, sem saber porque estremeceu. Quis exumar o quer que era, tirando com toda a força pela argola: não fez sequer vacilar o objeto. Raciocinou, procurando outra argola do lado oposto: lá estava. Acurvou-se sobre o fosso: puxou valentemente por ambas, ergueu um caixão quadrado.

— Augusta! — exclamou ele.

— Que é?!

— Não sei... lá vou...

Afastou com o ombro a cortina, e poisou o caixão sobre a cama de Augusta.

— Que é isto?! — disse ela.

— Não sei... desenterrei-o... Vou ver... Aqui há uma fechadura... espera.

Foi buscar um formão, entalou-o no friso formado entre a tábua da tampa falsa e outra que se abria à maneira de alçapão. A fechadura estalou. Viram seis gavetas fechadas. Abriu a primeira, eram rolos de papel amarelado pelo tempo.

— Dinheiro! — exclamou ele, desembrulhando o primeiro sofregamente.

— Oh, meu Deus! — disse como assustada Augusta.

— São peças... outra também de peças... dinheiro em papel... outra de peças...

Faltava abrir duas. Eram brilhantes soltos, adereços completos, anéis, pontes, cruzes, pulseiras, cadeados, fivelas, medalhas, colares...

Que riqueza! — exclamou o fabricante com o entusiasmo do delírio, com os olhos chamejantes de um brilho febril. — Isto é teu... é nosso, Augusta!

— Meu!... Meu!... Não pode ser... — replicou Augusta, arrastando-se até ao caixão insensivelmente.

— Sim!... É teu... És rica, és riquíssima, Augusta... Não há fidalga mais rica do que tu!... Foi Deus que assim o quis!

— Isto é um sonho!... — murmurou ela, não podendo suster-se sob o peso da impressão.

— Não é sonho... E Deus que te dá esta riqueza...

— Em paga do meu filho? Não a quero...

A terra que cobrira o tesouro de João Antunes da Mora, durante trinta e oito anos, cobre hoje a ossada do filho de Guilherme do Amaral.

Agora, leitora, ponha o livro sobre a sua mesa de estudo, sobre o livro ponha o cotovelo, à palma da mão direita encoste a sua face formosa, e adormeça, cinco anos, sobre os acontecimentos que viu desenvolvidos com uma

fidelidade digna de melhor emprego. Passados cinco anos, acorde, e leia o capítulo seguinte.

CAPÍTULO XXVII

Correram, pois, cinco anos. O jornalista não obtivera direta nem indiretamente informações de Amaral. Soubera, apenas, de um provinciano, vindo ao Porto, que o seu amigo, pouco depois que saíra de Portugal com o seu tio, fizera vender a um brasileiro a sua melhor quinta na Beira-Alta por quarenta mil cruzados.

Afeito com os homens, e homens como eles, o poeta desculpava o esquecimento de Guilherme, porventura embelezado nas delícias fantasiadas na carta que o leitor viu. De lá, nas grandes capitais, relacionado com as grandes sociedades, a pátria devia parecer-lhe mesquinha coisa, e os amigos que deixara nela, uma lembrança fugitiva sem traços no coração.

Querendo explicar doutro modo o silêncio do seu amigo, o jornalista justificava-o com o azedume que a sua última carta devia causar-lhe, por ser uma censura agra à má

índole do desprezador de Augusta e ao baixo carácter do perseguidor da prima.

Como quer que fosse, o patrono da costureira, galardoado pelos aplausos da consciência, não lamentava a quebra de uma falsa amizade.

Para o poeta, contente no seu procedimento nas complicadas situações deste obscuro drama, a vida de Augusta era um quadro triste em que ele deliciava a imaginação, propensa a tristezas, ou depravada no gosto, depois que provou de todos os venenos da alegria. Pensava ele que desempenhara com honra todos os deveres de homem honesto para com Guilherme, sem desvirtuar a consideração que deu, e poucos teriam dado, à costureira da Rua dos Arménios.

O leitor não quer que lhe moralizem os sucessos, porque, bendito seja o Senhor, não lhe falta bom juízo próprio para moralizá-los. Aqui o que precisa saber-se, e quanto antes, é o que fez Augusta daquele dinheiro e daqueles brilhantes. A curiosidade é justa, até porque eu, distinto mexeriqueiro destas trapalhadas humanas, a primeira coisa que

perguntei quando me contaram esta história foi justamente o que a rapariga fez ao dinheiro.

Porque a verdade deve dizer-se: todas as perguntas são frívolas quando se trata de perguntar solenemente quantas ações Augusta comprou do caminho-de-ferro... Parvoíce!...

O caminho-de-ferro nem sequer ainda então pesava na imaginação fomentadora dos Colberts embrionários. A incubação do ovo não estava ainda no seu período final.

Tudo isto passou-se naquele tempo, que éramos bárbaros, e os caminhos-de-ferro, incompatíveis com a nossa selvajaria, estavam ainda no catálogo das utopias. Isto agora é outra coisa. Daqui em diante até o romance nacional há de ter mais vida, mais lances, mais animação. O autor andará com ele de terra em terra, graças à facilidade do transporte, respigando aqui e além cenas palpitantes da vida do próximo e da próxima. A cor local ser-lhe-á mais barata e mais correta. O leitor terá propício azo de saber como se vive a dez léguas da sua casa, e fará então inteira justiça aos beneméritos filhos da pátria, que, primeiros, desceram das regiões da quimera, para nos favorecerem com a viabilidade pública, manancial de todas as riquezas e

elemento indispensável para a extração dos cereais e dos romances.

Nisto pensava o jornalista, num momento de fervor patriótico, quando lhe entregaram a seguinte carta, carimbada em Madrid:

Meu caro

Se ainda vives, dou-te os parabéns. Se morreste, “repoisa lá no céu eternamente. “ Amanhã parto por terra para Lisboa. Tenciono aí demorar-me, e depois... não sei o que será de mim. Aparece, se tens ainda uma vaga recordação do teu amigo

Guilherme do Amaral.

N. B. Vou hospedar-me no Hotel de Itália, Rua de S. Francisco.

A julgar do rosto do poeta, esta carta parecia causar-lhe um extraordinário prazer! Deixou numa conjunção suspenso

um período arrepiador do drama que escrevia. Saltou para o meio do quarto, e executou quatro piruetas, rindo-se para a carta com os mais seguros sintomas de idiota feliz.

Mal se tinham aquietado os pensamentos cómicos que lhe tumultuavam na cabeça, e tais que lhos não podemos devassar por enquanto, recebe outra carta, vinda de Lisboa pelo vapor.

Riu-se para o sobrescrito, exibiu segundo espetáculo de piruetas e leu, sorrindo sempre:

Meu amigo

Deixou de cumprir a sua palavra. Esperamo-lo no Vesúvio? e V. S. a nem sequer nos diz a causa da sua falta! É todo de literatura, e a mulher que o amar tem de sucumbir a tão poderosa rival. Seja-lhe infiel, e venha no próximo vapor conversar com os seus amigos. O meu marido diz que V. S. a não gosta da nossa hospedagem. Desminta-o não se demorando. Bem conhece quanto é caro à sua velha amiga

Baronesa de Armamar.

“A grande comédia!...“, pensava consigo o poeta, passando do riso descomposto a uma seriedade trágica. “ A grande comédia humana! Pois não é tudo isto um acaso aqui na terra! Podem imputar-se estes disparates ao providencial governo de um Deus justiceiro, razoável, e, sobretudo, sério! Acaso, e mais nada!”

Esta oração mental, pouco edificante, foi interrompida por um criado, que anunciava a Sra. Joaquina. O leitor ainda não conhece a Sra. Joaquina, e vai assistir a uma cena importante, da qual nem por isso ficará sabendo melhor a razão porque a Sra. Joaquina se acha figurando quase nas últimas páginas deste exemplar romance.

A Sra. Joaquina entrou com um menino no colo. É uma bonita criança de quatro ou cinco anos, vestida de xadrez escarlate, com guarnições de arminho nos pulsos e no pescoço, e um bonito gorro de veludo preto com pluma branca sobre os encaracolados cabelos loiros que lhe ondeiam nas espáduas.

O pequeno salta dos braços da Sra. Joaquina, rindo e pulando, para os braços do poeta, que o enche de beijos.

— Estava morto por cá vir — disse a mulher, compondo-lhe as saias arregaçadas — Desde antes de ontem que ninguém o atura. Está sempre: “Papá , papá; quero ir ao meu papá... “

— Pois fez muito bem em trazê-lo... Se não viesse hoje, tinha de mandá-la chamar, senhora Joaquina, porque me parece que vou fôra da terra, e demoro-me alguns dias, se não forem meses.

— O papá vai-se embora? — perguntou o menino.

— Vou, mas torno, Joãozinho. — Tem saudades de Mim?

— Não queria que fosse... Se vai, choro, e quebro a loiça à mãe Joaquina.

— Olha o mau! — replicou a ama. — É com que lhe dá! Às duas por três, quebra-me a loiça, e se eu lhe ralho, deita-se ao chão, e dá em espolinhar-se, que parece mesmo que tem no corpo coisa ruim. Vossa senhoria bem lhe pode ralhar, senão há de dar contas a Deus do mimo que dá a

este traquinas... Olhe a fazer beicinho! Vê como está melindroso? Não se lhe pode dizer nada...

— Não chore, Joãozinho — disse, acarinhando-o, o amigo de Guilherme. — Faça uma careta bem feia à mãe Joaquina...

O pequeno fez a mais feia das caretas que sabia, e riu-se depois com a satisfação de uma solene vingança.

— Já se ri? — disse a ama. — Dê-mo cá, que lhe quero dar muitos beijos como castigo! Sempre lhe quero!...

Se mo tirassem, assim me Deus salve, que eu botava-me às dezoito braças...

— E porque hei de eu tirar-lho, senhora Joaquina? Vossemecê tem sido uma boa ama. Joãozinho decerto não tem sentido a falta da sua mãe, que Deus lhe levou tão cedo.

— Ainda bem que lhe deixou um tão bom pai... Poucos fazem pelos filhos que não são de matrimónio o que a vossa senhoria faz por este. Ande lá, que Deus há de ajudá-lo e nunca lhe há de faltar com quem pôr este menino onde quiser. E olhe que ele sabe agradecer-lho. É uma coisa que

faz pasmar, o amor que este menino tem ao seu pai. Assim que diz papá, riem-se-lhe os olhos, e todo ele parece de arames. Bendito seja o Senhor! O que é o sangue!

— Sim, decerto, é o sangue... — disse, sorrindo para a criança o jornalista. — Ora, pois, senhora Joaquina, vossemecê vai receber o ordenado de dois meses adiantados. Sabe a quem se há de dirigir no caso de eu me demorar, e lhe seja preciso algum extraordinário?

— Ao mesmo senhor onde vou, quando vossa senhoria está por Lisboa alguns meses?

— Justamente. Eu parto depois de amanhã.

— E eu também — atalhou o menino.

— Também quer ir, Joãozinho?

— Sim, papá, quero ir contigo, senão quebro a loiça à mãe Joaquina.

— Isso não se faz, menino. Não sou seu amigo se quebrar a loiça, e quando voltar mando-o para um colégio, e não me torna a ver.

— Então dê-me um tambor e uma pipia, e uma espingarda e um barquinho.

— Pois sim, amanhã lá mando essas coisas: mas, se fizer travessuras à senhora Joaquina, nunca mais lhe dou brinquedo nenhum.

— Olha como ele está lindo! — atalhou a ama com amoroso entusiasmo. — Parece um anjo! Ainda lhe não perguntei uma coisa, meu senhor, e ando morta por perguntar-lha.

— Diga lá, senhora Joaquina.

— A mãe deste menino era assim bonita? Perdoe-me o atrevimento.

— A mãe deste menino... a mãe deste menino... — tartamudeou o poeta.

— Está no céu, papá — atalhou o menino com estranha vivacidade.

— Quem lhe disse que estava no céu, Joãozinho?

— Foi a mãe Joaquina.

— Pois se ela morreu, onde há de ela estar? – perguntou a ama.

— Eu não sei onde ela está... — disse o jornalista como se falasse consigo, pela reconcentração com que o disse — Se eu soubesse onde ela está — dava-lhe tudo, menos... este filho...

Joaquina não o entendeu, e o leitor, por mais que esperte o entendimento com o beliscão da curiosidade, não compreenderá melhor.

CAPÍTULO XXVIII

Em Março de 1851, doze dias depois da cena misteriosa do anterior capítulo — de todos eles o mais ressabiado do tempero romanesco — o jornalista pela terceira vez procurava Guilherme do Amaral, em Lisboa, Rua de S. Francisco, Hotel de Itália.

O sobrinho de Teotónio Vaz apeava à porta da hospedaria, quando o seu amigo retirava, quarta vez, sem encontrá-lo. O poeta pasmou, vendo-o sozinho, e quase o não conhecia pelas longas barbas que o desfiguravam. @ Isso é que é pontualidade! — exclamou Guilherme, abraçando o perplexo jornalista.

— Vens só?!

— Com um criado.

— A tua família?

— Família!

— Sim... tu não és casado?

— Credo! Que pergunta à queima-roupa! Eu sou lá casado, homem? O meu anjo-da-guarda é um perfeito cavalheiro... Salvou-me dessa emboscada... Estás pasmado! Será que eu já não sei falar português!

— Falas corretamente... eu é que já não entendo língua nenhuma viva...

— Vamos para cima... Rapaz, recolhe os cavalos. Patrão, um bom quarto com uma boa sala. janto às sete horas da tarde, com este meu amigo, que fica sendo meu hóspede.

— Não posso... — acudiu o poeta.

— Porque não podes?

— Estou hospedado em casa de um amigo intolerante.

— Pois tu tens algum outro amigo? Isso é vaidade. É algum marido com reumatismo?... És chamado a neutralizar as impaciências da cônjuge avessa ao reumatismo matrimonial? Conta lá isso, bardo do pátrio Douro...

— Ia dizer-te que vens estragado das viagens, mas agora me lembra que não foste já muito são de cá... Isso é que é saber falar a linguagem picaresca do cinismo! ... Muito tens que me contar, meu caro Guilherme!... Pela amostra, vejo que se aproveita muito por lá, e não há nada para purificar corações como é rebatizá-los com a água lustral do Seria...

— Eu falo-te já, meu homem. Deixa-me mudar de fato, e lavar a cara com estas límpidas águas da pátria estremecida, e depois lá vou soltar a parlenda, e provar-te, com auxílio de Aristóteles, que não há asneira que não tenha um feliz resultado. Espera aí um pouco, e entretanto abre essa mala e tira-me para fôra essa trapalhada. Os meus baús chegam amanhã. Lá é que eu trago os meus ricos apontamentos de viagem, que vem a ser o padrão das minhas glórias literárias. Vou tornar-me um troféu nacional, o mimo da pátria, o primeiro plástico e estético do país. Isso é que tu não esperavas, decerto... Trago o músculo do coração, de vazio que era, cheio de grãos de mostarda que dá cem por um...

— A do Evangelho?

— Tu verás o que é... Ora aqui está uma ceroula sem nastro! Prova-se que o casamento é necessário para a ceroula. Ainda te não perguntei se és casado... Em que diabo pensas tu que não me respondes?! Se não me enganam as cortinas da alcova, estás meditando com uma cara seráfica...

— Estou recordando os nossos bons tempos...

— E verdade, que é feito da Cecília?

— Está ótima.

— Gorda, hem?

— E fresca, apesar de três filhos...

— Que se parecem tanto com o pai como contigo, hem?

— Estás bonito, Amaral!...

— E as filhas do barão da Carvalhosa?

— Agora é visconde.

— Casaram?

— Não.

— Devem estar velhas... E Augusta?

O poeta ergueu-se de um ímpeto de cólera, e voltando as costas ao interlocutor foi para a janela que dizia para o Chiado, assobiando por disfarce.

— Não respondes? — disse Guilherme, saindo da alcova, e vindo para o espelho da antecâmara compor serenamente o laço da gravata.

— És um cínico! — murmurou o poeta, sem encará-lo.

— Pois tu que pensas? Vem cá: tu queres saber como se fazem os homens assim? A história, suposto que compreenda a minha vida nos últimos seis anos, é muito simples, e diz-se em menos de quinze minutos. Eu tencionava guardá-la para a hora do jantar; mas, se me não dás a honra da convivência, aí vai a história. Senta-te: sê todo ouvidos: vais ouvir de língua pecadora o cântico mais inocente, mais angelical, mais arroubado do coração humano, como ele devia ser naqueles tempos em que a humanidade se sustentava de bolota, e bebia as águas límpidas dos regatos. Vai sendo grande o prefácio... Agora começo. Sei que recebeste uma carta minha de Londres, escrita em Fevereiro de 1847; e outra em que te pedia urna certidão de banhos corridos.

— A última que recebi.

— Foi a última, não há dúvida nenhuma. Depois dessa carta, a não participar-te o meu casamento com aquela divinal Leonor — aqui, Amaral riu-se de um modo célebre, e estorcegou o nariz como criança beliscada por cócegas de lombrigas — não devia escrever-te mais... não achas?

— Não sei porquê!

— Por amor-próprio. Tem-se mais vergonha de um amigo, que de um indiferente, quando se tem de confessar humilhamentos, vexames de vaidade, que são as afrontas maiores ao homem do meu génio. Aí vai o conto. Se bem me lembro, disse-te eu de Londres... que foi o que eu te disse?

— A respeito de Augusta?

— Não se fala agora em Augusta: isso é história à parte. O te que dizia eu de mim?

— De ti? Dizias-me que vivias com o teu tio e a tua prima nos arrebaldes de Londres, onde não chegavam as perseguições do belga. Dizias que venceras a resistência de Leonor, que não era senão um astucioso meio de te compulsar o coração. Pintavas o que era um grande amor,

amor único, amor que te endoidecia, amor que te envergonhava de teres crido noutros, que não eram senão ilusões, como Cecília, Margarida, costureira, etecetera. Denominavas-te o “Adão primitivo, extasiado nas delícias da natureza, como Buffon o descreve no Éden”. Ficou-me de memória esta nesga de folhetim, porque me servi dela na primeira ocasião em que me foi preciso escrever de modo que nem eu nem o leitor nos entendêssemos. Dizias, por fim, que tinhas pena dos que não podiam, como tu, ver tão encantador o mundo. Rematavas a tua carta, modelo de estilo e de enfatuamento, prometendo bater com a face na sepultura, logo que o prisma de tão amadas ilusões te caísse partido aos pés. Ora, como te não veio a face partida, é de fé que o prisma está inteiro.. .

— Ora aí está o que é uma chalaça fina! — atalhou Amaral, contrafazendo um riso de complacente indiferença, e enchendo de tabaco o pipo do cachimbo turco.

— Tens excelente memória — prosseguiu ele, vagarosamente, alternando as baforadas de fumo com as palavras —, e a crítica dos comentários é, palavra de honra, excelente! Não há dúvida que caiu o prisma, quebrou-se,

levou-o o Diabo, encarregado ab aterno de levar deste mundo muitas coisas boas, não sei porquê, nem para que fim! Altos e imperscrutáveis desígnios do Senhor, que manda moverem-se, à esquerda e à direita, as legiões dos demónios!... Pois, é verdade, meu caro poeta...

— O quê?

— Tudo o que eu te disse nessa ridícula carta. Sentia-o como to disse. Todas aquelas expansões eram um êxtase de felicidade, uma bravata contra o infortúnio, uma soberba de Lúcifer que, depois de despenhado, ainda pensa que vencerá na luta contra Deus. O meu céu deixara-o eu no Candal; era lá. Não sei que voz mo dizia no coração, e a cabeça, fantasiando asneiras, queria com o escárnio calar esse anjo bom que me chorava cá dentro... Aqui estou eu a desmandar-me para a poesia da desgraça! Terrível vezo! Ainda não pude emancipar-me de todo deste jugo da saudade...

— Saudades de quem?

— Eu sei cá! Saudades de tudo o que passou. Saudades da minha infância que estraguei, e da fortuna que repeli de

mim, cuspindo-lhe no rosto. Isto são assomos de febre, poeta. Não me estejas a espreitar as lágrimas nos olhos, que as não vês. Estão secos por um hálito infernal. Se os diques do que está represo aqui dentro se rompessem, sairia um sangue negro, como o vómito do envenenado... Estás morto de curiosidade? Tens razão, lá vou... Infandum, poeta, Jubes renovarem dolorem... Fuma este excelente charuto havano. Deu-mo em Madrid uma mariola, coisa divina, com propensões decididas para o humano. Verás que é excelente charuto... Aí vai o conto. A minha prima alcançou do seu pai que deixássemos os arrebaldes de Londres, e nos recolhêssemos à Bélgica. O meu tio consultou a minha vontade, e eu disse que não queria a menor violência feita à vontade de Leonor. Fiz-lhe crer que era amado por ela, e convenci-o de que a mansidão era o meio mais seguro de ela esquecer, se não tivesse já totalmente esquecido, o estudante. O velho não quis anuir de pronto à minha boa-fé: por fim cedeu, jurando na minha esperteza, que ele julgou superior à sua desconfiança senil.

Fomos para a Bélgica. Tive o gosto de conhecer a minha tia, mulher dos seus quarenta e quatro anos, ainda fresca,

erudita e filósofa, francesa em toda a extensão da palavra; e, se me não engano, contrariámo-la (seja isto dito em prova da sua filosofia) com a nossa chegada, porque a virtuosa dona mitigava o melhor que podia as saudades do meu ditoso tio Teotónio. Era uma mulher de espírito: está dito tudo.

Minha prima recebia-me na antecâmara do seu quarto, em presença da sua mãe, tratava-me com certo rebuço, que ela denominava “paixão com os seus mistérios”, e nisso, dizia ela, fazia consistir a sua ventura, visto que, por muito que nos amássemos, o dia do noivado seria o precursor do aborrecimento.

Esta profecia, em boca de menina apaixonada pelo seu futuro noivo, parecera-me anomalia! Era saber de mais em coisas que a mulher sem experiência nunca adivinha... não te parece? Ainda assim, como eu só conhecia vinte variedades de mulheres, julguei que aquela seria a vinte e uma.

Uma vez, disse-me o meu tio que soubesse de Leonor quando devia realizar-se o suspirado casamento. Era doce a mensagem. Respondeu a menina, com o coração palpitante

de amorosas ânsias, que deixássemos passar seis meses, para ser completo o gozo das deliciosas vésperas. Acrescentou que, pela alma, era já minha esposa; que desse amor se alimentava; que na santa idealização dos puros enlevos se embebia o seu espírito; e que a certeza de eu ser o anjo que ela antevira aguardava ela como remate às suas esperanças de ser toda minha. Esta “toda” pareceu-me prosaico de mais, misturado em tantas palavras diáfanas e silfidicas. Mas o toute, em francês, não é tão chato como o nosso “toda”. Ora isto aconteceu um mês depois que estávamos em “nossa” casa, como o meu tio alegremente dizia.

Queres saber em que eu entretive os seis meses do prazo? De dia, passeava a cavalo com a minha prima, lia romances, discutia em amor com a minha futura sogra, e aprendia o alemão com a minha futura mulher. À noite ia ao teatro, umas vezes só, outras com a minha prima e o meu tio. A esposa carinhosa do bom Teotónio raras vezes nos acompanhava, e, se pensas que ficava regendo a casa, enganas-te. Parece ser caso averiguado que um fidalgo pobre lhe vinha fazer a partida do xadrez, nessas noites, em

que os fundos do senhor da casa sofriam “xeque e mate”, sem que lhe soprassem a “dama”. Era uma excelente mãe, como verás depois, se tiveres paciência de levar a cabo o relatório destas aventuras trapalhadas... Que tal achas o charuto?

— É ótimo.

— Queres tu que mandemos vir o jantar? Tenho o mais picante dos apetites.

— Não: já te disse que não jantava contigo, porque me esperam. Acaba o conto.

— Aí vou... mas deixa-me pedir conhaque. É preciso embriagar a musa para o grande capítulo desta odisseia.

CAPÍTULO XXIX

Eletrizado o espírito com as primeiras libações, Guilherme do Amaral continuou:

— Deves saber, amigo meu, que o meu conhaque é, como a alma de Santo Agostinho, o princípio ativo de todas as minhas cogitações. Nos conflitos mais apertados desta desastrada vida, há cinco anos, devo a esta prodigiosa emanação da parra, inventada pelo nosso avô Noé, a minha redenção. A estatística dos suicídios prova que os Malefilatres e os Gilberts são em muito pequeno número desde que o conhaque disputa ao Diabo as almas insepultas da lagoa estígia. Dito isto como prefácio à segunda jornada do meu drama, prossegue a história, sem interrupção até final.

Se eu te asseverar que nunca antecipei um beijo da minha futura mulher, não te capacitas. Ris? Pois a verdade, sem ostentação de moral, é esta. Um beijo foi requerimento sempre indeferido. Se quis por violência extorquir-lhe essa

graça, achava-me enganado. A virgem fugia para o regaço materno, purpurina como uma cereja! Como as mulheres arranjam este pudor de torneira à flor do rosto, isso é que eu, palavra de cavalheiro, não sei explicar-te!

— Pois o pudor da tua prima não era natural?

— Vais ver. Se eu lhe pedia explicação da resistência, respondia-me, baixando os olhos com tanto pejo como severidade; que “o prazer material de um beijo era muito inferior ao gozo que se sentia desejando-o”. Discorria muito idealmente acerca deste idealíssimo gozo, e acabava por censurar-me a inútil tentativa de beijá-la sem que as sensações corpóreas não fossem legalizadas pela bênção sacramental. Eu ouvia isto com ares de idiota, e perguntava a mim mesmo se eu não era um destes parvos que a natureza caprichosa inventa de século a século para recreio da humanidade apoquentada.

Uma vez, perseguindo-a, apertei-lhe o pulso que me fugia, a menina soltou um suave grito, e a mãe saiu-nos de surpresa ao encontro. Interrogando-me, Leonor respondeu que eu teimava em querer osculá-la. A virtuosa esposa do meu tio, assumindo a gravidade carrancuda dos quarenta e quatro

anos, intimidou-me para que não mais violentasse o pudor da menina com o desejo libidinoso de um beijo. Quanto era feio e pecaminoso este acto, disse-o ela, dando-se como modelo que nem ao seu próprio marido consentia beijos ociosos. Ao que ela chamava beijos ociosos isso é que eu nunca pude atingir. Se há indecência no adjetivo, tão oculta está que a mais suscetível organização de leitora não pode perder, se um dia te deres, meu caro poeta, ao desfastio de pores em estampa estas coisas, à míngua de melhor assunto.

Nesse dia à noite, houve teatro. Fui com a minha prima e o meu tio. Os óculos de teatro tinham ficado em casa por esquecimento. Vim do teatro a casa, e, quando eu entrava no meu quarto, entrava no quarto da inimiga fidalga de beijos ociosos o parceiro do xadrez. Estive quase a intervir na partida; mas, reflexionando, deixei à natureza hipócrita o foro das suas regalias.

— Vais-te impacientando com os episódios?... Eu vou depressa ao desfecho.

— Não bebas assim conhaque, Amaral... Podes sofrer uma combustão.

— Sou a salamandra deste fogo, meu amigo. Se me vires arder, toma as minhas cinzas na copa do chapéu, e espalha-as aos quatro ventos do céu, para que não se encontrem no vale de Josafat. Adiante.

“Expirara o prazo dos seis meses. O meu tio dizia-me que estava tudo preparado para o casamento: faltavam as escrituras. Encarregou-se de falar com a sua filha, visto que eu, arrufado desde que a mãe me repreendera severamente, não tinha com Leonor senão as conversas de absoluta etiqueta.

“Com efeito, o meu tio entrou no quarto da menina, que se achava adoentada do peito, por causa de um periquito que lhe expirara nos braços. Voltando, disse-me que Leonor queria, antes de designar o dia, falar a sós comigo alguns instantes. Entrei: agora escuta lá, poeta. Aí vai textualmente o meu amoroso colóquio com a virgem dos meus sonhos.

“— Chamei-o, primo — disse ela, cansando com adorável languidez a cada palavra. — Chamei-o para confiar-lhe um segredo.

“— Diga, prima.” — Há de ouvir-me com bom coração, sim? “— Pois receia que eu... “— Receio que se ofenda, e eu não quero nem por sombras ofendê-lo.

“— Fale...” — Há oito meses que nos vimos. Foi um fatal encontro para ambos. O primo impôs despoticamente à minha vontade o seu amor, que eu não podia receber. Quis dissuadi-lo; lembre-se que o repeli com desdéns, e não consegui senão irritar-lhe contra mim a vaidade. Eu amava outro homem; este homem seguia os meus passos; o primo soube-o, viu-o, desafiou-o e nem assim desanimou de um propósito, impróprio de um cavalheiro que não tem necessidade de levar por violência uma mulher, havendo tantas que voluntariamente se dariam à sua riqueza e às suas qualidades pessoais. A perseguição continuou fôra de Portugal, e eu concebi um plano, extraordinário em senhora de educação, mas o único talvez que poderia salvar-me da sua tirania, coligada com a vontade indiscreta do meu pai. À violência opus a mentira. Disse que o amava, para me não terem privada, como em ferros, de ver o homem que amava verdadeiramente. Menti para me deixarem ser livre. Logo que o fui, escolhi entre dois abismos o que me

pareceu menos profundo. Se naquele em que caí devo morrer, morro contente... Compreendeu-me, primo? Sirvo-lhe deste modo?

“— Não a entendo! — respondi eu com a testa banhada de um suor frio.

“— Entende, entende... — replicou ela, sorrindo. — E quer-me assim?

Quero, quero-a assim! — tornei eu, sem bem atinar com o que respondia.

“— Que diz, primo?! Tão desmoralizado está! Convém-lhe a mulher que é toda doutro homem?

“— Não sucumbo a essa astúcia. Não a acredito, Leonor. Desce moralmente com essa mentira vil. Reabilite-se, dizendo que é falso tudo o que disse.

“— Não posso: é verdade tudo o que disse. Não posso ser sua.

“— Pode e há de ser minha. Se foi impostora até hoje, antes quero ser seu algoz que o seu ludíbrio.

“— Sim?... — disse ela com o mais cínico dos sorrisos, e a tranquilidade mais deslavada que tu podes imaginar — Sim?... Nesse caso, primo, façamos uma convenção... Se lhe não convém ser o pai adotivo... de um filho doutro, que deve nascer daqui a três meses, espere que ele nasça, e serei sua depois, sem prejudicar os nossos legítimos filhos. “

— Homem! Isto não te faz impressão nenhuma?!

— Faz... — disse o poeta, com a face entre as mãos. Faz-me a impressão do estupor moral. Lembraram-me três palavras que eu te disse, há cinco anos, no hotel da Rua de Santo António.

— Também me lembram:,.. “vais ser punido”... Não foi isto?

— Foi... Acaba o quadro depressa. Há vergonhas que escandalizam os ouvidos menos suscetíveis... Não contes a ninguém esse facto... Eu adivinho o resto.

— Não adivinhas, que é cómico de mais, e não está na razão lógica deste escândalo trágico. Saí aturdido do quarto de Leonor, sem destino, sem uma ideia. Encontrei a

mãe na antecâmara, fixando-me espavorida. Encarei-a com desprezo, sem ter a certeza ainda de que era ela a protetora do belga, filho do seu amante de trinta anos. Ao desprezo com que a olhei, respondeu-me com revoltante sobrecenho. “E digna filha sua”, bradei eu rancorosamente. “Se não lhe serve assim, deixe-a”, replicou a mãe de Leonor.

“A toada forte destas palavras acudiu o meu tio. Tomei-lhe a mão, conduzi-o ao quarto da sua filha e, apontando-a, sentada no leito, exclamei: “Mulheres destas em Portugal estão arruadas, e um cavalheiro não anda em risco de encontrá-las onde se procuram mulheres honestas... Se é sua filha, dê um tiro num ouvido, e poupe-se à ignomínia de lhe dotar o filho com o património dos nossos antepassados!” Terminou o conto...

— É bonito. E depois? Viajaste muito, amaste muita mulher, gastaste muito dinheiro, bebeste muitos tonéis de conhaque, e estás aqui hoje rico que nem um pêro, e capaz de experimentar outras vinte e uma variedades de mulheres...

— Nada: estou muito quebrado. Há cinco anos tenho gasto mais de metade do meu património.

— Só?! Eu pensei que já deverias três patrimónios como o teu.

— És tolo! Eu, se não fosse ainda rico, tinha passado com armas e bagagens para o reino escuro. Vendi duas quintas, e antecipei os rendimentos de cinco anos. O que me fez consideráveis estragos nos fundos foi, em Londres, a filha de um correeiro, que me ficou muito cara, depois de três meses de cadeia. Imagina tu que se a pequena não transige por duas mil libras esterlinas, obrigam-me a casar. A honra das mulheres em Inglaterra negoceia-se de dentro da cadeia, e decide-se nos tribunais, quer seja a honra da mulher de Jorge IV, quer seja a da filha do meu correeiro. Aquilo lá é muito sério. Ali há só um homem livre e independente: é o quadrilheiro, que te fila pela gola do colete e te mete numa luta, onde morres se não tiveres dinheiro. Ora aqui tens a minha vida, afora quatro volumes de travessuras, que trago no baú, e submeterei à tua crítica, se, por grande mercê a mim, e serviço à pátria, os quiseres enriquecer com os teus comentários.

— Acabaste comicamente, Amaral... — interrompeu o poeta, estendendo-lhe a mão em despedida. — Depois dessa narração vem a propósito uma outra; mas agora não. Vou jantar. Virei às nove horas. Passas em casa a noite?

— Passo; preciso dormir... Que história trazes?

— A de Augusta... queres ouvi-la?

— Di-la aí em duas palavras. Isso deve ser simples...

— Não, que ela não se diz em duas palavras. O caso vale tantas como a tua.

— Temos romance?

— Até logo.

CAPÍTULO XXX

— Pois não passa connosco a noite?

— Não, senhora baronesa... absolva-me vossa excelência desta grosseria... — respondeu o poeta.

— Compromisso amoroso? — replicou a baronesa de Amares.,

— E o mais certo... — acrescentou o barão, piscando o olho à sua mulher.

— Bem sabem — disse o amigo de Guilherme — que eu não tenho nenhum desses compromissos em Lisboa. As minhas visitas aqui são tão obscuras, na intimidade de uma só família, que nem eu sei ainda se por aí há tentações a compromissos sérios.. .

— Há muito quem valha as quarenta e oito poesias anualmente... — retorquiu com graciosa intenção a baronesa.

— Isso era dantes... — atalhou o poeta. — A imaginação podia então alguma coisa, e o despeito podia muito. Hoje, nem imaginação, nem despeito, minha senhora. Além dos trinta anos, chora-se, como o rei de Macedónia, porque não há mais mundo a conquistar.

— Ainda há de ser novo de coração, e terá então melhor coração do que o que teve quando era novo... Gosta do trocadilho?... Ora vá, que está violentado... Quer que a gente o espere?

— Não, minha senhora, por modo nenhum. Seria vexar-me e oprimir-me com um obséquio, que eu recebo com menos cerimónia e com mais familiaridade.

— Olhe que eu espero com a ceia... — retorquiu o barão.

— Mas a senhora baronesa não costuma cear.

— Não, mas espero, se nos promete vir à meia-noite. Mais não espero, porque temos amanhã o baile do visconde da Laje, e é preciso dormir cá, para dormir lá menos. Até logo.

O poeta estava, pouco depois, no Hotel de Itália, batendo no ombro ao seu amigo, que adormecera na cadeira

almofadada, com o cachimbo turco nos beiços, e a garrafa, quase vazia de conhaque diante de si.

— Olé! É dormir, ou estás sonâmbulo — disse o jornalista.

Amaral deu um salto, estremunhado, arregaçou as pálpebras, e fixou o amigo com má caradura.

— E boa asneira acordar um homem que está sonhando com o fim do mundo! Fiquei agora compreendendo a dissolução do universo. Era tudo um oceano de metais em combustão. A terra entrava como um rio candente e fumegante no seio do mar; e eu era levado, em cima de um tonel de conhaque, sobre as águas, como o espírito de Jeová.

— Ferebatur super aquas... Isso devia ser bonito, e é pena que eu não esteja de vagar para te ouvir o sonho. Todo o tempo é preciso para contar-te realidades. Prometi-te a história da costureira...

— Oh! Isso é uma extraordinária pontualidade!... Vamos à história; mas não a estendas muito, que eu estou em grave risco de adormecer: quero ver no que dá o sonho.

— Eu prometo acordar-te, Guilherme. Os episódios serão rápidos, porque a biografia de Augusta, do capítulo em que a deixaste para diante, é uma sucessão de fenómenos consecutivos, que derivam naturalmente uns dos outros. “Como sabes, a tua oferta dos cem mil reis, dos teus criados e da tua pitoresca granja do Candal foi desprezada. Este feito nunca te espantou?

— Palavra de honra que sim! Ao princípio tomei a carta como um capricho; depois, lendo a tua última carta, entendi que Augusta se declarara independente para escravizar de todo o seu coração a algum outro admirador das suas excelentes qualidades.

— Viva o cinismo! Isso é que é pôr o dedo na chaga... Vai vendo como se verificam as tuas lisonjeiras conjeturas.

“A costureira, como sabes, foi para a Rua dos Arménios. Vestiu aquele baju e aquela saia de chita que lhe viste na noite em que ela chorava sobre o cadáver da mãe. Foi pedir trabalho para não morrer de fome. Recorreu ao dos suspensórios, apurou diariamente quatro vinténs para pão e caldo, e assim viveu algum tempo, sustentando-se honrada na desonra em que a deixaste.

— Estou gostando da austeridade da linguagem... atalhou Guilherme. — Não perdeste ainda o sestro de pedagogo de romance? Porque não contas a história sem moralizá-la?

— É porque não quero que adormeças. Se te não faço figurar no conto, perdes o interesse, e ressonas. E preciso abalar-te os nervos com doses graduadas de estricnina. Ora escuta lá, Guilherme. Esse riso descarado não te vai bem... Rir-te-ás no fim.

“A costureira, ao cabo de três meses, estava doente, e não podia trabalhar. Vendeu a casa, e sustentou-se um ano na cama. Se as vizinhas lhe diziam: “Ainda és nova e bonita, rapariga; não faltam homens que te queiram...“ Augusta chorava, indignava-se, repelia de si a corrupção das vizinhas peitadas, e protestava morrer de miséria, sem a ter encontrado na grande desonra, que está abaixo daquela em que a puseste.

“Consumido o produto da casa, Augusta vendeu os móveis, que mal a poderiam sustentar um mês. E as vizinhas, quando lhos compravam, iam aproveitando a oportunidade de ensiná-la a livrar-se da penúria por o mais fácil dos

processos ao alcance de uma rapariga formosa. E, com efeito, doente, pobremente vestida, Augusta era ainda bela.

“A fome chegou por fim, e as tentações entraram com ela.

“A tão gentil e espirituosa mulher que nós vimos no Candal, desesperando de ti, e de si, e de Deus, entregou-se, alheou-se, vendeu-se. O homem que a comprou conheceu que comprara um móvel, uma coisa insensível, uma mulher sem alma para ele, chorando sempre, e sufocando nos soluços o grito de desespero com que respondia às carícias do novo amante. Ora, uma mulher assim aborrece, não achas?... O teu sucessor, aborrecido, proporcionou a um terceiro a conquista da mulher que desdizia da sua organização e, segundo ele, tinha coisas que não pareciam de mulher ordinária; e, com presunções de senhora, não lhe convinha.

“Queres saber o que aconteceu? Augusta perdeu a vergonha. Esse grande espírito, que tu lhe fizeste com o estudo, foi o mesmo que lhe ensinou o abandono, a desfaçatez e a corrupção, que se demorou nela mais do que era natural. O que susteve nas alturas da honra aquela grande alma foi o instinto. Só, com esse instinto salvador, morreria sem prostituir-se; educada pela ciência com que a

dotaste, devia cair agora ou logo. Não é certo que o infortúnio, sem a resignação cristã, faz do homem um cínico? Porque razão o infortúnio não há de produzir semelhantes efeitos na mulher?!

“Aí temos, pois, Augusta em paralelo com o homem desmembrado da sociedade, porque a sociedade lhe cuspiu na face; desatado dos vínculos da honra, porque o amor dessa palavra lhe custou desenganos, vergonhas, injúrias e a fome. Não eram sempre assim os homens fatais dos teus romances? Nesses, a corrupção não é sempre justificada por lições acerbas com que vieram da sociedade? Não dizem eles que a sua malvadez é uma desforra? O atraiçoado não faz de cada inocente um holocausto à sua vingança? E esses tais, pensando que se vingam, não são por fim levados de mistura com as suas vítimas à última paragem da infâmia?

“E o que aconteceu àquela bela mulher, que, há seis anos, esporeava um ginete de raça ao teu lado, enquanto tu, orgulhoso dela, não podias desviar-lhe das airosas formas os olhos embelezados.

“De amante em amante, traindo uns e arruinando outros, ostentava-se cínica e calando o grito da consciência com a celeuma das orgias... Por fim achou-se só... Só, não digo bem, achou-se rodeada de tudo que simboliza a torpeza no seu mais rasteiro estrado. Desceu onde podia descer. Chegando aí, pediu uma enxerga num hospital. A caridade não lha negou. Não sei como foram os seus últimos dias... Augusta, do anfiteatro anatómico, passou num cesto para o monturo da santa casa. Acabou o conto, Guilherme do Amaral. Agora... venha uma gargalhada.

Guilherme estava lívido. Ergueu-se; deu alguns passos no quarto; levou a mão direita à testa, e encostou-a à parede como a ampará-la de um esvaimento. O jornalista, com os olhos de revés, seguia o seu menor movimento, e parecia contente da sua obra. Acendeu tranquilamente um charuto, e esperou.

Amaral veio sentar-se. Trazia lágrimas.

— Sem remédio!... — murmurou ele. — Porque não valeste a essa infeliz?

— Só tu podias valer-lhe, Amaral. Quem pode mandar retroceder o raio que desce? Era uma mulher a abismar-se: não há braço de homem que a sustenha, se foi braço de homem que a despenhou.

— E morreu a desgraçada!... — disse Amaral, como interrogando-se, naquela voz, que uma dolorosa abstração nos afigura não ouvida de estranhos. — E o filho?... O meu filho?... — disse ele subitamente ao torpor da meditação.

— Morreu-lhe no ventre...

— Vítima daquela infame mulher... Três vítimas!...

— Da tua prima?!

— Sim... Como eu era feliz sem o encontro daquele demónio! E deixei-lhe a vida!... Não pensei que tinha de vingar essa desgraçada...

— São tardias as reflexões, Amaral. Podes ser hoje um santo, que não vales ao passado da costureira. Dói-te o remorso?... É uma intermitente de poucas horas...

— Não é... Não pode ser... O fantasma dessa mulher há de perseguir-me...

— Criancice! Não há fantasmas, Guilherme. Esse teu susto acho-o nobre, e estou contente contigo. Não estás tão desalmado como inculcavas... Isso agrada a um amigo, como eu fui sempre teu, e hoje mais que nunca devo dar-te de mim uma boa ideia. Se sofres, prometo distrair-te, e até reabilitar-te o coração para empresas dignas de uma alma, suscetível de contradição. Queres-me como teu anjo bom?

— Quero; mas vem comigo para a província. Preciso da solidão e de ti. Vem ajudar-me a criar um outro coração. Se não posso esperar, quero ao menos esquecer-me... Vamos, meu amigo? Amanhã mesmo?

— Iremos; mas, por enquanto, não. Tenho urgente precisão de demorar-me em Lisboa, alguns dias. Amanhã tenho um baile a que não posso faltar; e, como estou resolvido a não deixar-te uma noite só, irás comigo.

— Não vou.

— Vais: de hoje em diante governo-te eu. Hás de ir; se não estiveres bem, sairemos, mas é indispensável que eu lá apareça um momento. Antes?

— O que quiseres; mas não me deixes já... é muito cedo.

— Posso demorar-me até à meia-noite.

CAPÍTULO XXXI

A minha estudiosa leitora já leu o poema de Espronceda, El Diablo Mundo? É de crer que sim, porque a literatura espanhola e a chinesa anda por mão de todos, e os bons poetas recebem o glorioso complemento da sua imortalidade em mãos de senhoras (quero dizer, reduzidos a oitavo-francês.) Leia, pois, de novo o canto 11 do El Diablo Mundo, intitulado:

A TERESA

DESCANSA EM PAZ

Verá que o poeta espanhol chora uma mulher que fora

... a un tiempo cristalino rio,

Manantial de purisima limpieza,

Despues torrente de color sombrio,

Y estanque en fine de aguas corrompidas,

Entre fétido fango detenidas.

Esta pobre Teresa, atascada no charco das impurezas,

ya tan jóven, y ya tan desgraciada

morreu da queda no abismo que lhe abriram. O homem que a despenhara é o poeta que a chora. O grito do remorso pede, não piedade para o verdugo, mas dó e perdão para a vítima. É uma bela poesia, quando outra coisa não seja. É uma elegia mais tocante que o canto final da Traviata. O que lhe falta é o poder de atar e desatar, sancionado no Céu, ao que na terra rimem as culpas das ovelhas tresmalhadas do rebanho do Senhor. Teresa morrera infamada, e o cântico plangente do poeta não lhe reabilita a memória.

Guilherme do Amaral sabia de cor esta poesia, uma das suas mais prediletas, quando o amor da excentricidade o divorciara do vulgarismo dos poetas do seu tempo.

A morte de Augusta, qual o jornalista lha descrevera, parecia a morte da Teresa de Espronceda. Amaral achou em si a situação do poeta espanhol, e pediu à alma contristada lembranças da poesia, inspirada por dor semelhante à sua.

E, com efeito, ausente o amigo, Amaral recitou a meia voz, e compungido, as primeiras oitavas. As lágrimas caíram-lhe sobre as mãos, onde apoiava a face, quando recitou com voz convulsa estes versos:

Pobre Teresa! Cuando ya tus ojos

Aridos ni una lágrima brotaban,

Cuando ya su color tus labios rojos

Em cárdenos matices cambiaban.

Cuando de tu dolor tristes despojos

La vida y su ilusion te abandonaban

Y consumia lenta calentura

Tu corazon al par de tu amargura:

Si en tu penosa y ultima agonia

Volviste à lo pasado el pensamiento,

Si comparaste à tua, éxistencia un dia

Tu triste soledad 'y tu aislamiento;

Oli! cruel! muito cruel! martirio horrendo!

Espantosa expancion de tu pecado!

Sobre um lecho de espinas maldiciendo

Morir el corazon desesperado!

Chegado à penúltima oitava, Amaral não tem alma para conceber a transição da agonia de Espronceda para a negação da piedade, para que o feroz sorriso de motejo com que fecha o canto. Eis aqui os versos que o terminam:

Gozemos si; la cristalina esfera

Gira bafiada en luz: bella es la vida!

Quiéri a parar alcanza la carrera

Del mundo hermoso que al placer convida?

Brilla radiante el sol, la primavera

Los campos pinta en la estación florida;

Truéquese en risa mi dolor profundo...

Que haya un cadáver mas, quê importa al mundo!

E o certo é que o já morto autor do El Diablo Mundo enxugava nas orgias, que lhe aligeiravam o curso da vida, as lágrimas vertidas nestes intervalos lúcidos de pesar, e vergonha de si próprio. Esses versos, que são o anátema fulminado contra os costumes, a confissão em alta voz da imoralidade do século, simbolizada no poeta — esses versos traduziu-os Guilherme do Amaral à letra, e sentiu-se mais desoprimido, honrando-se de ser imitador nas amarguras e

consolações de D. José de Espronceda. O discípulo tinha muitas coisas do mestre, menos o talento para legar em escritura aos vindoiros as suas confissões.

Tudo isto vem a talho para dizer que o nosso herói, uma hora depois da meia-noite, abriu a boca, espreguiçou-se, estendeu-se o mais comodamente que pôde sobre o leito... de folhelho, e adormeceu.

Não sabemos de boa fonte os sonhos que teve: está, porém, averiguado que não viu o fantasma da costureira, nem incomodou os outros hóspedes, pedindo socorro, durante a noite.

Amanheceu-lhe a aurora do dia seguinte às onze horas e meia. Almoçou, cachimbou, vestiu o seu mais elegante chambre, penteou-se fantasticamente, e foi a uma janela propícia contemplar as variadas caras das costureiras francesas, que lhe sorriam com abençoada docilidade, na casa caraira.

Como o poeta lhe arrancara consentimento de se deixar levar a um baile naquele dia, Amaral não se descuidou em artigo toilette. O alfaiate vizinho venceu dificuldades para

vesti-lo de improviso no último apuro, visto que os seus baús chegavam tarde.

Ao escurecer foi prevenido por carta do poeta. Deviam estar na sege às nove horas, o mais tardar. Para Amaral, esta hora era ridiculamente burguesa: ainda assim, anuiu ao “provincianismo” do seu amigo.

O jornalista, sem saltar da sege, recebeu o seu amigo, que vinha dando ao diabo o cabeleireiro, que lhe não compreendera o desalinho byroniano do penteado.

— Gosto de te ver assim voltado para as ninharias da vida... — disse gracejando o poeta. — Pelo preocupação que tens na cabeça, vejo que o espectro da costureira não se te agarra aos cabelos.

— Não falemos nisso... já chorei... É muito para um homem da minha índole... E quem chorará por mim? Augusta morreu... e eu... vivo? Vivo, sim, para assistir ao trespasse de todas as minhas esperanças... morrer mil vezes!... Acabou-se... A existência é assim, o mundo é assim, a sociedade é isto. Devoramo-nos uns aos outros. Eu

matei-a, e a mim mataram-me. Que queres tu agora?... De quem é o baile? Ainda te não perguntei.

— Do visconde de Laje.

— Não conheço. No meu tempo não havia cá esse tortulho.

— É que rebentou depois.

Onde mora?

— Ali... não vês o pátio iluminado? Apearam.

— Não subimos ainda — disse o jornalista.

— Porquê?!

— Espero uma mulher a quem quero dar o braço.

— São nove horas e um quarto. Deve demorar-se cinco minutos. Vamos fumar.

No pátio estavam grupos de criados com libré, dos da casa, e estranhos. O peristilo, em arcadas, tinha duas portas laterais à da escadaria, que conduziam ao jardim, iluminado por entre alas de alâmpadas variegadas, suspensas em festões. O jornalista tomou o braço de

Amaral e conduziu-o a uma dessas avenidas, ocultando-se dos hóspedes por detrás de uma coluna do arco central.

Passados os cinco minutos, parou uma carruagem.

— Será a da mulher que esperas? — perguntou Amaral.
— Veremos — disse o poeta, apertando-lhe ainda mais o braço.

— Então ficas aqui?! Vai ver.

— Espera... E, chamando um dos criados, o jornalista perguntou-lhe: Quem é que chegou?

O senhor barão de Amares. És o amante da baronesa? — perguntou Amaral. Vais ver se ela o merece. Uma senhora saltou de uma cadeirinha de veludo carmesim ligeiramente para a alcatifa do pátio com um pé de fada vestido de cetim azul. O clarão deu-lhe em cheio na face... Guilherme do Amaral estremeceu como um epilético no braço do jornalista. Quis maquinalmente dar um passo à frente, e achou-se preso ao braço do amigo, que o arrastava para trás da coluna.

— Nem um passo, nem uma palavra — disse o jornalista...

— Aquela mulher... — exclamou Amaral.

— Sim... aquela mulher! Augusta!

— E a baronesa de Amares... — É Augusta! — bradou Amaral, sacudindo-se para fugir ao braço do poeta.

— Se ela te vê, cravo-te um punhal, Guilherme! Não me arrastes contigo, que me desonras...

— Que te desonro!...

— Sim...

— Mas eu quero vê-la na sala... hei de vê-la... Quero saber porque zombaste de mim com a tua novela da costureira morta...

— Queres que ela te agradeça aquela grandeza que te deve? Nada daquilo é teu. Aquela mulher é casada.

— Deixá-la ser... Hei de falar-lhe...

— Nunca, na minha presença...

A baronesa de Amares já estava na sala, rodeada de damas, deslumbradas da riqueza dos seus brilhantes, e de cavalheiros pasmados do seu proverbial espírito em Lisboa,

quando o jornalista entrava na sege, levando quase a rastos o seu aturdido amigo, que passara do primeiro estupor da surpresa ao pasmo do idiota.

— Para o Hotel de Itália — bradou o jornalista. já dentro da sege, exclamou Guilherme:

Diz-me se estou doido! É arriscada a resposta — disse afavelmente o hóspede da baronesa de Amares. — Eu não sei se estás doido nem se não estás.

— Não gracejes, que me ofendes!... É certo que aquela mulher é Augusta?

— A pergunta é de doido: tens boas razões para duvidar da tua saúde intelectual. Pois não a viste? A que vem a pergunta?

— Como chegou aquela mulher àquela posição?

— Isso são contos largos. Hás de ouvi-los com o cachimbo turco nos beiços, enquanto eu fumo um dos deliciosos charutos que te deu a mariola em Madrid. Em sege de praça não pode conversar-se recreativamente... Tem paciência, que eu te recompensarei. A história da

segunda Augusta é mais agradável que a da primeira. Hei de encantar-te os ouvidos e o coração.

— Mas a história falsa de que serviu?

— De graduar a tua sensibilidade, de estudar a vida no coração morto, de preparar-te uma surpresa, e estudar-te no rosto os efeitos dela. É um egoísmo de romancista. Um extremoso amor de psicologia tão pouco adiantada; é o zelo do anatómico que lida com cadáveres pustulosos para chegar ao conhecimento da vida. Ora aqui está. Se queres fazer-me um serviço, e outro à fisiologia, diz-me agora tu o que sentiste quando Augusta se te figurou ali em carne e osso, recamada de gemas, de brilhantes, de granadas, e formosa como tu nunca a viste?

— Não sei o que senti... Se me deixassem, talvez que... ajoelhasse aos pés dela...

— E o que lhe dirias? Naturalmente, pedias-lhe que deixasse o marido, e mudasse a sua residência para o Candal, onde devem estar ainda os vestidos que lhe deste, menos a arca de pinho com que saiu da tua casa.

— São bárbaras as tuas ironias!... Parece-me que tenho de restringir de qualquer modo as liberdades que te dá a amizade... Ainda agora me lembro que me ameaçaste com um punhal há pouco.

— Não era só ameaçar-te, era ferir-te, se vences a força que eu fiz para segurar-te... Achas que a baronesa de Amares faria de mim um bom conceito, pondo-lhe diante Guilherme do Amaral? E quem te diz a ti que ela não me ama ainda?!

E indecente a fatuidade! Pois não! Aquela mulher deve estar morrendo de saudades pela nobre criatura que a deixou nas melhores circunstâncias de realizar a história da primeira Augusta!...

— Sabes a vida desta mulher?

— Perfeitamente... melhor do que a minha...

— Achou um marido rico?

— Oh!, muito rico! Tu conhece-lo.

— Quem é?

— Não o viste com ela?

— Não reparei: quem é?

— Lembras-te daquele primo...

— O fabricante?!

— Tal e qual, o fabricante que se desfechou uma clavaria no pescoço em frente da tua casa no Candal.

— E esse homem é barão?!

— Como todos os barões, desde as unhas dos pés até às pontas dos cabelos.

— Explica-te, homem... como enriqueceu o fabricante?

— Lá vou... A sege parara no Hotel de Itália. O jornalista mandou esperar o boleeiro. O diálogo continuou na sala de Guilherme.

— Como enriqueceu o fabricante, perguntas tu; é o mesmo que perguntar como enriqueceu Augusta.

— Exatamente...

— Aqui tens o facto sem redundâncias; não posso demorar-me, porque hei de ir ao baile. A costureira, meu caro Amaral, foi sempre o que eu te disse que seria, na

minha última carta: um anjo no sofrimento e na virtude. Eu quis socorrê-la; não aceitou os meus favores. Quem a sustentava era primeiro o seu trabalho, depois o fabricante. Não sei dizer-te o que ela sofreu; mas a tua imaginação pode muito: calcula o que seria naquela nobre alma um rompimento instantâneo de todos os ligamentos que a prendiam à felicidade: uma paixão imensa premiada com um abandono brutal. Quando os jornais do Porto disseram que tu casavas na Bélgica com a tua prima, diz Augusta que, lendo esta notícia, sentira em si os paroxismos do teu filho. Foi verdade. A criança saiu-lhe do seio, como de um túmulo, — morta para os braços.

"Augusta escondera-se de todos, exceto do seu primo, nos últimos meses que precederam este desenlace. Era necessário esconder o cadáver do teu filho. Francisco abriu uma cova aos pés da cama para sepultá-lo, e nessa cova encontrou cento e cinquenta contos de réis em dinheiro e valores. já vês que o acaso ou a Providência (não sei bem quem foi) lhe deu bom preço em troca do filho. Estás satisfeito com a explicação?

— E, depois casou com o primo?

— Casou.

— Quem te disse a ti isso? Assististe ao desenterro do dinheiro?

— Não assisti; mas eu te conto. Dois dias depois deste acontecimento, recebo um bilhete de Augusta, pedindo-me que a procurasse sem demora. Encontrei-a na cama, em risco de morrer, abrasada em febre. Disse-me que acabava de ser intimada por um cabo de polícia para responder perante o administrador do conselho por uma criança que uma denúncia dizia ter sido morta pela sua mãe. A infeliz, corri as mãos erguidas, dizia que a criança nascera morta, e estava ali sepultada aos pés da sua cama. Implorou a minha proteção, e autorizou-me a oferecer quanto oiro eu quisesse para que a não obrigassem a dar conta do seu filho. Tomei como delírio febril esta prodigalidade de oiro, porque eu não sabia donde viera o oiro à costureira. Saí, prometendo-lhe remediar tudo. Fui à roda dos expostos, perguntei por uma criança que ali entrara duas noites antes. Tinham entrado duas, uma à meia-noite e outra às duas horas. Como qualquer das duas me servia, e ambas eram meninos, deram-me ao meu pedido o segundo que

entrou. Dei ordens para que lhe fosse procurada uma ama, fui à administração do concelho, soube aí que a denúncia do infanticídio fôra dada por uma tal Ana do Moiro, nossa conhecida. Desmenti-a, apresentando a criança que fôra confiada aos meus cuidados. Cessou a perseguição, e Augusta, abraçada a essa criança que quis ver, prometeu ser a sua mãe, e lançou-lhe ao pescoço um colar de diamantes. Espantado de tal presente, perguntei-lhe donde houvera joias tão preciosas. Augusta chamou o seu primo, pediu o seu tesouro, estendeu-o sobre a colcha da cama, e exclamou: "E uma riqueza não roubada... creio que posso chamar-lhe minha... o pior é que não vejo aqui nada que possa desempenhar-me da obrigação em que me tem presa! Seja nosso amigo... qualquer que seja o meu destino. Prove-me que está contente de mim, não se esquecendo nunca da pobre costureira... "

"Não me lembro já do mais que ela me disse. O que sei é que, não corrido ainda um mês, Augusta estava casada com o seu primo, e eu fôra o padrinho do casamento.

"Casados, saíram do Porto, aconselhados por mim. Vieram para Lisboa, onde ninguém pergunta quem é e donde vem,

ao que traz cento e cinquenta contos. O menino, sempre filho adotivo de Augusta, está no Porto, e brevemente vem para um colégio de Lisboa. Creio que não tens a puerilidade de indagar o processo que fez barão o fabricante. O que possa asseverar-te é que a fortuna tem sido doida de amores por este homem. Tem fama de milionário, e não se peja de dizer que principiou enchendo canelas num tear de Lordelo, e a baronesa já disse na presença de não sei quantos titulares que tinha saudades do tempo em que debruava de carneira as casas dos suspensórios. Se me perguntas por o procedimento desta senhora, saberás que é exemplaríssimo. Desconfio que tem morto o coração; mas a alma é imensa, e consome toda a sua atividade em valer aos infelizes. Eu tenho sido o confidente de heroísmos que morrerão com ela e comigo.

— Nunca te falou em mim?

— Essa pergunta é vaidosa. Não, nunca me falou de ti.

— Nem tu a ela?

— Querias que eu lhe fizesse o teu elogio?! Seria engraçado! Considera-la feliz? É feliz. Não posso acreditar-

te. Aquela mulher deve ansiar por uma alma.

— Como a tua, naturalmente... Deixa-me dar a mais santa das gargalhadas... já nos conhecemos há muito, Amaral... Querias, talvez, por comiseração, esmolar-lhe com o teu amor a felicidade que lhe falta? Não te aflija esse zelo do bem-estar de Augusta... O teu amor-próprio pode irritar-se; mas deixá-lo: deves acreditar que não influis nada na vida da aquela mulher. Sabes o que é a felicidade Augusta? E o esquecimento. Sabes onde se encontra o esquecimento? A mitologia diz que é no Leres; eu, que não sou pagão, digo que é nas mil diversões que oferece o dinheiro. Resumindo, queres saber onde está a felicidade?

— Se quero!...

— Está debaixo de uma tábua onde se encontram cento e cinquenta contos de réis... E adeus. Vou ao baile.

FIM